

Um abraço

Betinho

Betinho

Dulce Pandolfi . Luciana Heymann
organizadoras

FGV FGV
iBase FGV

Garamond

Sumário

Apresentação	9
A aventura do existir	14
O Brasil fora do Brasil	54
Luta pela terra	126
O defensor do Rio	156
Campanha contra a fome	178
Último desafio	226
Referências bibliográficas	256

A aventura do existir

O Brasil fora do Brasil

Luta pela terra

O defensor do Rio

Campanha contra a fome

Último desafio

Apresentação

"Certa vez tive a pretensão de escrever a minha biografia. Mas de alguma maneira fiquei me perguntando se seria o caso. Minha opção tem sido mais por viver e fazer coisas do que fazer um balanço. Como se balanço fosse uma espécie de despedida. (...) Na minha visão, o importante não é tanto a sua vida, mas a relação entre ela e a história política do país".

Este livro não pretende ser uma biografia nem um balanço. Está mais para um reencontro com Betinho e seus grandes temas. Seguindo sugestão dele próprio, pretende conectar sua trajetória à realidade brasileira e às bandeiras de luta que conferiram significado à sua vida. Ainda que tenha sido concebido como parte da comemoração dos 70 anos de seu nascimento, não é uma simples homenagem. É uma oportunidade para atualizar os debates que ele animou e para conhecer, ou reviver, a criatividade, o entusiasmo e a audácia com que enfrentou os problemas do país, bem como suas dificuldades pessoais.

A especificidade do trabalho aqui apresentado, que lhe confere caráter único, reside no fato de ter sido elaborado a partir do farto material que integra o arquivo privado de Betinho, doado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV) em março de 2004, por decisão de sua companheira, Maria Nakano, e do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), entidade que Betinho criou em 1981, pouco tempo depois de voltar do exílio, e da qual foi diretor até morrer, em agosto de 1997.

Foi esse material que ditou a concepção do livro. Os capítulos foram pensados a partir da existência de documentos capazes de embasar a escrita dos textos narrativos e de documentar a história que se pretendeu contar, proporcionando ao leitor contato com registros de naturezas variadas:

cartas, artigos de opinião, documentos oficiais, cartazes, panfletos, abaixo-assinados e recortes de jornais, entre outros.

A história de Betinho é aqui rememorada, portanto, a partir de diferentes vozes: a dele próprio, entrevistado em matérias de jornal, autor de livros, artigos e cartas; as de Maria, parentes e amigos, que com ele mantiveram vasta correspondência nos anos em que esteve exilado, mas também nos momentos mais candentes das lutas em que esteve envolvido; as de pessoas desconhecidas, que lhe escreviam por se sentirem identificadas com os princípios que encarnou, com as campanhas que animou, com sua batalha contra a Aids. Essas cartas, de pessoas que muitas vezes nem o conheciam pessoalmente, tinham um significado especial para ele – eram a demonstração de quanto suas causas tocavam os corações e despertavam as consciências. Avesso a formalidades e profundamente interessado em questões que afetavam o dia-a-dia da população mais carente, Betinho não deixava de responder às cartas que recebia, havendo cópias dessa correspondência em seu arquivo. Fazia questão de agradecer as manifestações de apoio, de encorajar as iniciativas mais modestas que tivessem a solidariedade como motivação, de orientar os que lhe pediam informações para melhor lidar com seus problemas ou para se organizar com vistas à conquista de seus direitos.

Os arquivos privados, é importante esclarecer, são constituídos pela documentação acumulada por uma pessoa física no exercício de suas atividades, sejam elas de natureza pública ou privada. É esta pessoa que vai funcionar como eixo do processo de constituição do arquivo, já que é sua vida, são suas atividades e relações que informam o que é produzido, recebido e, fundamentalmente, guardado por ela. Como o arquivo privado é resultado de uma acumulação, isto significa que o titular não produziu todos os documentos que o integram, e que nem todo o material que ele produziu ou recebeu ao longo da vida faz parte do “papalório” que foi conservado. Além disso, trata-se de um conjunto sujeito a critérios de constituição subjetivos, a revisões, perdas e descartes, ditados por mudanças de perspectiva do titular ou mesmo por imperativos de ordem prática.

À semelhança de outros arquivos privados, o de Betinho guarda as marcas da sua trajetória: praticamente não existem documentos anteriores ao período em que entrou na clandestinidade e iniciou uma sucessão atribulada

de viagens e fugas que acabou por levá-lo ao exílio, durante o qual seria impossível manter ou acumular papéis. Mesmo da fase em que morou no Chile, nada restou. Apenas dos anos em que viveu no Canadá e no México, com uma passagem pela Escócia, guardou a correspondência trocada com amigos e parentes, com cientistas sociais de diversas nacionalidades e com autoridades dos países nos quais se estabeleceu. Com a fundação do Ibase, depois de voltar ao Brasil, os documentos que retratam sua atuação, contatos e interesses passaram a ser produzidos e/ou guardados no âmbito institucional. O que ocorre, de fato, com a documentação dos anos 1980 e 1990, é uma profunda interpenetração entre personagem e instituição. Foi no Ibase que Betinho idealizou todas as suas campanhas e executou todos os seus projetos. Era ali que refletia sobre a conjuntura, escrevia artigos, recebia a imprensa e fazia encontros festivos com amigos. O Ibase era a sua casa, e não surpreende que lá estivesse guardada a quase totalidade de seus papéis.

Também não é por acaso que a documentação relativa à Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida tem um peso destacado no arquivo: ela absorveu a atenção de Betinho e mobilizou a estrutura institucional do Ibase de maneira ímpar. A grande repercussão que a Ação da Cidadania teve na sociedade fez com que fosse produzida, mas também recebida, uma enorme quantidade de documentos. Essa riqueza está espelhada na organização do livro: o capítulo *Campanha contra a fome* é o que apresenta maior variedade de registros documentais.

Na luta de Betinho pela cidadania para todos, à frente do Ibase, outras bandeiras se destacaram. Além da campanha contra a fome, dedicou-se de forma apaixonada à reforma agrária, aos problemas do Rio de Janeiro e ao combate contra o preconceito e a omissão do poder público no que se refere à Aids. São esses os temas de três outros capítulos do livro: *A luta pela terra*, *O defensor do Rio* e *Último desafio*.

Antes de mais nada, porém, o leitor vai percorrer a trajetória de Betinho no capítulo *A aventura do existir*, no qual os momentos mais importantes da vida desse mineiro de Bocaiúva são comentados por ele mesmo, quer em trechos de escritos autobiográficos, quer em entrevistas ou artigos publicados na imprensa. Em seguida, no capítulo *O Brasil fora do Brasil*, o leitor fará contato com a atmosfera, as preocupações e articulações dos

brasileiros exilados durante o regime militar.

Fazer um livro sobre Betinho foi uma tarefa difícil e fácil ao mesmo tempo. Difícil porque o livro foi elaborado em um prazo muito apertado e tivemos que “garimpar” um arquivo cuja organização ainda não estava concluída. Difícil, ainda, porque o resultado do trabalho está condenado a ficar aquém do personagem: sua vida foi extremamente rica, e “os vários Betinhos” apenas se insinuam nestas páginas. Fácil porque se trata de um homem extremamente cativante, ousado e coerente, indignado e meigo, incisivo e bem-humorado, que vivenciou os acontecimentos políticos da história recente do Brasil, deixando a sua marca nessa história. Fácil porque, apesar das lacunas documentais, seu arquivo nos propiciou uma visão original e privilegiada sobre sua trajetória. Fácil, finalmente, porque Betinho continua a tocar os corações e a contagiar, com sua energia, os que dele se aproximam.

Este livro é resultado de uma parceria entre a Caixa Econômica Federal (CEF), que patrocinou a publicação e a organização do arquivo, o Ibase e o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. É fruto, também, do esforço e da colaboração de muitas pessoas, às quais desejamos agradecer, mesmo que não possamos fazê-lo nominalmente a todas. Nosso primeiro agradecimento é dirigido a Maria Nakano, que confiou ao CPDOC os papéis de Betinho e foi incansável no atendimento de nossas demandas ao longo dos meses em que estivemos envolvidas no projeto. Daniel, filho de Betinho, e Marcos, sobrinho, nos cederam gentilmente diversas fotografias dos álbuns da família Souza, imprescindíveis, já que o arquivo não contém fotos. Nesse aspecto, também, a colaboração de Maria, autora de muitas imagens, foi fundamental.

Vários colegas do CPDOC nos auxiliaram em diversas tarefas. Adelina Cruz, Daniele Amado e Suemi Higuchi, com presteza e boa vontade, digitalizaram os documentos do arquivo aqui apresentados. Aline Monteiro digitou dezenas de cartas, vencendo caligrafias, atenta à nossa luta contra o tempo. Aos demais colegas, agradecemos a solidariedade e o estímulo manifestados, cabendo uma menção a Dora Rocha, Sérgio Lamarão e especialmente Mario Grynszpan, de cuja *expertise* no tema da reforma agrária pudemos usufruir.

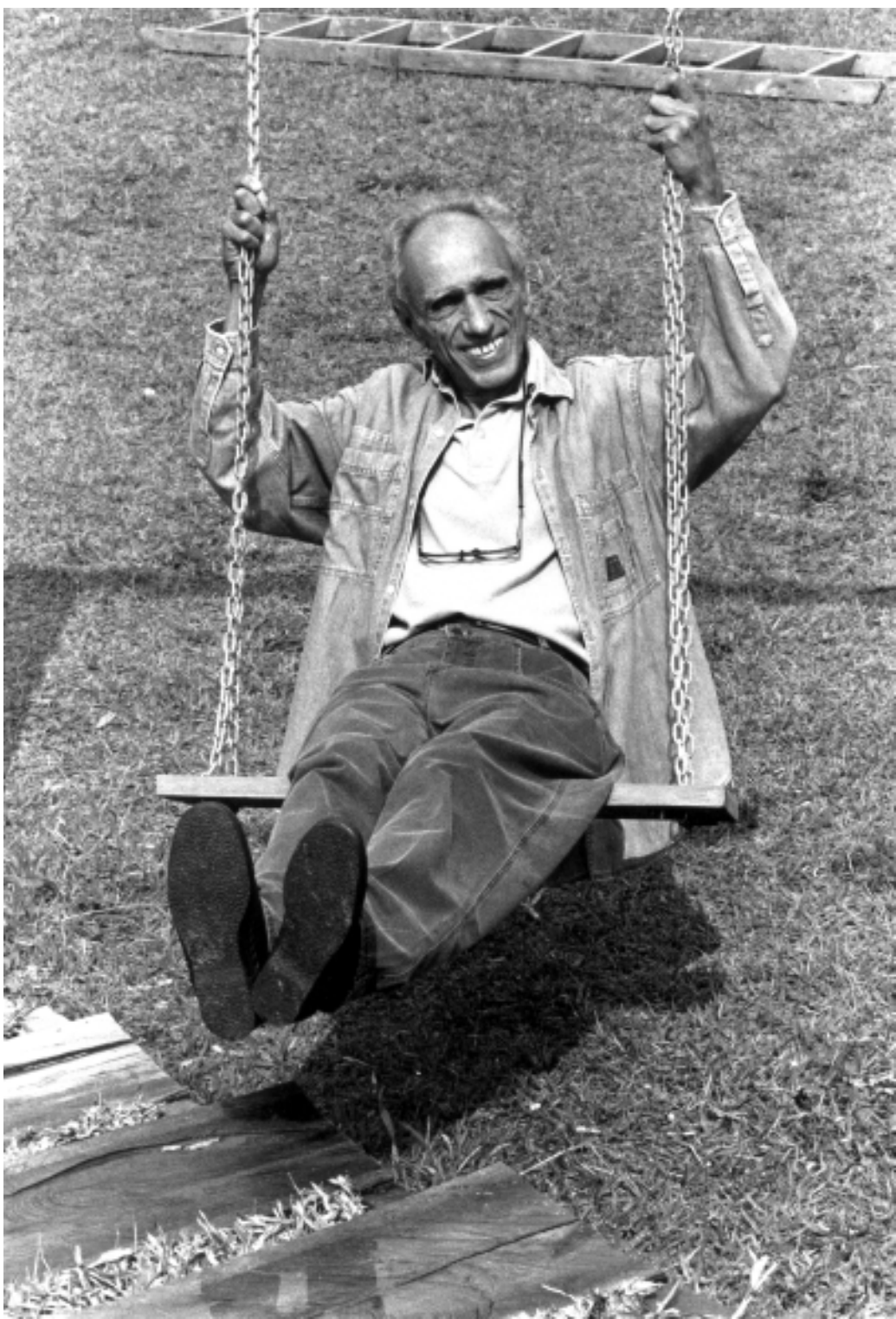
Do pessoal do Ibase recebemos, igualmente, todo o apoio. Antônia Rodrigues e Rozi Billo foram particularmente importantes, atendendo às nossas solicitações com eficiência e gentileza. Algumas fotos aqui publicadas integram o acervo do Ibase, bem como as charges cedidas ao Instituto pelo Salão do Humor do Piauí, realizado em 2003. Por esse material também agradecemos.

Finalmente, agradecemos a Betinho. Desvendar sua vida, mergulhando em seus papéis, partilhar seus sonhos, reviver suas lutas e aprender com suas histórias foi uma experiência enriquecedora e, sobretudo, emocionante.

Um abraço,
Dulce e Luciana.

Rio de Janeiro, outubro de 2005.

A aventura do existir



A aventura do existir

1935

Nasce no dia 3 de novembro, em Bocaiúva, Minas Gerais, Herbert José de Souza, o Betinho, filho de Henrique José de Souza, dono de padaria e do primeiro cinema mudo da cidade, e de Maria da Conceição Figueiredo de Souza.

Henrique José e Maria da Conceição tiveram muitos filhos: Maria Cândida, Zilá, Vanda, José Maria (que morreu aos três anos), Herbert, Maria da Glória, Henrique, Filomena e Francisco Mário. Todos os homens sofriam de hemofilia.

"Quando nasci, e só aí começa a história, a hemofilia começou. Vida e morte juntas na mesma pessoa: a hemorragia no umbigo foi o começo, já que é no umbigo que tudo começa. E não é assim com todas as pessoas? Não a hemorragia, é claro, mas a coexistência da vida e da morte na mesma pessoa nascida viva? Era eu, de nome Herbert, uma homenagem de meu pai a um artista do cinema alemão. Meu pai era o pioneiro do cinema mudo em Bocaiúva, e Herbert, o artista, vivia em algum Reich. Eu, hemofílico, em Bocaiúva. Tendo o nome vindo da Alemanha, o sobrenome vinha de Portugal com o José de Souza. Mas até no nome eu comecei errado, porque papai foi registrar no cartório do Tio Lu, e ele, que de cartório sabia, mas de alemão não manjava nada, colocou

Herbet, e assim fiquei errado desde o nascimento. Até hoje esse problema me persegue porque, além de Betinho que é o certo, se Herbert é o nome correto, não é o legal, e se o legal é o certo, não é o correto, porque meu pai quis colocar o nome que meu tio não soube colocar. Em consequência disso tenho hoje uma certidão de nascimento com o nome Herbet e uma carteira de identidade de nome Herbert. Portanto sou legalmente errado em todos os sentidos. (...)

Do nome sobra ainda um outro problema. É que minha família é também Figueiredo. Por essas razões que só o Tio Lu conhece, eu graças a Deus fiquei sem o Figueiredo no nome. Sem nenhum sectarismo, quero deixar registrado, no entanto, que a hemofilia não veio do Souza do meu pai, mas do Figueiredo de minha mãe, que não somente me transmitiu a hemofilia como também foi responsável por uma geração de militares, infelizmente meus parentes, de onde nasceu tanto Euclides, o liberal, quanto João Batista Figueiredo, o inesquecível. (...)

Feito o registro, errado, e contida a hemorragia, por sorte eu sobrevivi a dois erros, um legal e o outro genético, e dessa forma começa uma história que pretendo contar com todo amor à verdade e com a esperança de descobrir, no fim, o que a vida fez de mim, e dessa forma o que eu sou, já que, se sobrevivi a tantas coisas e a tanto tempo, sem



ter condições, suponho, é porque valeu a pena ou tem algum sentido que me escapa...(....)

Era incrível ter meu pai, sair com ele pelos caminhos de terra em busca da fazenda onde bois, cavalos e gente compunham um mundo tão concreto, forte e denso. O que era mais real que isso? Permanente. Viver esse outro, do alto de seu pescoço, de onde via o mundo. Tão meu pai, amigo, foi algo que ficou, tão concreto como dizer que seu nome é Henrique José de Souza, nascido em Pirapora, morto em Belo Horizonte, longe de tudo que vivemos juntos para sempre. Meu pai ao me tirar de casa me tirava da cama, da doença, ao me levar para fora me entregava o mundo e me mostrava a vida." (Eu)

"Mamãe foi uma mulher que se esquerdizou com a idade e os filhos e filhas que teve, ao contrário de todas as pessoas, que se direitizam com a idade. Começou lendo o Diário Católico e terminou quase uma militante do PT aos 86 anos. Criou uma família imensa, lutou, sofreu, rezou, participou, se manteve inteira até que a doença venceu. Lamentou profundamente ver seus filhos e uma filha morrerem. Ela não admitia filhos morrerem antes da mãe. Era uma questão de ordem. Hoje, D. Maria é uma referência para quem morre: se você chegar lá em cima e não encontrá-la, é porque o céu não é lá." (Isto é, 3/1995)

A mãe, dona
Maria.

Betinho ao lado
do pai, seu
Henrique, com
os irmãos
Filomena, Henfil
e Chico Mário.



1937

A família se transfere para Ribeirão das Neves, cidade próxima de Belo Horizonte, onde Henrique José irá auxiliar José Maria Alkmin, diretor da Penitenciária Agrícola e primo de Maria da Conceição.

"Neves era um mundo com dois lados. No de dentro estavam os presos. Todos inocentes em diferentes graus segundo seu próprio testemunho. Eram mil. No de fora estavam os funcionários e suas famílias. Além dos presos comuns, estavam também os presos políticos que faziam oposição ao Estado Novo de Getúlio Vargas. Só mais tarde vim a saber deles e de suas greves de fome e protestos. Na época só me foi dado observar que eram diferentes porque recebiam visitas que vinham de carro de várias partes do país. Eram automóveis maravilhosos, de duas cores, brilhantes, fantásticos. (...)

Um dia a hemorragia no dente decidiu que não ia parar e foi aí que eu morri pela primeira vez. Mas foi também a primeira vez que fui a Belo Horizonte e entrei num hospital, São Lucas. Tomei uma transfusão de sangue e experimentei um choque. Lembro que o carro que me levou a Belo Horizonte não era o mesmo que trazia os familiares dos presos políticos do Estado Novo de Getúlio. No carro da penitenciária, fui cuspiendo placas de sangue pelo caminho, sem ter consciência de que os vivos morrem, mesmo crianças. No hospital São Lucas fui atendido pela primeira médica hematóloga de minha vida. Cheguei para morrer, tomei a transfusão e sobrevivi. (...)

Ali em Neves o simples viver era o acontecer, dado que era tudo novo para quem apenas começava. A repetição do cotidiano não existia, tudo era novo e como tal fantástico. Guardo desse tempo a sensação de uma eternidade que acabava a cada dia para recomeçar no amanhecer. É claro que no meio da noite havia a dor e no intervalo da dor a presença mágica do Dr. Ari, o meu médico, o que parava a dor com a conversa e curava o choro com o amor enrolado no cigarro de palha. Dr. Ari não se interessava pela doença, mas por mim, e me contava histórias. Quando ele se ia com suas histórias, a dor voltava, e eu passei a saber o quanto a dor dói na noite e como o sono pode ser o princípio de um novo dia, em paz." (Eu)

1943

Henrique José é nomeado prefeito de Bocaiúva, por indicação de José Maria Alkmin, e a família retorna à cidade.

"Seu Henrique, como prefeito, foi amigo de todos. (...) Quando Getúlio mandou queimar os canaviais, fechar os engenhos de açúcar e quebrar os alambiques de cachaça para manter os preços, seu Henrique ignorou as ordens e mandou ampliar a produção. Muito tempo depois ainda eu via gente chegando com grandes rapaduras de gratidão para o prefeito. É óbvio que Getúlio Vargas jamais soube disso, nem a produção de Bocaiúva alterou o equilíbrio do mercado mundial (...).

Bocaiúva era o quintal, a enxurrada nas pedras, as histórias de fantasmas, o mercado com pequi, carne de sol, rapadura e batida. Era o cavalo, esse ser mágico, tão gente, vivo, móvel, ágil, forte, que dominava minha fantasia. Do alto de um cavalo eu era mais eu, feliz, completo, senhor do mundo, colado à vida que a força dele me transmitia sem palavras. Nunca caí nem pensei cair de um cavalo, mas era só isso que todos pensavam para um hemofílico, e por isso era tão difícil viver como realidade o que acabava sendo muito mais um desejo e sonho. Eu montava nas selas, imaginava os cavalos e tinha inveja de todos os que viviam o que eu mais queria no mundo. Quando poderia ter um, e nunca tive, já meu sonho estava morto. Nada será capaz de matar os cavalos de meu passado.

Bocaiúva era um outro portal para o mundo, tão grande quanto minha fantasia, nesse tempo onde o real e o imaginário realmente se confundem, onde a razão não teve ainda tempo de cortar a distância que separa um do outro e que nos separa dessa adesão total ao absoluto da vida vivida no fundo dos olhos de quem vê tudo pela primeira vez. (...) Bocaiúva foi o lugar de cada vivência que ficou, (...) a janela de onde vi o mundo, de onde saí para a grande aventura do existir." (Eu)

"Bocaiúva não é uma cidade urbana, é pessoal. (...) Hoje temos a Pequena Bocaiúva, município do nordeste de Minas, e a Grande Bocaiúva, [com] a seguinte configuração: Bocaiúva (sede central e intransferível), Montes Claros, Curvelo, Corinto, Pirapora, Cordisburgo, Serro, Milho Verde, Neves,

toda a Bahia, Belo Horizonte, Recife, Olinda e Caruaru, Fortaleza e Natal (onde morou Henfil), São Paulo e Campinas, Rio e Niterói, Rio Bonito e Itatiaia, parte de Rezende, favela da Maré, Vigário Geral, Saquarema, Zaíra (Mauá, São Paulo), Glasgow, Paris, Green Village e Nova York, Berlim, Holanda, Lisboa, Tóquio, a fronteira do Paraguai, Santiago do Chile, Toronto, Montreal e Québec, Trois Rivières, Bogotá, Buenos Aires, Rosário e Mendonça, Panamá, Nicarágua, Havana, Montevideu e Lima, Cajamarca e Piura, Cali, Argel, Angola, Moçambique, Guiné Bissau e São Tomé, São Francisco, Nova Delhi e Djacarta, Timor Leste, a parte setentrional da China e o oeste da Austrália, Havaí e Haiti, Kiev. Como se pode ver, Bocaiúva é a única cidade mundial do planeta." (*A lista de Aílce*)

1945

Com o fim do Estado Novo, a família volta a Neves e pouco depois se instala em Belo Horizonte, onde Henrique José, mais uma vez indicado por Alkmin, irá dirigir a funerária da Santa Casa de Misericórdia. Em Belo Horizonte, Betinho passa a freqüentar o Grupo Escolar Barão de Macaúbas, mas interrompe os estudos devido a problemas decorrentes da hemofilia, que o impedem de completar o curso primário no prazo regulamentar.

"Rua Rio Preto no bairro da Floresta, uma rua que acabou. Foi ali que chegamos na casa alugada de três quartos para uma família ampliada com alguns parentes. (...) Nessa casa da rua Rio Preto 347 vivemos de 1945 a 1949, o tempo de eu fazer o primário no grupo escolar Barão de Macaúbas (ladrao de uvas), onde fui alfabetizado sem ter recebido diploma, porque não consegui fazer as provas finais. No sentido legal do termo sou analfabeto e meu diploma de universidade deveria ser impugnado, em consequência. (...)

Dessa rua eu ia ver meu pai trabalhando na funerária. Conheci tudo desse ofício. Até hoje me sinto capaz de organizar uma empresa funerária com todos os detalhes. Sei construir caixão, toda a carpintaria de caixão e urna, cobri-lo com panos e galões. Sei da estrutura e dos adereços segundo as categorias sociais, idade e estado civil. Soldado virgem, por exemplo, deve ser enterrado em caixão azul, jamais branco. As virgens sobre as quais não se sabe com certeza sobre sua continência devem levar alguns galões roxos para relativizar a questão e inibir os comentários maliciosos durante o enterro. (...) Apesar das centenas de

caixões o clima da funerária não era de morte ou de tristeza, era um trabalho animado, esse de levar os mortos para seus devidos lugares e deixar os vivos com o peso da morte ou dos mortos." (Eu)

1949

Betinho presta exame de admissão no Colégio Arnaldo, e nessa escola inicia o curso ginasial.

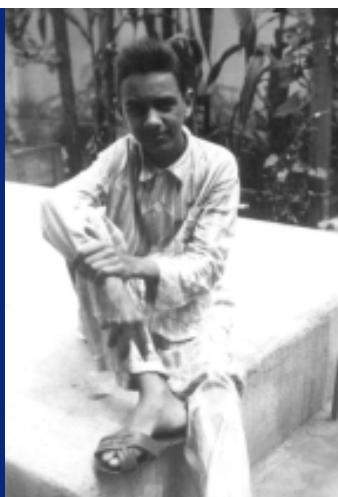
"Nesse tempo eu estava no Colégio Arnaldo, quando bebi Coca-Cola pela primeira vez, de graça, porque era uma promoção, o que nos viciou sem qualquer resistência nacionalista. Eu ainda não era ideológico naquela época. Achei a Coca-Cola a coisa mais gostosa e incrível do mundo, mas depois a gente tinha que comprar se quisesse continuar gostando e bebendo." (Eu)

1950

Aos 15 anos, Betinho contrai tuberculose e é novamente obrigado a interromper os estudos. Durante três anos ficará confinado em um quarto nos fundos da casa, maneira que seus pais encontraram de não interná-lo em um sanatório. Apenas seus pais, a empregada, Maria Leal, suas irmãs mais velhas e Maria Luíza, a parteira que fazia as vezes de enfermeira, podiam entrar no quarto.

"Doutor Expedito reuniu a família e contou tudo. A família

Aos 16 anos,
tuberculoso.



chorou minha morte e decidiu que eu não iria para um sanatório, mas para o fundo do quintal, para o quarto de Maria Leal, agora transformado em meu sanatório particular, o único de Belo Horizonte. Um quarto com duas camas, na outra dormia seu Henrique, declarado minha companhia. Foi construída uma porteira de madeira que me isolava, atrás das grades, de meus irmãos e irmãs. Dali Henriquinho, depois Henfil, me observava. Dali havia que se viver, se viver fosse possível. Durante três anos aquele quarto foi minha trincheira onde poucos entravam. O mundo para mim estava dividido entre os tuberculosos e os sãos." (*Eu*)

"Havia dois gestos que me causavam a maior satisfação: pegar na minha mão, o que era um ato de coragem, de audácia, e mais ainda, sentar-se na minha cama. Isto só a Maria Luíza fazia, mais ninguém. E parece que ela fazia questão disso." (*Sem vergonha da utopia*)

1953

No final de sua clausura, Betinho escreve uma carta para um jornal católico, declarando seu inconformismo diante da imoralidade do mundo. Essa manifestação suscita a visita de um dominicano que o põe em contato com Frei Mateus, assistente da Juventude Estudantil Católica (JEC), ramo da Ação Católica Brasileira (ACB). Esse fato, associado às indicações de leitura dos católicos franceses feitas por sua irmã Zilá, que já militava na ACB, o incentiva a entrar para a JEC logo que fica curado.

"Por minha iniciativa começo a ler romances, leio todo o Dostoievski, e aí uma coisa puxa a outra. Depois os autores cristãos, Bloy, que é aquele místico louco... Maritain, até que, quase automaticamente, vai chegar a Chardin, Mounier, e entrar na panela dos católicos franceses. (...) Foi esse *background* que criou a chance para uma saída mística. Três anos de visitas ao IAPTEC, cada vez a mesma resposta do médico, a mancha pendurada na radiografia, duas ameaças de hemoptise e a prisão num quarto dos 15 aos 18 anos poderiam ter me levado ao desânimo total (...). Foi aqui que entrou a religião: o esquema místico funcionou como uma ampla mobilização psicológica, como uma disposição de cura." (*Memórias do exílio*)

"Frei Mateus foi uma pessoa que fez uma coisa que ninguém tinha feito antes. Ele apostou em mim. Como padre e psicanalista, até sem saber, passou a dizer que eu era

muito capaz, extremamente inteligente, com um futuro brilhante e vocação espetacular. (...) Ele se tornou meu ponto de referência fundamental (...) de 1953 a 1958.”
(*Sem vergonha da utopia*)

Rascunho de texto de Betinho sobre a morte de Frei Mateus. (Arquivo Herbert de Souza).

“Frei Mateus,

Meu pai,

que posso fazer para manter viva sua vida interrompida pela morte?

Como recusar seu fim, dado que você continua em todos nós e agora até no meu choro?

Como manter o que não pode acabar, essa amizade, esse amigo, esse pai e irmão?

Essa conversa, a inteligência e antes de mais nada a humanidade que se fez frei Mateus?

Perguntas que sempre nos fizemos nas conversas que sempre tivemos e que agora respondo sabendo que você está aqui e muito longe. Saiba amigo que tua saudade é agora a tristeza que nos mata.”

1954

Betinho presta exames de madureza e obtém certificado equivalente ao de conclusão do curso ginasial.

Frei Mateus e dona Maria.



1955

Ingressa no curso clássico no Colégio Estadual de Belo Horizonte, onde participa do grêmio estudantil. Nesse período, a serviço da Prefeitura, faz um levantamento das condições de vida nas moradias das favelas da capital mineira. Faz também uma pesquisa sobre a condição social do estudante que trabalhava de dia e estudava à noite. Publica seu primeiro artigo, “Capitalismo e miséria”, na revista francesa *Témoignage Chrétien*. Essas experiências contribuem para sua decisão de estudar sociologia.

“Acho que a influência das minhas irmãs Vanda e Zilá foi fundamental. Elas eram bandeirantes. A Vanda era assistente social. Um dia, quando ainda era menino, fomos visitar um lixão em Belo Horizonte. As pessoas dividiam restos de comida com os urubus. Aquilo me marcou muito.” (*O Estado de S. Paulo*, 14/12/1996)

1958

Ingressa no curso de Sociologia e Política e no curso de Administração Pública, ambos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Passa a militar na Juventude Universitária Católica (JUC), também ligada à ACB.

“De 1958 até 1962, a minha presença na JUC foi marcada por uma ativa participação no movimento estudantil, que tinha então relativa força na política nacional. Assim como a vinculação religiosa nos jogou no movimento estudantil, o movimento estudantil nos jogou na política nacional. Ao

Em baile de formatura.



crescer esse movimento de participação, a religião já não dizia mais nada. Passamos então de uma visão religiosa a uma perspectiva política. Só que passamos à política com a mesma mística que havíamos vivido na religião, a mesma perspectiva de compromisso, a mesma pureza, responsabilidade, auto-renúncia." (*Memórias do exílio*)

1961

Após a renúncia de Jânio Quadros à presidência da República, em 25 de agosto, viaja para Porto Alegre com o então presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Aldo Arantes. Ai, no Palácio Piratini, o governador Leonel Brizola liderava a Campanha da Legalidade em defesa da posse do vice-presidente João Goulart, vetada pelos ministros militares.

"Foi um momento inesquecível. Havia 100 mil pessoas na praça, defronte à sede do governo. Mais de 70 mil se alistaram para lutar na guerra civil, se necessário. E quando tudo terminou, (...) ainda havia gente treinando marcha unida nas ruas da capital gaúcha. Uma experiência emocionante." (*Sem vergonha da utopia*)

Já após a posse de Jango, visita a União Soviética como líder estudantil.

1962

Formado, trabalha durante alguns meses como técnico em avaliação de projetos no Banco de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais e em seguida transfere-se para o Rio de Janeiro.

Participa da fundação e torna-se dirigente nacional da Ação Popular (AP), organização política criada por militantes católicos oriundos da JUC e da JEC que rompem com a hierarquia da Igreja.

"Em 1962, a AP aparece como negação do capitalismo e proposição do socialismo. Se o impulso para fazer essa transição era cristão, o método e a forma como então se procedeu já eram marxistas. Era realmente uma transição." (*Memórias do exílio*)

"A nossa proposta podia ser utópica, inviável ou ingênua, mas era sem dúvida a mais bonita, empolgante e radical." (*Sem vergonha da utopia*)

1963

Participa ativamente do governo Jango. Assessora o ministro da Educação,

Paulo de Tarso, e empenha-se na campanha de alfabetização de adultos liderada por Paulo Freire. Transferido para a Superintendência de Política Agrária (Supra), passa a assessorar o diretor, Francisco Whitaker.

Colabora com o então deputado federal Leonel Brizola na formação dos chamados "grupos dos onze", movimento que visava pressionar Jango a realizar as propaladas reformas de base.

"Estou convencido de que até 1963 um processo revolucionário era possível no Brasil. Não o socialismo, mas uma democracia mais avançada. E um desenvolvimento econômico mais nacionalista." (*Sem vergonha da utopia*)

1964

É demitido da Supra após o golpe militar de 31 de março, que depôs João Goulart, e inicia então um longo período na clandestinidade.

"Passei a noite e o dia do golpe no Departamento de Correios e Telégrafos, que funcionava como a central de comunicações. Fui um dos últimos a sair. Passei pela Praia do Flamengo, a UNE pegando fogo... Para mim, esse era o símbolo visível do golpe. (...) Comecei então a minha trajetória de escape. Nos primeiros dias, fui dormir num hospital psiquiátrico. (...) Passei por casa de amigos, depois fui para uma chácara, (...), aí por junho, vou para São Paulo." (*Memórias do exílio*)

Com o ministro
Paulo de Tarso,
à direita.



"Tive vários exílios. O exílio interno foi uma esquizofrenia: estar em seu país e ser estrangeiro." (*Isto é*, 7/1993)

Em julho, o Centro de Informações da Marinha (Cenimar) pede a prisão de Betinho.

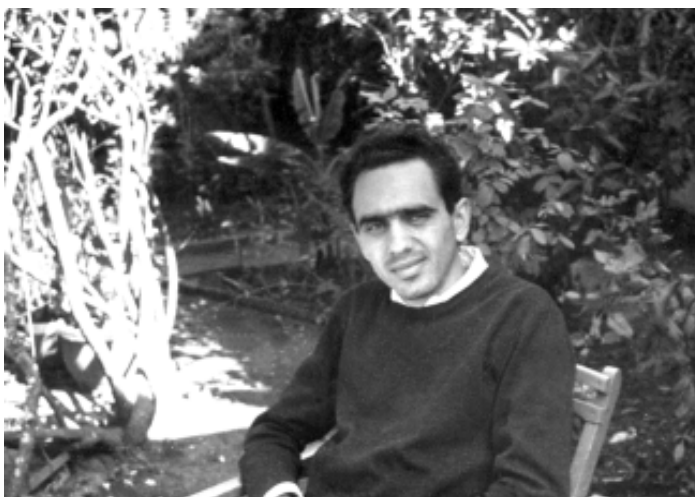
Em agosto vai para Montevideu, onde participa da Frente de Mobilização Popular, organização de brasileiros de diversas tendências ideológicas exilados no Uruguai. Antes de sair do Brasil, deixa uma procuração que possibilita a realização de seu casamento com Irles Coutinho de Carvalho, que havia conhecido na UNE. Oficializado o matrimônio, Irles vai a seu encontro no Uruguai.

"Em meados daquele ano, o Aldo [Arantes], eu e o Jair Ferreira de Sá saímos para o Uruguai, para onde tinha ido toda a oposição ao novo regime: de Jango à CGT, os líderes dos partidos políticos, Waldir Pires, Darcy Ribeiro, Leonel Brizola, PC do B, até os trotskistas... Estava todo mundo lá." (*Sem vergonha da utopia*)

1965

No início do ano, viaja para Cuba a fim de angariar recursos financeiros para um movimento insurrecional a ser liderado por Brizola. De volta a Montevideu, discorda da tática adotada pelo grupo de Brizola e deixa o Uruguai em julho, junto com Aldo Arantes, para retomar a liderança da AP no Brasil.

Aos 28 anos, no Uruguai.



"De volta ao Brasil, nós, da AP, trazíamos uma nova proposta: a nosso ver, havia uma ditadura militar que só seria derrotada através do movimento armado." (*Sem vergonha da utopia*)

Nasce em São Paulo seu primeiro filho, Daniel.

1966

É preso em casa, no bairro carioca de Botafogo, no dia 22 de dezembro, e levado para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), no Rio de Janeiro. No dia seguinte, por ser antevéspera de Natal, o delegado permite que vá para casa e volte na segunda-feira. No domingo, Betinho pede abrigo no consulado do México, onde fica apenas dez dias. De volta à clandestinidade, adota os codinomes "Francisco", "Alberto" e "Wilson" e muitas vezes usa disfarces.

"Eu nunca sabia bem quando pôr e quando tirar a peruca. Num banheiro de restaurante? Mas como voltar à mesa depois? Antes de voltar para casa? Mas e se algum vizinho me reconhecesse de peruca? Já o bigode me dava enorme segurança – eu me sentia fortíssimo quando enfiava um bigode." (*Veja*, 29/12/1993)

1967

Em outubro, viaja novamente para Cuba, para participar, como dirigente da AP, do Congresso da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS). Entretanto, o anúncio da morte de Che Guevara desestrutura a organização do congresso, o que faz com que permaneça em Cuba por 11 meses, na expectativa da realização do encontro.

Com o filho
Daniel.



1968

Em setembro, volta ao Brasil. Após mudanças na orientação política da AP, que passa a adotar a estratégia maoísta de guerra popular prolongada, vai trabalhar como operário em uma fábrica de porcelana localizada em Mauá, São Paulo.

"De regresso ao Brasil, já em 68, pouquinho antes do AI-5, vem chegando também o pessoal que fora para a China. Estavam todos totalmente convencidos e mobilizados a respeito das teses maoístas. Um ano antes, ocorrera a Revolução Cultural a cargo da Guarda Vermelha. Vieram com tudo prontinho, uma análise do Brasil igualzinha à da China; uma análise da AP adaptada a ela; e cada um se sentindo um grande líder revolucionário. Essa turma empolga a direção da AP, dando início a um racha com o grupo que até então sofrera a influência cubana, liderado pelo Vinícius Caldeira Brant e padre Alípio." (*Sem vergonha da utopia*)

"Começa uma fase terrível e eu, dada a minha vocação cristã de sofrer no martírio, vou assumir tudo isso, aceito agora em nome da proletarização. Dizem-me que sou um pequeno-burguês, que nunca deixei de ser. Então, porque sou um pequeno-burguês, tenho que passar por um processo de proletarização, o que significa purgar todas as vestes de pequeno-burguês e tornar-me um operário. Se eu cumprisse isso, teria condições de ser um militante revolucionário, um verdadeiro marxista-leninista-maoísta." (*Memórias do exílio*)

1969

Passados cinco meses de trabalho na fábrica de porcelana, Betinho, por questões de segurança, transfere-se para Santo André, no ABC paulista.

"A clandestinidade é tão difícil de ser entendida por quem não a viveu como a doença para quem sempre esteve são. A clandestinidade é uma situação anormal, invertida em todos os seus aspectos. O normal para qualquer pessoa é ter o seu nome e a sua história, o reconhecimento social de sua individualidade. O clandestino deve, ao contrário, ocultar o seu próprio nome e buscar que a sua própria história não seja conhecida. O normal para qualquer pessoa é ter um trabalho, uma atividade permanente e a história desta atividade, assim como o reconhecimento social de sua

capacitação, de seus êxitos e fracassos, de suas contribuições. O clandestino deve ocultar o seu antigo trabalho ou atividade, evitar ser reconhecido por sua história passada, enquanto cria uma outra situação e prepara as condições para o reconhecimento social do que realmente não faz parte de sua verdadeira história.” (*Estudo sobre a clandestinidade*)

1970

Após a prisão de 60 militantes da AP na região em que estava vivendo, segue para a capital. Separa-se de Irles e começa a namorar Maria Nakano, militante da AP, que se tornaria sua companheira até o fim da vida. Filha de imigrantes japoneses chegados ao Brasil em 1930, Maria nascera em Guará, São Paulo, em 22 de junho de 1945.

“Por que Maria é assim, exatamente ao contrário, quando nenhuma mulher até hoje o foi, quando a evolução humana não produziu nenhuma igual e quando tal tipo de mulher não está contemplada nas hipóteses mais otimistas sobre a evolução nos próximos cinquenta séculos futuros?

Por que Maria era telepata quando nenhuma mulher era? Por que de vez em quando voava sem ter asas e sempre escapou do que deveria escapar, você sabe, pulando muros mais altos do que ela? Por que sua mãe nunca conseguiu bater nela apesar de tudo de feio que fez?

Por que sempre gostou do calorzinho?

Todas essas perguntas me infernavam a vida até que descobri, mulher, descobri num dia que tomei mais vitamina do que o normal e me pus à altura de um cérebro sobre-humano, extraterreno: (se assente e segure)

MARIA É FILHA DE ASTRONAUTA!

Maria não é deste mundo, da Terra. É de outro planeta. Não é sua irmã, nem filha de Dona Margarida. Ela tem uma marca azul no braço que revela como ela foi entregue por um elemento de outro planeta (que teve uma filha sem ordem superior) ao seu pai, sem que ele visse, numa caixa de maçã (a marca azul é do papel azul da caixa) numa feira muito animada (todo mundo comprando e nada via). Seu pai muito distraído pegou a caixa e levou para casa. Sua mãe pensou que havia sido um mau passo do seu pai e acolheu a criancinha (houve sérios

Trecho de carta de Betinho a Kimiko, irmã de Maria. s/d. (Arquivo Herbert de Souza).

problemas entre os dois). Seu pai volta para casa e encontra a criancinha, pensou que havia sido um mau passo de sua mãe e nada disse também: ficou Maria. Vocês, bobinhas, pensaram que era uma nova irmãzinha e começaram a brincar com ela até que eu a encontrei no parque das Nações quando tentava alçar vôo e entrar em contato com sua gente (lembra-se como fazia contato?). Aí agarrei e não soltei até hoje. Ki, pense bem, medite, se deve comunicar isso a todos, mas eu tinha que lhe contar essa descoberta. Agora posso dormir tranquilo e pode ser que faremos um filho só para ver no que dá, se nasce com antenas...”

1971

Perseguido fortemente pelo regime militar, após anos de clandestinidade exila-se no Chile, que vivia um momento político favorável com o governo de Salvador Allende. Chegando a Santiago, vai trabalhar como auxiliar de pesquisa na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), por indicação de José Serra, na época militante da AP e professor dessa instituição.

1972

Torna-se diretor executivo do Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (Iese), organismo de ensino e pesquisa voltado para a realidade latino-americana, e um dos editores de *Datos*, boletim mensal da entidade.

Em setembro, é julgado e condenado, à revelia, a cinco anos de prisão.

Rompe com a AP.

“Rompi com a minha criação, com a minha ‘criança’.”
(*Revoluções da minha geração*)

1973

A convite de Darcy Ribeiro, trabalha para a Oficina de Planificação da Presidência da República (Odeplan). Paralelamente, ministra um curso no Departamento de Sociologia da Universidade Católica.

“A experiência do Chile foi algo, para mim, do ponto de vista político, da maior importância. Porque era um processo altamente mobilizador, com altíssima participação popular, com alto nível de politização e que revelava diferenças muito grandes com aquelas realidades que eu tinha vivido

antes aqui. Lá realmente havia um movimento de massas, coisa que no Brasil não havia na época." (*A Gazeta*, 24/3/1986)

No dia 11 de setembro, tendo em vista a situação política ameaçadora instalada após o golpe de Estado que derrubou o governo Allende, procura asilo na embaixada do Panamá. No mês seguinte, exila-se no Panamá, onde passa cinco meses.

"Conseguimos asilo na embaixada do Panamá e ficamos durante 20 dias - 300 pessoas, das quais 80 eram brasileiros - de pé em um apartamento de dois quartos e duas salas. Havia 30 cadeiras e nos revezávamos para que cada um dormisse pelo período de duas horas sentado em uma delas. (...) As janelas eram de vidro e víamos o que se passava lá fora, o aparato pesado, tanques, helicópteros. E nós, 300 pessoas ali de pé, sem tomar banho, correndo o risco de uma epidemia, conseguimos nos organizar numa sociedade quase perfeita onde a solidariedade predominou e a socialização foi quase completa: todos dividiam tudo com todos." (*Diário do Grande ABC*, 23/9/1979)

1974

Transfere-se com Maria para o Canadá. Vivem em um seminário católico com outros exilados brasileiros e após dois meses vão morar por um breve período com um casal, Lory e Michael, ela canadense e ele americano, antes de fixar residência na universidade.

Com Maria, no
Panamá.



"A solidariedade internacional funciona. No Canadá, em Toronto, fiquei um mês num seminário, com mais cinco famílias brasileiras. Quando tivemos que sair, não tinha dinheiro. Cheguei ao Canadá com 60 dólares e um saco de roupa. Uma família canadense nos recebeu. Ele, um sujeito que fazia doutorado e trabalhava na Phillips como operário. Ela, tradutora. Esse casal deu sua própria cama para dormirmos. Onde se vê solidariedade dessa? É claro que ele era um militante, um americano refugiado da Guerra do Vietnã, ativista do Partido Comunista dos EUA." (*Isto é*, 7/1993)

Inicia no Canadá, por sugestão de Liisa North, cientista política finlandesa, o doutorado em ciência política na Universidade de York. Cria com outros exilados, entre eles Carlos Afonso, a Latin American Research Unit (Laru), entidade voltada para estudos socioeconômicos da América Latina. Dirige a publicação *Brazilian Studies*.

"Tínhamos publicações regulares de muito bom nível, com assinaturas e solicitações especialmente nos Estados Unidos. Os financiamentos vinham de instituições religiosas internacionais, como o Conselho Mundial das Igrejas e outras. E esse LARU, por incrível que pareça, existe até hoje. Aliás, descobri um segredo: é difícil você criar alguma coisa, mas depois que você cria é ainda mais difícil acabar com ela..." (*Sem vergonha da utopia*)

1977

Por indicação de Theotônio dos Santos, cientista social também exilado, torna-se professor visitante do Institute of Latin American Studies (Ilas), da Universidade de Glasgow, e reside na Escócia por alguns meses. Nesse mesmo período, Maria vai para São Tomé, na África, onde trabalha em um projeto governamental na área de comunicação.

23 maio, 77

Amorzinho lindo,

Aproveito aqui uma conferência do F. H. Cardoso para escrever uma cartinha pra você. Aliás já seguiu uma hoje e amanhã ponho essa no correio. Creio que essa já é a 5ª carta. Vamos aos pontos:

1 - Falei hoje com o Howy sobre a questão da visa e ele vai ver como é possível fazer para que eu leve a visa ou alguma indicação para eu te esperar no aeroporto.

Carta para
Maria, enviada
de Glasgow.
(Arquivo Herbert
de Souza).

2 - Creio que podemos pensar em estar no Hotel se temos essa verba... porque de todo jeito o pessoal em Portugal deve estar meio saturado de receber gente em visita! Vamos ver, pode ser uma boa idéia. O Pedro Celso [Uchôa Cavalcanti] respondeu que sim, por uns poucos dias, como já te escrevi...

3 - Vou ver a questão da volta para Toronto e se for possível vou fazer as reservas para nós e para os Afonso.

4 - Vou ficar sempre amarradinho em você, quietinho, no quentinho de suas gostosuras.

5 - Fernando acabou sua conferência e agora o pessoal está colocando perguntas... Foi interessante e bastante provocativo.

A sala aqui está cheia de gente e Fernando é realmente visto como uma "star"... para a moçada.

Por falar nisso, o Serra está no Brasil, por 1 mês. Foi interrogado 4 horas no aeroporto e saiu...

E a Maisa Matarazzo morreu num desastre de automóvel na ponte Rio-Niterói. Por outro lado houve várias manifestações da massa estudantil em várias cidades e em São Paulo 2 manifestações, uma com 10 mil estudantes. O Estadão disse que eles estão agora interpretando os interesses da Nação (e do Estadão...)

6 - Que bom saber que vocês estão aí full time trabalhando em coisas tão concretas e que o pessoal quer vocês por 6 meses. Eles têm razão: vocês podem ajudar muito com o que sabem, com o que acumularam sem usar totalmente em todo esse tempo. (...)

Amor, estou enviando carta cada 2 ou 3 dias pra você... As suas têm chegado regularmente e enchem meu coração de alegria.

Tenha a certeza que estes 2 meses foram a última separação... Vou comprar a correntinha de ouro pra prender você no meu pescoço e o meu no teu...

Mas veja: não pense triste, não pense saudade triste, pense no reencontro, lembre alegre e trabalhe tudo que você puder.

Vou enviar agora um beijão que condensa todos os que tenho, e um abraço geral para todos os companheiros, aí
Bet.

1978

É convidado por Theotônio dos Santos, que começava a dirigir o doutorado em economia da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), a

lecionar ciência política nessa universidade, e torna-se professor titular após prestar concurso. Torna-se diretor do Conselho Latino-Americano de Pesquisa para a Paz (Ipra) e membro da direção da Unidade de Investigação Latino-Americana (Uila).

A permanência de pouco mais de um ano no México é marcada por encontros com Francisco Julião, Brizola, Neiva Moreira, Theotônio dos Santos e outros. O assunto predominante era a formação de um partido quando pudessem voltar ao Brasil.

1979

Em junho, participa de um encontro de trabalhistas, liderado por Leonel Brizola, em Lisboa.

Recebe carta de Carlos Afonso, datada de 6 de julho e endereçada também a Marcos Arruda e Paulo Freire, propondo a criação de uma entidade autônoma, que acompanhasse as políticas governamentais e fornecesse informações aos movimentos populares.

Em setembro, após oito anos de exílio, volta ao Brasil. No aeroporto, é recepcionado por cerca de 200 pessoas que cantam *O bêbado e a equilibrista*, música de João Bosco e Aldir Blanc que se havia tornado o hino da anistia. Betinho ouvira a canção pela primeira vez ainda no exílio, por telefone, em gravação de Elis Regina.

"Foi uma comoção indescritível. Eu entendo a emoção das

No Canadá, em
1974.



peessoas quando ouvem essa música pela minha... Fiquei desbundado." (*Sem vergonha da utopia*)

Retorna ao México em outubro e volta definitivamente ao Brasil em dezembro.

Carta para
Henfil. (Arquivo
Herbert de
Souza).

20 outubro, 79

Mano, e vocês todos da República da Itacolomi!!!!

Depois de 15 dias de sonho eu acordei uma bela manhã ao lado da Maria aqui no México: eu havia voltado ao Brasil, havia reencontrado minha história, minhas raízes, meus amigos, feito outros, respirado um país que era o meu, um povo que era o meu, e mais importante ainda, parecia que estava vivendo em uma democracia!!! Os presos saíam das prisões, os políticos politicavam, os músicos cantavam, a imprensa trabalhava, os operários faziam greve, os telefones eram usados sem medo e alguns grupos de esquerda inclusive já estavam fazendo sua história revelando fatos inéditos...

Parecia um país capitalista qualquer, comum, igual aos outros, tantos outros onde eu havia vivido nestes últimos

Com Theotônio
dos Santos e
Vânia Bambirra,
no aeroporto
do Rio de
Janeiro, em
setembro de
1979.



Foto de Arquivo/ Agência O Globo

nove anos de exílio...

Em todo lugar aonde chegava tudo parecia normal, até no Degran para tirar o visto de saída ou no Deic para tirar carteira de identidade. O pessoal do TRE era amável, e os delegados sorriam como em toda parte.

No sindicato de Santo André os líderes sindicais lideravam normalmente, em Mauá os velhos amigos seguiam o seu caminho de solidariedade com o povo do Zaíra.

Nas casas dos amigos quando alguém chegava e batia na porta não provocava temores, a porta era aberta normalmente e a conversa seguia.

No Rio, no jantar da casa do Marcelo [Cerqueira], hoje deputado, ontem meu amigo Tuneba, parecia que estávamos fazendo uma reunião da Editora Universitária, até o Cacá Diegues estava na reunião buscando idéias para o seu novo filme do CPC... O César Guimarães atacava o mundo, o Marcelo pragmaticamente defendia o bom senso, o peruano havia faltado... Depois no sábado ali estava eu na praia, junto com o Xico [Mário], a Nívea e alguns amigos, nós e o mar.

Uma visita ao Xico Buarque para dizer que nós todos havíamos decidido agradecer-lhe por todas as músicas que ele nos fez cantar juntos nos últimos 15 anos de nossa história.

E ele estava ali, calmo, tranqüilo, olhando, pensando como um ser sem susto, apesar dos olhos bem abertos... O que me pareceu então um toque meio irreal foi ele ter tentado falar com o Gabo na Itália, porém, fora este detalhe, tudo parecia normal.

Com o Tarik e a Marta, junto com o mano e a Nívea, fomos ao forró ali perto do Lamas... E ali também foi tudo muito normal, parecia que todos acreditavam realmente que tudo estava normal. No Lamas, agora em lugar novo, cheguei a saber que o velho Artur ainda trabalhava lá, e tive curiosidade de saber o que havia acontecido com sua filha que naqueles tempos de UNE era a sua grande preocupação: tinha medo de deixá-la sozinha quando saía para trabalhar. Será que ela se casou?

Com o João Batista (não o Figueiredo, com quem nunca ri) me surpreendia rindo de tanta coisa que até me relaxei quando estava chegando em sua casa para almoçar, na mesma casa onde antes a gente chegava de costas "por las dudas"...

Ah, o Noguchi, lembra-se? Pois é, fui lá na casa dele

e ele estava lá, igualzinho ao que era em Belo Horizonte.

E tanta gente, com mais de duzentos amigos, amigas, a Mariza Fofuquinha ali tão igual, tão gente, e tanta gente com tanto carinho e com tanta tristeza e dor que o tempo transformou em humanidade, a humanidade mais linda que já vi nestes últimos 43 anos de existência.

E então, meu mano, eu descobri que havia voltado ao meu país, à minha história e estava tudo lá, vivo, apesar de me parecer irreal, e que eu era uma parte de tudo isso. Tive aquela sensação de que existia, tive aquela percepção de que deveria ir até o fundo do poço de minha história, no embalo da volta, para percorrer de novo um caminho novo com os olhos do presente e o conhecimento do passado. Não posso te descrever com palavras esta descoberta: que o passado também era vida, que o passado se podia reviver como presente, que o mundo tinha dois sentidos reais e que o momento, o presente, era só a ponte por que passamos a cada momento... Não dá, as palavras são curtas.

E fiquei com raiva do exílio, com a crueldade de uma situação que corta as plantas de suas raízes, as cabeças dos corpos, a emoção do grito e do riso... é duro, quando se vive e se revive.

E aquela gente toda voltando, e eu também no meio do redemoinho... Ah, as perguntas: a ciranda louca da imprensa, o caleidoscópio de um país lido nas páginas dos jornais, o canibalismo triturando o Arraes, Lula, Brizola, o PT, o PTB, o MDB... A festa estranha de uma realidade construída nas redações dos jornais. Fechei minha boca, virei leitor cauteloso buscando de trás da versão o fato.

Bom, do lado normal e comum da vida, quanto pão de queijo, quanta galinha ao molho pardo, guaraná, reunião de família, dona Maria lá no canto rindo contentinha de ver a família reunida, tão normal e tão rara... Estranhos recuerdos!!! Del futuro!

Então num dia de manhã tomei o carro para o Galeão, entrei no avião e acordei aqui no México ao lado da Maria. Abri os olhos, e comecei a contar pedaços do sonho para ela, uma novidade. Não sei por que me impressionou um detalhe do sonho: o Pajeu chegando com umas jabuticabas de manhã, pra gente comer antes da despedida. Ele vinha sério, era uma cerimônia mineira, ele sabia que esta era a única fruta que não se encontra

fora do Brasil... E me disse: quando você voltar vamos conversar! Não sei por que, me impressionou, me emocionou o gesto, a solidariedade do presente na porta da volta... contei também pra Maria que por toda parte estava presente a Ruth Escobar, trilhando o Brasil, vigiando cada passo do que ocorria no país, enquanto nós sonhávamos, dirigia um grande teatro, não me lembro o nome da peça. Num canto de uma sala, ali estava também o Adão Pereira Nunes e sua companheira (nunca me lembro do nome dos santos) servindo numa mesa muito grande uma carne seca com abóbora e uma cachaça de Campos... Te juro que foi real, durou pouco, o Lisâneas [Maciel] também comeu, ele viu.

Já agora eu tinha que ir para a Universidade. Quando voltei a Maria me perguntou: mas então, quando vamos voltar para o Brasil?

Fiquei assustado, inseguro. Quando?

Mas posso, podemos? Como? Acabou a ditadura? Desmontaram a repressão? Prenderam as feras que se haviam apoderado da noite e dos pesadelos? Será sonho o que vivo aqui, no México? Será realidade o que todos vivem lá? A democracia? O sinal verde de que estamos vivendo o comum, o normal, o poder viver como todo o mundo? Viramos todo o mundo?

Não soube responder, só me lembro de que quando estava aí eu dizia no sonho: vou voltar em dezembro!

Agora, acordado, não sei mais, nem sei mais onde sonho e onde acordo. Procuro pontos de referência, analiso a "realidade" e vejo dois mundos abraçados com dois punhais nas costas (um nas costas do outro): o do regime e o da democracia, a violência dos que dominam e o despertar animado dos dominados, a dor do passado (que ainda dói) e a alegria do presente. Os dois são reais, os dois existem, os dois estão convivendo, mas um sabe que não pode viver se o outro vive. Quando penso nisso, tenho medo, tenho vontade de chorar, por mim, por você, pela humanidade. Penso num desenlace monstruoso, mesmo que curto e fulminante. Penso nos homens frios que dirigem a história de milhões de escravos, com os olhos finos olhando a hora da festa terminar... E daria tudo para que fossem impotentes. Mas vejo suas mãos apertando botões de computadores, armas automáticas, câmaras de tortura, de bancos transnacionais. Vejo a ordem dos guardiões da riqueza de uns poucos, em cima de nossos sonhos, de nossa utópica (real?) fome de fraternidade.

E tenho vontade de pedir tempo, para completar a obra de nossa utopia, que pode ser real a partir de nós mesmos, da força terrível, invencível, da solidariedade organizada e consciente dos dominados.

Daqui de longe, vejo estes dois mundos abraçados, e os dois punhais...

Esta visão paralisa, me dá medo... E te confesso por que tenho medo: é que é tão bom viver para assistir à chegada da democracia, da liberdade, da sociedade com que sonhamos todos! Eu não queria morrer antes, eu queria assistir a esta festa!

É tão triste morrer vendo a cara de um torturador insano, num pedaço de mundo que só existe para matar o que não morre... E, no entanto, nos mata. Penso nos olhos de um Raimundo morrendo na OBAN, como resgatar nele o nosso sonho?

Penso na morte de tantos mortos que morreram para que pudéssemos dar vida a esta esperança que não morre, mas que nos mata.

Volto a Bocaiúva para buscar lá o começo deste pesadelo... Que foi que mudou? O que aconteceu neste mundo e neste Brasil, que de repente nos apresenta esta máquina da morte e estes homens que administram a lógica da miséria?

E tenho medo também porque eu sei, eu sinto, que este dia está a caminho, vai chegar como chegamos, vai existir como existimos, o medo então é de cair minutos antes da chegada, na solidão de uma violência sem destino.

As marcas do exílio, talvez seja. Mas também a visão de longe de um Brasil que foi invadido por seres que nem o amam nem o deixarão por livre e espontânea vontade... Com a cumplicidade dos que hoje nos dominam. Então, mano, eu vacilo em meio a estas dúvidas, e principalmente depois que durante 15 dias eu vivi entre os amigos e amigas a antecipação da democracia que virá, não só para nós, uns poucos, mas para todos.

Sei que não posso ficar aqui, sei que tenho que estar aí. Sei que é impossível pensar que isto aqui é que é o sonho e que o "sonho" daí é irreal... Fiquei perdido na volta, a alegria me deixou covarde... Na tristeza eu fui capaz de enfrentar a morte todos os dias durante os cinco anos de clandestinidade.

Os problemas de emprego são secundários, o trabalho da mudança não conta, a grande questão agora é cruzar o

rio depois de haver conhecido a outra margem...

Abração,

Bet.

PS:

Você faz chegar esta carta ao Otto Lara?

A verdade é que não sei se volto em dezembro. Não recebo desde 15 de julho. Aí não tenho nenhuma oferta concreta. Só sei que a Maria vai dia 17 de dezembro ou antes (o Camões [Carlos Afonso] vai no dia 19) também para viver o sonho dela e renascer porque necessita e merece.

1981

Funda, com Carlos Afonso e Marcos Arruda, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, o Ibase, contando principalmente com recursos provenientes de organizações internacionais ligadas a igrejas. Trabalha como consultor da Food and Agriculture Organization (FAO) para projetos agrários e migrações na América Latina.

"Em função da minha própria vontade, mas também do fato de que meu irmão tinha feito uma grande mobilização em torno da 'volta do irmão do Henfil', quando a anistia saiu, eu voltei automaticamente. Não tive sequer o direito da dúvida, se deveria voltar ou não. (...) E aí tomei consciência

Com Carlos Afonso (sentado) e Marcos Arruda, no Ibase, em junho de 1985.



Chiquito Chaves/ AUB

nítida de que aquilo que parecia um sonho tinha realmente acontecido. E retomo então toda uma história interrompida no Brasil, tentando organizar aqui uma experiência nova, que é o Ibase." (*A Gazeta*, 24/3/1986)

"Nos primeiros meses, fizemos nada menos do que 60 reuniões com amigos, conhecidos e gente que estava disposta a apoiar a criação do Ibase, antes de começarmos a trabalhar." (*Folha de Londrina*, 1/4/1983)

"É um anti-SNI. O Ministério da Informação dos Pobres. (...) Lutamos por uma sociedade igualitária e participativa. O Ibase não quer substituir os atores sociais. Não tem a pretensão de dirigir os movimentos populares. Nossa particularidade é justamente essa: não queremos ser poder do Estado nem manipular os movimentos contra ele." (*JB*, 23/6/1985)

1982

Nasce em abril seu segundo filho, Henrique.

1983

Em março, é indicado coordenador da Campanha Nacional pela Reforma Agrária, lançada oficialmente, pelo Ibase e outras entidades, no dia 28 de abril, no Rio de Janeiro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

"Enquanto membro da Campanha Nacional pela Reforma Agrária (CNRA), continuo achando que a luta pela reforma agrária é uma luta política fundamental. É uma das reformas mais graves, mais sérias e mais difíceis de realizar. Ela está

Com o filho
Henrique.



na raiz da sociedade brasileira; de tudo que a sociedade tem de autoritária, atrasada, de negativo. (...) A grande tarefa continua sendo a mobilização; a conquista de aliados; campanhas de esclarecimento, principalmente nos grandes centros, o apoio concreto às lutas dos trabalhadores e dos sindicatos rurais; a promoção de uma articulação campo/cidade que mostre à cidade que ela é assim porque não se faz a reforma agrária no campo. As pessoas vão descobrir que o assaltante, a violência, a inflação, o desemprego, o subemprego, a prostituição, o roubo, o contrabando, todas essas coisas que se concentram na cidade são filhas da terra, da terra não dividida." (*Revista Brasil Agrícola*, 7/1986)

1986

É diagnosticada sua contaminação pelo vírus da Aids, contraído em uma das transfusões de sangue que fazia com frequência devido à hemofilia. O mesmo ocorre com seus irmãos Henfil e Chico Mário, também hemofílicos.

"A evolução da hematologia já estava me dando uma certa sensação de imortalidade. A Aids veio recolocar a questão da morte. Quando tive o resultado do teste, disse: 'Bem, sou positivo mesmo. Tenho que me preparar para ela'. E me cerquei de uma santíssima trindade. Pensei: 'Quero um clínico'. E escolhi o ginecologista da minha mulher, porque acho que os ginecologistas têm uma sensibilidade maior para tratar da vida. Cheguei para o dr. Tomás e disse: 'Agora você é meu médico'. Quis um infectologista para fazer o meu monitoramento e escolhi o dr. Walber. Achei



que precisaria também de um psicanalista, para elaborar todo o processo, e fiquei com o dr. Nazar. Esse acompanhamento às vezes se dá bebendo chope, conversando, sem aquele ritual da tragédia." (JB, 13/9/1987)

"Eu fui criado sempre como doente, portanto doença para mim não é novidade nenhuma. Nasci doente, fui criado doente, vivi doente. Digo que sou doente, marxista, subversivo, exilado, imagina só, todas as doenças, tudo que é desgraça está aí junto." (Manchete, 15/7/1989)

Em dezembro, funda a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) e é eleito seu presidente.

"Decidi então ajudar os meus irmãos hemofílicos; e quando digo meus irmãos não são só os meus, mas todos os mil hemofílicos que estão registrados: 70% estão contaminados, mais de 35% já morreram e deve haver uns 60% em tratamento. Foi então que decidimos fundar a Abia." (JB, 13/9/1987)

1987

Promove campanhas pela aprovação de emendas populares na Assembléia Nacional Constituinte, destacando-se aquelas relativas à questão agrária.

Aniversário de 80 anos de dona Maria, em Belo Horizonte. Abril de 1986.



1988

No início do ano morrem seus irmãos Henfil e Chico Mário, em decorrência da Aids.

"Por que haviam logo eles morrido, se eram meus irmãos, a quem telefonava com o hábito de quem acreditava poder fazer isso por séculos e séculos seguidos? De repente, ninguém do outro lado da linha. Números riscados numa agenda sem remédio. Ainda a lembrança do Chico no enterro do Henfil dizendo para mim, entre espanto e humor: hoje é o Henfil, amanhã serei eu e você irá daqui a três anos...bem, digamos cinco!" (JB, 30/1/1992)

Em setembro assume o cargo não-remunerado de Defensor do Povo da Cidade do Rio de Janeiro junto à Prefeitura. Coordena o lançamento da campanha *Se liga, Rio*, em reação ao pessimismo que se abatera sobre a cidade no final do mandato do prefeito Saturnino Braga, marcado por grave crise financeira.

"Todas as cidades de mais de quatro milhões de habitantes são violentas e têm crime organizado. O problema é que em Nova York o crime é realmente organizado: você é assaltado nesse quarteirão, mas não no outro. No Rio, o empobrecimento, o esvaziamento econômico e o incremento do tráfico de drogas está desorganizando o crime, está redefinindo o

Henfil

Chico Mário

Foto de Arquivo/Agência O Globo, de 30/03/1987.



Foto de Arquivo/Agência O Globo, de 23/09/1985.

território da violência – daí essas guerras em territórios onde correm milhões de dólares. E isso numa cidade desprotegida. Se não partirmos para uma ofensiva, vamos para uma situação colombiana, de desaparecimento do Estado, onde os juízes são assassinados etc... Os riscos são grandes, por isso o Rio tem de *se ligar*." (JB, 23/10/1988)

1989

Passa a funcionar plenamente o primeiro servidor brasileiro a permitir acesso à internet, o Alternex, montado pela equipe do Ibase.

"O micro pra mim é um instrumento de quebra de monopólio. Como equipamento, é a coisa mais próxima do cidadão que você possa imaginar. (...) Quando você senta diante de um micro, ou você está se comunicando porque está fazendo um texto ou porque entrou na internet. Você está tomando uma postura ativa na comunicação." (JB, 24/10/1995)

1990

Coordena a campanha *Não deixe sua cor passar em branco – responda com bom c/senso*, que tinha o propósito de incentivar os cidadãos a declararem sua cor no censo.

Idealiza o encontro Terra e Democracia, que se realiza em 23 de setembro, com o objetivo de denunciar os elevados índices de violência no campo,

Em Bocaiúva.
Julho de 1986.

Dançando com
dona Irene, em
aniversário do
Ibase. Março de
1987.



chamar a atenção para os problemas da ocupação do espaço urbano e unir a questão da terra, antiga bandeira do Ibase, à da democracia. O evento reúne 200 mil pessoas no Aterro do Flamengo.

1991

Em junho, recebe o Prêmio Global 500, um dos mais importantes prêmios ambientais do mundo, oferecido pela Organização das Nações Unidas (ONU). A premiação se deveu à campanha pela reforma agrária e aos esforços em favor da despoluição da baía da Guanabara e da preservação da Amazônia.

Entre julho e setembro, organiza no Rio o encontro Terra e Democracia II.

Em outubro, coordena o lançamento do projeto *Se essa rua fosse minha*, voltado para a população de crianças de rua do município do Rio de Janeiro.

"É claro que dar um abrigo às crianças de rua é apenas um primeiro passo. Estamos conscientes de que elas precisam de família, e que as famílias precisam de emprego, de distribuição de renda, de terra para trabalhar, de garantia dos seus direitos fundamentais. Porém, um primeiro passo precisa ser dado. E já! (...) Maldito é o país que consegue transformar essas crianças de vítimas em culpadas, em ameaça à segurança, e que declara guerra a quem precisa de amor." (*O Dia*, 1/4/1992)

Com Henrique.



1992

Em junho, propõe uma campanha para que os restaurantes doem as sobras de alimentos para comunidades carentes, iniciando sua luta contra a fome.

Em julho, participa da organização do Movimento pela Ética na Política, que reúne importantes entidades da sociedade civil em favor da apuração das denúncias de corrupção no governo Fernando Collor de Melo. Com a confirmação das acusações, o movimento cumpre papel fundamental no pedido de abertura do processo de *impeachment* do presidente.

"Cada política tem sua ética. Cada ética produz sua própria política. No caso brasileiro foi sendo criada a idéia de que a política se separou definitivamente da ética, como se isso fosse possível. Aqui política é corrupção. Político é corrupto. No poder todos se vendem por diferentes preços. Chegam puros, no poder se corrompem inevitavelmente. De tanto acontecer até parece que virou verdade." (*Tempo e Presença*, 4/1992).

1993

É um dos principais articuladores da campanha da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, lançada em março. O movimento ficaria conhecido por muitos como "campanha contra a fome" ou "campanha do Betinho".

"Nós não estamos diante de uma simples campanha, mas sim diante de um movimento. Um movimento que não tem comitê central, que não deve obediência a nenhuma pessoa. Um movimento que pode mudar esse país." (*Publicação do Comitê Rio*, n. 5, 08/1994).

"Cada injustiça me mobiliza de uma forma. A fome é a pior delas. Contra ela vou até o fim." (*O Estado de S. Paulo*, 14/12/1996).

Nesse mesmo ano, recusa convite do presidente da República, Itamar Franco, para presidir o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea), órgão consultivo voltado para o combate à fome no Brasil, e decide participar apenas como conselheiro da entidade.

Em outubro, recebe do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) o Prêmio "Crianças e Paz", concedido em reconhecimento ao seu trabalho em defesa dos direitos das crianças brasileiras.

1994

Em março, sob o lema “Comida para combater a fome e trabalho para combater a miséria”, lança a campanha contra o desemprego, segunda etapa da Ação da Cidadania, baseada no mapa do mercado de trabalho no Brasil, elaborado pelo IBGE.

Em abril, torna-se público que Betinho e Nilo Batista, então governador do Rio de Janeiro, receberam dinheiro oriundo do jogo do bicho com o objetivo de ajudar a Abia, que no final de 1990 passara por sérias dificuldades financeiras. A notícia o coloca no centro de um amplo debate veiculado pela mídia, no qual é alvo de acusações e também de inúmeras manifestações de solidariedade.

“Haviam construído em torno de mim uma aura de santidade, de virtude, de coisa imaculada, uma unanimidade, o que, incontestavelmente, foi uma mistificação, que me deixava em posição difícil. (...) Então, de certa maneira, esse episódio teve o mérito de quebrar o gelo, desfazer o mito e o processo de mitificação, fazendo-me voltar à normalidade, à condição de uma pessoa que tem virtudes, mas que também é capaz de se enganar, de ter idéias tanto más quanto boas, como qualquer ser humano.” (*Revoluções da minha geração*)

Em agosto, faz um pronunciamento na ONU, em reunião preparatória para a Conferência de Cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social.

Com Cândido Grzybowski, Roberto Bissio, Átila Roque e João Shlanger na ONU.

Discursando na ONU em 1994.



"É a partir do olhar ético que o mundo precisa encarar os desafios que o desenvolvimento social nos impõe. É sob o ponto de vista ético que temos que olhar para a integração social, para o combate à pobreza, a geração de emprego, que são os temas dessa conferência. Que valores queremos num mundo que exclui, deixa com fome e divide cidadãos e cidadãs entre os que comem e os que não comem? Queremos os valores da ética e da democracia." (*Democracia*, n. 105)

1995

Entrega ao presidente Fernando Henrique Cardoso em 1º de janeiro, data de sua posse, o documento intitulado "Carta da Terra".

Em fevereiro, toma posse como membro do conselho consultivo do projeto Comunidade Solidária, que substitui o Consea.

"Exílio político o sociólogo Fernando Henrique conhece. E com esse exílio a anistia acabou há 15 anos. Mas o Brasil tem produzido uma legião de exilados econômicos para os quais os governos têm sido incapazes de olhar. Para esses excluídos tem sobrado apenas o assistencialismo simplista, que só serviu para deixar tudo como está. É nessa armadilha que não gostaria de ver o sociólogo cair." (*Folha de S. Paulo*, 10/10/1994)

1996

É homenageado no Carnaval carioca pela Escola de Samba Império Serrano com o enredo "E verás que um filho teu não foge à luta".


Criticando a baixa prioridade concedida pelo governo à agenda social, resolve sair do conselho do projeto Comunidade Solidária.

"Esperava o anúncio de um *New Deal* para o Brasil, sonhei com um Roosevelt dos anos 30 para um Brasil dos anos 90 e me frustrei. Estou convencido de que a miséria não é uma questão central do governo brasileiro, nem de nossa elite. E nunca foi. (...) Por tudo isso e depois de fazer tudo o que me foi possível decidi sair do Conselho. Daqui da planície vou continuar a colaborar e criticar exercendo minha cidadania." (*Correio Braziliense*, 17/5/1996.)

Recebe o título de doutor *honoris causa* da Universidade de York.

O texto da Carta da Terra circulou sob a forma de abaixo-assinado, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, com o objetivo de reforçar a luta pela reforma agrária no país.

DEC 17 1994 13:30



AVEZ DA TERRA

P. 02

CAMPANHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA

CAMPANHA DE ASSINATURAS EM FAVOR DA REFORMA AGRÁRIA ENDEREÇADA AO NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Terra e cidadania

Um dia a vida surgiu na terra. A terra tinha com a vida um cordão umbilical. A vida e a terra. A terra era grande e a vida pequena. Inicial.

A vida foi crescendo e a terra ficando menor, não pequena. Cercada, a terra virou coisa de alguém, não de todos, não comum. Virou a sorte de alguns e a desgraça de tantos. Na história foi tema de revoltas, revoluções, transformações. A terra e a cerca. A terra e o grande proprietário. A terra e o sem terra. E a morte.

Muitas reformas se fizeram para dividir a terra, para torná-la de muitos e, quem sabe, até de todas as pessoas. Mas isso não aconteceu em todos os lugares. A democracia estourou na cerca e se feriu nos seus arames farpados. O mundo está evidentemente atrasado. Onde se fez a reforma o progresso chegou. Mas a verdade é que até agora a cerca venceu, o que nasceu para todas as pessoas, em poucas mãos ainda está.

No Brasil a terra, também cercada, está no centro da história. Os pedaços que foram democratizados custaram muito sangue, dor e sofrimento. Virou poder de Portugal, dos coronéis, dos grandes grupos, virou privilégio, poder político, base da exclusão, força de apartheid. Nas cidades virou mansões e favelas. Virou absurdo sem limites, tabu.

Mas é tanta, é tão grande, tão produtiva que a cerca treme, os limites se rompem, a história anula e ao longo do tempo o momento chega para pensar diferente: a terra é bem planetário, não pode ser privilégio de ninguém, é bem social e não privado, é patrimônio da humanidade e não arma do egoísmo particular de ninguém. É para produzir, gerar alimentos, empregos, viver. É bem de todos para todos. Esse é o único destino possível para a terra.

Assinam essa carta os que desejam mudar a terra, querem democratizar a terra, querem democracia na terra, querem reforma agrária. Mas ainda neste século. Já se esperou demais. A democracia na terra é condição da cidadania. Esta é uma tarefa fundamental da **Ação da Cidadania**.

Que o novo Presidente execute essa reforma. Que o novo Congresso legisle pela reforma. Que os novos governadores participem dessa mudança. E que a sociedade seja o verdadeiro ator dessa nova peça para mudar a face da terra. A partir daí a vida na terra será melhor.

Herbert de Souza (Betinho).

Seguem, abaixo, as assinaturas de todas as pessoas ou entidades que concordam com os termos desta carta.

Nome e/ou Entidade	Documento de Identidade
1 Maria José da Silva - Pastoral da Criança	468832904
2 Maria Domingues Soares - Pastoral da Criança	4064458734
3 Cláudio da Silva - Pastoral da Criança	1510601254
4/ Diogo Domingues Soares	5059018522

Aproveitando a candidatura da cidade do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2004, apresenta ao Comitê Olímpico Internacional (COI) a Agenda Social Rio 2004, programa que estabelece metas para a melhoria da qualidade de vida dos moradores da cidade.

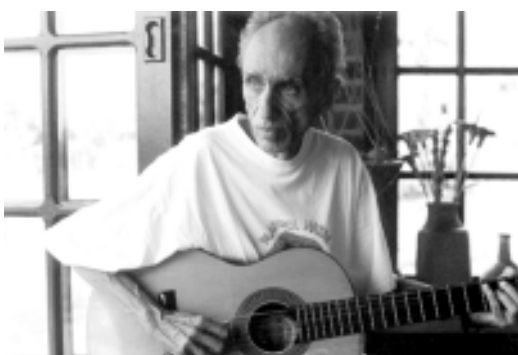
"Se for só para fazer carnaval, prefiro que os Jogos Olímpicos sejam realizados na Bahia. Ou que seja em Tóquio, Miami, Roma, ou outra cidade mais bem estruturada. (...) Temos que aproveitar essa rara oportunidade para chamar a atenção de todos e mostrar que podemos mudar a história da nossa cidade." (*O Globo*, 20/11/1996)

1997

No início do ano, lança a campanha pela responsabilidade social nas empresas, conclamando os setores privado e público.

"É possível pensar nessa realidade: ter não somente um balanço financeiro das empresas, mas um social, para que o conjunto da sociedade tome conhecimento do que já avançamos e do que teremos ainda a avançar nessa direção. Os tempos

Momentos em sua casa de campo, em Itatiaia, refúgio dos finais de semana, com Maria e Henrique. Novembro de 1996.



e as consciências estão maduros para que essa idéia caia em terreno fértil e se transforme em realidade. Que cada um tome a iniciativa e faça a sua parte enquanto há tempo. O Brasil não pode esperar que o desenvolvimento passe por cima dos interesses e das cabeças de milhões de pessoas.” (*Folha de S. Paulo*, 26/3/1997)

No dia 9 de agosto, cercado da família e de amigos, morre em sua casa, no Rio de Janeiro, em decorrência da Aids.

No seu aniversário de 61 anos, com seu médico, Dr. Walber Vieira, o amigo Átila Roque e a filha deste, Bebel, e Zico, o cachorro. Itatiaia, novembro de 1996.

“Quero morrer em paz, na cama, sem dor, com Maria do meu lado e sem muitos amigos porque a morte não é ocasião para se chorar, mas celebrar um fim, uma história.” (Carta para Maria, janeiro de 1997)

“A utopia só tem sentido quando se liga ao concreto, ao real.” (*Revoluções da minha geração*)



O Brasil fora do Brasil



O Brasil fora do Brasil

"Eu digo que às vezes eu sinto um misto de amor e ódio pelo Brasil!

Amor, porque quem viveu no exílio nove anos tem a exata noção do que significa ter nascido num país, ter crescido e sofrido nele. E mesmo assim querer voltar. E mesmo assim, voltar.

Amor, porque eu sei que aqui existe uma imensa população, com uma imensa generosidade, com uma imensa capacidade de fazer, de mudar, de ser solidário.

Mas ódio também, porque sua elite dominante consegue realizar as coisas mais bárbaras que se possa ter imaginado."

Henfil e Betinho
entrevistam
Francisco Julião
para o Pasquim,
no México, em
1978.

Betinho costumava comentar que seu exílio começou logo após o golpe militar de 1964, quando entrou na clandestinidade e se tornou estrangeiro em seu próprio país. Enquadrado na Lei de Segurança Nacional, seu pedido de prisão foi imediatamente decretado. Em julho de 1964, o Centro de Informações da Marinha (Cenimar), em documento oficial, solicitava informações que levassem ao paradeiro de "Herbet José de Souza, brasileiro, solteiro, educação nível superior, com os seguintes dados antropométricos: altura: aproximadamente 1,70m; idade: 28 anos; cabelos: castanhos bem claros, ondulados; olhos: castanhos claríssimos (quase ouro); complexão: bem franzino (semi-esquálido); rosto: fino, maçãs salientes, queixo levemente quadrado, olhos grandes, nariz grande e arredondado, sobancelhas cerradas, barba e bigode raspados; tez: morena clara (de sol); cor: branca. Características: anda levemente curvado, braços exageradamente abertos em relação à horizontal do corpo. É hemofílico. Costuma trajar-se a caráter social (paletó e gravata). Aspecto de pouca saúde. Introverso."¹

Perseguido pelo regime, Betinho viveu anos bastante tumultuados no Brasil. Dirigente da Ação Popular (AP), teve intensa atividade política: viajou em missão para o Uruguai e Cuba, chegou a ser detido pelos órgãos de segurança, conseguiu escapar e trabalhou como operário no ABC paulista, seguindo diretrizes da organização. A perseguição cada vez mais cerrada por parte do governo, a prisão e a morte de muitos militantes, somadas à fragilidade física de Betinho, foram elementos decisivos, no entanto, para que a AP determinasse por sua saída do país, em 1971. O Chile, sob o

governo de Salvador Allende, foi seu destino, como o de milhares de brasileiros que buscavam refúgio, ao mesmo tempo que viam o país como um grande laboratório de construção do socialismo.

No Chile, Betinho deixou de ser um foragido. Abandonou os vários disfarces e codinomes que usara ao longo da clandestinidade no Brasil e, sem abrir mão da política, voltou a ser Herbert de Souza, retomando suas atividades como sociólogo. Em Santiago, lecionou na Escola de Sociologia da Universidade Católica do Chile e na Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso), onde também foi pesquisador. Nesse período, publicou alguns trabalhos acadêmicos sobre a conjuntura política chilena e participou do IV Congresso Latino-americano de Sociologia, realizado em Santiago, em 1972.

No ano seguinte, foi trabalhar na Oficina de Planificação da Presidência da República (Odeplan), atendendo a um convite que Darcy Ribeiro lhe havia feito pouco depois de sua chegada ao Chile. Prevendo partir para o Peru, onde iria trabalhar junto ao presidente Juan Velasco Alvarado, Darcy propôs que Betinho o substituísse na assessoria do presidente Allende. Essa experiência teve um sabor especial para Betinho que, banido de seu país, onde suas idéias não podiam nem mesmo ser expressas, viu sugestões suas serem incorporadas à política governamental chilena.

O contexto político brasileiro era, porém, a grande preocupação de Betinho. Junto com Almino Afonso, Mário Pedrosa, Rangel Bandeira e outros, dirigiu o Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (Iese), entidade que organizava cursos e publicações voltados para o Brasil, e se dedicava à pesquisa e ao desenvolvimento de um banco de dados sobre diversos países da América Latina. O Iese desempenhou importante papel na articulação dos exilados brasileiros e chegou a produzir programas de rádio dedicados ao Brasil.

Foi ainda no Chile que Betinho viveu duas importantes experiências: rompeu com a Ação Popular, organização que havia criado dez anos antes, e reencontrou Maria, sua grande companheira. Quando ele partiu para o Chile, Maria permaneceu em São Paulo, em função de seus trabalhos como militante da AP, e chegou a pensar que jamais reencontraria Betinho. Em 1972, no entanto, devido à desarticulação progressiva da AP, seus dirigentes decidiram que Maria também deveria seguir para o Chile. Nesse reencontro, no qual a verdadeira identidade dos dois – mantida em segredo desde que se conheceram, dois anos antes, por questões de segurança –, pôde ser revelada, consolidou-se uma relação que iria durar até a morte de Betinho.

A deposição do governo Allende, em setembro de 1973, fez com que revivessem a angústia da perseguição e marcou o início de uma nova fase

no exílio do casal. Logo após o golpe, militares invadiram a casa de Betinho, que havia ido à Flacso em busca de notícias, e deixaram com Maria uma ordem para que ele se apresentasse no quartel. Levando apenas uma pequena sacola de roupas, ela foi ao encontro do companheiro na Flacso, de onde saíram para a casa de um amigo chileno que, no dia seguinte, os colocou na embaixada do Panamá.

A estadia de cinco meses no Panamá foi marcada pela indefinição e pela transitoriedade. Desde o início, Betinho e outros brasileiros sabiam que, devido às condições políticas e às dificuldades do mercado de trabalho, não seria possível estabelecerem-se no país. Contatado pela amiga Isa Guerra Labelle, que participava do Movimento de Refugiados Políticos do Canadá, Betinho assumiu um papel importante na organização de listas de candidatos a asilo político e no contato com autoridades canadenses. Em 12 de novembro de 1973, escreveu uma carta ao parlamentar Andrew Brewin, em nome de todos os refugiados do Chile, na qual agradecia por sua ajuda e pela generosidade e solidariedade do povo canadense diante da situação de chilenos e latino-americanos “perseguidos devido a seu sincero desejo de ajudar os pobres e explorados de seus países a viverem uma vida melhor”.²

As negociações deram certo. Betinho e Maria desembarcaram em Toronto em fevereiro de 1974, sob o impacto de um choque cultural e térmico: não falavam inglês e jamais haviam experimentado uma temperatura de 20 graus abaixo de zero. Acolhidos, inicialmente, no seminário católico de Scarboro, passaram algum tempo na casa de um casal, antes de irem para um apartamento no *campus* da Universidade de York. Betinho conseguiu ingressar na universidade como aluno do doutorado de ciência política com a ajuda de uma professora finlandesa que aí lecionava, Lisa North, que ele conhecera em uma festa na casa do amigo Rangel Bandeira.

Como chegaram sem nenhum documento e sem um estatuto definido, durante o primeiro ano no Canadá, Betinho e Maria responderam, regularmente, a um inquérito do governo canadense, ao longo do qual conseguiram provar que não podiam voltar ao Brasil sob o risco de serem presos ou mortos. Ao final desse inquérito, obtiveram autorização do Congresso para permanecer no país na condição de imigrantes, o que lhes garantiu uma série de facilidades, entre as quais a permissão para cruzar a fronteira dos Estados Unidos livremente.

O sustento, no Canadá, veio de fontes diversas. Os primeiros recursos vieram do governo e de um grupo de solidariedade que os apoiava; depois, de uma ajuda de custo da universidade onde Betinho cursava o doutorado e, um pouco mais tarde, de duas bolsas, em nome dele e de Maria,

concedidas pelo Frontier Internship Program (FIP), um programa que apoiava pessoas que se instalavam em um país e mantinham relações, ou promoviam trocas de experiências, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Receberam as bolsas – que, somadas, perfaziam 700 dólares por mês – por cerca de três anos, o que lhes garantiu o necessário para viverem modestamente.

Os quase cinco anos passados no Canadá foram marcados pela rearticulação de uma rede de exilados, interessados em produzir análises sobre a realidade social brasileira, e por contatos acadêmicos com inúmeros professores e centros de pesquisa estrangeiros. Betinho, Carlos Afonso e Paulo Kriskie criaram um centro de estudos sobre o Brasil, com o objetivo de produzir material para o público norte-americano. Posteriormente, ampliaram o escopo das pesquisas, que passaram a abarcar a América Latina, e incorporaram colaboradores chilenos, argentinos e de outras nacionalidades, criando o Latin American Reserch Unit. O Laru, como ficou conhecido, publicava cadernos temáticos, os *Laru Studies*, cujas assinaturas atingiam vários países, especialmente os Estados Unidos.

Em 1977, Betinho foi indicado por Theotônio dos Santos para dar um curso no Institute of Latin American Studies da Universidade de Glasgow, na Escócia. Nessa viagem, que durou cinco meses, Betinho conheceu René Dreifuss, cientista político uruguaio que estava completando seu doutorado na Escócia com uma pesquisa sobre o golpe de 1964 no Brasil e a doutrina militar que o sustentava. Betinho surpreendeu-se com a riqueza das fontes utilizadas por Dreifuss em seu trabalho: microfilmes dos arquivos do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais, o Ipes, que participara ativamente do golpe, e dezenas de textos da Escola Superior de Guerra, a ESG. Mesmo depois de deixar Glasgow, Betinho acompanhou o trabalho de Dreifuss e foi um leitor crítico de sua tese, comentada em longas cartas trocadas com o amigo. Os dois chegaram a escrever juntos um artigo, “Conceito de poder na ESG”, publicado em uma revista mexicana e, mais tarde, na *Revista Vozes*, no Brasil, assinado com pseudônimos.

Maria acompanhou Betinho até Glasgow, mas, de lá, seguiu para São Tomé e Príncipe, na África, onde foi participar de um projeto governamental ligado à área de comunicação. A separação de pouco mais de três meses produziu uma grande quantidade de cartas, escritas a cada dois ou três dias por Betinho e respondidas no mesmo ritmo por Maria. Dificultava a comunicação do casal, porém, a morosidade do correio, que criava uma grande defasagem entre o envio e a chegada das cartas trocadas entre os dois hemisférios. Nas cartas de Betinho, além de René Dreifuss e seu “incrível” material, aparecem ainda Regis Bittencourt, outro cientista político que passava pela Universidade de Glasgow, Galeno de Freitas, um

jornalista goiano que Betinho conheceu por intermédio de René e que se tornou seu amigo, e um grupo de bascos, entre os quais Xabier, um dos leitores “mais entusiasmados” de seus textos. Nos relatos de Betinho, fica claro que a atmosfera invernal da Escócia foi aquecida pelo diálogo acadêmico e pela camaradagem que se estabeleceu entre os estrangeiros que se encontravam por lá.

O reencontro de Betinho e Maria ocorreu em junho de 1977 em Lisboa, de onde voltaram para Toronto. Meses depois, Betinho recebeu novo convite de Theotônio dos Santos, dessa vez para lecionar ciência política no doutorado de economia que este estava dirigindo na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Com isso, no início de 1978, o casal deixou o Canadá com destino à cidade do México, onde iria viver um ano e três meses, na última etapa de seu exílio. Betinho ministrou aí um seminário sobre internacionalização do capital e Estado. Apesar da resistência inicial à moderna literatura norte-americana de esquerda que adotou em seu curso, foi recebido com muito respeito e admiração. Imaginando que permaneceria no México mais tempo do que efetivamente aconteceu, chegou a prestar concurso para professor titular da universidade, e foi aprovado.

No México, além de Theotônio, estavam o ex-líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião, e o ex-deputado federal Neiva Moreira, vizinho de Betinho e na casa de quem o grupo se reunia para discutir a formação de um partido de esquerda após o retorno ao Brasil. As articulações no exílio continuavam e, em junho de 1979, Betinho viajou para Lisboa, para participar de uma reunião onde se definiram as bases da nova legenda – até então pensada com a antiga sigla PTB –, sob a liderança de Leonel Brizola. Mas, quando chegou o momento de voltar ao Brasil, com a anistia, Betinho optou por não formalizar sua adesão a nenhum dos partidos que se organizavam, preferindo manter uma distância crítica e aproximar-se dos movimentos populares.

A campanha que se desenrolava no final dos anos 1970 em favor da anistia provocou também a intensificação dos contatos entre os exilados e os que haviam permanecido no Brasil, fazendo oposição à ditadura. No México, Theotônio, Neiva, Julião, Betinho e Brizola se reuniram com as lideranças oposicionistas Fernando Lyra, Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, que faziam uma viagem internacional para discutir com exilados a conjuntura política brasileira, às vésperas de ser sancionada a lei que, em agosto de 1979, finalmente permitiria o retorno dos banidos ao Brasil.

Quando a lei chegou, Betinho confessou-se surpreso. Apesar das notícias que recebia com regularidade e da insistência do irmão Henfil em apontar

os sinais de desmoronamento do regime, Betinho acreditava que a anistia ainda demoraria três ou quatro anos para acontecer. Logo em setembro, porém, desembarcou no Rio de Janeiro, ainda com uma sensação de incredulidade, medo e euforia. Foi recebido no aeroporto por cerca de duzentas pessoas que entoavam “O bêbado e a equilibrista”, cercado de sorrisos e abraços. Passou algumas semanas no Brasil reencontrando amigos, conversando, tomando cerveja e provando todos os quitutes que não havia saboreado nos últimos oito anos.

Betinho voltou em outubro para o México, onde havia deixado Maria, pediu demissão da UNAM, e os dois se transferiram definitivamente para o Brasil em dezembro de 1979. Aqui chegando, fizeram uma longa viagem e visitaram diversas cidades, partindo de São Paulo para o Nordeste. Fizeram o reconhecimento da paisagem, conversaram com o povo, descobriram o que havia mudado no país nos anos de exílio. Queriam ver o Brasil de dentro do Brasil.

Do longo período de exílio, dão testemunho, além de depoimentos de Betinho, alguns publicados em livro,³ centenas de cartas que integram seu arquivo pessoal. A seleção aqui apresentada, apesar de representativa, não esgota a riqueza do material: são cartas de parentes de Betinho e de Maria; de amigos que permaneceram no Brasil ou que, exilados como eles, relatam suas experiências em outros cantos do mundo; além de cartas trocadas com colegas com os quais Betinho dividia projetos acadêmicos, com professores e pesquisadores de diversas nacionalidades. Não se deve perder de vista que, nos anos 1970, a carta era o meio mais viável de comunicação entre pessoas que estavam em diferentes países. Além disso, a correspondência do arquivo nos dá notícia de um outro expediente bastante utilizado por parentes e amigos dos exilados: as fitas cassete, gravadas em geral em grupo, com músicas e mensagens para os que estavam distantes. As cartas mencionam, ainda, remessas de jornais e revistas, que mantinham os exilados informados sobre a situação política no Brasil.

Além de trazerem relatos, muitas vezes minuciosos, sobre a conjuntura do país, as cartas revelam, na sutileza de comentários ou de críticas, as perspectivas de diferentes grupos da esquerda brasileira. Revelam, ainda, que exilados e companheiros que permaneceram no Brasil formavam uma rede de informações e de apoio recíproco: trocavam informações sobre a situação de amigos que emigraram, sobre as condições de asilo em diferentes países – incluindo particularidades das condições de trabalho e de acesso à burocracia –, e sobre a situação de companheiros sobre os quais pesavam processos e condenações no Brasil. Um comentário recorrente entre os que emigraram dizia respeito à falta de documentos.

O governo brasileiro não concedia passaporte aos exilados, o que, em termos práticos, criava uma série de dificuldades e, do ponto de vista simbólico, representava sua condenação à condição de apátridas ou, em outros termos, sua perda de cidadania.

O Brasil é, no entanto, o tema mais recorrente de toda essa correspondência. Seja o Brasil real – o que acontecia no país, os avanços e recuos do regime –, seja o Brasil imaginado – o país que iriam construir quando as condições políticas permitissem, quando a anistia chegasse e a democracia vencesse o autoritarismo e o medo. Essa é, sem dúvida, a maior riqueza desse material, o que o torna singular para além da especificidade dos personagens e do momento histórico que nele se desenha. É essa mescla de tristeza e sonho que lhe confere humanidade. Ao leitor, a oportunidade de espreitá-la nos escritos que seguem.

Notas

¹. Cópia de documento do Ministério da Marinha, Estado-Maior da Armada, Cenimar, datado de 12/07/1964, que integra o dossiê pessoal de Betinho no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). (Arquivo Herbert de Souza).

². Documento original em inglês. (Arquivo Herbert de Souza).

³. São exemplos: Cavalcanti, Pedro Celso Uchôa; Ramos, Jovelino (coords.). *Memórias do exílio, Brasil 1964-1977*; Gontijo, Ricardo; Souza, Herbert de. *Sem vergonha da utopia: conversas com Betinho e Souza*, Herbert de. *Revoluções da minha geração: depoimento a François Bougon*.

Carta do cientista político Antônio Rangel
Bandeira para Betinho, no Panamá, relatando os
esforços, no exterior, após a queda do governo
Allende, em setembro de 1973, para ajudar os
chilenos perseguidos pelos militares, e os
brasileiros presos no Chile ou refugiados em
países da América Latina.

Montreal, 25. Out. 73

Meu caro Betinho,

No final de semana, indo a Quebec estar com Isa e Ivan, tive a satisfação de ouvir sua primeira conversa com Isa pelo telefone, que havia sido gravada. Cheguei aqui com um grupo de chilenos, entre eles a Carmem, e o Messias. Temos estado desesperadamente tentando ajudar o pessoal que ainda está lá, naquele inferno, e até o final da semana passada, os que estavam presos em Ezeiza. (Falei com Claude por telefone na 6ª passada, e ele tinha ao seu redor uns 75 brasileiros que haviam sido liberados e recebido um prazo de 24 horas para saírem do país, entre eles a Vera Silvia). Nesses últimos dias nos jogamos por inteiro nesse caso, como é natural, e agora voltamos a nos preocupar com os que já saíram e querem vir aqui pro Pólo Norte, como vocês e o André (o barbicha de óculos, que está no México).

Aqui em Montreal, onde a esquerda é pequena e dividida, e se digladiam para nos monopolizar, fazemos o possível por nos mantermos acima dessas brigas de estudante, e fazemos o possível para denunciar o que se passa no Chile e para receber mais refugiados (nossos dois principais objetivos): artigos e entrevistas para jornais (procuro sempre vincular a situação chilena com a brasileira – te mandarei algumas entrevistas que dei – e o caso brasileiro é bastante conhecido aqui, graças ao trabalho da Isa, êta paraíba arretada), entrevistas na televisão, conferências nas Universidades, em reuniões de intelectuais, onde quer que nos convidem. Quando soube da prisão do Serra (que abalou muito; um rombo no nosso trabalho no exterior), botei a boca no mundo; te mandarei as notícias que saíram. Sobre outros brasileiros presos no Estádio Nacional, a Isa recebeu os nomes da Ângela e do Jader, da Angelina (sogra do Pezutti), Tarzan de Castro, aquele menino de vocês que estava na 1ª reunião do IESE, e outros, cujos nomes não tenho à mão agora.

Algumas informações sobre a situação aqui: recebemos uma visa válida por três meses, durante os quais serão estudados nossos pedidos de emigração (não sabemos se nos vão dar, mas parece bastante possível, apesar de que a polícia, depois de nos entrevistar, pediu nossa expulsão – alguns chilenos bateram no peito se dizendo comunistas e socialistas). Me preocupo em conseguir uma situação legal, para poder sair do país caso seja necessário por nosso trabalho em função do Brasil. Não temos passaporte; as condições de

acolhimento são muito boas: primeiras semanas em hotel, dinheiro para despesas, curso de francês ou inglês gratuito (melhor, nos pagam para fazê-lo) e, a partir daí, a colaboração dos canadenses que colaboram com o Comitê de Solidariedade Quebec-Chile: roupas, hospedagem nas casas deles até que consigamos emprego, várias ofertas de emprego aqui, em Toronto e em Quebec (aí, feitas pelo Ivan, naturalmente, que é um tipo bastante influente e respeitado em todos os níveis); eu e a Carmem nos estamos dando ao luxo de não aceitar emprego, porque o melhor seria conseguir financiamento para concluirmos nossas pesquisas (é difícil, mas parece possível).

Eu estou inteiro no trabalho dos chilenos (que são muito inexperientes e sectários; também, quantos anos não temos nós nesse trabalho?). Mas me preocupa a continuidade de nossa própria luta nacional. Por agora, o fundamental me parece colaborar ao máximo com os chilenos (as manifestações de solidariedade em todo o mundo são emocionantes, com a fundação de Comitês de Solidariedade em toda parte, recolhendo dinheiro e fazendo denúncias e pressões. A Bonnie esteve aqui por uma semana, e a coisa nos Estados Unidos é indescritível). Creio, como te dizia, que de imediato temos que nos jogar inteiro nessa campanha, aproveitando sempre a deixa para denunciar a ditadura tupinambá. Mas me preocupa “o depois”. A onda passa, os Chilenos (que estão desorganizadíssimos, com a maioria dos líderes presos ou virtualmente presos nas embaixadas, que não aproveitam 1/10 de tudo o que se faz por eles – esse período todo me deu bem a medida da fraqueza da esquerda chilena; o líder do Cordão Cerrillos, Hernan Ortega, está aqui), como dizia, os chilenos se estruturam em Comitês permanentes da Resistência, e o Brasil? Me preocupo muito com essa nova “diáspora”, e gostaria de ouvir sua opinião sobre a continuidade de nosso trabalho. Seria interessante que você me relatasse as condições de trabalho aí (de realização de nosso trabalho em função do Brasil). Vou escrever para o Pinheiro que está em Lima, para outros que estão em Buenos Aires, para o André que está no México, e para Tete em Washington. Ao final, poderíamos ter um quadro geral para nos concentrarmos (passado esse período de solidariedade internacional e de sobrevivência) no país mais conveniente. Me parece difícil encontrar condições tão favoráveis como as que tínhamos no Chile. Me fale também sobre a situação “legal” de vocês aí. Vão ter documento que lhes permita viajar? Creio que devemos evitar a todo custo ficarmos como “exilados” ou “refugiados políticos”; que te parece? Você tem algum contato na Europa que me poderia passar, alguém que nos pudesse descrever a situação para nosso trabalho lá?

Bem, meu velho, aqui continuamos pressionando o governo para recebê-los (o Conselho Mundial de Igrejas concedeu \$10 mil para os refugiados, e um representante deve haver passado por aí). O melhor contato aqui para vocês, é a Isa e o Ivan, mesmo. São extremamente ativos e eficazes, porque a esquerda em Quebec está bastante unida em torno do problema chileno. Aqui, danço ballet para conseguir unir estudantes, professores e líderes sindicais

(bastante poderosos), que além de suas costumeiras rugas, estão mais preocupados com a política interna, e procuram subordinar tudo a ela (em uma semana mais há eleições aqui). Na próxima semana devo ir a Toronto, para organizar o trabalho lá. Fazemos o possível. Ainda há mais de 300 na embaixada da Argentina em B. Aires, em sua maioria brasileiros.

Escreva para mim relatando o que sabe e como vê as coisas. Estou vivendo com Carmem na casa de um professor de História da Universidade (não temos tido nenhum problema material até agora, o que nos facilita muito o trabalho).

Muito afeto para Ana, Arnou e os outros brasileiros que estão por aí, salvos de mais esta, e um grande abraço do amigo de sempre

Rangel

Isa Guerra Labelle escreve a Betinho e Maria, orientando-os sobre as possibilidades de asilo no Canadá. Isa, citada em várias cartas, era considerada um apoio importante para a comunidade brasileira de exilados.

Quebec 28/12/73

Meus queridos,

Creio que vocês já andam perguntando o que passa para esta falta de notícias. Única resposta – tempo. Ando numa correria louca e infelizmente não se consegue muitas coisas porque vocês ainda estão aí. Resumo um pouco os fatos.

1 – Bem importante não me chamar a meu número de telefone. Está censurado e nos chateiam muito pelas contas. A companhia fez inquérito para saber porque chamávamos tanto ao estrangeiro.

2 – O C. foi chamado pela polícia, passou 4 horas sendo cozinhado para saber sobre nossos contatos, etc. Os dois fatos estão unidos e fazem parte do esforço da polícia para nos amedrontar e silenciar. Porém continuamos o trabalho, isto que é importante. Sei que vocês falaram com o C., mas ele saiu para descansar uns dias e me deixou sem o novo telefone. Chamei 2 vezes ao 232425 e disseram que vocês não vivem aí.

3 – Mandamos 2 pessoas no sul e as notícias são horríveis. O governo daqui mudou pouquíssimo e o único fato novo é que receberam 55 novos asilados. Dizem ser este o motivo pelo qual vocês não vieram ainda, pois estão muito preocupados com estes que estão na embaixada.

4 – Ontem foi uma comissão falar com o [ilegível] e ele afirmou que todos vocês haviam sido aceitados, que os chilenos chegarão no dia 31 e os brasileiros e uruguaios somente na 2ª. quinzena de janeiro. Os grandes filhos da puta que não podem trazer vocês antes porque não são chilenos. Quando falamos que faziam inquérito policial, quis mostrar que não sabia nada.

5 – Mas saímos para outra e continuamos a luta. Não desanimamos e é muito importante que vocês aguentem o tempo e enfrentem seus desânimos. Isto é fundamental. Saber que contamos com vocês apesar de todas as misérias que vivem, da mesma maneira que contam conosco.

6 – Todos os refugiados terão estatutos de imigrante-recebido; vocês não virão todos juntos mas em pequenos grupos; há 5 lugares para escolher: Vancouver, Winipeg e Toronto (língua inglesa) Montreal e Halijax. Caso

perguntem, escolham Montreal ou Quebec. Esta tática do governo é para dividi-los e espalhá-los aos quatro cantos do país. Escolha um bom grupo e diga-lhes para escolher Montreal e Quebec. Revisionista ou mau caráter manda para Winnipeg ou Halijax.

Quanto à documentação, ainda não foi decidido, porém penso que será difícil dar-lhes passaporte. Para o passaporte da ONU é mais fácil para os que tiveram a nacionalidade retirada.

7 – As igrejas têm trabalhado muito bem sobretudo as igrejas unidas.

8 – Creio que vocês souberam da greve de fome do pessoal dos campos de refugiados. Foi uma vitória em toda linha – 1º. porque foi global, 2º. porque o pessoal das embaixadas apoiou e 3º. porque ganharam um novo prazo (até 3 de fevereiro), estamos bem contentes.

9 – Da nossa viagem ainda não sabemos nada porque a segurança não aprovou o Yvan. Estão tentando uma saída, através de um convênio com a Universidade.

10 – Ótimo falar com o Henfil.

11 – Marcos chegou hoje aqui, por 3 dias. Infelizmente estamos muito cansados e (eu nervosa) de formas que estamos saindo amanhã para uma semana de férias.

Tenho sabido de grandes brigas aí entre o pessoal. Verdade? Bem ruim isso.

Gostaria de poder conversar com vocês. O PC está tentando por todos os meios controlar o trabalho no exterior. Temos que unir nossas forças de formas que os verdadeiros líderes do povo, o proletariado controle realmente a resistência fora e dentro. É papo para longas horas.

Um beijo grande e espero poder tê-los comigo o mais rápido.

Isa

Após o golpe no Chile, a família de Betinho, no Brasil, não conseguia se manter informada sobre seu destino no exílio e as condições em que estava vivendo. Seu irmão Chico Mário escreve uma carta preocupada, em março de 1974, na qual comenta a conjuntura brasileira após a posse do presidente Ernesto Geisel.

dom souza, cão abjeto,

que onda é essa de sumiço? de não dar notícia, nem recado ao menos. ontem, o cesário disse que você estava aí. já trabalhando.

e a gueixa?

ô gente, fiquei preocupado com vocês. imaginem quanto fiquei.

noticias mís: argentina, panamá, méxico... cada um dizia uma coisa. no fim, ninguém sabia dizer nada. por precaução deixamos o claudé aí, de sentinela. mas o puto não disse nada de nada.

esse silêncio é circunstancial, motivos de força maior?

à merda, seu silêncio. e escreva.

mandei carta para você no panamá (via mexico) e com o claudé. recebeu?

vamos retomar o diálogo e envios de jornal, livros?

diga como deve ser.

(...)

nada de novo nesta terra. presidente novo, igual aos outros. mais fodido ainda.

há um clima de boa vontade com relação a ele. o cara tá com uma imagem boa. propaganda bem feita pela assessoria. inflação vai comer tudo. sem falar de dívida externa. dizem que a gasolina (informação de Brasília, conselho nacional do petróleo, sem divulgação por motivos óbvios) vai, até julho, a quatro contos o litro. censura de imprensa continua. até a polícia federal esperava que acabasse. não acabou. a última proibição (anteontem): notícia (foto ou texto) sobre streaking. geisel entra com panca de administrador, excelente administrador. repressão na mesma base. nos últimos dias de medici, foi preso diretor da sucursal do estado em Recife. deve ter chegado aí. os mesquitas clamaram ao mundo, pela dignidade da imprensa e até da pessoa humana. torturado, no quarto exercito.

não se vive bem. falta um pouco de dignidade em geral. vegeta-se. inflação, novamente: simonsen (novo ministro da fazenda, mario henrique simonsen, creio que o livro dele mais conhecido é "Brasil, ano 20001", uma resposta vibrante brasileira ao gordo/herman khan (ou kahn?), que predisse um futuro mixo pró Brasil); simonsen já disse: inflação de trinta a quarenta por cento. e

não tem carne. o preço da carne de primeira, tabelado, é seis cruzeiros o quilo, e só se compra, quando há, a 12, no mínimo. tá todo mundo usando óleo de oliva estrangeiro. não tem óleo por estas bandas. os caras seguraram tudo, esperando novo governo. portanto, novo aumento. o preço atual (3,91 cruzeiros, o litro) não tá legal para eles.
uma década de bosta, portanto. que vai continuar.
bom, por agora, é só.
quero mesmo é saber de você. arranje tempo para uma boa carta.
(...)
um abraço monstro em vocês,

xico

20-3-74

José Serra, companheiro de militância de Betinho na Ação Popular (AP), doutorando na Cornell University, Nova York, escreve ao “caro e ilustre Dr. Souza”, perguntando sobre o paradeiro de um trabalho que havia escrito em 1966, no Instituto Latinoamericano e do Caribe de Planificação Econômica e Social (Ilpes), do qual não possuía nenhuma cópia.

CORNELL UNIVERSITY
LATIN AMERICAN STUDIES PROGRAM

Ithaca, 11 de noviembre de 1974.

Meu caro e ilustre Dr. Souza,

Um bilhete rápido, em papel bom e roubado, do mesmo modo que o envelope, para uma consulta importante, embora irrelevante na aparência (para você). Certa vez, nos lendários dias de [ilegível], emprestei-lhe um trabalho que escrevi em 1966 no ILPES, sobre “condições sociais e políticas da industrialização no Brasil” (ou algo parecido). Eu nunca voltaria a este assunto agora, não fosse o fato de que a única outra cópia desse trabalho tivesse sido emprestada pro Ayrton, antigo e famoso desaparece-papéis. Não lembro o que aconteceu com a cópia que passei a você. Dar-se-ia o milagre de que estivesse entre suas “obras completas” salvas do vendaval pelo P Renato? Se isso tiver acontecido, passarei a considerar que a onda de urucubaca deteve-se e as coisas começaram a melhorar pra mim. Esse trabalho me pouparia inúmeros créditos. C’est tout, ou melhor, that’s all, como convém nestes tempos.

Espero que vocês tenham recebido a foto do Luciano. Mandem-me o endereço da Isa. E, não seja pão-duro, telefone-me. Faça como eu, que no último mês morri com US\$ 150 nesse item. (Faça como eu e estrepe-se como eu, logicamente).

Um abraço,

Zé

Carta do líder sindical José Ibrahin, exilado na Bélgica, relatando as dificuldades da vida na Europa.

Betinho, meu chapa,

Há tempos que espero uma carta tua, eu não tinha como te escrever. Recebi o material com o teu bilhete. O FBI daqui não funciona mais (acabou), mas aqui fundamos o comitê Anti-Fascista e trataremos da divulgação. O teu trabalho não li (chegou hoje) porém vindo da parte do amigo deve ser de boa qualidade. Quando terminar de ler te escrevo.

A vida aqui nas *Europias* continua uma bosta. Quando cheguei me enfie numa fábrica e trabalhei 9 meses. Só me serviu para dar uma apumada na vida (sobrevivência). Os irmãozinhos de classe daqui são muito conservadores e corrompidos pela social- democracia e o reformismo. Depois consegui uma pequena ajuda para poder estudar e me matriculei na universidade (1º ano de ciências sociais). Agora, na metade do ano, vou ter que parar pois o serviço social da universidade me cortou metade da ajuda e assim não dá para continuar. Volto de novo ao meu devido lugar, ou seja, estou buscando trabalho e quero ver se no próximo ano consigo uma bolsa para poder estudar. Não vejo a hora de poder voltar para a América Latina; esta Europa é muito boa de ver de longe e em cartão postal.

Meu filho está ótimo, forte, lindo, vivíssimo, enfim um machão!

Eu e a Tereza estamos aí, remando contra a maré.

Escreva contando o que vocês tem feito de bom por aí, etc.

Um grande e saudoso abraço a você, na Maria e em todos os amigos daí.

Do Ibrahin

3/2/75

Rio, 17-12-74

Querido Betinho

Muito feliz Natal, com muita paz, saúde e tudo de bom para você e Maria e o 75 muito bom para vocês, e que daqui pra frente só aconteça coisa boa nas suas vidas. Rogo ao *Minino* Jesus para iluminar os caminhos que vocês devem andar nesta vida até a outra que deve ser melhor, eu espero.

Peço a Deus que te dê fé, Deus existe, isto tudo que tem na natureza tem que ter um ser superior para criar e dirigir, não é? Basta a gente contemplar a natureza. Quem é o homem para fazer tudo isto.

Você como vae de saúde? Tudo tem andado bem com vocês? Eu fiquei feliz de ver a vidinha tranquila que pude observar quando estive ahi com vocês. Deus está com vocês. Maria a companheira ideal, tranquila e compreensiva. A vidinha apertada como vocês falaram, mas que com economia vocês vão vivendo, não é? Se Deus quiser quando você formar as cousas vão melhorar.

Os retratos ficaram muito bons, é uma recordação muito querida para mim, uns retratos ao lado dos meus queridos filhos e neste lugar maravilhoso que vae ser sempre de saudosa memória.

Eu e todos aqui vamos levando a vida como sempre foi, e como todo mundo leva, cheia de altos e baixos, sempre pensando nos filhos e rezando por todos.

(...)

Eu pensei muito sobre os conselhos que você me deu e acho que você tem razão. De agora em diante vou pensar um pouco mais em mim.

Quem sou eu para resolver os problemas de todos, cada um tem que viver a sua vida e eu também já tive muitos momentos difíceis e passou. É claro que não deixarei de dar uma mãozinha quando fôr preciso, na medida do possível, mas não vou me matar demais porque não adianta, não é?

Glorinha, Wanda, Filomena, Leal mandam um abraço pra você e Maria. Diga a ela que achei a mãe dela muito simpática. Você e Maria, o meu grande abraço, e a minha benção.

Sua mãe, Maria da Conceição

Carta da mãe,
Dona Maria.

Marcelo Cerqueira, advogado de presos políticos, diz a Betinho que irá se informar sobre o processo movido contra ele no Brasil. Betinho e Marcelo, amigos de longa data, tratavam-se pelo apelido "Tuneba".

Meu caro Betinho, não acuso o recebimento de suas correspondências, porque só defendo – entretanto, não posso perdoar o tratamento de Senhoria; Excelência seria mais próprio e também mais regimentar! Enfim... Que negócio de pagar sanduíche é este que li na carta da Bizé? Eu, hein? Já viu mineiro pagar alguma coisa? Com relação ao processo – que eu saiba, só o de São Paulo – vou “descolar” (termo novo – atualmente deveras empregado) alguém lá pra saber em que pé está. Depois digo o que se pode fazer e, podendo, eu mesmo faço. Aquela carta de poder que v. inventou é ótima, creio ser suficiente. Pelo menos é inédita. Negócio de passaporte é um buraco, inda mais pra quem está condenado criminalmente. A propósito, v. está aí a que título? Mande dizer. Agora, Tuneba, se mandar outra carta formal vai levar porrada na cara.

Seu, Marcelo



Rio, 21.02.75

Natal em
Toronto, em
1975, com
Henfil, B. Tyson,
Rodolfo Konder
e Iara Cortez.



Carta de Daniel,
filho de Betinho
com Irles
Coutinho de
Carvalho, no
período em que
esteve exilado
com a mãe na
Suécia.

21/4 1976 19.30 P29.1
 Depois te estou escrevendo de volta e
 acabei de receber o **FRAOM**!
 E você sabe que eu adoro o **FRAOM** me? e
 por isso quanto mais revista do **FRAOM**
 você me mandar, mais eu fico alegre.
 Eu estou morrendo de ansiedade
 para que as aulas terminem e eu vá
 para o Canadá. Eu também recebi a
 tua fita e fiquei muito feliz em ouvir
 a tua voz. Porque eu já estava
 cansado em só ouvir em carta.
 E quando eu voltar do Canadá a
 mamãe diz que ela e o piter vão

P29.2
 me estar esperando no aeroporto
 com um cachorrinho. NOS VAMOS
 em Canadá
 1000.000.000.000.000.000.
 000.000.000,
 DE  e DE 
 Daniel Carvalho

A correspondência do exílio é rica em articulações em torno de publicações dedicadas à conjuntura brasileira e latino-americana. Em 1976, Betinho havia consultado vários companheiros exilados sobre o projeto de uma revista. As cartas do ex-deputado federal Márcio Moreira Alves e do líder camponês Manoel da Conceição ilustram a complexidade de ponderações encaminhadas a Betinho, que decide socializar as respostas, conforme expresso em sua carta de 14 de dezembro.

Lisboa, 29 de novembro, 1976

Meu caro Betinho,

A tua carta circular sobre a possibilidade de fazermos uma revista começava a ser esmagada pelos papéis que se acumulam sobre a minha mesa de trabalho. Era das coisas que, por colocarem problemas para os quais não tenho resposta imediata ou definitiva, vou deixando para depois. Aí saiu o 1º volume das “Memórias do Exílio” e o teu excelente depoimento permitiu-me juntar mais uns pedaços da imagem do Betinho que tinha arquivada na cabeça e resolvi escrever logo. Para começar, quero dizer que o teu depoimento, o do Magno, (lembras dele, um magrinho, de Juiz de Fora, que esteve no convento da rua do Ouro e nas Perdizes?) e o José Barbosa Monteiro, um negão que foi preso na Guiana justificam o livro. O resto é meio desigual – o do Abdias, por exemplo, levanta problemas importantes mas o cara está muito marcado pelas porradas que levou e meio basbaque diante das oportunidades que tem nos Estados Unidos. O meu está uma merda, mas paciência. Caí na asneira de responder ao questionário tin-tin por tin-tin e curto, o que faz uma história descosida e superficial. De qualquer jeito o máximo que se pode fazer é dar uma imagem parcializada da gente de cada vez que se fala ou se escreve sobre si mesmo. Mas acho a experiência válida e pedagógica. É preciso ter a coragem que você teve de dizer: eu era assim, deu errado, agora estou assado, vendo se dá certo. E tocar para frente. Aliás, o teu Brazilian Studies, agora transformado numa sigla que esqueci e é horrível, é também uma experiência muito boa. Como sabes estou ajudando uma turma (ia escrever malta, olha só como estou aculturado) a fazer um jornaleco que é mandado para o Brasil. Propus que se aproveitasse um trabalho que vocês publicaram sobre poder aquisitivo dos salários. Cortado do seu jargão acadêmico e das palavras marxistas que afastam as pessoas na terra é um bom material.

Passando à revista: não estou muito convencido da sua utilidade como instrumento de integração da diáspora. Essa integração é muito difícil porque cada grupo vive, mais ou menos intensamente, a realidade na qual está inserido o que torna a comunicação difícil. Por outro lado, cada grupo trata de publicar

os seus boletins e as suas revistas (só em Paris: debate, Etudes Brésiliennes, Campanha, Conjuntura, etc., etc. esqueço meio dúzia) e não será fácil fazer com que participem a não ser muito esporadicamente de um esforço coletivo a vir à luz no México ou na Venezuela ou na Costa Rica. Mas, mesmo que se consiga mobilizar um número suficiente de pessoas, cabe indagar para que. Uma revista só para nós, exilados, até pode ter a sua razão de ser mas, pessoalmente, não a colocaria na minha lista de prioridades. É possível que esta seja mais uma das minhas deformações, pelo fato de estar vivendo em Portugal e muito metido em um processo concreto que está na defensiva e em risco de desaparecer, mas não creio. Com maior ou menor proveito e assiduidade vamos lendo o que escrevemos em várias partes do mundo e o que se escreve no Brasil, que é o mais importante do ponto de vista de recolha empírica. Estamos informados, informando e alguns até elaborando. Será que vale mesmo a pena juntarmos os trapos intelectuais? Sobre que assuntos? Com que periodicidade? Será que o que pudermos elaborar especialmente para a revista será melhor que o que já elaboramos dispersamente? Como vês, tenho muitas dúvidas e estas são apenas algumas. Para entrar nessa canoa, a não ser com apoio moral, vais ter que me convencer da validade do bilhete.

Por outro lado, acho que um jornaleco que seja, uma publicação qualquer, por mais mal feita que seja mas desde que diga algumas das coisas que não podem ser ditas lá dentro e que circule, ainda que minimamente no Brasil, tem a sua prioridade garantida. Tenho estado com muita gente de passagem e impressiona-me a obsessão com o conjuntural, com o episódico, com a parcelização dos acontecimentos. Há meses que ninguém é capaz de ver adiante das eleições de 15 de novembro. Há meses que todos discutem se vai ou não vai haver abertura com o Geisel e outras baboseiras do gênero. Ainda não me apareceu um cara com passagem de ida e volta que dissesse: abertura só há se o capitalismo internacional estiver tão em crise e, ao mesmo tempo, tão seguro do seu domínio sobre o Brasil que se disponha a arriscar um alargamento da sua base social através da libertação do debate político e sindical. E que tenha o poder de impor esse alargamento aos seus instrumentos preferenciais que são as cúpulas militares. Não. O que dizem é que o general Bentes é simpático, que o Geisel é mais ou menos e que o João Batista Figueiredo é feio. Ou que o Brossard conseguiu conversar com o general do III Exército, que o Magalhães Pinto quer ser presidente da República e coisas do gênero. No fundo ficam presos ao sistema ideológico da ditadura e aceitam a discussão nos termos em que ela o coloca. Daí que julgue ser no campo da formulação de alternativas ideológicas – quem sabe se através da elaboração de uma plataforma mínima que sirva de referência a uma reorganização de forças existentes no interior, embora não de uma organização ou de um partido – que devemos concentrar os nossos esforços. Para tratar de algo assim dispor-me-ia a encontrar pessoas em qualquer lugar e a tentar dar uma colaboração. Não é que diga que não colaborarei em uma revista que surgir,

mas só que, até demonstração em contrário, acho que temos coisas mais eficazes e urgentes para fazer. Em todo caso, fico aberto a sugestões.

Se acaso vires a Isa diga-lhe que é uma sacana, que não respondeu à minha última carta mas que assim mesmo mando um cheiro e que tenho saudades da sua risada.

Um abraço do

Márcio

Genève, 8 de dezembro de 1976

Caro companheiro e amigo

Somente no dia cinco de dezembro recebi sua carta tratando do anteprojeto da revista. Bem, li e reli. Achei interessante e politicamente proveitosa a proposta. Acho que dentro de minhas limitações, estou em condições de dar minha pequena contribuição, seja no plano teórico, seja no terreno da prática de trabalho.

De fato, nós estamos precisando de um instrumento político que seja um veículo de comunicação entre nós, que unifique a nós mesmos e a nosso povo dentro de uma concepção realista de sua própria história.

Este veículo proposto poderá nos unir e, também, o nosso povo no campo político, na análise econômica, no trabalho prático, na ação política e democrática, embora possamos continuar, ainda, por longo tempo, fora de nosso país e distanciados fisicamente uns dos outros. Estou hoje na Europa, mas não vivendo desligado de nosso país, dos problemas de nosso povo e tão pouco dos companheiros espalhados nos diferentes países do mundo. Isto nos permite um bom diálogo e uma boa distribuição da revista proposta.

Particularmente, quero colocar alguns pontos que deverão ser discutidos e aprofundados através da revista, como:

- A nova etapa do imperialismo e do capitalismo após Lenine, que é a etapa superior do imperialismo a qual chamaremos de etapa suprema do capitalismo, isto é, a internacionalização do capital monopolista mundial;
- As contradições entre a burguesia monopolista e a classe operária e todo o povo em escala mundial e suas particularidades específicas;
- As contradições entre o mundo capitalista e o “mundo socialista”;
- Análise dos estados ditatoriais no continente latino-americano;
- Papel que desempenha a solidariedade internacional neste continente;
- Razões fundamentais dos golpes militares na América Latina, tanto de extrema direita, como os aparentemente progressistas;
- Problemas da América Latina e seu relacionamento com as lutas de libertação dos povos de todo o mundo;

- Análise científica das causas fundamentais que dividiram os movimentos revolucionários no Brasil e na América Latina;

- Divisão do “mundo socialista” e as contradições entre si.

Aí estão algumas idéias gerais sobre as quais poderemos discutir brevemente.

A revista sendo de caráter amplo poderá abordar desde política, economia, cultura, artes, até o humor político. Será importante conter, também, notícias dos movimentos populares e progressistas.

Cada participante deverá ter a liberdade para fazer sua própria análise política.

Na minha opinião não pode deixar de ter seu editorial, mesmo amplo, dentro dos princípios e objetivos que se pretende atingir.

Proponho que a revista seja em português, pois assim poderá ser lida e entendida tanto por intelectuais, como por operários, camponeses dentro do Brasil e, além disso, é no Brasil que se concentra a maior população e onde está concentrado o capital monopolista mundial na América Latina.

Quanto à reunião sugiro que seja realizada na Suíça, Genève, por dois motivos:

1. Parte dos solicitados já mora aqui;

2. Um deles não pode viajar por motivo de documentação, ainda não resolvida.

Esperando uma resposta o mais breve possível, um grande abraço de seu companheiro amigo,

Manoel Conceição Santos

Toronto, 14 de dezembro, 1976.

Amigos,

Depois da carta-proposta que lhes enviei onde tomava a iniciativa de começar uma conversa sobre um possível projeto de revista, fui recebendo várias respostas (além daquelas conhecidas por mim através de uma viagem ao México, de parte de Julião, Theotônio, Vania, Rui Mauro) que considero importantes e que não poderiam vir a ancorar admente aqui por essas bandas. Por outro lado a complexidade dos problemas colocados pelas diferentes cartas por si só já nos colocam diante da necessidade de "socializar" a responsabilidade por seguir (ou não) o projeto.

Assim que decidi sem maiores elaborações fazer estas cópias e distribuir entre aqueles com quem já conversei ou para quem escrevi e que responderam. Entre as pessoas pensadas no início somente uma poucas não receberam a carta-proposta, por razões puramente técnicas (falta de endereços para onde enviá-las), o que veio reduzir um pouco a roda da discussão. Seguem então cópias das cartas de Arraes, Gabeira, Marcos Arruda, Manoel da Conceição e Marcio Moreira Alves. Considera-se ainda como indo na mesma direção da carta-proposta inicial as opiniões do pessoal do México.

Penso que um projeto desse tipo necessita tempo para amadurecer e só vem a luz do dia quando um conjunto de circunstâncias e iniciativas puxam a ideia para o terreno da prática. Depois de ^{uma} operação da qual sai inteiro, apesar de um joelho artificial, não me sinto em condições no momento para empurrar gente de tanto lastre e experiência no sentido de definir os passos a seguir. Assim que faço o que posso no momento: aí estão as reações, e a nós enquanto conjunto a responsabilidade de ver o que fazer daqui para a frente.

Aproveitando que é uma carta coletiva: o nosso abrigo, dos daqui a espera da reação em cadeia,

Rui Mauro

Carta de Beatriz do Valle Bargieri, ex-militante da Ação Popular (AP), contando sobre a prisão de Aldo Arantes.

S.Paulo, 16 de outubro de 1977

Meu irmão querido,

Receber a resposta de minha carta foi uma alegria imensa! Já estava desanimada de esperar e até imaginando que você não tivesse recebido a minha. Ia tentar de novo, pois as saudades bateram mesmo. Na verdade, sempre perguntei por você e você nunca deixou de ser para mim um irmão muito querido. E cujas “aventuras” preocuparam muito a gente, pois nunca se tinha certeza do que lhe estava acontecendo. Enfim, parece que as coisas vão ter um “happy end”, a despeito de tudo e de todos que ficaram perdidos pelo caminho, dos que anseiam por uma volta e pela liberdade de que se viram privados nesses dias tão difíceis. Sei que as coisas virão, mais cedo talvez do que se esperava. Acho que três anos é muito para sua volta. Nos veremos antes, creia. Estive ontem com o Aldo – tenho ido vê-lo quase todos os sábados – e contei que recebi uma carta sua. Ele ficou alvoroçadíssimo para saber tudo o que você mandava dizer e me pediu para dar notícias dele, dizer que ele está bem agora, assim como as crianças e Dodora. Ela tem estado aqui comigo também e as crianças estão em BH com a mãe dela até o fim do ano, quando ela pretende trazê-las de volta. Não sei se você tem acompanhado as notícias sobre ele – você recebe o JB por aí? Se recebe deve ter lido depoimentos dele, publicados o mês passado e muito bons. Mande me dizer, que se não viu, mandarei para você uma cópia. Ele sofreu muito, você deve estar sabendo, é claro. Foi salvo pelo gongo. Mas agora as coisas entraram nos eixos e ele está bem tratado, com mais 27 companheiros e esperando o tempo passar (cinco anos), mas ele sairá antes, sem dúvida, pois ainda tem recurso e condicional com metade do tempo. As coisas agora estão ficando mais amenas – mas na ocasião em que ele caiu estavam fogo! Na primeira vez em que o visitei, (em maio só que consegui), ele estava muito magrinho e com problemas. Mas hoje está ótimo, ontem até caçoei da gordura dele. É mesmo um menino maravilhoso, de uma força, de caráter admirável, idealista e corajoso e de uma doçura e meiguice que cativam qualquer um. Ele e Dodora estão muito bem, como dois namorados. Ela também é uma

moça maravilhosa e de uma fibra incrível. E os garotos são uns amores! Acho que eles gostam imenso de você e ele me pediu com empenho para lhe dar notícias dele. Quando me responder mande dizer alguma coisa a ele que eu transmito o recado com exatidão. Acho que nessas horas é importante demais a palavra e o interesse de um amigo, que ele considera um irmão, como você. E eles gostam muito da sua nova situação familiar e mandam também um beijo para a Maria.

Escreva uma carta maior, siga o exemplo de seu irmão que é um incansável “carteiro”. O livro de que v. me falou esteve em minhas mãos e comecei a ler seu depoimento. Mas sua mãe só me emprestou ele por um dia, enquanto eu estava no Rio, e fui obrigada a devolvê-lo antes de vir para SP – quando voltar lá peço de novo e leio até acabar tudo. Mas isso não o impede de dar notícias detalhadas, não é? Por aqui também tudo bem, os meninos estão ótimos, mas nenhum é um poliglota famoso como o Daniel – afinal eles continuam sub-desenvolvidos! Fiquei contente com as notícias sobre ele. Estive tb. c/ Ma. Célia e o Paulo, que sempre falam muito de vs. Afinal de contas, parece que o mundo vai voltar ao ponto de partida. Escreva de novo, um beijão na Maria de todos os amigos aqui, e para você também um beijo de todos, e um muito especial dessa sua irmã saudosa,

Beatriz

Aldo Arantes, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) e militante da Ação Popular (AP) nos anos 1960, ingressou no Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em 1972. Em 16 de dezembro de 1976, junto com outros membros do comitê central do partido, foi preso no bairro da Lapa, em São Paulo, em uma operação do III Exército na qual três militantes foram assassinados. Aldo Arantes permaneceu preso até a decretação da anistia, em 28 de agosto de 1979. Em 1977, da prisão, responde a uma carta de Betinho.

SP – 23/11/77

Meu velho amigo:

Fiquei emocionado com sua carta. Nela identifiquei seu coração grande, seu estilo descontraído, sua agilidade política. Através dela senti o ressurgimento de uma velha amizade. Amizade sólida, construída com base numa longa convivência e em ideais comuns. Tornamo-nos verdadeiros irmãos. No entanto, posições políticas diferentes levaram-nos a um distanciamento. Passaram-se os anos. Vivemos, cada um de nós, as consequências do regime implantado no país. Os fatos que ocorreram comigo trouxeram à tona e revigoraram velhas amizades. A solidariedade foi ampla e imediata. Além do papel político que ela jogou, para mim ela representou um grande estímulo pessoal. Sua carta, em particular, teve um grande significado para mim. Afinal, após tantos anos e depois de tão funestos acontecimentos, retomamos nossa velha amizade.

Dodora, também, gostou muito de sua carta. Depois de tudo que ocorreu ela procura reorganizar sua vida, com as crianças. Está satisfeita pois irá trabalhar naquilo que gosta. Já estava em tempo... Afinal ela “comeu o pão que o diabo amassou”. A brusca transformação que ocorreu em nossa vida, contraditoriamente, abriu caminho para sua realização pessoal, o que é excelente. As crianças estão bem. O André está com 12 anos e está se destacando na natação. A Priscila, com 11 anos, está fazendo ginástica olímpica e pintura. O primeiro é mais introspectivo, mais sisudo. A segunda parece uma borboleta... Ambos estão indo bem nos estudos.

Tenho aproveitado meu tempo para estudar, particularmente, História do Brasil e Economia. Meu estudo está orientado no sentido de melhor compreender a realidade, de identificar de forma mais rigorosa as leis que regem o desenvolvimento social do nosso país. O esforço de estudo e pesquisa está se generalizando, mais do que em outras épocas, por estas bandas. Expressa a maior importância que se tem dado à teoria e reflete um amadurecimento do movimento progressista do país. Este esforço conjunto, certamente, resultará num desenvolvimento da teoria da transformação social

do nosso país, com efeitos benéficos para a luta do povo.

Estou lendo o livro a que você fez referência em sua carta. Como estou no início ainda não tenho opinião formada sobre o mesmo. De qualquer forma, parabéns pela iniciativa. Caso tenha algum material interessante, mesmo em inglês, seria bom enviar. Por sinal tenho estudado, também, um pouco de inglês.

O povo brasileiro tem vivido uma longa noite negra. Porém toda noite tem seu fim com o raiar da aurora. Não sei quanto tempo durará, porém estamos vivendo um momento de transição em que cresce a aspiração do povo pela liberdade. Camadas sociais cada vez mais amplas se integram na luta. Estudantes, intelectuais, juristas, setores da Igreja, empresários e, mais recentemente, a própria classe operária começa a se manifestar politicamente, sobretudo no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Diante do crescimento da maré da luta democrática, da crise econômica, do isolamento político do regime e da nova política internacional dos EUA, os atuais detentores do poder procuram adaptar o modelo político e econômico às novas condições. Acenam, através do "diálogo", com algumas concessões, objetivando a institucionalização do regime e a divisão do movimento democrático. Através do "diálogo" o regime procura se opor à tese da convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita, precedida da supressão dos atos de exceção e da concessão de uma ampla e irrestrita anistia política. Esta solução é defendida pelas forças de oposição mais conseqüentes pois ela pode abrir caminho para um processo de reorganização política do povo brasileiro e para a conquista de uma verdadeira democracia. É isto aí! Da próxima vez mando mais notícias.

Gostei de saber das notícias de sua situação familiar. Abraços para a Maria. Pra você um forte e fraternal abraço do seu amigo

Aldo

P.S.: Está por aqui, também, o Haroldo. Tem três filhas e sua companhia está pensando em se mudar para São Paulo. Sabendo que eu iria escrever-lhe ele pediu-me para mandar um grande abraço pra você.

José Gomes Talarico, ex-deputado e líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), relata a morte de Jango e prisões ocorridas no Brasil.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA
RIO DE JANEIRO

Em 6 janeiro 77

Prezado Betinho.

Reinício o ano escrevendo aos amigos e companheiros que se encontram no exterior, primeiro para lhes desejar felicidade (paternalisticamente, mas no sentido afetivo) e voltar a contatar. Não escrevi mais porque devido à hepatite contraída na Líbia e uma recaída provocada por não ter cumprido determinações médicas, "gramei" leito forçado até fins de novembro. E com isso várias viagens canceladas: ao Congresso Internacional dos Jornalistas na Finlândia; à inauguração do Centro de Estudos Econômicos e Sociais do Terceiro Mundo no México; ao II Congresso da Unidad Latinoamericana (sobre o qual lhe escrevi) no Panamá; e à reunião da Diretoria da Federação Latinoamericana de Periodistas na Venezuela. Portanto só em fins de novembro comecei a voltar à atividade. Estava preparando-me para ir ao encontro de Jango quando na madrugada de seis de dezembro recebi a notícia de sua morte (um enfarte massiço fulminante). Fui com outros companheiros – Almino, Amaury Silva, Doutel, Waldyr Pires, Tancredo ao seu sepultamento em São Borja. A respeito estou preparando uma nota específica aos amigos e logo que a conclua lhe enviarei.

Outro registro importante para os companheiros: a visita de Mario Soares ao Brasil. Estou fazendo uma seleção de recortes para que tenham a impressão da coisa.

Quem aqui se encontra é o Darcy Ribeiro, com apartamento alugado na avenida Atlântica (modesto para a via), que não pretende retornar ao exterior ou aceitar trabalho fora do país. Consolidada a volta do Almino, que teve livre trânsito no sepultamento do Jango e agora veio passar as festas de fim de ano com a esposa e filhos. Retornaram também o Edmundo Moniz, procedente do Uruguai e Norma, sua irmã, esta de Paris.

Para retribuir a gentileza da remessa de publicações indago o que daqui posso lhe remeter?

Estou hoje enviando uns recortes. Depois disso registrou-se o recolhimento de Aldo Arantes, Haroldo Lima, Joaquim Lima, Elza Monnerat, Wladimir Pomar e Maria Trindade. O Comando do II Exército distribuiu nota à imprensa que diz que os mesmos se encontram à disposição da Secretaria de Segurança de São Paulo para tramitação do respectivo inquérito e na sua detenção estão sendo observadas as exigências de prazo dos dispostos vigentes.

Logo que tenha outra oportunidade volto a me dirigir a você. Recomendações à senhora e um grande abraço.

José

P.S. – Fez a operação?

A estada de Betinho em Glasgow, na Escócia, em 1977, foi marcada pela dedicação à atividade acadêmica e pelo estreitamento de laços de amizade com um grupo de exilados que, nesse período, desenvolvia pesquisas na universidade. Entre eles estavam os cientistas políticos René Dreifuss e Regis Bittencourt, e o jornalista Galeno de Freitas.

Maria e Beto:

Na quarta de manhã, o solzão de Glasgow batendo nas janelas, o Beto mandou-se sem acordar o sono dos justos – deixando uma pequena nota e um vazio enorme. Nessa noite, Áurea e Galeno foram a Londres. Porra, como esta casa ficou oca. E que murcho seu dia-a-dia.

A Áurea é que está certa – Beto harmoniza desarmonias, e nessa cândida ansiedade de vida você faz renascer a adolescência em todos nós.

Se a Maria não tivesse ido para o paraíso do futuro em São Tomé, nós não teríamos tido a intensa e prazerosa experiência de conviver com você – agradecidos, Maria. E agradecidos a você, Beto, pela humanidade transmitida e os ensinamentos deixados – e desculpe novamente meu gênio nas discussões.

Maria, para você um beijo amigo. Beto, aquele abraço,

René

2 de agosto

Dear Beto

Saudações cordiais.

Como eu ia dizendo

Tudo parou nesses verões banais

Quase tudo, exceto

As nossas lidas mentais

Artesanais.

E ademais, sigo em minha rota – que inesperadamente rima com derrota e lorota – por entre os jardins desse mundo, atravessando por onde não devo, colhendo flor às escondidas, estrangeiro. Promovo orgias. Desencaminho a juventude aplicada. Quem sobrevive, faz a revolução; os demais viram burocratas e tramam o meu fuzilamento.

Tenho trabalhado, como sempre, na expectativa de um nascimento que não acontece mas que não tarda. A grande chuva tropical das tardes infantis, depois os barquinhos na enxurrada.

Estou terminando a revisão do populismo.

Vejo que estás publicando alopado. Isso para mim cheira a subversão.

Sobre a colaboração:

1. Te mando a mailing list. Não mandei ainda porque o Instituto está às moscas.

2. Você não diz nada sobre as condições de distribuição. São pagas, a que preço? Como é que se assina, por quanto etc...

Obrigado pelo anúncio de emprego. Era para 77/78, não adianta. Seria ruim para nós sairmos antes do tempo. No Paquistão, os milicos farão eleições gerais; no Peru, os milicos reunirão a Constituinte em 78. Tudo milico desbundado. Milico bom mesmo, são os nossos. Viva a Grande Potência! Viva a Bomba! Viva a Guerra Total, Global, Permanente!

Estou lendo os “900 dias de Leningrado”. No pasarán.

Regis

glasgow, 28/3/78

betinho, amigo:

estou quase de volta. penso percorrer o caminho de vinda em fins de abril. um ano nesta geladeira cansa. não chio, todavia. creio que foi uma excelente experiência. foi-me possível tentar recolocar algumas idéias no lugar e repensar a vida/vida. minha pesquisa progride, agora, menos rápida. contudo, deu para testar suas linhas básicas num "working seminar" que dei no ilas e, mesmo falando em inglês, recolhi a impressão geral de que estavam corretas. por isso acho importante voltar para conseguir no brasil mais dados concretos para corroborar as hipóteses centrais. e estou certo que conseguirei isto com alguma facilidade.

voltando, porém, terei de enfrentar problemas menos teóricos, como é o caso de ganhar o pão-de-cada-dia. o jeito será me reintegrar no jornalismo. quero porém um buraco pouco absorvente, pois tenho em mente não só tocar a pesquisa (o que exige tempo) mas também um outro projeto, que quero discutir com você. (...).

creio mais do que necessário criar, aonde for possível – mas, no meu caso, no rio é mais fácil, organismo do tipo de dieese que existe em são paulo, porém com um pouco mais de ousadia. a coisa tem que ser feita por etapas. primeiro é preciso ganhar "credibilidade científica" no acompanhamento do aumento do custo de vida, usando a metodologia da fundação getulio vargas, mudando um pouco a composição da cesta familiar, tornando-a mais real para os proletas. em vez de filé mignon, carne de pescoço.

veja que esta é uma idéia (projeto?) um pouco diferente da catacumbamente cristã dos militantes da ap, que pensavam que nós (classe média) temos de nos proletarizar para servir a classe do futuro. na minha opinião, para servir no presente a classe do futuro, é preciso muita humildade mas também ter consciência dos limites de cada um. o que nós (intelectuais de classe média) podemos oferecer é isso: uma ajuda muito pequena.

pequena porém importante, se volta o populismo. e se houver dieeses articulados em nível nacional (e olha, acho que isto é fácil, pois há muita gente com o sentir semelhante em recife, belo horizonte, porto alegre), creio que será possível uma colaboração importante.

quimérico, eu? talvez. sempre gostei de coisas difíceis. e esta, mais do que outras, creio que vale a pena tentar. e você, que pensa? gostaria muito de saber sua opinião. mas vê se escreve rápido, porque senão já não me encontra em glasgow, e no brasil, terei endereço incerto, pelo menos durante dois meses.

(é preciso ter consciência de que para montar um dieese no rio tenho de ter apoio em sindicatos. por cartas – o que nem sempre é confiável – recebo promessas de três sindicatos menores. já dá para começar, porém, gostaria de ter apoio dos metalúrgicos – como os catacumbamente apedecistas. e,

veja, o rio hoje abarca volta redonda...

em síntese, é isto: creio que terei de tridividir minha vida entre o ganhar – o-pão-de-cada-dia, trabalhar na pesquisa sobre o latifúndio & estado e transar este tipo de dieese. nada fácil, mas não impossível.

por glasgow passou o moniz bandeira. meio doidão, ele. mas o tenho na conta de digno de respeito. o livro dele sobre o jango (12 semanas no tope dos mais vendidos da “veja”) merece críticas, porque tenta recuperar em demasia a figura do pobre jango, mas também apoio. é preciso ter em mente a barragem de fogo que a reação faz contra o período 61/64 no brasil (um branco na historiografia oficial, apresentado apenas como o tempo do caos) para entender o velho moniz. rené o tratou como inimigo. coisa que muito me desagradou. irritou-me, mesmo. sim, tenho grande compreensão pela posição do rené, mas não posso deixar de me irritar com os excessivos mistérios. por ex-: parece-me que você pede alguns documentos agora para por lenha na fogueira brasileira, todavia em apoio ao magalha, que me parece lícito ao rené negar (se fosse eu, claro que fornecia. mas acho importante respeitar as peculiaridades de cada um). agora: temo que o rené, por excesso de segredo, jamais use os documentos de que dispõe. para mim, a ligação golberi-figueiredo-geisel (que data da década de 50) devia ser exposta com clareza agora. eles formaram uma associação para delinquir (a expressão é do código penal, o único aplicável no caso.) sim, mas aqui esteve o moniz, falando por vezes uma linguagem de sonâmbulo. achar que o brizola será o próximo presidente do brasil é uma besteira. e o ptebê que ele pensa carrega os mesmos vícios do anterior. estava muito fechado para críticas corretivas. mas eu o entendo: ele está em alto-mar, combatendo ondas. só não sei se ele é permeável a uma conversa tranqüila: ver os feitos e olhar os defeitos, para corrigir. e concordo com você: o povão já tem sua posição...

um beijo na maria, um abraço fraternal
do galeno

A resposta de Betinho a Frei Beto deixa entrever as discussões, travadas no exílio, acerca dos princípios que deveriam nortear a ação política e das estratégias para alcançar e consolidar a democracia no Brasil. Betinho enfatiza, desde então, sua preocupação com a mobilização popular.

University of Toronto

30 janeiro, 78

Xará,

Não ligue para o papel, é bom e é de graça.

Fiquei realmente contente com tua carta, principalmente depois que comparti com o mano algumas críticas ao teu livro. Mas nesta carta encontro outra coisa, mais importante, mais entusiasmante com a qual eu concordo feliz. (...).

Pertencemos a uma geração que desejou por todas as formas fazer política e, uns mortos, outros vivos, fizemos. Não foi fácil perceber que havíamos aprendido política com velhos professores das classes dominantes, mesmo quando ilustrávamos a nossa prática com as lições dos velhos professores das classes dominadas. Uma coisa, principalmente, aprendemos sempre em nossas vidas: gostar do povo ao mesmo tempo em que considerá-lo incapaz de decidir sobre seu próprio destino. O elitismo de que você fala é a parte mais visível de uma longa, pesada e forte tradição antidemocrática da vida política e cultural brasileira. A fascinação com o poder, como algo mágico, quase religioso, que nos levaria a transformar a sociedade ao invés de nos aproximar dos caminhos seguros, lentos e penosos do povo, muitas vezes nos levou a nos aproximar de seus intérpretes iluminados e do Estado, onde o povo brasileiro nunca esteve. (...).

Na verdade, também, não podemos segurar o movimento social para que ele se aproxime de nosso figurino: a

política é cinza, não é pura, nunca foi. É o terreno das contradições. A ação é sempre hoje, ou tem um hoje como um de seus dois pés. Logo, os partidos vão nascer. A pequena burguesia vai tentar de novo embarcar no jogo do poder e tentar embarcar o povão também. O PS vai surgir (se algum partido for possível...), o PTB também, a Igreja vai continuar, o movimento estudantil, os profissionais... todo o mundo. Neste processo, o que for duradouro, o que estiver no rumo da história vai sobreviver, o que for passageiro vai morrer. Vai ser de novo derrotado. Aí é onde entra a dimensão do futuro (presente hoje). É onde entra a democracia: a única forma de praticar a "prática popular"...

(...)

Não há portanto que mistificar o poder, nem ignorá-lo, mas saber medi-lo, visualizá-lo, entendê-lo, medir a correlação de forças para saber o quando e o como. Por outro lado, a grande questão que me preocupa e me inquieta é: como pensar grande, real, e de tal forma fundamental e concreto que MOBILIZE, que desperte energias, que some, que faça de cada homem, de cada trabalhador, um ser totalmente mobilizado para a transformação de todos e por todos. Existem momentos na vida dos povos onde esta mobilização, esta força, esta energia, se encarna numa liderança, num movimento, numa conjuntura... e a gente vê esta força, sente essa energia que vale mais do que todos os Produtos nacionais brutos de todas as potências do mundo. Não visualizo isto como uma força puramente espiritual, ela o é, mas creio que ela é o cimento material da própria história humana, a energia que só se põe em movimento quando se abre em perspectiva real, no grande projeto, no grande sonho de todos nós. Pensar grande, sentir grande, e o grande leva tempo apesar de que tudo começou ontem...

Bom, paro por aqui.

Queria saber se posso enviar cópia de tua carta a alguns amigos. Estamos tratando de fazer uma espécie de cadeia de cartas sobre estes problemas e creio que tua carta está nesse rumo. (...).

Um grande abraço,

B.

O jornalista Rodolfo Konder, após ter sido preso, em 1975, exilou-se no Canadá e nos Estados Unidos, retornando ao Brasil no final de 1978. Nessa carta, faz referência ao material produzido pelo Latin American Research Unit (Laru), entidade voltada para estudos socioeconômicos da América Latina criada por Betinho e outros exilados brasileiros, e tece comentários acerca de uma revista a ser publicada no Brasil, também articulada no exterior.

21/2/78

Betinho, meu Guru:

Aí segue mais algum material para o “nosso pacote de abril”. Mandeí alguma coisa pela Yara, que ficou de enviar de Montreal para vocês. Acho que devemos cuidar nós mesmos do nosso pacote, sem depender dos caras daqui, que são boa gente, mas muito dispersivos. Assim, com o que eu puder recolher e reproduzir, vou contribuindo; e vocês podem acrescentar material do LARU (o trabalho do Theotonio sobre a crise do milagre brasileiro, por exemplo, além do meu artigo sobre censura e de outros trabalhos que vocês acharem adequados). No fim, teremos um pacote pra trabalhista nenhum botar defeito...

Fernando Moraes, Calado e Chico Buarque foram detidos, ao retornar ao Brasil. Estão soltos, mas serão processados, dentro da lei de segurança nacional. Já avisei ao pessoal da Anistia, aqui, falei com Paulo Francis, Ralph, Colchie, Joan, etc. E conversei com o Pimenta, que vai cuidar da divulgação da notícia em Washington, através do Larry Birns.

Sempre troco idéias com o Pimenta, pelo telefone. Ainda hoje, falamos sobre o projeto da revista e sobre vocês, com a mesma saudade grande de sempre. Li na última Veja que o Enio Silveira decidiu relançar a revista da Civilização Brasileira, em bases mensais. Isso entra, de certa forma, no nosso terreno. Mas certamente não nos deterá. Soltos nas pradarias mexicanas, de sombrero na cabeça e machete na cintura, nem Zapata poderia nos conter...

Beijos na Maria, abraços para o Carlos e o Paulo. Pra ti, a saudade do fiel discípulo, com ou sem a luz dos refletores...

Rodolfo

Jornalista e ex-deputado federal, cassado em abril de 1964 e exilado desde então, Neiva Moreira fundou, dez anos depois, em Buenos Aires, a revista *Cadernos do Terceiro Mundo*, que começou a circular no Brasil em 1980. Em carta a Betinho, em fevereiro de 1978, comenta os esforços que vinha desenvolvendo para que a revista fosse editada no país, bem como as articulações políticas em torno de Brizola.

México, df, 5 de fevereiro /78.

Meu caro Betinho

Foi uma alegria saber que o general Leônidas Rodriguez ficará com vocês, na sua estadia em Toronto. Leônidas é um amigo nas boas e nas épocas difíceis, um combatente com uma linha coerente e firme. Sabemos que vocês farão uma boa amizade e que sua permanência aí será útil ao importante trabalho que realiza.

A noite passada, pus Leônidas em comunicação com o Theotônio. Com o professor temos estado em contacto permanente. Já no número 19 da revista publicaremos um excelente artigo seu, sobre o que apresentaremos como o começo do fim da década (para nós mais do que isso) infame, através de informações e análises sobre os acontecimentos latino-americanos, particularmente os de Bolívia e Nicarágua.

A revista avança. A edição em português foi bem recebida e agora estamos com dois projetos na cabeça, as edições em inglês e em brasileiro, ou seja, no Brasil. Quanto à primeira, já estamos em campo para o financiamento, que é o mais complicado. Dado o êxito das duas que já circulam, sinto que será menos difícil conseguir esse tutu... Quanto à edição em nosso país, o problema mais difícil a superar é o da revista mesma. Embora nos últimos tempos seja notória a abertura no campo da imprensa e já nos tenham publicado entrevistas, e notícias a nosso respeito sem os costumeiros adjetivos, não se sabe se já haveria condições para que “Cadernos” aparecesse lá com nosso nome. Vejamos.

Estamos esperando os resultados da promoção no Canadá e, sobretudo, a indicação de algumas livrarias que se possam interessar em distribuir a revista. Sobre o Konder, a fórmula de sua colaboração terá que ser outra, que ainda não está clara, pois a edição em inglês será uma tradução literal da espanhola e a mão-de-obra agregada é gringa: a dos tradutores. Se ele vai a N.York, então é de pensar em sua colaboração na revista daqui, através de artigos, etc. Vamos seguir analisando o tema, que obviamente nos interessa muito.

(...)

Falei com Brizola antes de ir e estou esperando notícias suas da Europa, para fixar a data de sua vinda aqui. Atualmente, se consolida sobre o companheirinho o cerco da social-democracia, mas, pelo menos nas declarações em Lisboa, ele soube contornar bem o tema. Ficou na defesa genérica da democracia, com suas decorrências: anistia, fim da ditadura, direito a todos de organizar-se.

Há aqui um congresso pela paz (anda muito belicoso) e o nosso Talarico mais uma vez – e com sua reconhecida eficiência – representa a mãe-pátria. Ele considera que a abertura se ampliará – é grande a pressão política e popular – e nos informa que o trabalhismo encontra um apoio muito grande, sobretudo a liderança do Brizola. Já teve uns primeiros “encontronaços” com os intelectuais – Almino em primeiro lugar – mas aqui estamos, como de hábito, procurando costurar as diferenças, pois seria um erro trágico que, de novo os intelectuais (ou os que pensam ser) se isolassem em sua *sabiduria* e suas soluções mágicas e que a massa, por seu lado, os visse com a tradicional desconfiança do passado.

O fato positivo é que ambos – Almino e Talarico – já freqüentam as páginas da imprensa, o que, nesses últimos dias, ocorreu além do Brizola, com Julião, comigo, Arraes, etc. Sinal dos tempos?

Espero notícias. Um carinhoso saludo à companheira, meu e do clã mexicano-uruguaio. Com a velha amizade,

Neiva

As articulações políticas em torno de Brizola, preparando sua volta para o Brasil, são entusiasticamente comentadas pelo cientista político Clóvis Brigagão, residente em Lisboa.

Lisboa 27/2/78

Meu velho: tempos sem escrever-te; primeiro, agradeço o presente que tu e Maria nos mandaram. Taverna que ainda não chegou a ver, pois desde dezembro que está em Barcelona por razão da exposição que só agora saiu. Estive lá por uns dias e como gostei daquela cidade e do catalão em geral. O acontecimento maior aqui foi (e continua) a chegada do Brizola, seu abraço comovente com Arraes e depois a movimentação cerrada em torno do homem. É um gênio o nosso governador. Fala gostosamente, sorri fascinadamente e nunca chega a expor o que pensa. Quer desarmamento dos espíritos (não moral!), não quer ser obstáculo para que haja redemocratização, anistia e quer conversar com todos, o que fez e deixou todos na expectativa do ressurgimento de novos cargos no PTB. É sim, PTB. Marcos é que estava vacilando pois passou por aqui há dois dias e quando o Pedro (que de fato é o nosso homem confidente do nosso governador, amanhã Presidente (ou 1º. Ministro!)) estava a dar a orientação, o Marcos veio com uma série de argumentos de princípios e purezas. Só você para dar um jeito no Marcos e puxá-lo o quanto antes para o bom trilho. Pois o Brizola, no vai-e-vem dos Political House (antes chamada York House) assessorado pelo M. Bandeira, que se deslocou de Paris, por bandos de gaúchos e observadores nordestinos, ainda teve tempo de agraciar todas as simpatias dos portugueses; dizem que os alemães já apostam nele e que os holandeses (calvinistas) após uma longa sabatina declararam ser o verdadeiro chefe de Estado brasileiro. Arraes, que teve longas (onde os cinzeiros tinham que ser renovados seguidamente) conversas com o engenheiro, reconheceu nele a liderança. Ta aí, velho, você nessa ficou totalmente por fora, com esse negócio de se isolar em Toronto, não dá. Agora o homem vem vindo, e o pessoal anda tão excitado que faz seminários sobre tudo para se atualizar. Me convidam até para falar sobre política externa, aquele outro sobre Acordo Atômico, etc. Tá uma porrada e a esquerdinha acabou de vez, micro-política sucumbiu aos desígnios do Grande Príncipe!

Diga lá se você recebeu a research proposal que te enviei. O PRIO de Oslo me convidou por três meses para ir trabalhar e como vou no verão, poderei sentir

um calorzinho. Você conhece alguém por aquelas terras do bacalhau e do Rei Olavo?

(...)

Bem, meu caro, de agora em diante o Pedrão é o nosso guia às hostes do trabalhismo socialista e democrático. Se tu tens alguma proposta melhor que nos ofereça!

Saudades,
Clovis

O Mario Murteira chegou com o Marcos e vou reatar conversações sobre o teu livro. O CIDAC chegou a escrever para o LARU?

Henfil escreve dezenas de cartas para Betinho durante o período do exílio, nas quais fica claro seu empenho em manter o irmão informado sobre o quadro político brasileiro. Além de longos e bem-humorados relatos, envia sempre recortes de jornais e suas próprias publicações, como o *Fradim*. Na carta de 1973, escrita de Nova York, a tônica é a preocupação com o destino de Betinho, refugiado no Panamá, sua torcida para que vá para os Estados Unidos e sua insistência para que aprenda inglês. Na carta de 1978, Henfil busca convencer Betinho, aparentemente descrente, de que a situação política no Brasil está prestes a mudar de rumo.

NY 26.12.73

mano velho sem porteiras,

mira my brother, usted me telefonou today e hoje jô (ui) te escrevo uma letter.

puta que pariu, tô numa poligamia viada. pensando em português, vivendo em inglês e convivendo com espanhol. Enquanto isto o puto aí não aprende inglês...

rapaz, me deu uma puta frustração dia 24. me preparei para te telefonar na noite de natal, tinha uma festinha de brasileiros e eu esperei até 11 horas para fazer a ligação. aí, a operator falou que só seria possível completar a ligação dia 26 de manhã...

como é que eu poderia adivinhar que para você falar de NY para qualquer lugar do mundo no natal é necessário fazer o pedido 3 dias antes?

como a chamada de dia é 4 vezes mais cara eu esperei chegar de noite. mas você se antecipou e gastou 4 chamadas! agora vai ficar sem falar comigo por 4 vezes e sei que vai sofrer muito. mas muito mesmo!

me esqueci também de um detalhe: panamá é base americana e aí, dia 24 e 25 tão todos os mariners ligando para suas mamãs.

mas, por algum acaso eu resolvi ligar no domingo para dona maria. aí foi a luta da técnica contra bocaiuva:

- dona maria?
- sim? quem fala?
- é seu filho, dona maria! De nova iorque!
- meu filho?
- é, dona maria
- (silêncio de 10 segundos)
- dona maria, a senhora ta aí? é seu filho!

- (silêncio – respiração ofegante)
- dona maria! cumé? não vai falar com seu filho?
- deixa de cê bobo, menino. Num é ocê não!

menino, logo depois ouvi um puta barulho e logo dona maria explicava que na confusão derrubou o telefone.

mas, tô mandando aí procê a carta que ela me mandou e uma carta que é para você, escrita num papel dos móveis cimo.

bão, vamos ao noticiário: quando telefonei para Isa, notei que ela já estava impotente para conseguir a sua ida pralá. o que estava derrotando era a nova exigência: dossiê do pessoal que não fosse chileno. tá tudo certo, tudo arrumadim, mas os homens parecem que tão querendo estourar o tempo para que a turba se vire para outros lugares. isa me explicou ainda que o telefone dela não está recebendo telefonemas a cobrar. disse que era uma complicação com a telefônica.

mas, eu acho que a complicação é deles lá para controlar um pouco as chamadas. Ou então eles brigaram com a telefônica para esclarecer cobrança errada. Eu quase entrei nesta dança com a telefônica daqui porque me cobraram 353 dólares de chamadas. Foi um pau e consegui passar a conta para 198... PÔ! 160 dolares de roubo!

outra frustração de natal: nos preparamos para ir pro Canadá, carro de amigo, capotões comprados, luvas, revistas embaladas, espírito jovial e cadê? cadê o grande encontro?

tentei ligar para o peter roman mas até agora não achei o puto. olhai, se depender do peter, você entra aqui na marra. êle telefona sempre, preocupado, mexe daqui, dali, me cobrando coisas... americano é foda, meu irmão. não posso dar uma errada, nem esquecer um detalhe da transa da sua vinda que o peter fica puto e esculacha. portanto saiba que tem um cara que está trabalhando seriamente por você nos EUA: peter. tem uma chance para você também em N.Jersey. O marcos arruda é que tá abrindo. Tem um cara lá que chefia um departamento e que está quebrando todas as lanças pra tua vinda. Apesar de ter que saber inglês ele confia no seu rápido aprendizado (tás fudido! o aprendizado não é tão rápido assim...). O que está empatando é que o departamento dele tem verba muito curta e aí ele está tentando conseguir verba "desviada" de departamentos outros. Esta é uma chance muito importante e que vai completar com teu emprego na hostos do peter. e, mano, você nunca esteve tão perto de viver a experiência americana como agora. vê se dá para aguentar as pontas mais um tiquinho, porque senão vai ser difícil. e, não gostei da transa do México e Venezuela. por que? porque acho um certo atraso de vida. por que? porque a turba que já foi pro México tratou de tirar o time por causa das péssimas condições de vida para os estrangeiros concorrentes...

Venezuela? tudo o que sei é que a situação lá tá no vira não vira. muito instável e com uma poderosa polícia política bem entrosada com suas irmãs mais ao sul...

vi o plínio conversando com uma moça que saiu do chile para lá e ela dizia prele que não dava para aguentar a barra muito tempo. plínio estava tentando trazer a moça pros EUA...

a única vantagem do méxico é a proximidade com os EUA e aí eu posso te ver... porém, acho (e acham o plínio, marcos) que o mais importante seria você poder viver a experiência aqui. como esperar?

bão, minha filha, economize seus dólares restantes ao máximo. ande de ônibus, não compre nada que não seja comida e resista no panamá até ter a resposta final dos EUA. Não tome nenhuma resolução de abandonar o panamá até que o peter diga: desisto. não sei porque, confio paca no peter.

como ainda não consegui falar prêle, no fim da carta eu devo te dar a resposta dele para o caso da transferência do pedido de visa para o panamá. aguarde lendo aí. se prepare para receber na cara a humilhação de não saber falar inglês! americano, quando nota que v. não sabe inglês diz apenas: "sorry" e se manda. lá no brasil, quando alguém fala inglês ou francês, o povo se vira para atender e entender o que diz o "superior". aqui, há apenas o "sorry"...

e, mano velho, impressionante: nada pára nova iorque! nem astronauta, nem nixon, nem mao, nem sinatra, nem beatles, nem pelé... você vai entender aqui isto, rapido!

nego tem que chorar sangue um bom tempo para conseguir ser apenas um igual aos milhares que são "conhecidos". Eu disse: "conhecidos". pode notar que só tem cara nacionalmente famoso com mais de 60 anos...

há explosões inesperadas: ângela davis, malcon, etc e tal. mas tudo dentro de um contexto meio especial: briga racial...

ou elvis presley (que hoje é um "conhecido").

celso furtado chega aqui com sua fama toda e descobre que nos EUA tem 250 mil celsos furtados...

eu, paulo francis, plínio, etc tivemos a mesma experiência.

no brasil a gente é gente. aqui...

eu: fui mostrar meus desenhos tão famosos no brasil para uma garotinha de 17 anos, americana, e ela: oh! You are cartoonist? Me, too! E, sem o menor respeito foi buscar seus desenhos... da maior qualidade e com aplicação de recursos (papel, tinta, retículas, etc e tal) que eu tive que perguntar o que era. Acabei levando um banho de técnica. E a menina não publica seus desenhos, é apenas hobby. Como ela, tem uma porrada.

e, para me atrasar a vida tanto tempo quanto durar minha ignorância: não sei inglês! sorry.

tô te contando estas "verdades" porque você vai levar isto na cara. vai ficar calado, mas morto de vontade de dizer coisas. mas dizer como? zi men? vai saber que tão passando filmes do caralho e nem adianta ir porque não vai entender nada. vai ver na TV filmes do chile, com tudo explicadim, uma hora de reportagem e não vai entender nada.

eu: assisti pela tv a queda de soiro agnew, com entrevistas, filmes, tudo ali

na minha cara e eu tinha que esperar chegar o jornal do brasil para poder entender o que vi.

sem falar da guerra dos árabes e israel: filmes nos jornais da TV sensacionais, e o babaca aqui olhando só, escutando nada.

daqui a pouco dão o aviso que vão jogar a bomba em NY e eu vou ficar só olhando e rindo feito bêsta.

duas experiências que v. logo vai entender: sua queda de status (profissional, porque o financeiro que se aguenta) e sua consciência de que és surdo e mudo. Fora isto (e é isto que é importante para a gente se virar) o resto é sensacional.

mas, mano velho, sabe de que escapamos nós? de uma puta nevada em quebec! a chamada puta storm. neve com 5 metros. quebec ficou sem água e luz... iamos morrer todos de frio e sede...

bão. tô doido para conhecer a maria. mas, cadê que ocês chegam?

minha vida?

joelhim me enche o saco um pouco, mas, deu uma puta melhorada de um mês paracá. vivemos, eu e bê num apartamento num lugar ótimo em manhattan. ótimo no sentido de localização residencial e segurança (roubo...). 460 dólares de aluguel! porém, só podemos estar aqui porque o apartamento é dividido com o orlando. uma vida em comum sem raízes, mas que está funcionando. e, fica por 230 dólares... vida é cara pra caralho. um bife custa no supermercado 1 dólar e 60! cinema? 3 dólares (19 cruzeiros). e sobe todo dia!

berenice tá fazendo um curso super intensivo de inglês (4 horas por dia) para poder depois fazer universidade de novo (o diploma dela dá direito a iniciar no 2º ano...) e depois conseguir trabalho. Como vê de nada adiantou ela já ser formada e ter até prática de dois anos na profissão (fisioterapia na área de paralisia cerebral, vulgarmente chamada de PC...).

eu? trabalho pro brasil dia e noite: Jornal do brasil onde faço a série do gangaceiro zeferino que v. conheceu na revista. Pasquim (onde a censura está cortando 9/10 do jornal e acaba fechando o puto). Minha revista do fradim, que me obriga a fazer 36 páginas por mês... E, O Dia, com charges de futebol. Com isto, não me sobra tempo para aprender inglês e viver nos EUA. Vivo o brasil. Para poder abrir uma brecha de tempo pro inglês vou ter que largar um emprego. qual? pasquim não posso e ademais sou dono da dívida também. (uma dívida de quase um bilhão que os donos antigos fizeram). "O Dia" eu não posso largar porque é o unico empreguim fácil e seguro que tenho. JB eu não posso porque é com a história de zeferino que dou o recado. a revista? é minha e reúne meu trabalho. Estou ameaçado de perder o pasquim (um dia eles fecham de vez), minha revista (tô desconfiado que um dia eles colocam a revista para censura prévia e aí eu paro) ou o jb (teve uma crise lá e subiu uma turma de direita no lugar do antigo diretor: otto lara).

tá meio confuso mas eu explico. Não posso largar nada porque não tenho segurança mínima em nenhum deles. Se largo o JB e dois dias depois eles me

fecham a revista e o Pasquim eu tô fudido...

o problema maior é que eu tenho que começar a pensar a partir de 6 milhões de cruzeiros que é a minha despesa fixa no Brasil (2 para gilda ivan, 2 para meu procurador e diretor da revista do fradim, 1 para apartamento de dona maria e despesas de d. maria e 1 para pagar imposto de renda, INPS, ISS, etc e tal). Isto tudo aí explicadim quer dizer que, só a partir de 6 milhões é que eu começo a receber dinheirim aqui nos EUA. Aí começa outro drama: remessa do dinheirim! Você só tem direito a receber 300 dólares! Aí tem que apelar pro cambio negro e começa uma novela desgraçada. Tem mês que meu procurador não consegue muitos dólares no câmbio negro e aí é aquela parada!

entende agora porque eu me escandalizei quando você falou em 500 dólares? E, puto, você falou em 500 dólares com uma naturalidade que eu me pergunto: quantos milhares de dólares ganhava este puto no chile?

nós aqui vivemos na base do controle dos cents...

tu num sabe o que te espera.

sabe quanto ganha o orlando para trabalhar dois horários? 500 dólares! Eu consigo receber em média 800 dólares por mês do brasil e dá para pagar meiado o apartamento, comer em casa (restaurante nunca), andar de ônibus e pagar o curso da Berenice (170 dólares por mês) e cinema uma vez por semana... A revista do fradim é que vai ajudar e dar uma aliviada muito grande, mas, ainda devido à dificuldade da remessa de dólar e à dificuldade por que passa o pasquim (mês de dezembro e 13º salário do pessoal lá foi pago com minha revista e... minha parte) eu ainda nem vi cheiro do dinheirim rico.

quer dizer, estou amarrado no brasil, numa situação super instável e sem poder aprender inglês para iniciar uma vidinha aqui. mas, agora parece que vai dar para iniciar alguma coisa. Uma menina vai passar a agenciar minhas charges. Não é o ideal porque o certo seria eu mesmo traduzir e levar tudo. Mas, como não posso trabalhar aqui (não sou imigrante e meu visto de correspondente não permite) a menina vai receber por mim e me passar o dinheirim. Uma transa que não sei se vai dar certo, mas que pode dar.

é capaz de você se firmar aqui primeiro do que eu.

se aprender inglês rápido...

bão, tô na lauda 5 e vou parando, porque terei que te escrever mais depois que telefonar para o peter.

aguarde na linha.

falei com o peter e ele não sabe direito o que fazer. fica puto da vida pela impotência. mas, disse que ia telefonar hoje à noite para vânia e aí é capaz de ter falado com você também.

me disse o peter que quando souber que saiu alguma coisa (do visto) para você ele me telefona e aí eu vejo onde você está. Se estiver no canadá, você faz a solicitude pelo canadá. Se estiver ainda no panamá, peter vai procurar aí trocar o aviso para o panamá e aí você faz a solicitude pelo panamá. ele

achou melhor fazer isto porque se trocar para o panamá o aviso, depois você vai para o Canadá e aí fica uma foda fazer as trocas Canadá para Panamá, Panamá para Canadá. vão achar meio estranho estas sucessivas trocas e falta de informação a respeito do seu paradeiro.

peter me perguntou ainda pela maria. ou seja, se você estava com mulher. eu não entendi porque. e ele só estava querendo saber.

e aí eu me lembrei que não sei nada a respeito da maria. além de ser excelente figura humana, quentinha, gente fina, que pele! mariazinha nossa faz o que? é rapaz. precisamos cuidar da vida da maria também... Quem sabe é mais fácil arrumar para ela? e se o visto só vier para você?

JÁ PENSOU NISTO? PENSOU NISTO? PENSOU NISTO?

este épa aí é muito importante.

bão, tô escrevendo esta carta na suposição de que v. receba antes que a gente se encontre.

de qualquer maneira, vai se segurando aí. não me venha com este papo de Venezuela, pelo amor de Deus. nunca vi ninguém mais pé frio para derrubar governos. México, sei não. porém, olhai, se o peter conseguir a sua entrada nos EUA e você estiver na casa do caralho já instalado, o homem vai ficar puto. trabalha para trazer vocês para cá dia e noite e você não espera a resposta...

esperar a resposta é preciso. Depois tomar rumos outros como esperar? gaste seu dinheiro do banco marino, sei lá o que. E, se ainda assim não der, eu mando uns trocadinhos (...), e se ainda assim não der, arrume um trabalhinho mixuruca no Panamá só para comer.

mano velho, maria nova, calma aí!

vamos confessar e preparar a alma pro encontro com o senhor!

aleluia irmão.

oremos.

Henfil e Bê *(um beijo para vocês!)* *(esperem aí!)*

quem te manda um puta abraço é o Argemiro (foi do cec, etc e tal em BH).

Natal 10.5.78

Mais uma entrevista
da mãe: veja aí
a revista Repórter 3
que mandei noutro pacote.

Bé e Má

Sim!

Tua análise é boa e pode ser lida. 1988? 1989? 1990?

Antes, já recebeu uma porrada de jornais e revistas? Tenho mandado mais de 4 pacotes de revista por semana. Fradim?

Voltando: sim!

Quem disse que meu otimismo é pela mudança próxima em termos de sociedade capitalista, social imperialista ou istas incorporations?

Remember: democracia liberal. That's it! When? I do think it's now. Now? 1978...79...

Mano, tá difícil seguir os fatos. Toda hora (hora, não é dia, é hora) acontece novidade.

Eu disse: basta um empurrão. Quem empurra? Perguntou você...

É isto, faltam-lhe as novidades. Mas chamo atenção na sua leitura aí para a confederação dos xavantes empurradores:

Pinto? Sim. Mas não é só ele. Aliás, ele anda agora na retaguarda, ele que foi vanguarda. Não, não recuou. Os outros pólos é que avançaram.

Presta atenção na sua leitura para as seguintes pedras: OAB (tá cada dias mais mais), Igreja de Base (as pastorais da juventude, pastorais operárias etc etc) está ocupando um imenso terreno, o único realmente povo. Imprensa (nunca vi nada mais monolítico que esta bateria interminável formada por Estadão, JB, Folhas, Veja, Isto é, Repórter 3 (nova) e a charanga alternativa que, somada, é de se respeitar: Pasquim, Movimento, Repórter, Vênus, Em Tempo (vai indo bem), De fato, Coojornal e mil jornais que saem todo dia). Temos aí uma frente ampla na imprensa = imprensa burguesa + imprensa nanica burguesa. Quem a favor = só alguns jornais associados (cada dia menos venda) e The Globe (mudando sutilmente de um ano para cá...).

Isto deve querer dizer alguma coisa. Eu tenho quase morrido de tanto ler tantos jornais. Você deve estar notando pelo aumento de recortes que estou mandando...

E atenção: a TV e os rádios estão sendo liberados gradualmente. Estamos vendo na TV, horário nobre, até denúncias de maus tratos a presos... Os programas humorísticos já gozam salário mínimo... Novidade de três meses para cá... Outro dia a Rádio JB entrevistou Márcio Moreira Alves!

EMPRESÁRIOS estão aumentando no queixume bem articulado.

POLÍTICOS tradicionais, base "legal" em que o sistema andou se apoiando

para efeitos cosméticos, estão se rebelando. José Bonifácio, Sinval Boaventura e Daniel Krieger se retiraram da política! Não vão se candidatar mais! Paulo Egídio (de SP) diz que só entra em novos partidos. Veja, estes caras são todos fracos e representam pouco, mas davam uma certa legitimidade ao sistema. Tão em rebelião e fornecendo panos pros jornais continuarem na bateria. Sem falar do Pinto...

Lembrar aí que, mesmo tendo toda a força, o sistema precisa se justificar... Tá faltando gente para justificar, tá faltando argumentos. Esta é a maior arte deles.

MULTI – elas andam falando muito que “estão mais preparadas para dialogar com sindicatos livres que as empresas nacionais...”

114 milhões de brasileiros – vão votar em massa no MDB em nov. 78 e criar um puta impasse. Depois do episódio da escolha dos governadores eu tô tímido, ponderado, nas minhas críticas do sistema em relação ao que se ouve em qualquer lugar. Segundo o Faoro: qualquer conversa hoje entre 2 pessoas é enquadrável na Lei de Segurança Nacional...

As piadas estão incontáveis! Não tenho coragem de te contar, na carta, as mais fracas delas. E sabe quem conta? Todo mundo! As pessoas mais ponderadas. Não são piadas, são insultos. A ampulheta virou e o povo já entra em campo vaiando, seja lá o que for. Vaiam até tiro de meta. E daí? Povo? Povo conta? Sim, em novembro cabe ao povo votar... E “eles” estão sem saber o que fazer para segurar o resultado que as pesquisas apontam... A não ser que suspendam esta eleição, a coisa vai voltar a 68...

SINDICATOS - táí uma novidade! A oposição sindical está toda hora se elegendo. Nota-se aí a presença agressiva da Pastoral Operária. Tenho até medo quando leio os boletins.

Volto a OAB – eles estão dando todas as coordenadas jurídicas e de argumentação para a bateria de imprensa, igreja de base, movimentos de opinião, sindicatos, políticos e militares...

Dizem que o primeiro passo é habeas corpus, depois acabar com artigo 185 etc, etc.

Cada oposicionista (todo mundo!) hoje é um aprendiz de jurista. Recitam leis como recitam escalação do Flamengo. Isto nunca houve. Você escuta um operário contra o FGTS e nota que ele leu ou ouviu os argumentos dos juristas da OAB. Nota-se aí a grande penetração dos jornais sindicais e assembléias. Detalhe? Na posse do Lula no Sindicato dos Metalúrgicos tinham 10 mil operários...

BUROCRACIA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA - querem entregar os anéis para salvar os dedos. Toda hora um ministro ou um alto funcionário oferece o AI-5, 477, etc para ver se a grita acalma.

ANISTIA – a campanha é incontrolável. Subestimada no início, vem crescendo tanto que quase ficou mais importante que o habeas-corpus. Tudo isto cresceu depois que estourou o caso Para-Sar (o capitão Sérgio), morreu a mãe do Márcio Alves e entraram em greve de fome todos os presos políticos. Todos

aceitam a anistia (até o primo), só não aceitam que seja para os terroristas... Militares – novidade! Sabe quem tem dado as mais sérias entrevistas a favor da anistia, habeas corpus e reforma da LSN? O brigadeiro Délio Martins, presidente ministro do SIM (onde já tem o Rodrigo Octavio) e FUTURO MINISTRO da Aeronáutica do primo! O caso do tenente coronel Tarcísio ainda não acabou. Ele saiu da prisão e se encontrou com o Brossard! O caso do Para-Sar tá pegando fogo na Aeronáutica. Todos querendo justiça para o capitão Sérgio que denunciou tudo. Não recebeu aí os jornais e revistas a respeito? Agora, ontem, o tenente-coronel Itamar, também do Paraná, da ativa, pediu entrevista ao jornal Movimento e disse TUDO e depois falou que era candidato pelo MDB para deputado! Foi preso. Mas a entrevista está em todos os jornais de hoje. E ele é candidato já inscrito no MDB! Se ofereceu para a entrevista!!! Por que estes caras andam fazendo isto? O que querem? Sei eu? Só sei que militares da ativa ofereceram ao MDB a chance de lançar um candidato militar contra o primo! Leia aí os jornais que te mandei. O papo deles com o MDB vem sendo noticiado todos os dias. O MDB é quem está recuando!!!! Os militares andam fornecendo notícias aos jornais sobre corrupção. O relatório do Hugo Abreu tá aí de pé!

Olha, você perguntou: quem empurra?

Isto tudo aí. Leia de novo.

Tua análise é perfeita quanto aos planos de funcionamento do poder global. Só faltou, me parece, perguntar ao dia-a-dia do Brasil se ele vai ficar quietinho. Sim, faltou somar na análise do PLANO DO PODER GLOBAL as contradições atuais no regime, no pacto social atual brasileiro. O pacto está rompido! Não há máquina bem organizada e poderosa que seja que consiga se manter quando o pacto social se rompe. Há? Penso que não.

Daí que tá tudo parado aqui esperando o resultado da partida. Ninguém constrói casa, investe em bolsa ou caderneta, faz planos. Nem as pessoas físicas nem as pessoas jurídicas! Tudo parado esperando a copa e as eleições. Fatalismo de todos, sabedoria geral, intuição popular de que a coisa agora tem que passar por uma pinguela? Convencionou-se, aceitou-se informalmente, que a “negra” será nas eleições. Mas, antes disto, tanto os que estão no poder, quanto os que querem o poder, vão tentar de tudo. A novidade é que agora os que não estão no poder querem mudar as regras do jogo também a seu favor. Antes, só o governo queria e fazia. Daí os militares se oferecerem para apoiar ao MDB! (já pensou nisto antes? Militares se oferecerem ao MDB!!! Ora veja só!!!)

Então? Que me diz? Tem quem empurre?

Observe que não falei da esquerda nem dos intelectuais e nem do MDB e PSB...

Panelas, direis!

Um beijo na Mary e procê!

México???! FIL FIL

Henfil

Carlos Afonso e Marcos Arruda foram duas referências importantes para Betinho no exílio, e há uma extensa correspondência de ambos no arquivo. Com Carlos Afonso, conhecido como “Camões”, companheiro desde o exílio no Panamá, Betinho criou e dirigiu o Larú. Com Marcos, ex-companheiro de Ação Popular (AP), manteve um diálogo permanente sobre a situação política no Brasil, que se intensificou com as perspectivas criadas pelo processo de abertura e a possibilidade de retorno ao país.

5/12/78

Dear Herb,

Escrevo esta depois de nossa reunião de ontem à noite. Resumo da reunião:

1) Já está chegando a hora de prestação de contas (reports). Precisamos de toda informação possível. Gostaríamos de incluir a reunião sobre o Brasil (que vocês disseram que iam realizar por esses dias) como parte do nosso programa de seminários. Queremos o endereço do Pinheiro (Washington).

2) Marta e Arturo também votam contra a publicação de mais um número sobre a igreja dentro da série LS. Aceitamos publicar o artigo do Dussell como working paper, nada mais. Diga-se de passagem, a cópia do artigo do Dussell que chegou aqui está completamente ilegível. Faltam páginas, e a xerox ficou muito ruim; não dá pra ler, mesmo.

3) Decidimos por unanimidade (se não fosse, não aprovaríamos), a progressiva incorporação do Polo e Nivaldo ao LARU – Toronto. Por enquanto, eles ainda ficam fora da discussão sobre finanças, contatos, etc., mas já vão estar por dentro de toda programação de atividades. Houve um certo atrito com a Marta, que via a coisa em termos de o LARU precisar ou não de mais gente, quando, no caso, o que se tratava era de dar oportunidade a quem está mostrando interesse e está a fim de aceitar as regrinhas básicas (apartidismo, etc.), ademais do fato de o LARU em futuro próximo ter que dispor de gente preparada para possíveis “replacements”. Mas, tudo resolvido sem problemas.

4) Vamos enviar propostas de publicações pra vocês. Uma delas, talvez um próximo LARU-Studies, teria como tema o campo e estrutura de classes na AL (esse, sim, é um tema que nunca tocamos), com artigos de cobras tais como Lefebver, Al Berry (coibríssimo, moçada, da University of Toronto), organizado tudo pelo Murmis, que seria uma espécie de editor do número. Que acham? Se derem a luz verde, já vamos começar a trabalhar; os artigos já estão em parte available. (Pelo menos o do Berry).

5) AINDA NÃO RECEBEMOS NENHUMA COISA PUBLICADA PELO LARU DESDE QUE AS PUBLICAÇÕES SE TRANSFERIRAM PARA O MEXICO! Já estamos

preocupados. Subscriptions e pedidos continuam chegando. Outra coisa: pessoal tá enviando as respostas à tal circular sobre publicações em espanhol e/ou inglês pra nós, apesar de vocês terem batido o endereço bem pequenininho na circular, da UILA. Como não ficou claro para quem mandar, em caso de dúvida eles mandam pro endereço da letterhead, é lógico. Vamos mandar um pacotinho delas pra vocês em breve.

6) Já recebeu os artigos do Bobbio (da Telos)?

7) Como é, Maria, vai estudar ou ser escrava do lar?

Saudades,

CA

Nesta carta de Marcos Arruda, fica claro que já estão em curso as articulações em torno da montagem de um instituto “pluralista e extrapartidário”, “profissional, mas não acadêmico”, de assessoramento ao movimento social no Brasil. Trata-se da gestação do Ibase.

Genebra, 31 de julho de 1979.

Beto, mano,

Encontrei sua carta aqui no escritório e fiquei contente com as notícias. Aí vão minhas reações à idéia do Carlos, e minhas perguntas. Pensei que haveria um compromisso mais concreto seu com a formação das estruturas do PTB – inclusive aquele falado instituto, que seria um instrumento muito importante. Se não há, então vamos mesmo trabalhar num sentido pluralista e extrapartidário. Quero que você comente mais em detalhe a idéia do Carlos e os meus próprios comentários. Precisamos trabalhar rápido, escrevendo-nos com mais frequência até chegarmos a uma idéia mais precisa do que queremos. Que acha da minha proposta de consulta aos movimentos populares – através de elementos de destaque como os que mencionei? Acha conveniente e viável? Pra mim é já uma maneira de criar um instituto diferente, profissional, mas não acadêmico, e também de facilitar a busca de recursos. Enquanto isso, Manoel prepara um projeto de um centro de pesquisas e formação de sindicalistas rurais, procurando fundos para fazer uma combinação muito interessante de dirigentes camponeses com intelectuais de variadas profissões (advogado, economista/político, sociólogo, médico/enfermeiro, dentista, antropólogo/culturalista...) para trabalhar sobre o campo brasileiro. Ao mesmo tempo, o pessoal da Oposição Sindical está discutindo aquela minha sugestão de uma assessoria de pesquisa e formação.

(...)

Como sabe, fico ainda dois anos morando aqui e trabalhando no CMI [Conselho Mundial de Igrejas], no fim dos quais pretendo voltar pro Brasil. Devo ir passar férias no Rio em fev-março, ligando esta com uma viagem por vários países da Am. Latina, que me levará aí também. Onde pretende estar por essa época?

(...)

Outro abraço,

Marcos

WORLD COUNCIL OF CHURCHES

8.9.79

Beto, meu velho,

Acabo de falar com a sua sonambulidade, curtição, pena que não conversamos com mais frequência. Bom saber que Daniel está felicíssimo aí. Tenho muita esperança de vê-los em novembro. Gostei muito dos dois textos do CAPG.¹ Vocês fizeram um excelente trabalho. E a coisa promete mesmo. Uma das minhas possibilidades de financiamento é ligada à Alemanha federal, mas neste caso tenho que abrir a idéia para o Frederico, um excelente amigo brasileiro que vive em Berlim. Acho que ele é um potencial colaborador nosso. Trabalha como jornalista, mas está terminando um livro sobre o acordo nuclear Brasil-Alemanha, e participando de uma pesquisa sobre a VW, setor Brasil. Além disso, participa intensamente no trabalho da oposição sindical aqui na Europa, em relação aos sindicatos alemães – osso duro. Ele tem excelentes contatos na RFA, e poderia ser muito importante pra nós lá. Outra possibilidade, penso eu, é você aproveitar sua posição de coordenador geral do CLAIP para cavar fundos dos Peace and Conflict Institutes dos países endinheirados. Vou discutir outras possibilidades com Gerson e Paulo fr.

Segue o meu book review do Evans pra você. Me diga o que acha. Talvez valesse incluí-lo em algum LARU, que pensa? Mas temos que esperar primeiro que saia no Latin American Perspectives. Você recebeu a cópia da minha carta pro Brizola? Ele não respondeu. E nenhum dos companheiros de Lisboa, pra quem mandei cópias também, respondeu tampouco. Sabe, parece que as coisas estão difíceis pro lado do Lysâneas, pelo que me chegou aqui. Ele foi pro encontro de Lisboa sem consultar suas bases lá no Rio, e agora anda meio isolado devido à sua declaração em favor do trabalhismo. “Está se preparando pra arrebanhar o governo do RJ”, dizem ferinas línguas. E isto seria mau? Mas, o importante é que sindicalistas autênticos (Lula) e da Oposição sindical (José Pedro), mais parlamentares autênticos e intelectuais se reuniram

há pouco em SP (não sei bem quem mais estava) e decidiram descentralizar o debate sobre um partido popular, criando comissões de base por toda parte e setor da população pra discutir como um partido popular deve ser e que deve propor. Isto porque o próprio PT está sendo articulado de cima pra baixo, já saiu até um programa com vários equívocos do tipo confundir objetivo estratégico com metas táticas. Acho-o muito inadequado, como também a Carta de Porto Alegre. Fizemos uma reunião de brasileiros na Europa aqui em Genebra no último fim de semana, vieram mais de 50, um ambiente ultra aberto e agradável, muito pouco resquício de dogmatismo. Discutimos centralmente as questões movimentos de massa e formação de partidos políticos, e concluímos por não dar nenhum apoio explícito a nenhuma formação atual, mas chegar a um consenso sobre como deveria ser um partido de massas hoje. Esqueci de dizer que a reunião era de pessoas não organizadas em nenhum partido, nem nos em formação, nem nos velhos partidos da esquerda. Todos saíram muito contentes. Te mando depois o relatório que vamos escrever. As idéias básicas são: queremos um partido de massas, não de “vanguarda”, que seja constituído de baixo para cima, que elabore assim um programa em que estejam representadas todas as metas de luta das diversas camadas de assalariados que o vão compor, e que tenha espaço para uma clara política de alianças táticas, inclusive com setores da média e menor (pra não dizer pequena) burguesia simpáticos às causas populares. Havia muita animosidade contra o Trabalhismo, principalmente por duas razões: a principal, “ligações com a Social-Democracia”, a segunda (não tão secundária), “manobrismos do Brizola” (como os conchavos com Tancredo e Teotônio). Velho, insisto que você pesquise outras possibilidades de sediarmos o CAPG – São Paulo é de morte, e morte não tão lenta..

A melhor sorte aí na terra, abraços apertados pro Henriquinho, Vanda, Filo, Chico, Gloria, D.Maria e todos os amigos. Te cuida muito bem, e não planeje voltar praí antes de terminar tua tese.

Abração, Marcos

1 A idéia do CAPG, Centro de Análise de Políticas Governamentais, teve continuidade, mais tarde, com a criação do Ibase. (Nota das Organizadoras).

A volta do “irmão do Henfil” é saudada pelo escritor Otto Lara Resende e pelo crítico musical Târik de Souza.


ECT TELEGRAMA TELEFONE TELEGRAMA	11111 X SPMT 21337 A RJLL 171355 ECZC LPA529 01320 20 SPMT CO RJLL 024 RICDEJANDIRO/RJ 24/22 17 1330	17111 14032 011497	DATE PELO TELEGRAMA
	TELEGRAMA HENFIL RUA ITACOLOMI N/419 8/ANDAR NIGIE NOPOLIS SACPAULO/SP(01239)		ECT
	HENFIL BENVINDO DETINHO AGORA MEU NANG TAMBEM E DE MAIS 110 MILHOES ABRACOS TARIK		TELEGRAMA TELEFONE O SEU TELEGRAMA
	COL 419 8* (01239) 110		DATE PELO TELEGRAMA
ECT TELEGRAMA TELEFONE TELEGRAMA	NNNNN 11111 X SPMT 21337 A RJLL	1704 79 SEMI-DIA TELEGRAMA	ECT

Betinhos,
veja que botei seu nome no plural, como se fossem vários Betinhos. A máquina ~~me~~ traiu, mas quem sabe são vários mesmo? Unidade na diversidade. Espero que você reencontre no Brasil a paz e a acolhida que merece. Que a pátria lhe seja propícia. Vivi sempre aflito pelos amigos distantes, exilados, banidos. O nosso Henriquinho nunca deixou que esquecêsemos Você. Nesta hora, quero lembrar o velho convívio, aquela viagem a São Paulo, lembra-se? Deus o abençoe e lhe dê paz, com a anistia dos seus (nossos) sonhos - ampla, etc.
Bemvindo!
Abraço

sempre amigo. do seu velho
COHN

Rio, 21.9.79, 6ª feira.

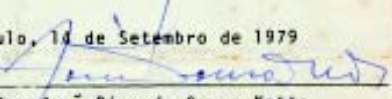
Com a anistia, a condenação a cinco anos de prisão e a suspensão dos direitos políticos de Betinho foram anuladas.



1ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar
Av. Brig. Luiz Antonio, 1249 - Telefone: 285-3084
SÃO PAULO - SP

C E R T I F I C A D O

Eu, Bel. JOSÉ DIAS DE SOUZA NETTO, Diretor da Secretaria da 1a. Auditoria da 2a. Circunscrição Judiciária Militar, c e r t i f i c o, a pedido verbal do Dr. José Roberto Leal de Carvalho, Advogado, que revendo em cartório os li-
vros e demais documentos a meu cargo, constatei que HERBERT JO-
SÉ DE SOUZA, filho de Henrique José de Souza e Maria da Concei-
ção de Souza, com 35 anos, natural de Minas-Gerais, condenado,
à revelia, em sessão de 11.09.72, ao cumprimento da pena de
cinco (05) anos de reclusão pelo crime previsto no art.14 do
DI 898/69 e mais a acessória de suspensão dos seus direitos po-
líticos pelo prazo de dez (10) anos, nos autos do processo nº.
703/72, teve declarada extinta a sua punibilidade pela ocorrên-
cia da anistia, através do despacho de 30.08.79, do Dr. Audi-
tor, feito com fundamento no artº 1º da Lei 6683/79, combinado
com o art. 123, II, do Código Penal Militar, razão pela qual,
em ofício nº 1003, de 30.08.79, dirigido ao DOPS, foi ordenado
o recolhimento do mandado de prisão que havia sido expedido /
anteriormente em razão da condenação acima referida. Nada /
mais consta; do que, dou fê.

São Paulo, 14 de Setembro de 1979


Dr. José Dias de Souza Netto
Diretor da Secretaria.



O amor no exílio

Desde que Betinho e Maria Nakano começaram a namorar, em 1970, até a morte de Betinho, em 1997, em apenas duas situações eles estiveram afastados. A primeira durou cerca de um ano e ocorreu em 1971, quando Betinho partiu para o Chile e Maria ficou em São Paulo. As cartas enviadas do Brasil nunca chegaram às mãos de Betinho porque Maria esqueceu um código que haviam combinado por questões de segurança. O segundo afastamento, em 1977, durou cerca de cinco meses. Betinho estava em Glasgow, na Escócia, e Maria em São Tomé e Príncipe, na África. Apesar do curto espaço de tempo, trocaram intensa correspondência, na qual um Betinho romântico vem à tona. Em meio a relatos descontraídos do cotidiano em Glasgow e do incentivo ao trabalho que a companheira desenvolvia na África, Betinho expressa seu imenso amor por Maria.

29 abril, 77

Minha Maria,

Hoje enviei as cartas para você e agora começo outra... ora porque, porque quando falo sozinho, falo com você, te adoro, TE ADORO!

Hoje aconteceram, no entanto, algumas coisas boas:

1 - Comprei uma manga por 40 pennies! Numa loja de west indians.

2 - Terminei a revisão das Notas sobre o C. Mundial e portanto 2ª. feira seguirão para Toronto!

3 - Chegou aqui o Xabier e + uns 4 bascos. Amanhã vamos conversar mais. É um dos leitores entusiasmados que tenho e isso me anima. O Regis fez uma boa leitura das notas e ajudou bastante. Custou mais saiu.

4 - Chegaram coisas de Toronto (não sei se já falei sobre isso = o nosso aluguel agora vai ser de 268,00 e os filhos da puta fizeram o seguinte: vamos aumentar 8%, porém o cálculo é assim:

238,00

10,00 parking

248,00 + 8% sobre este total incluindo o parking como parte integrante do aluguel! Não é uma gracinha?

(escuto Milton Nascimento...é de chorar pelo Brasil que

estão matando... brutal este capital que passa por cima e por dentro dos homens e que em seu processo gera monstros e degenera o que o homem tem de melhor).

No fundo o Brasil que amo é a humanidade com que sonho, e que vem sendo torturada na engrenagem da dominação dos donos da produção, que passou a produzir um mundo à imagem e semelhança do que o capital produz: um mundo quadrado povoado de coisas e vazio do próprio homem, um mundo povoado de minorias e despovoado de grandes maiorias felizes.

Enfim a filosofia! E os sonhos e os gemidos e os vazios das multidões de escravos...

Bem, neste quadro, alguns estão tão cheios de seus vazios que se desestruturam, não sonham com o mundo dos milhões de homens, sonham com o vazio de seus pequenos e desertos mundos. O Cruz voltou de Paris arrasado e vão voltar para o Brasil. Não teve condições nem de falar comigo. Não tenho condições de invadi-lo com outros sonhos e com a humanidade... e isso é a morte da capacidade de ver e de amar.

Como você vê, Glasgow continua frio! E o quarto e a casa miseravelmente frios.

_____ x _____

2 Maio,
(...)

Bom!

As coisas seguem. O tempo melhora mas muito devagarinho. Enquanto isso, no sábado tive outra crise no joelho. (...) O Regis foi muito legal. Me levou ao hospital nas 2 vezes. Creio que não é normal ter 4 crises em menos de 2 meses, mas vamos ver o que diz o cirurgião que fez o trabalho! Se não der certo prefiro uma perna de pau que não dê cupim.

O resto anda normal, trabalho, leio, vou agora trabalhar 2 dias na semana com o René e quero aproveitar o tempo que me sobra aqui para adiantar ao máximo a tese.

Beijão, Maria linda.
(...)

11 Maio 77

Morzinho

Beijão.

Sua carta chegou em 10 dias. Antes que ela chegasse eu já havia te enviado 2. Recebeu? Bem.

O frio diminuiu, porém ainda é frio, mas tolerável. Várias questões fundamentais não estão resolvidas tais como tomar banho, comer e dormir sozinho!

E além de tudo ter você para fazer o carinho + mais lindo do mundo.

Porém como agora entrei a trabalhar de cheio nos materiais do René... o tempo, felizmente, está voando! Amanhã já é 12 e vou chamar o Consulado Português para ver a visa. Tenho muito pouco tempo para trabalhar no material incrível que existe por aqui... do René.

Isso ajuda o tempo a correr, mas aumenta a tensão da corrida contra o tempo.

Deixei de usar o joelho para subir escadas e até agora o joelho está ok, sem problemas.

Howy chegou para 1 semana de visita, Xabier vem dia 18, e isso ajuda também a animar o ambiente... mas não ajuda a encher o imenso vazio que você faz.

Sua carta só faz inveja... a água quente da praia, o país que se renova! Um mundo novo que se cria e a presença de gente em vez de dominadores classistas... O que resta deste país que já foi é a esperança de uma morte suave apesar de miserável... o capital passou, só ficou o que sobrou dêle.

Conte como vão as coisas aí, grave, veja, fotografe, registre tudo o que possa. Abra essa alminha grande e fantástica que você tem... viva!

Fora o tempo que corre e a chance de ler e ver o material da pesquisa, o resto é o trivial que não faz história, apesar de ser a vida de todos.

A Marcos deu conta do recado do caderno LARU-3 sobre educação. O sobre o capital mundial vai ser o nº 4.

A Magali parece que melhorou.

O Canadá segue existindo.

Comprei um sapato com o Renato depois de uma odisséia de contradições entre o modelo que eu queria e o tamanho que não tinha.

Agora o Instituto gira em torno da semana de Cuba,

apesar de que Cuba nem sabe porque gira o Instituto.
O Mano segue mandando os materiais, sua irmã esperando a viagem, o Marcos se movendo até ver no que dá.
E no mais e por hoje, é o que? O beijo, o carinho, o abraço, o amor todo e a saudade de quem prefere ir embora a viver um dia sem você.
Vou mandando as cartas até o dia 10 de junho... e esperando as suas com os encontros e desencontros.

Beijão

Bet

Abração nos amigos todos.

1 - chegou a visa de Portugal para Souza e Esposa. Vou dar o passaporte p. o Howy levar. Então devo te encontrar no dia 25!

São Tomé, 11/5/77

Amôlindo,

9:30 h da noite e todo mundo já dormindo. Eu aqui lendo e relendo sua carta, com vontade imensa de estar ao seu lado, contando as horas e os minutos que faltam ainda pro dia 25 de junho.

Lembrei-me, você vai me encontrar mais velha, já com 32 anos. Pois é, devemos estar partindo daqui no dia do meu aniversário

Relendo, tô vendo aqui alguns pontos que deixei de tocar:

1. Fico contente de saber que Regis está lendo as suas notas e que está gostando. Também penso como Marcos, por isso acho que você, antes de publicá-lo, deve tratá-lo com carinho, dar uma boa polida, sacar certas arestas. Penso que vai poder fazer isso com a ajuda do Marcos e com os comentários do Regis.

2. Sobre nossa estadia em Portugal, se você achar chato pedir pra ficar na casa de alguém podemos ficar no Hotel Impala, que aliás é pra onde vamos assim que chegarmos. Já temos reserva. Anita e Darcy ficam só uma noite, imediatamente no domingo seguem para o Canadá. Carlos e Cleide pensam em ficar em Lisboa uns 5 - 6 dias, também ficam no H. Impala. Nós temos pagos pelo projeto uma ajuda de custo de 200 escudos, fora o salário, de modo que, se houver qualquer inconveniente ficamos no Hotel; inclusive, talvez, seja melhor. Que acha?

3. Sobre a nossa volta, quando você for acertar sua passagem já aproveite para fixar a data de nossa volta. Devemos ver se voltamos direto, até Toronto passando por Montreal. Darcy e Anita voltam também por Montreal só que aí têm que trocar de aeroporto, passar de Mirabel para Dorval, e dizem que isto é um saco.

Creio que a partir do dia 30 podemos ir qualquer dia, desde que seja um vôo direto. Sei que sábado dia 2 de julho tem um vôo direto às 11h da manhã, chega-se no sábado mesmo em Toronto, pela tarde. Não sei se há este tipo de vôo nos outros dias. Me dê um alô se conseguir fazer a reserva daí pra mim, ou se preciso fazer daqui e pra que dia. Averigue se você pode fazer aí a reserva no mesmo vôo para Carlos e Cleide, ou se eles têm que fazer daqui. O problema daqui, é que isto é uma pequenina ilha, e neste momento bastante isolada do mundo. Tudo com o exterior é bastante difícil, depende de correspondência – correio, e isso leva tempo.

Por agora acho que estes eram os pontos. Inté 6ª feira outros vão aparecer. Coisa mais linda ô mundo, eu também já não sei viver sem você. É um custo tão grande, tão grande, um vazio dentro da gente que quero que esta seja a última vez. Se depender de mim acho que não haverá uma outra vez, a não ser que te traga amarradinho, juntinho de mim.

Ah! Não deixe de chamar o consulado português em Londres, pressionar os caras se ainda não tiver saído a visa. É tremenda a burocracia portuguesa.

Amôlindo que saudade. “A saudade mata a gente morena....” e eu não quero morrer de saudade, quero que chegue logo o dia 25, logo, logo, logo...

12/5/77

Amôlindo, pois é, já está passando mais outro dia, agora já são só um mês e 13 dias que temos que esperar...

Ontem e hoje estivemos trabalhando no Jornal Mural, tiramos um mais ou menos satisfatório, para primeiro. A gente tem muita vontade de aprender, mas ainda tem o problema grande de organização e disciplina. Como herança do colonialismo a gente não está acostumada a aprender fazendo, na maior parte do tempo ficam na expectativa de que demos um cursinho sobre informação. Curso formal, relação professor x aluno e não camaradas que vão aprender aliando teoria e prática. Creio que vamos conseguindo quebrar esta visão pouco a pouco e fazendo os trabalhos objetivamente com eles. Vamos aprendendo muito, dia a dia.

Hoje faz um dia lindo, sol tremendo, mas não dá pra ir a praia. Temos trabalho até a tardinha. Estaremos discutindo sobre o Jornal daqui a 2 horas.

11:30h da noite. Tudo dorme em São Tomé. Foi um dia cansativo, mas muito bom. Conseguimos tirar coisas bem concretas. A gente confia muito em nosso trabalho e naquilo que podemos deixar em termos de formação de quadros em comunicação. Repetem constantemente que 2 meses é muito pouco, que vão avisar ao Canadá que vão nos prender aqui por mais 6 meses. Você sabe como foi complicado conseguir estes 2 meses, ninguém tem condições de ficar um dia mais. Eu por você, 2 meses já é demais, não dá pra acostumar estar longe desta coisa linda – é um aperto tão grande lá fundo da gente toda vez que penso em você.

Tivemos batendo um papo inté agora com Antonia, uma Sãotomense dona da pensão onde estamos – boa gente. Tava ela e Anita a me tentar com a história de ter filho. Ela tão linda dizia: “tem, e se vivesse aqui eu ajudava a criar”. E aí, o coração mole da Maria começa a ficar tentado. Todos dizem que é uma experiência incrível, que eu iria me sentir uma outra pessoa tendo um “fio”. Eu sei que tudo isso é verdade, fico tentada, esperando só um empurrãozinho ou querendo que você decida por mim. Mas isso é aquela eterna história, a opção por uma mudança radical em nossa vida, e não é fácil mudar uma vida e estar disposta a riscos e privações, ainda que também possa ser cheia de alegrias e recompensas.

Pensei no Danico, como anda ele? Um beijão grande pra ele. (...)

Fiquei um pouco na expectativa que pudesse chegar algo docê hoje, 5ª feira. Mais o quê. Agora tenho que esperar inté 2ª feira. TE AMO.

13/5/77

Minha coisa linda, lá se foi mais um dia. Passei a manhã das 8 às 10h na praia, sol lindo, mar manso, bom, bom, bom. Hoje só trabalho a tarde e aí aproveito pra botá esta carta no correio.

Dia 20/5 estará indo embora um dos casais que vieram recomendados pelo Paulo. Regressam para Genebra, aí então te mando outra carta pra que chegue mais rápido.

Anita te manda um abração. E eu milhões.... de BEIJOS, nesta coisinha mais linda ô mundo eu tenho,

Maria

19 Maio 77,

MORZINHO,

P A Z

M

O

R LINDO DO MEU CORAÇÃO

Tudo em paz. Já te mandei 3 cartas até agora. Espero que você as tenha recebido.

1. Depois que deixei definitivamente de usar o joelho nas escadas não tive + crise, está tudo ok, ando, faço tudo e estou bem.

2. Agora estou na casa da Áurea e René. Estão ótimos e está muito bom tudo aqui. É como sair do mais sombrio purgatório para o céu... um bom quarto, comida, trabalho, bons papos e muito trabalho. Tenho lido e trabalhado como um louco e com isso o tempo está simplesmente voando. Já estamos no dia 19 e um pouco + estaremos nos encontrando em Portugal. Nem acredito que vou ver essa coisa mais linda do mundo outra vez!

3. Na 1ª semana de julho vou despachar as coisas para Toronto. O peso está aumentando. A editora escreveu dizendo ou pedindo a conta do banco pra depositar os 500,00 que faltaram. É uma boa notícia.

4. Por outro lado (diga ao Carlos) o Waldo escreveu dizendo que a Paz e Terra vai realmente editar o *F. Crisis* e vou ter que enviar uma procuração para o Cedec nos representar na questão dos direitos autorais. Diga ao Carlos que vou assinar a procuração em nome dele para não atrasar a burocracia.

5. O Daniel irá passar do dia 7 ou 10 de junho até 15 de agosto conosco, depois irá para Genebra para ficar o fim das férias com o Marcos. O internacional!

6. O caderno LARU-3 sobre educação e Mov. de Liberação na África vai sair para o fim de junho e parece que vai tudo em paz em Toronto.

7. F. H. Cardoso vem aqui na 2ª feira, e o Xabier foi embora ontem... em setembro vem o Roberto Campos! Êta Glasgow! Eu vou embora.

8. Regis vai a A. Latina e o René está animado a ir trabalhar na pesquisa em Toronto! Tenho que arranjar um financiamento para isso de todo o jeito. O Regis também

toparia ir para trabalharmos juntos. Anna vai bem. Renato anda louco da vida com o Didino (que é louco) e todo o mundo te manda abraços e milhões de inveja.

9. Pedro Celso escreveu dizendo que podemos ficar lá se não for por muito tempo e diz que tem um quarto e não um sofá e que me aceita lá porque se eu for presidente da República ele quer ser embaixador na França. Mas eu já prometi este posto para Áurea.

10. Paulo, como sempre, preocupado com as finanças do projeto (que não andam bem...) e eu preocupado com as nossas porque vou ter que pagar a diferença da passagem para Portugal, mais o \$ do Daniel + a passagem dele! Meu Deus!!!

Não se esqueça da minha manga...

11. Sábado e domingo vamos passar com o Regis, Anna, René e Áurea numa casa aqui perto e descansar um pouco.

12. Hoje fiz uma salada de couve e vibraram com a minha expertise. Quase não me lembrava como era... Fiz também angu, mas o fubá estava azedo! Fiz um excelente arroz, porém na 2ª vez a panela de cerâmica EXPLODIU! Voou arroz para todo o lado mas não machucou ninguém!

13. Diga aí, como vão os trabalhos. Estou seguro que vai ser, está sendo, será uma fantástica experiência. Meu abraço para todo o pessoal e pra você TUDO,

beijão

Bet

28. Maio, 77

Koisinha-linda-do-meu-coração

Olha, tenho escrito + de 3 cartas por semana para você! Ontem pus uma no correio. Hoje, sábado, passando por acaso na frente do Instituto entrei... e vi 2 cartas suas! A alegria, eu já andava meio triste e me sentindo abandonado... pobre de mim, não é?

Pelo fato de que as cartas levam 10 dias para chegar e + 10 para a resposta... estamos com 20 dias de diferença nos nossos assuntos! Quando você comenta sobre o Cruz, por exemplo, já faz um mês que se foi... e o mesmo deve acontecer com o que eu comento. A única coisa que sempre está no tempo presente é o amor grande, fundo, extenso, alto, amplo, total, global, azul e cheio de todas as coisas que tenho por você!

Não se preocupe + com o joelho: deixei de subir escada e as crises não voltaram mais. Já completei 4 semanas sem nada de anormal.

A causa disso vamos ver quando voltar a Toronto.

Suas 2 cartas estão excelentes, me deram uma idéia muito clara do que vocês andam fazendo por aí e estou convencido de que é e será muito importante para São Tomé, assim como será uma fantástica experiência política para a "gang". Uma espécie de laboratório de Nação, um grande micro-povo, uma micro-sociedade onde tudo pode ser percebido de forma direta. Por outro lado, pensem logo no material para sistematizarem essa experiência porque será muito importante como modelo de experiência nova para Development and Peace, no sentido de financiar gentes e prática-política ao invés de tratores, máquinas e coisas. Com a experiência de vocês poderemos abrir as portas para outras do mesmo tipo e ainda + amplas. Nesse sentido é importante sistematizar, registrar, documentar e preparar o relatório (ou seu material) desde aí para que 1 mês depois de chegar a Toronto Development and Peace possa receber isso...

Maria, o material do René é impressionante! Só posso te dizer isso! Agora.

Me envia exemplares do jornal Revolução, antes e depois... deve ser incrível dar tudo para se fazer um grande jornal... ponha toda a sua arte nestes versos!

Por incrível que pareça: sol e calor em Glasgow! Todo

o mundo em manga de camisa. Parece um outro país.
Não se esqueça JAMAIS dos remédios!

Veja como superar o problema das fotografias, é vital que você consiga documentar o que vai ocorrendo em São Tomé, discuta com os camaradas do partido a importância disso, a função, os objetivos e enquanto é tempo! Uma coisa é turista tirando foto, outra coisa é você. Não desista antes de ir até o fim.

MININA: não precisa de bengala não, o joelho está bom... cada 2 dias te mando uma carta... cada minuto me lembro de você e te amo, cada segundo espero o momento de te amar, beijar e apertar com todo o jeitinho de coisinha linda, linda, linda, linda.

O abraço no pessoal todo. TRAGA MÚSICA, GRAVE MÚSICA... do povo!

(Beijão + beijim) + (Abraço + abracim) = AMOR MEU FOREVER.

B.

1 junho, 77

Mirimôr,

Estamos por 24 dias!

E veja os 2 recortes que te envio, um sobre Angola e outro sobre Chile. Talvez Pinochet caia antes que esta notícia chegue aí em São Tomé! Foi decidido em Washington. Assim que, quem sabe, um dia voltaremos ao Chile antes de voltar ao Brasil... Se não estou equivocado Pinochet já caiu, só estão esperando o detalhe técnico de sua deposição. Leia com atenção a nota para ver esta coisa internacional: o governo Carter comunicando ao mundo que em Chile haverá um governo provisório sob a direção de Frei em aliança com a UP. Clodomiro Almeida esteve em Washington para assinar o "protocolo" em nome da UP. Ah! América Latina! E agora Brasil, Uruguai e Argentina? E agora militares que se uniram tão fielmente aos EEUU? O capital mundial transfigurado em Mr. Carter comunica ao mundo que é necessário um Novo Mundo, ou melhor, uma Nova Ordem, estável a longo prazo para que o Capital Demiurgo possa continuar a criar o mundo!

Hoje às 4:15 apresento meu paper no Seminário sobre Internacionalização do Capital e o Estado Brasileiro. Trabalho, meu bem, como um doido e escrevo para você cada 2 dias. Creio que podemos nos escrever até o dia 10, porque as cartas levam 10 dias para chegar e dia 22 saio daqui para Londres. Mas até lá vou enviando cartas... e 1 milhão de beijos e todas as saudades e todos os abraços e dengos e todo o amor que tenho por essa coisinha linda de morrer que se chama

MARIA!

Beijão

Bet.



Com Maria, no
Canadá

Luta pela terra

CAMPANHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA

CONTAG/CPT/CIMI/CNBB-LINHA 6/ABRA/IBASE



APOIO
BENNETT

Luta pela terra

“Quando Cabral gritou ‘terra à vista’, no Brasil, tudo começou errado. Não era terra para todos, era muita terra e só para alguns. Aí começou a maior concentração de terras já existente no mundo e que nunca cessou de crescer.”

Betinho despertou para a militância política na década de 1950, ao mesmo tempo em que o Brasil acordava para a questão agrária. Foi esse o momento em que as mazelas vividas pelos trabalhadores rurais – pobreza, fome, doença, analfabetismo – passaram a ser percebidas como problemas sociais que requeriam soluções de caráter político. Na visão que então se consolidou, a principal causa desses problemas era o latifúndio, a grande propriedade. A concentração da terra, traço constante em nossa história desde o período colonial, gerava um sistema de dominação sobre o trabalhador rural que o condenava a uma condição de pobreza, que o tornava vulnerável nos quadros da fome, que vedava o seu acesso à saúde, que o deixava de fora das salas de aula. Mais do que isso, uma vez que os trabalhadores rurais representavam a grande maioria da população brasileira, o latifúndio passou a ser visto como um entrave ao desenvolvimento nacional como um todo. Para que o Brasil pudesse se desenvolver plenamente, portanto, era preciso eliminar o latifúndio, o que só seria possível por meio de uma reforma agrária.

O Brasil acordou para a questão agrária, em grande medida, por ter sido sacudido por intensas mobilizações de trabalhadores rurais. Lutando por direitos e por terra, eles passaram a se organizar por todo o país, a princípio em ligas camponesas e em associações de lavradores e, depois, em sindicatos. Nesse processo, tiveram o apoio de partidos e grupos diversos, entre os quais a esquerda católica reunida na organização que Betinho não somente ajudou a criar, mas dirigiu, a Ação Popular (AP). O envolvimento de Betinho com a luta pela terra se deu, igualmente, pela

sua inserção nos quadros da Superintendência de Política Agrária (Supra), criada pelo governo João Goulart, em fins de 1962, para gerir a questão agrária e a sindicalização rural.

Apesar das pressões, das mobilizações, do empenho de grupos e partidos, da visão que se consolidava quanto à sua importância, a reforma agrária não chegou a ser realizada. Isso aconteceu porque, mais do que a promoção do desenvolvimento nacional, ela representava a via de eliminação de uma das principais bases de poder dos grupos dominantes tradicionais no Brasil. Daí o fato de que qualquer medida de redistribuição de terras sempre enfrentasse fortes resistências no Congresso, onde os interesses daqueles grupos tinham uma representação significativa. Sem dúvida, a insistência e a pressão do governo João Goulart para que a reforma agrária fosse aprovada foram fatores determinantes para a sua queda, com o golpe de 1964. O golpe, e a repressão que se seguiu, desmobilizaram as lutas dos trabalhadores rurais, deslocando da arena política os principais interessados na reforma agrária. Com isso, o próprio tema foi retirado do centro das atenções.

Após retornar do exílio, e pouco tempo depois de criar o Ibase, a primeira grande iniciativa pública de caráter nacional na qual Betinho se envolveu foi, justamente, a Campanha Nacional pela Reforma Agrária (CNRA). Retomava ele, assim, uma luta que havia marcado o início de sua militância política e, certamente, suas visões sobre o país e seus problemas. Muito longe de ser um mero ajuste de contas com o passado, porém, a proposta da Campanha encontrava seu fundamento na percepção de que uma reforma agrária, diante da mobilização que, apesar do regime militar, voltava a se intensificar no campo, fazia ainda todo o sentido para o país. Mais, era uma bandeira de luta para a qual confluíam os movimentos sociais e diversos atores que atuavam no campo.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), que vinha retomando a luta pela reforma agrária desde o início dos anos 1970, definiu-a como prioridade em seu III Congresso, em 1979, e passou a investir pesadamente em mobilizações de massa, principalmente de assalariados rurais. Desse esforço resultaram grandes greves, a partir daquele mesmo ano e no começo dos anos 1980, envolvendo milhares de canavieiros, de início em Pernambuco e, em seguida, também no Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Além dos assalariados em greve, o mesmo período assistiu ao movimento dos pequenos produtores do sul do país, que se impunham na cena pública bloqueando estradas, levando máquinas e tratores às cidades, fechando agências bancárias em protesto contra as políticas agrícola e creditícia. Paralelamente, seringueiros no Acre começavam também a ganhar

evidência, opondo-se à derrubada de seringais para a exploração de madeira ou para a transformação das áreas em pastagens. Enormes contingentes de agricultores, deslocados pelas inundações decorrentes da construção de barragens, organizavam protestos exigindo terras e indenizações. Ocupações de terras passavam a se intensificar, sobretudo a partir do sul, em uma forma de ação que iria caracterizar, já a partir de 1984, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Maciças e extensas, essas lutas não pareciam repercutir de forma significativa nos grandes centros urbanos, ou mesmo entre uma larga parcela dos intelectuais. Para muitos destes, a reforma agrária havia perdido o seu sentido de alavanca do desenvolvimento nacional, tendo em vista que a agricultura havia se modernizado durante os governos militares, que a base da nossa economia era predominantemente urbana e industrial, que a grande maioria da população vivia já em cidades. Era essa percepção que a proposta da CNRA procurava reverter. Para Betinho, muito mais do que desenvolvimento como uma meta geral, o que se pretendia com a reforma agrária era um desenvolvimento de caráter democrático, que eliminasse a concentração da propriedade fundiária, entendida como a base principal de nossas desigualdades sociais e políticas, geradora de miséria, fome, desemprego e violência não somente no campo, mas também nas cidades, na medida em que as tornava o destino daqueles que eram expulsos do mundo rural. Dessa maneira, o documento de lançamento da CNRA afirmava que a questão da terra “não é só uma questão que interessa aos trabalhadores rurais. É uma questão central para o desenvolvimento nacional e para a democracia, afetando o destino de toda a sociedade brasileira”.¹

Coordenada pelo Ibase, Betinho à frente, a proposta da CNRA foi formulada por um grupo de antigos militantes da reforma agrária, com o apoio de instituições que tiveram um papel importante na luta pela terra: a Contag, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Conselho Indigenista Missionário, (Cimi), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Associação Brasileira de Reforma Agrária (Abra). Seu lançamento, no dia 28 de abril de 1983, foi feito no Rio de Janeiro, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), instituição que se destacou na luta pela redemocratização do país. A partir daí, sucederam-se lançamentos em outros estados e a rede de militantes e instituições que aderiram à Campanha foi se ampliando. Em seus dez anos de existência, a CNRA envolveu mais de cem entidades.

Com o fim do regime militar, em 1985, cresceu a esperança de que a reforma agrária seria finalmente implementada. Foi criado o Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (Mirad), tendo à frente um antigo militante católico, Nelson Ribeiro, e para a presidência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) foi nomeado José Gomes da Silva,

fundador e presidente da Abra. Diversas diretorias do Incra e do Mirad foram ocupadas por militantes da CNRA. A Campanha penetrava, portanto, no Estado brasileiro, e suas propostas poderiam, então, tornar-se política pública, contribuindo para a elaboração de um Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA). Mesmo com essa entrada, o Ibase continuou sendo um espaço autônomo de reunião, de proposição e de avaliação de idéias.

Muito cedo, porém, as esperanças começaram a se desfazer. Pressionado por setores conservadores, pelos grandes proprietários, que continuavam a exercer um significativo poder de veto, o governo foi refreando seu movimento no sentido da reforma. Como resultado, os militantes da CNRA foram progressivamente abandonando seus postos para continuar a luta pela reforma fora do governo. Suas expectativas voltavam-se, nesse momento, para a Assembléia Nacional Constituinte, instalada em fevereiro de 1987. Chegou mesmo a ser elaborada, no âmbito da CNRA, uma proposta de emenda popular ao projeto de Constituição, a “Emenda sobre Reforma Agrária, Política Agrícola e Fundiária”, que reuniu mais de um milhão e meio de assinaturas. Para pressionar sua aprovação, foi organizada uma Caravana Nacional pela Reforma Agrária, que levou cerca de 10 mil pessoas a Brasília, em outubro de 1987. Outro elemento de pressão era o recém-criado MST, que vinha intensificando suas ações de ocupação de terras, reivindicando a sua desapropriação para a instalação de assentamentos, lutando pela reforma agrária. Ainda assim, as propostas da CNRA e dos movimentos sociais foram barradas na nova Constituição. Mostraram-se mais poderosos os interesses dos grandes proprietários, representados, entre os constituintes, pela chamada Bancada Ruralista e, fora, pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA), pela Sociedade Rural Brasileira (SRB) e pela União Democrática Ruralista (UDR), criada em 1985 para fazer face às iniciativas de reforma agrária e às ocupações de terras.

Ainda que não tivesse alcançado seu objetivo maior, a CNRA desempenhou um importante papel junto aos trabalhadores rurais, estimulando-os, fornecendo-lhes suporte e informação, contribuindo para a formação de uma base de legitimidade para que eles próprios empreendessem, de maneira mais firme, a luta pela reforma agrária. Esse papel, assim como a coordenação da Campanha pelo Ibase, foram reconhecidos pelos trabalhadores, que escreviam ao Instituto solicitando informações e material para a luta pela reforma agrária.

De toda forma, o que se observava era que a CNRA vinha em um processo de arrefecimento, enfrentando dificuldades e sucessivas derrotas na luta por seus objetivos. Diante disso, a partir de 1989, a Campanha sofreu algumas mudanças. Buscava-se, na verdade, reinventá-la, julgando-se propício, para isso, o fato de se estar às vésperas da primeira eleição

presidencial direta em 29 anos. Embora se mantivesse o objetivo geral de mobilizar as forças sociais no campo e nas cidades para a realização da reforma, era para os habitantes destas que se voltavam os esforços específicos da CNRA. Tratava-se de plantar a reforma “nos corações e mentes de cada habitante das grandes cidades”, conscientizando-os da sua urgência e necessidade, mobilizando a sua solidariedade para com os trabalhadores rurais em suas lutas, levando-os a influir sobre os políticos e o Congresso de modo a que fossem produzidas as condições políticas para as mudanças na estrutura agrária do país. Mais, passou-se a acoplar, de forma mais clara, a luta pela reforma agrária aos movimentos ecológicos.²

Alguns eventos importantes foram produzidos na busca desses objetivos, como o Encontro Nacional Terra e Democracia. Idealizado por Betinho, realizou-se no dia 23 de setembro de 1990, reunindo cerca de 200 mil pessoas no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro. Como o próprio nome indica, tratava-se de retomar uma das idéias originais da CNRA: a de que a questão da terra estava diretamente relacionada ao futuro da nossa democracia. Os temas abordados, violência, ocupação do solo, meio ambiente, entre outros, foram tratados de modo a produzir a percepção de que os problemas vividos nas cidades eram inseparáveis da questão da terra e de que, portanto, a solução dos primeiros dependia do destino que se daria à última. No ano seguinte, Terra e Democracia teve uma segunda edição, com diversos eventos organizados na cidade do Rio de Janeiro, culminando com um show de artistas da MPB.

Apesar dos esforços de Betinho e do Ibase, a CNRA continuou a perder fôlego progressivamente. De um certo modo, seu crescimento foi um dos fatores do seu declínio. Reunindo um enorme número de organizações, algumas concorrentes, com visões diferentes acerca de como deveria ser conduzida a luta pela reforma agrária, tornou-se cada vez mais difícil para ela produzir o consenso e a colaboração em torno dessa luta. Enquanto a Contag, por exemplo, privilegiava a ação nos marcos da legalidade, o MST investia prioritariamente nas ocupações de terras e de espaços públicos. Por outro lado, a difusão de uma visão positiva da reforma agrária entre a população urbana não chegou a produzir as condições políticas necessárias à sua implementação. Assim, já em 1993, a reforma agrária deixou de ser objeto de uma campanha autônoma para tornar-se parte de outra, também lançada por Betinho e pelo Ibase, a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.

O fim da CNRA enquanto tal não representou o fim da luta pela reforma agrária, nem para Betinho, nem, muito menos, para os trabalhadores rurais. Para estes, a democratização do acesso à terra continuou, e continua, fazendo sentido – até hoje mobiliza-os e leva-os a participar de ocupações

em que homens e mulheres, velhos e crianças, sujeitam-se a viver em precárias condições em acampamentos, por longos períodos, na esperança de obter um lote para produzir, o que nem sempre se realiza. Quanto a Betinho, persistiu no esforço de sensibilizar a população urbana para a reforma, apresentando-a como uma importante e incontornável dimensão da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida e, poderíamos acrescentar, pela Democracia. A reforma agrária, para ele, era condição *sine qua non* para que os brasileiros pudessem se apropriar do Brasil. Assim, escrevendo sobre a Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça, organizada pelo MST, que tomou a Praça dos Três Poderes, em Brasília, no dia 17 de abril de 1997, depois de percorrer o país por cerca de dois meses, afirmou:

"A marcha não termina no dia 17 de abril, ela simplesmente marca nessa data um dia muito especial. 'Caminante, no hay camino, se hace camino al andar'. Bem vindos a Brasília, sem-terras do Brasil, porque um dia esse país também será de todos nós."³

Notas

¹ CONTAG, CPT, CIMI, CNBB, ABRA, IBASE. *Campanha Nacional pela Reforma Agrária*. Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1983. p. 3.

² Ibase. "Projeto financiamento: Campanha Nacional pela Reforma Agrária", 1989. (Arquivo Herbert de Souza).

³ Souza, Herbert de. "A longa marcha". Texto digitado, 1997. (Arquivo Herbert de Souza).

A Campanha Nacional pela Reforma Agrária produziu diferentes tipos de material de divulgação – cartazes, panfletos, boletins – distribuídos por todo o país, sobretudo nos sindicatos de trabalhadores rurais.





REFORMA AGRÁRIA

CAMPANHA NACIONAL (MARANHÃO)



LUTE
PELA TERRA



**CAMPAHA
NACIONAL
PELA**



**REFORMA
AGRÁRIA**

INFORMA INFORMA INFORMA INFORMA

Reforma Agrária é prioridade

As dificuldades para os trabalhadores rurais de todo o país aumentam a cada dia. As ocupações se sucedem, principalmente nos estados do Sul; a violência cresce num ritmo fora do comum para períodos pré-eleitorais-- além de assassinatos, mais de 100 lavradores estão presos, muitos deles torturados-- e assistimos a conflitos em áreas onde agricultores instalados há muitos anos jamais tiveram qualquer confronto com fazendeiros ou grileiros.

Este quadro não terá mudanças substanciais se a reforma agrária não for feita. Para isso é fundamental eleger um governo que tenha vontade política de executá-la e de leis que favoreçam o posseiro, e o pequeno e médio agricultores.

Estamos às vésperas da primeira eleição direta para presidente da República depois de 29 anos. Os principais candidatos incluíram a reforma agrária em seus programas de governo. Isso não significa, porém, que todos sejam a favor da mudança da estrutura fundiária e da política agrícola reivindicadas pelos trabalhadores rurais. Na verdade, a questão da reforma agrária está sendo tratada a nível muito genérico, quando não aparece apenas como anúncio de boas intenções.

A luta pela reforma agrária passa pela eleição de um candidato progressista e pela contínua pressão do conjunto da sociedade depois de sua posse.



REFORMA AGRÁRIA

Por que?

DOS 4,5 MILHÕES DE PROPRIETÁRIOS RURAIS, APENAS 170 MIL SÃO DONOS DA MAIOR PARTE DAS TERRAS DO BRASIL.

- OS LATIFÚNDIOS OCUPAM UMA ÁREA DE 417 MILHÕES DE HECTARES. 169 MILHÕES PERMANECEM OCIOSOS E 125 MILHÕES SE ENCONTRAM MAL EXPLORADOS.
- AS MULTINACIONAIS JÁ SE APROPRIARAM DE MAIS DE 36 MILHÕES DE HECTARES NO BRASIL.
- O ÊXODO RURAL AMEAÇA O SALÁRIO E O EMPREGO DO TRABALHADOR. ENTRE 1970 E 1990, 24 MILHÕES DE PESSOAS MIGRARAM PARA OUTROS ESTADOS.
- A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS POR HABITANTE VEM CAINDO, E SÃO AS PEQUENAS PROPRIEDADES AS RESPONSÁVEIS PELA MAIOR PARTE DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DO PAÍS.
- EXISTEM CERCA DE 11 MILHÕES DE DESEMPREGADOS NAS CIDADES E 30 MILHÕES DE CAMPONESES SEM TERRA.
- 8,7 MILHÕES DE ASSALARIADOS RURAIS RECEBEM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO.
- ENTRE 1979 E 1986, 118 MIL FAMÍLIAS DE PEQUENOS PRODUTORES ENFRENTARAM CONFLITOS PELA POSSE DA TERRA.
- ENTRE 1964 E 1986, FORAM ASSASSINADOS MAIS DE MIL CAMPONESES, POSSEIROS, GARIMPEIROS, DIRIGENTES SINDICAIS RURAIS E ADVOGADOS NA LUTA PELA TERRA E NA DEFESA DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES. DESTES, 440 FORAM ASSASSINADOS NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS.
- EXISTEM 30 ACAMPAMENTOS DE TRABALHADORES SEM TERRA DISTRIBUÍDOS PELO PAÍS, ENVOLVENDO 4 MIL FAMÍLIAS.
- EM 480 ANOS, OS INDÍGENAS FORAM REDUZIDOS DE 5 MILHÕES PARA 220 MIL E APENAS UM TERÇO DE SEUS TERRITÓRIOS ESTÁ OFICIALMENTE DEMARCADO.

CAMPANHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA

REFORMA AGRÁRIA

Para que?

- DISTRIBUIR OS 280 MILHÕES DE HECTARES DE TERRA NÃO EXPLORADAS DOS LATIFÚNDIOS AOS 12 MILHÕES DE TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA OU COM POUCA TERRA.
- MULTIPLICAR A ÁREA DAS LAVOURAS, AUMENTANDO A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS.
- AMPLIAR O MERCADO INTERNO, ATRAVÉS DA REDISTRIBUIÇÃO DA PROPRIEDADE E DA RENDA AGRÁRIA.
- ELIMINAR A ESPECULAÇÃO, POSSIBILITANDO PREÇOS JUSTOS PARA PEQUENOS PRODUTORES E ALIMENTOS MAIS BARATOS PARA A POPULAÇÃO.
- CRIAR NOVAS OPORTUNIDADES DE VIDA E DE TRABALHO PARA OS DESEMPREGADOS E SUBEMPREGADOS NAS CIDADES.
- REESTIMULAR AS ATIVIDADES ECONÔMICAS QUE OFERECEM MAIS EMPREGO E VOLTADAS AO BEM ESTAR DA POPULAÇÃO.
- QUEBRAR O MONOPÓLIO DAS MULTINACIONAIS NA PRODUÇÃO AGRO-INDUSTRIAL E RECUPERAR AS TERRAS QUE ESTÃO EM SUAS MÃOS.
- ACABAR COM A ESPECULAÇÃO DE TERRAS
- ELIMINAR AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA CONTRA OS TRABALHADORES RURAIS E OS POVOS INDÍGENAS.
- CONTRIBUIR PARA A IMPLANTAÇÃO DA DEMOCRACIA NO PAÍS, DEMOCRATIZANDO O ACESSO À PROPRIEDADE DA TERRA.

CAMPANHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA

DATAS IMPORTANTES

8 de Novembro - Lançamento em Mato Grosso do Sul da Campanha, com a presença do Zé Francisco, da CONTAG.

30 de Novembro - Manifestações no Brasil Inteiro. (esta data é o ponto mais alto da Campanha, pois é o dia em que comemoramos o lançamento do Estatuto da Terra.)

COMO PARTICIPAR DA CAMPANHA

A REFORMA AGRÁRIA é do interesse dos Trabalhadores SEM TERRA e de todo o povo. Por isso, todos juntos devemos participar e trabalhar nesta Campanha. Eis algumas idéias para participar :

- 1) Reunir com os companheiros fazer visitas nas casas, bate-papos...
- 2) Promover encontros sobre Reforma Agrária.
- 3) Fazer Músicas, teatrinhos, poesias...
- 4) Escrever cartas, fazer abaixo-assinados, exigindo reforma Agrária.
- 5) Apoiar as lutas dos Trabalhadores rurais, participando.
- 6) Ajudar na Organização do Movimento dos Lavradores Sem Terra.



REFORMA AGRÁRIA
URGENTE E NECESSÁRIA

CAMPAHA NACIONAL PELA REFORMA AGRARIA



No dia 28 de abril, no Rio de Janeiro, foi lançada a Campanha Nacional pela Reforma Agrária. Esta Campanha foi organizada em conjunto: pela:

- Confederação dos Trabalhadores na Agricultura — CONTAG
- Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo — FETAESP
- Comissão Pastoral da Terra CPT
- Conselho Indigenista Missionário — CIMI
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB
- Associação Brasileira de Reforma Agrária — ABRA

— Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas — IBASE.

O Objetivo da Campanha é mobilizar toda a sociedade brasileira em favor da implantação imediata da Reforma Agrária, reforçando as lutas e a organização dos trabalhadores rurais.

O Brasil está numa crise econômica, e só é possível sair dessa situação com uma ampla Reforma Agrária. Assim, milhões de trabalhadores terão terra e trabalho, e o País não precisa ficar dependendo do estrangeiro como hoje. O mercado e consumo interno melhora. O crescimento econômico será retomado. O povo terá uma vida mais digna.

A má distribuição da TERRA e sua Consequência

No Brasil existem 12 milhões de lavradores sem terra. No estado de Mato Grosso do Sul são 12.548 famílias de lavradores sem terra, num estado onde existem 7 milhões de hectares de terras improdutivas, e onde o latifúndio representa 83% das terras. Cada ano milhares de lavradores deixam a roça, para aumentar a concentração urbana, em favelas, causando problemas sociais, pela falta de emprego e condições de vida.

Num estado em que 70% das terras são pastagens, onde existem 54 cabeças de gado para cada lavrador, onde somente 5% da terra é cultivada, onde as multinacionais, grande empresas e estrangeiros estão se apoderando das terras, nos projetos de álcool, reflorestamento, e outros, onde os conflitos de terra aumentam dia a dia e já envolvem mais de 4 mil famílias, a saída é a Reforma Agrária. É urgente, necessária e condição do desenvolvimento do Estado de Mato Grosso do Sul.

A correspondência existente no arquivo de Betinho atesta a mobilização dos trabalhadores rurais e o entusiasmo com a campanha. Um exemplo são as três cartas de José Alves Costa pedindo material de divulgação, informando sobre a mobilização em Codó, Maranhão, e denunciando atrocidades cometidas por fazendeiros na região.

Codó 21 de Setembro de 1984
Prezados Sr. IBASE
Caro José Alves Costa e outros
companheiros que faremos
um trabalho de Catiguera
popular, a mais de dez
anos, já temos fundado
diversas comunidades, que
funciona bem, e temos
trabalhando a criação de uma
Reforma Agrária que muito
esperamos pois sabemos
que vai servir a todos
que trabalham, pedimos
que dentro do possível
quize nos remeter alguns
folhetos sobre a Reforma
para que melhor possamos
conscientizar os trabalhadores
a mais, e nos diga de que
maneira possamos ajudar,
nosso município tem
uma media de 130 mil
habitantes, 75% são
trabalhadores rurais e
estamos esperando a
Reforma Agrária, nada
mais
mais espero
ser atendido
José Alves Costa
Rua do Acre 948 Codó

Codo 28 de junho de 198

Prezada Senhora do
Ebase Rio

quero através desta agradecer a colaboração
que temos recebido deste órgão que luta
em favor dos trabalhadores brasileiros, e quero
enfermar nossa luta aqui graças a Deus.
vai se desenvolvendo de uma maneira
satisfatória, teve uma reunião aqui no
Sindicato Rural dos Trabalhadores Rurais
que nos deixou satisfeito, a 15 de maio
que passou depois do Congresso que reuniu
5.000 trabalhadores coisa que nunca tinha
acontecido depois que existe este Sindicato,
e isto é, agitou a classe latifundiária
desde deste dia para cá andam desesperado
querendo umilhar de que ainda não puderam
hoje 28 teve outra com pouco comparecimento
compareceram 300 se mostram encorajados
apoiando o Sindicato, mesmo os que ainda
não são Socio, unido ao nosso PMDB.
e quero pedir aos Senhores que nos envie
o resultado do congresso se possível os
discursos dos ministros e da autoridades para
que nós que faremos acatiguere na
área rural possamos levar esta notícia
aos que ainda não são tão perdidos do assunto
se possível, quero que entre
em correspondência com amigo da cidade
Zidoca, Maranhão rua Duque de Caxias 71
para Helio Frazão

Atenciosamente
Jore Alves Costa
rua do Acre 948
65.400 Codo Maranhão

Codo 18 de Setembro de 1985

Prezado Senhor
do IBA SE

é com muito prazer, mais uma uma vez me dirijo para agradecer o material que me mandaram muito obrigado, Deus dê a vócer melhor condição para tudo fazer de bom, aqui ateta comersa ergumtar, esperamos por esta Reforma Agraria e ela não aparece, e as condições comersa arrunar, dia 5 deste aconteceu algo triste na Cidade de Corcota vizinha aqui a nossa Codo, foi morto dois lavradores mandado pelo grileiro proprietario Jose Lamar, eles foram crebra como com suas mulheres quando foram atacado por fagunços armados de espingarda e facão, ali correu uma grande briga no mato, foi arrastado Domingos Abreu e Manoel Ferreira de Sousa todos lavradores foi também cortado de facão Joseuél filho de 13 anos Manoel pai de 3 filhos Manoel Ferreira pai de 3 filhos e Domingo Abreu pai de 2 filhos, Mario Rodriguez foi atingido a golpe de facão na coxa esquerda Raimundo Ferreira e Francisco Moreira foram atingidos a coronhada de espingarda, foi morto também Zé Terezo o capataz gerente da fazenda que comandava os agressores. A foi arrastado aqui no interior de Codo no lugar o lavrador Abilio amando do grileiro DR Paulo da firma Sagrais Pernambucana
Prezado Senhor gostaria de pedir informação respeito da Reforma Agraria, pelo o congresso realizado em Brasília ficou certo que a partir do inicio de Setembro seria

encaminhado o processo de desapropriação
no Maranhão para o Goiás e os 3 estados mais
prejudicado pelo o assassinato dos trabalhadores
e até agora nada iniciou aqui há muitos
lavradores que não vão fazer roça este ano
porque diversos donos de terra não cedem
a terra para fazer as roças dizendo que
eles vão fazer suas roças nas terras da
Reforma Agrária ou dos Sindicatos, eles
dizem que a Reforma Agrária não manda
nas terras deles, isto piora a situação
dos lavradores achamos um desrespeito
as autoridades competentes e uma umilhação
aos trabalhadores, então está na hora
da Reforma Agrária agir para dar fim esta
violência que tanto prejudica o povo
Brasileiro, desculpe nossas exigências
não zengue com nós

por favor nos dê o endereço
do ministério da Reforma agrária
causo fosse possível nos remeter mais daquelas
folhas Reforma Agrária umas 30

atenciosamente

José Alvin Costa

mande uns 5 cartas grande

A carta de Vitorino Luiz do Nascimento, de Mirandiba, Pernambuco, deixa claro que, em fins de 1983, o Ibase tinha se tornado uma referência para os trabalhadores rurais.

Caro Sr. Dir.
Dirigente do Ibase
Caro Sr. Dir.
É por meio desta maliciosa
carta que me apresento neste órgão de
relações com os trabalhadores rurais de
Mirandiba. Não tenho dinheiro para fazer
somente trabalhos dos patrões e nada dei-
xar para os filhos. Sou e pessoas em
casa e não tenho mais trabalho. Quando
agente se mata o patrão e toma o bota o pé
sem cima. Então aguardo de acordo com a
lei as dividas e o resto.

Atenciosamente assinou-se
F. O. Dir. do Sindicato

Vitorino Luiz do Nascimento
Mirandiba 12/11/1983. Cap. 56980 PE

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1963

Sr. Vitoriano Luiz do Nascimento
Mirandiba Cep 56950
Pernambuco

Prezado Compenheiro

Recebemos a sua carta dizendo as dificuldades que sua família vem passando, por falta de trabalho e de terra. Muitos outros compenheiros por este Brasil afirmam também têm escrito e todos sofrem a mesma situação injusta. Todos querem trabalhar mas não têm o direito de um pedacinho de terra para produzir para o sustento da família. Por isso mesmo nós todos estamos unidos numa luta comum que é conseguir conquistar a Reforma Agrária que os trabalhadores do Brasil desejam e precisam, para podarem viver como pessoas humanas.

Estamos lhe enviando um folheto com algumas idéias para você discutir com seus compenheiros e compenheiras, na Comunidade, no Sindicato, em toda a parte, até que algum dia consigamos conquistar a Reforma Agrária; a Reforma Agrária justa para os trabalhadores brasileiros. Escreva sempre dando notícias de como vai indo a luta por aí.

Atenciosamente

pela Campanha Nacional Pela Reforma Agrária

Como coordenador da CNRA, Betinho estimulou os diferentes setores da sociedade a pressionarem o governo no sentido de apressar a reforma agrária e reprimir a violência no campo.

Campanha Nacional Pela **REFORMA AGRÁRIA**

Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1985.

Os trabalhadores rurais brasileiros, reunidos em seu IV Congresso Nacional em Brasília, em maio de 85, reivindicaram, por unanimidade, a Reforma Agrária Ampla, Massiva e Imediata.

Durante o mesmo Congresso, o Governo da "Nova República" entregou aos trabalhadores e à sociedade brasileira sua proposta para o 1º Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), a fim de que fosse criticado e feitas sugestões para sua aplicação em 60 dias, como início do processo de Reforma Agrária.

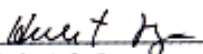
Não tardou para que os setores mais atrasados do País se unissem e usassem seu poderio econômico para combater e distorcer o PNRA na Imprensa e no Cinema e para ameaçar com a violência das milícias privadas, forças militares ilegais os trabalhadores rurais e seus familiares. Esta violência vêm se intensificando no Sul do Pará e norte de Goiás e Mato Grosso.

Para denunciar esta situação e na certeza de que somente a Reforma Agrária Ampla, Massiva e Imediata trará ao povo brasileiro melhores condições de vida e democracia, a Campanha Nacional pela Reforma Agrária vem convocar as organizações populares a apoiar concretamente essa luta.

Para isso, propomos a sua solidariedade enviando ao Presidente da República, José Sarney, e ao Ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário, Nelson Ribeiro, telegramas apoiando a Reforma Agrária reivindicada pelos Trabalhadores Rurais.

Na certeza de sua solidariedade despedimo-nos

Atenciosamente,


Herbert de Souza
Coordenador

CONTAG/CPT/CIMI/CNBB/ABRA/IBASE

Campanha Nacional Pela

REFORMA AGRÁRIA

Rio de Janeiro 17 de Junho de 1985

Solicitamos a todas as pessoas e organizações solidárias com os brasileiros, trabalhadores do campo e da cidade que enviem telegramas ao Presidente da República José Sarney e ao Ministro da Justiça, Fernando Lyra para que tomem as medidas cabíveis para impedir a ação dos fazendeiros que têm criado milícias privadas contra os trabalhadores rurais e seus familiares, e dos empresários que, publicamente, vêm incentivando a criação dessas quadrilhas no campo.

Atenciosamente,


Herbert de Souza
Coordenador

CONTAG/CPT/CIMI/CNBB/ABRA/IBASE

VIOLÊNCIA NO CAMPO

No dia 23 de outubro próximo passado, Nativo da Natividade, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carmo do Rio Verde, Goiás, foi morto em frente à sede do seu Sindicato. Como ele, centenas de lideranças camponesas têm sido assassinadas nesses últimos anos e o mais alarmante é o número crescente desses crimes e sua impunidade. Nos últimos 05 anos foram registrados dos 241 casos de assassinatos de líderes sindicais e de pessoas diretamente ligadas a eles, sendo que, apenas no curto período de janeiro a outubro de 1985, 142 camponeses foram brutalmente assassinados, o que significa um aumento assustador da violência no campo.

Isso sem falar nos casos de torturas, ameaças, prisões, queimas de casas e lavouras.

Os Estados que mais se destacam em termos de agressões aos camponeses são: Minas Gerais, Maranhão, Pará, Pernambuco, Bahia e Goiás.

Constatamos que a violência no campo aumenta a cada dia e que o problema se torna ainda mais grave dada a impunidade dos criminosos, pois é raro o caso em que as responsabilidades são apuradas.

Os índios também são vítimas das mais variadas formas de agressões e além de serem espancados, ameaçados, intimidados de terem suas terras invadidas, têm visto, também, suas lideranças assassinadas.

A Campanha Contra a Violência no Campo, que se inicia hoje, tem como objetivo denunciar esse desrespeito, essa atrocidade contra o homem do campo, chamar a atenção das autoridades, das lideranças políticas e do povo em geral, para a luta legítima e justa do trabalhador rural e exigir do poder público a apuração de todos os crimes cometidos contra camponeses e índios e a punição dos responsáveis para acabar de uma vez por todas a escalada da violência no campo.

Brasília, 27 de novembro de 1985

Campanha Nacional pela Reforma Agrária, (CONTAG, CNBB, CPT, CIMI, ABRA e IBASE), Movimento dos Trabalhadores dos Sem Terra, CONCLAT, CUT, CPO, FASE, IECLB, INESC e a Diocese de Goiás.

Em 18/05/1990, Betinho publica no *JB*, artigo sobre Osmarino Amâncio. Líder seringueiro considerado sucessor de Chico Mendes, foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, no Acre.

Osmarino Amâncio (1959 - ?)

*Herbert de Souza **

Hoje amigos comuns me deram notícia de Brasília. Não foi preciso muito detalhe para perceber que ela está chegando. Sei perceber quando ela se aproxima. Conheço sua cara, o silêncio de sua pessoa, o repente de seu ataque, suas astúcias. A morte, como você sabe, é minha velha conhecida.

Você sabe que vão te matar, como eu sei que vou morrer. Você sabe quem vai te matar, conhece seu rosto interposto na pele de um matador de fuguel, como eu sei que ficarão impunes. Você sabe que não impedirão sua morte, como eu sei que depois todos ocorrerão para ver teu corpo mercado de futuras vítimas, amigos que aqui choramos tua ausência.

Mas na mesma noite o Presidente Collor dará ordens para apurar os fatos com todo rigor. O ministro Cabral dirá que o peso da lei esmagará os culpados. Tuma dará prazos para a Polícia Federal encontrar os culpados, mesmo que tenha que descer aos infernos, dentro e fora do país. Lutzenberger ameaçará renunciar, tendo as mãos cheias de telegramas de entidades internacionais. As televisões farão teu necrológico amazônico e alguns produtores comprarão os direitos autorais de tua morte. Tudo igual ao Chico Mendes, Osmarino.

No Brasil é assim, Osmarino. Tudo é muito mais importante depois que se perde. A vida só tem valor depois de morta. O amor só é reconhecido depois da partida. Você, vivo, é um simples seringueiro como

todos os outros, cujo destino é viver sem futuro. Você morto é notícia internacional, vira gente, adquire cidadania, importância, revive da morte desperta a solidariedade que infelizmente só chega para o enterro. Aqui somos todos cúmplices das mortes anunciadas, como a tua.

Na última conversa que tivemos eu sabia que ela estava já montada nas suas costas, porque você estava decidido a viver junto com teus companheiros, a não pedir asilo nas cidades, a não abandonar tua grande família e eu sabia que ninguém nessa República iria desmontar a indústria do assassinato a tempo de salvar tua vida. Não porque não possam mas porque não querem.

Assim mesmo tentei dizer que não via sentido em lider morto, dado que o fundamental é o movimento. Mas no seu olhar brilhava uma estrela voltada para outro norte, onde luta pela própria vida não o afasta da solidariedade para com todos os demais. Eu já vi essa luz em outros olhos. Seu espelho é Chico Mendes.

Por isso nada mais me resta que escrever essa carta para te dar um abraço, enquanto a vida ainda não coloca lado a lado, na esperança que o Estado, que deveria existir para proteger os direitos e a vida de todos os cidadãos, faça algo para deter a mão que irá lhe matar. Quem sabe eles dessa vez não chegam antes?

De todo jeito, fica o meu abraço. É tudo o que tenho neste momento.

* Sociólogo, secretário-executivo do Ibase, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, coordenador nacional da Campanha Nacional pela Reforma Agrária.

Betinho atuou fortemente na denúncia pública da violência no campo e na cobrança de medidas que punissem os culpados.



Rio de Janeiro, 1 de julho de 1996

Ao
Ministro da Justiça
Exmo. Dr. Nelson Jobim
Fax (061) 322-6817
Brasília - D.F.

Exmo. Dr. Nelson Jobim:

Tendo tomado conhecimento da prisão do Sr. Darli Alves da Silva, mandante do assassinato de Chico Mendes, ontem no Estado do Pará, venho a V.Exa. solicitar que o mesmo cumpra o restante de sua pena em qualquer penitenciária de segurança máxima fora do Estado do Acre, conforme sugestão da própria Polícia Federal.

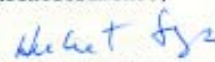
Como deve ser do conhecimento de V.Exa., o Complexo Penitenciário Francisco D'Oliveira Conde em Rio Branco, onde o preso cumpria pena quando fugiu, não oferece as mínimas condições de segurança.

Tememos, portanto, que todo esforço que a justiça brasileira empreendeu ao longo deste anos na captura do referido foragido, venha a se tornar inútil.

Não podemos correr o risco de outra fuga, arranhando ainda mais uma vez a imagem da justiça brasileira mundialmente.

Estou certo de contar com sua compreensão e apoio a esta solicitação.

Atenciosamente,


Herbert de Souza

O líder seringueiro Chico Mendes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no Acre, foi morto no dia 22 de dezembro de 1988, no quintal de sua casa, com um tiro de espingarda. Seis meses após a sua morte, dois dos assassinos, Darci Alves da Silva e seu pai, Darli, foram presos. Condenados a 19 anos de prisão, fugiram da penitenciária de segurança máxima, em Rio Branco, em fevereiro de 1993, e ficaram três anos e quatro meses em liberdade. Capturados, passaram a cumprir pena no presídio da Papuda, em Brasília.

Chico Mendes lutava pela preservação da Amazônia e pela realização de uma reforma agrária específica para a região, com a criação de reservas extrativistas. Seu trabalho foi reconhecido internacionalmente: um ano antes de seu assassinato, recebeu o Prêmio Global 500, da ONU. Esse mesmo prêmio foi concedido a Betinho, em 1991.

10 anos de campanha, 500 anos de luta.

Artigo de
Betinho, escrito
em 1/03/1993

Em 28 de abril de 1983, na ABI, várias entidades se reuniram para lançar a Campanha Nacional pela Reforma Agrária. Eram seis: a linha seis da CNBB, a Comissão Pastoral da Terra, a Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, a Associação Brasileira de Reforma Agrária, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e a Comissão Indigenista Missionária.

Centenas de pessoas participaram do ato, lembrando que aquela campanha era apenas a continuidade de uma luta que vinha de muito tempo. Reafirmava-se a atualidade da questão da terra e a necessidade imperiosa de realizar uma reforma agrária como condição básica para a existência do desenvolvimento e da democracia no país.

Nesses 10 anos a Campanha cresceu, ampliou das seis entidades iniciais para mais de 100. Travou várias batalhas importantes em vários campos: legislação, solidariedade concreta com as lutas pela terra, denúncia das violências e da violação dos direitos humanos, propostas de programas governamentais, mobilização da opinião pública nacional e internacional.

A Campanha viu as promessas e decepções do governo Sarney, a impostura do governo Collor e se vê agora diante de novas possibilidades no governo Itamar. Assiste também ao agravamento da pobreza e da miséria no Brasil, em grande medida resultado da inacreditável concentração das terras e da expulsão de milhões de pessoas para as grandes cidades, à coexistência incrível de terras usadas para gerar a riqueza de uma minoria e de terras ociosas usadas como patrimônio de uns poucos ou arma de pura especulação.

Ao longo de nossa história, o Brasil se transformou num grande território cercado de arame farpado por todos os lados, garantindo o privilégio de uma fantástica minoria!

Nessa luta não faltaram aqueles que afirmavam ser desnecessária uma reforma, pelo fato de nossa economia ser urbana industrial, de nossa agricultura ser capitalista e moderna e por ser a reforma, na verdade, um tema ultrapassado, enterrado na história.

E, no entanto, a questão permanece moderna, viva, urgente, decisiva para a própria sobrevivência do Brasil como nação, como sociedade organizada e civilizada.

Nada mais moderno hoje do que a democratização da terra em todas as suas dimensões: fundiária, agrícola, ecológica, social, política, científica e cultural. Nada mais decisivo para mudar o rumo desse grande Titanic em direção ao desastre do que a democratização ampla e profunda da terra, esse espaço planetário apropriado por cercas, preconceitos, dilapidadores da natureza, senhores de um mundo que já não pode mais ser contido nas escrituras enlouquecidas onde uma empresa ou pessoa se diz proprietária de um território equivalente a um país!

Num mundo onde o ar, os rios e mares são públicos, onde o uso social e econômico da terra se afirma em meio a avanços e contradições, onde a dimensão planetária passa a ser uma referência obrigatória, não é mais possível deixar de rever em profundidade tudo que já fizemos sobre a terra: o que é ser proprietário de terra, as funções produtivas, privadas e públicas da terra, os limites mínimos e máximos da terra, os usos, a proteção global ao meio ambiente (terra), as grandes cidades e tantas outras dimensões.

A democratização da terra não pode mais ser vista como uma luta em torno de escrituras, que garantam o caráter privado da propriedade, mas como uma luta em torno dos usos sociais, públicos, da terra como um patrimônio comum da humanidade.

Pensando a terra dessa forma parece absolutamente anacrônico sobrevoar o Brasil de hoje e verificar todo um mundo isolado pelas cercas, vazio de gente nos campos, enquanto a miséria se expande e se concentra nas grandes cidades.

A luta contra a pobreza e a miséria no Brasil passa pela democratização da terra e por sua transformação num grande instrumento de desenvolvimento e surgimento de uma nova sociedade, fundada em novas relações entre os seres humanos e a natureza.

É preciso reafirmar que a terra é de todos e que todos devem participar dessa obra comum e dar-lhe um sentido fecundo e democrático.

O defensor do Rio



O defensor do Rio

"O Rio vive mais por sua alma, que resiste, do que por seu corpo, castigado por sucessivos desgovernos que nunca suportaram seu espírito de oposição e seu amor à vida e à liberdade."

De volta ao Brasil em dezembro de 1979, após oito anos de exílio, o mineiro Betinho escolheu o Rio de Janeiro para morar. Essa escolha não se deu por acaso. Ele guardava na memória o registro, inesquecível, da primeira vez que estivera na cidade, em 1962, para um encontro da Juventude Universitária Católica (JUC), no mosteiro de São Bento: "Foi de lá que eu vi o mar. Foi o meu primeiro alumbramento. Depois descobri as ondas em Copacabana. Esse encanto fica para sempre".¹

Anos mais tarde, familiarizado com o cotidiano da cidade e ciente dos seus graves problemas, sobretudo na área social, Betinho assumiu o cargo de Defensor do Povo da Cidade do Rio de Janeiro. A Defensoria, criada em junho de 1988, só começou a funcionar efetivamente no início de setembro, quando o prefeito Roberto Saturnino Braga escolheu o nome de Betinho na lista tríplice preparada por 11 entidades da sociedade civil, entre as quais a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro (Famerj), a Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (Faferj) e a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Elo de ligação entre o governo municipal e a população, caberia ao defensor – não um homem do governo, mas sim um representante da sociedade entrando na Prefeitura – ouvir as reivindicações, denúncias e sugestões dos cidadãos, buscando dar respostas aos problemas, encaminhando-os aos órgãos competentes.

Pouco depois de assumir seu novo cargo, que não previa nenhum tipo de remuneração, Betinho se viu diante de uma realidade que ganhou contornos dramáticos: no dia 15 de setembro, Saturnino anunciou a falência da

Prefeitura, causada, entre outros fatores, pela cerrada oposição dos vereadores e a não efetivação da ajuda financeira prometida pelo governo federal no início do ano, quando fortes chuvas atingiram a cidade. Ao mesmo tempo, o funcionalismo público municipal entrou em greve. A despeito da paralisação da máquina administrativa – que, ao fechar creches, escolas e hospitais, afetava sobretudo os setores mais pobres da população –, o defensor e sua equipe continuaram em atividade. Em seu diagnóstico sobre a situação, Betinho distinguia duas etapas no tratamento dos problemas: a curto prazo, evitar a falência dos serviços sociais, e a médio prazo, elaborar uma proposta de cidade que não fosse tecnocrática, mas que envolvesse o conjunto da sociedade. Tendo como ponto de partida despertar a emoção das pessoas em torno da cidade, surgiu o movimento “Se liga Rio”.

O movimento foi lançado com a realização, no dia 23 de outubro de 1988, de uma grande festa popular no Aterro do Flamengo, que reuniu cerca de 20 mil pessoas e contou com a participação de grandes nomes da MPB, como Chico Buarque, Caetano Veloso, Beth Carvalho, Alcione e Martinho da Vila, além do apoio de meia dúzia de empresas. O evento teve o seu ponto máximo quando o ator Milton Gonçalves convocou o Cristo Redentor a iluminar a cidade. De frente para a platéia, de braços abertos, o Cristo recebeu uma iluminação extra de dois canhões de 150 mil watts cada.

A ampla repercussão do ato público pode ser atestada pela adesão de cerca de 50 entidades da sociedade civil à solicitação de Betinho de que se pensasse, em cada área de atuação, em saídas para a crise e soluções de médio e longo prazos. Essas propostas foram reunidas em um documento e encaminhadas ao novo prefeito, Marcelo Alencar, empossado em 1º de janeiro de 1989. A essa altura, Betinho iniciava um novo mandato, de um ano de duração, como Defensor do Povo.

Desprestigiado pelo novo prefeito, em outubro de 1989 Betinho renunciou, em caráter irrevogável, ao cargo que ocupara por pouco mais de um ano. O estopim da renúncia foi a acusação feita pelo secretário de Desenvolvimento Social, Pedro Porfírio, ao seu antecessor, Sérgio Andréa, de que teria contratado funcionários de forma irregular e desviado verbas. Como parte das suas atribuições, Betinho pediu insistentemente vista do processo com base no qual foram denunciadas as irregularidades, mas não foi atendido. Em sua carta de demissão, manifestou sua tristeza de ter de interromper prematuramente algo que merecia sorte melhor.

A preocupação de Betinho com os destinos da cidade não terminou com a sua saída da Defensoria. Considerando a luta em defesa do Rio uma

questão de cidadania, em 12 de novembro de 1990 publicou um artigo no *Jornal do Brasil*, no qual discutia como viabilizar o futuro da cidade. Na sua proposta de construção de um novo Rio, conferia prioridade absoluta ao combate à pobreza, pois “o atendimento das necessidades básicas e vitais não pode esperar”. E para que isso se concretizasse, todo e qualquer projeto de desenvolvimento econômico teria de estar atrelado, obrigatoriamente, a finalidades e objetivos sociais, tendo como preocupações centrais a geração de emprego e a distribuição de renda. Um outro elemento importantíssimo era a definição de uma política de segurança que colocasse um ponto final na “violência praticada por quem tem a obrigação de combatê-la”. O combate à criminalidade também deveria ser encarado como uma tarefa de toda a sociedade.

A preocupação – e a indignação – com a violência que assolava as ruas do Rio e de outras grandes cidades brasileiras, e que tinha como maiores vítimas as crianças pobres, levou Betinho a idealizar, em 1991, juntamente com a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), o Instituto de Ação Cultural (Idac) e o Instituto de Estudos da Religião (Iser), o projeto “Se essa rua fosse minha”. O objetivo do movimento era, nas palavras do próprio Betinho, “mobilizar toda a sociedade brasileira para resolver o que hoje é um grande escândalo: a situação das crianças deste país, particularmente daquelas que trabalham e vivem nas ruas”. Na sua avaliação, “quando uma sociedade deixa matar as crianças é porque começou seu suicídio como sociedade. Quando não as ama é porque deixou de se reconhecer como humanidade”.²

Secretário-executivo do Ibase, Betinho integrou o Conselho de Coordenação do “Se essa rua fosse minha”, composto por representantes das quatro organizações não-governamentais responsáveis pela gestão do projeto, que deveria ser implantado, prioritariamente, nos pontos de maior concentração de meninos e meninas de rua. Esses pontos estavam localizados não apenas em bairros do Centro, da Zona Sul, da Zona Norte e da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, mas também na Baixada Fluminense (Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti) e Niterói.

A primeira etapa do projeto, voltada para a sensibilização e mobilização da sociedade, teve início em agosto de 1991, e consistiu na composição da música-tema da campanha, intitulada “A Luz do Mundo”, de autoria de Chico Buarque, Djavan, Arnaldo Antunes e Caetano Veloso, gravada e filmada em clipe por um grupo de conhecidos intérpretes da MPB. A campanha ganhou visibilidade em outubro, quando o disco foi lançado numa grande festa popular no Aterro do Flamengo, no encerramento da Semana da Criança, e o clipe foi exibido no programa “Fantástico”, da Rede Globo.

O projeto ganhou uma dimensão mais concreta em maio de 1992, quando foram implantados os dois primeiros Núcleos de Abordagem de Rua, um no Leblon e outro em Copacabana, concebidos como espaços de atendimento diário onde, através de atividades lúdicas, esportivas e principalmente artísticas, educadores sociais estabeleciam uma relação de confiança e acolhimento com as crianças e adolescentes, de forma a intermediar suas demandas mais imediatas e suscitar a construção de alternativas à vida nas ruas.

Foi novamente a violência, essa velha conhecida dos cariocas, que levou Betinho a se envolver numa campanha de mobilização da população do Rio. Em meados de 1993, duas chacinas abalaram a opinião pública nacional e internacional. Na madrugada de 24 de julho, seis homens assassinaram a tiros sete menores e feriram seu líder, em frente à igreja da Candelária, no Centro do Rio. Cerca de 50 meninos de rua dormiam sob as marquises de prédios próximos à igreja quando foram abordados pelos criminosos. Os sobreviventes apontaram policiais militares como os autores dos disparos. Dias depois, em 9 de agosto, o assassinato de quatro PMs por traficantes de tóxicos, em Vigário Geral, deu origem a mais um episódio de violência. Na madrugada do dia seguinte, cerca de 50 homens encapuzados e armados invadiram a favela e, à queima-roupa, mataram 21 pessoas, quase todas sem ficha criminal e sem ligação com o tráfico.

Betinho participou ativamente do movimento “Viva Rio”, lançado oficialmente em 23 de novembro de 1993 por empresários, sindicalistas e lideranças comunitárias como uma resposta à onda de violência, e mais diretamente às chacinas da Candelária e de Vigário Geral. No dia 17 de dezembro, ao meio dia, milhares de pessoas vestidas de branco, em diversos pontos da cidade, fizeram dois minutos de silêncio e pediram paz. Betinho considerou extremamente importante a mobilização, que não se limitou à classe média e à elite, e lembrou que o movimento não se esgotava no ato público, mas se desdobrava numa reflexão voltada para o futuro do Rio nos próximos 15 ou 20 anos.

Em junho de 1996, Betinho lançou aquela que seria a sua última campanha a ter o Rio como campo de ação. Naquela ocasião, a cidade já era uma das candidatas a sede dos Jogos Olímpicos de 2004. Betinho aproveitou a mobilização decorrente da candidatura para lançar uma campanha que, uma vez mais, envolvesse diversos segmentos da população carioca em torno de cinco metas, a serem alcançadas até 2004, de cunho eminentemente social: educação de qualidade para todas as crianças e jovens; todas as crianças bem alimentadas; favelas urbanizadas e integradas à cidade; ninguém morando na rua; e esporte e cidadania jogando no mesmo time.

A proposta, ambiciosa e polêmica, sensibilizou uma parcela da opinião

pública. Na visão de Betinho, a Agenda Social fez da candidatura do Rio uma grande novidade em muitos anos de Olimpíadas, ao tornar o evento muito mais do que uma competição esportiva. Outra observação importante era a de que a Agenda Social deveria ser cumprida, mesmo que o Rio não fosse escolhido para hospedar os Jogos. Betinho pretendeu ainda criar um fundo para a arrecadação de recursos junto às empresas patrocinadoras das Olimpíadas. Queria que uma pequena parte do lucro obtido nos Jogos fosse destinada às causas sociais. A primeira fase da campanha publicitária se materializou em cartazes, adesivos para carros, camisetas, sempre com o lema da campanha. Por coincidência, a palavra “quero” tem cinco letras, o mesmo número das argolas que formam o símbolo olímpico. Assim, cada letra ganhou uma cor no logotipo dos Jogos.

Em novembro, Betinho criticou publicamente o comitê da candidatura, após entrevista do seu presidente, Ronaldo Cezar Coelho, por este não ter se referido à Agenda Social 2004 em seu pronunciamento. Condenando a pouca atenção dada aos programas sociais propostos na Agenda, Betinho lembrou que “o Rio é capaz de dar a volta por cima da miséria e desigualdade. Se a agenda social não for cumprida, estaremos vivendo um desperdício histórico”.³

Mesmo depois que o Rio perdeu a disputa para ser a sede das Olimpíadas em março de 1997, que acabou sendo ganha por Atenas, o Ibase manteve as articulações em torno da Agenda Social. Poucos meses depois, Betinho morreu.

Notas

¹ *Jornal do Brasil*, 23/10/1988.

² Projeto “Se essa rua fosse minha”. s/d. (Arquivo Herbert de Souza).

³ *O Globo*, 20/11/1996.

Em setembro de 1988, após o anúncio da falência da Prefeitura, pelo prefeito Saturnino Braga, Betinho buscou apoio internacional para salvar a cidade.

A cidade do Rio de Janeiro vive há mais de dois meses uma crise de proporções dramáticas.

Em consequência da dívida externa e interna, o governo federal estabeleceu um cerco econômico inflexível sobre a cidade, levando-a à falência. A Prefeitura não tem como pagar seu funcionalismo, em greve, há mais de dois meses, nem como fazer funcionar suas 1.000 escolas e creches que atendem a 700.000 crianças, assim como sua rede de hospitais e postos de saúde.

Para pagar os juros da dívida externa, o governo brasileiro não vacila em submeter uma das principais cidades do Brasil e sua população a sacrifícios que beiram a insanidade.

Neste quadro, a cidade pode viver dias trágicos, nos próximos meses, com as periódicas e previsíveis chuvas de verão, podendo repetir-se a tragédia de fevereiro de 1988, deixando muitos mortos e desabrigados.

O Rio de Janeiro necessita, neste momento, solidariedade internacional para obter as verbas a que a cidade tem direito e que o governo federal se recusa a liberar. Entendemos que é indispensável a interferência das cidades-irmãs para pressionar o governo federal brasileiro como única saída possível para a crise que atravessamos.

Atenciosamente,

Herbert de Souza

Defensor do Povo da
Cidade do Rio de Janeiro

Letra da música “A Luz do Mundo”, composta por Chico Buarque, Djavan, Arnaldo Antunes e Caetano Veloso, para o projeto “Se essa rua fosse minha”. O disco, um compacto simples produzido de forma independente, foi lançado em 1991.

A LUZ DO MUNDO

Eu sou a luz do mundo e ninguém me vê aqui
Eu sou o sal da terra e ninguém me sabe aqui
Brincando de existir
Ninguém pode me pegar
Eu sou a voz da vida, nada vai me calar

Pivete, capitão da areia, trombadinha
A imensidão da noite para habitar
A lua, mas se essa rua fosse minha
Meu caminho, meu sono, meu zanzar

Ducha de chuva fria e sol de aquecedor
Cama de viaduto e carros de cobertor
Letreiros de bê-á-bá
Vitrines de ver TV
Beijos de cola e colo de esmola pra comer

Pivete, capitão da areia, trombadinha
A imensidão da noite para habitar
A lua, mas se essa rua fosse minha
Meu caminho, meu sono, meu zanzar...
Corre menino, vem menino perto de mim.

Logo após o lançamento do projeto "Se essa rua fosse minha", Betinho escreveu o artigo *Se esse menino fosse meu*.

Se esse menino fosse meu

O número exato ninguém sabe. São muitos milhares e estão nas ruas e praças das principais cidades brasileiras. São as crianças que vivem e dormem nas ruas. São também alguns milhares as que foram assassinadas nos últimos anos.

O número exato não temos e na verdade não importa. Bastava uma para já ser um absurdo. Bastava um assassinato para ser um escândalo inadmissível.

Um reporter da BBC de Londres me perguntava se eu conhecia algum outro país do mundo onde se matava crianças desse jeito e tive que reconhecer que não conheço. Perguntava porque não se para esse infanticídio e não sabia responder. Finalmente queria saber se o governo federal fazia efetivamente alguma coisa para parar tudo isso. Respondi que quando o governo quer realmente fazer alguma coisa faz e que me parecia que nesse caso o que se fazia era um discurso para inglez ver.

Na verdade nunca pensei viver esse dia e viver nesse país que consegue chegar a esse ponto, a ponto de jogar crianças nas ruas, a ponto de matar as crianças que joga na rua, a ponto de não fazer nada para parar isso que ultrapassa qualquer imaginação e nos lança no campo do absurdo.

Yung falando sobre o nazismo e o assassinato em massa de judeus dizia que a sociedade alemã e europeia permitia e no fundo queria que isso acontecesse. Hitler executou o que muitos queriam e não assumiam e nem faziam, mas deixavam acontecer.

Vendo como a sociedade brasileira produz a pobreza e os pobres, vendo como a economia brasileira só existe e se organiza para atender às necessidades de uma minoria às custas da maioria, vendo como ser pobre no Brasil é estar condenado à marginalidade chego a conclusão que essas crianças estão nas ruas porque suas famílias foram destruídas pela sociedade brasileira, com o nosso consentimento e que no final da linha, na calada das noites essas crianças são assassinadas porque não existe mais o que fazer com elas, salvo impedir que continuem vivas. E tudo isso acontece a partir da nossa omissão.

Como Yung tinha razão sobre a Alemanha creio, infelizmente, ter também razão sobre o Brasil. As 7 mil crianças e adolescentes que foram assassinadas nos últimos 4 anos, segundo os dados da CPI que investigou a violência praticada contra Crianças e Adolescentes, do Congresso Nacional, não foram mortas por nossas mãos mas seguramente morreram sem nosso abraço protetor e sem nosso grito de clamor.

Por que chegamos a esse ponto? Por que um ser humano de 7 anos, pobre, negro, solitário, abandonado, desorientado, faminto de tudo é condenado a morrer no fundo da omissão de cada ou do desejo não revelado da maioria? Quando foi que esse ser deixou de ser a criança para virar menor infrator? Deixou de ser uma pessoa, um ser humano para se transformar no perigo que o rebaixa ao terreno do outro, tal como um animal selvagem que se deve abater a tiros?

Em que exato momento os abandonamos? O que aconteceu logo depois que não saímos para protegê-lo e trazê-lo de volta para a nossa casa? Em que momento virou estranho, bicho fera, animal a

ser abatido? Em que momento um virou Caim outro virou Abel e se desconhecaram?

Fico imaginando saber que meu filho de 9 anos saiu de casa e não voltou. paro tudo. Telefono para todos os lugares. Mobilizo todos os amigos. Saio a procurar por todas as partes possiveis. Vasculho todos telefones onde possa estar. Grito por seu nome nas praças por onde passe. Sofro a angustia de sua morte a cada momento. Imagino o pior a cada passo. Relembro sua curta história com um vigor que alucina. Até que o encontre de novo para um abraço e um beijo com sabor de alegria. Ai sim, posso voltar a ser eu mesmo, retomar minhas atividades normais, meu trabalho, minhas reunioes, seminarios, viagens e até o chopp de fim de tarde.

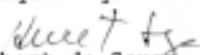
Ele, meu filho, sou eu, é minha humanidade, minha sociedade, minha cidade e mundo. Sem ele sou menos eu e minha felicidade é um pesadelo.

Quando foi mesmo que esse menino que vejo na rua a me oferecer o limão deixou deixou de ser meu filho? Pois foi exatamente nesse momento que me transformei em um conivente de seu assassino. Ao não sair ao seu encontro o deixei entregue. Ao não busca-lo o entreguei a propria sorte. Ao não parar tudo para tratar de sua sorte transformei sua sorte na loteria da morte que marca seus cartões no corpo dos meninos e das meninas que abandonamos nas ruas de nossas cidades.

Se não faço tudo que posso por alguém devo estar preparado para ouvir qualquer notícia e assumir minha parte pela omissão. Uma sociedade que abandona crianças as quer ver mortas, as mata. Uma sociedade que abandona e mata crianças chegou a um tal ponto de desumanidade que ultrapassa todos os limites aceitaveis para a humanidade.

E na verdade, tudo isso começou quando só fui capaz de ver no meu filho o meu filho, o ser humano, a humanidade. Quando não fui capaz de ver em qualquer filho o meu, em qualquer ser a humanidade, em qualquer outro o ser humano, em qualquer criança o começo e o recomeço da propria humanidade.

Nunca imaginei estar vivo para viver num país onde matar crianças é um ato que não escandaliza, paraliza, mobiliza tudo e todos para por um fim naquilo que nunca deveria ter começado.


Herbert de Souza

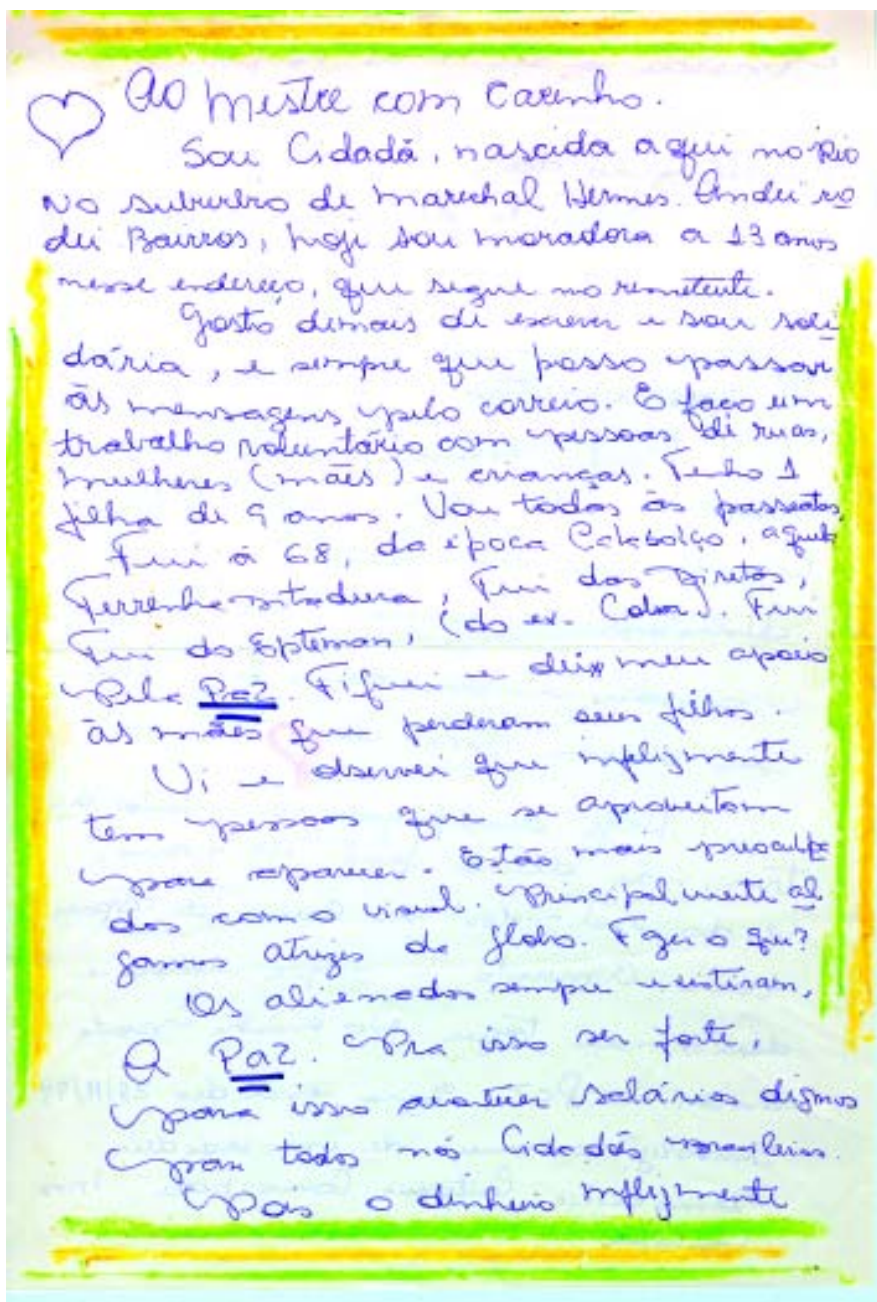
11.12.91

Ato pela paz, na
Candelária,
realizado no dia
17 de dezembro
de 1993, em
protesto contra
as chacinhas da
Candelária e de
Vigário Geral.



Eraldo Platz / Agência Ênfase

Depois de participar da passeata pela paz,
moradora de Copacabana manifestou seu
carinho e sua disposição para colaborar com
Betinho.



♡ Ao mestre com carinho.

Sou Cidadã, nascida aqui no Rio
No subúrbio de Maracanã. Cresci no
dei Bairros, hoje sou moradora a 13 anos
nessa endereço, que segue no remanejo.

Gosto demais de exercer a sua soli-
dária, e sempre que posso passar
as mensagens pelo correio. E faço um
trabalho voluntário com pessoas de ruas,
mulheres (mães) e crianças. Tenho 1
filha de 9 anos. Vou todos os passados.

Fui a 68, da época Colômbio, aqui
Terrence-introdução, Fui dos Pinetos,
Fui do Estreito, (do ex. Colômbio). Fui
Pela Paz. Fui a deus meu apoio
as mães que perderam seus filhos.

Vi e observei que infelizmente
tem pessoas que se apressam
para aparecer. Estão mais preocupadas
com o visual. Principalmente al-
gumas atitudes do globo. Fui o quê?


Os alienados sempre venturam,

A Paz. Para isso ser forte,
para isso receber salários dignos
para todos nós Cidadãos brasileiros.
Pois o dinheiro infelizmente

Passou a ser mais importante.

Pai com 1 Salário de R\$ 100,00
reais não dá.

Quero te agradecer por ser 1 cidã
dã consciente e fim de o seu opoio
e todo com unhas e dentes esclarer às
pessoas. Se cada um fizer a coisa q
muda o antigo. da sua parte a

Gosto demais de você, por isso
sabe-se "O Sociólogo". Se
precisam da parte de divulgar,
distribuir e escrever ao VRORAS,
pessoas simples como eu, estou
ao ordeno falo de .

Hoje desimpugada como tantos an-
tros, não desisto fácil. Há 4 anos
vendo salgados na Avia de Copac-
abana. Apoiado e sempre escrevo e
dão o meu toque. Na minha parte
escrevi - Paz, que está dia 28/11/95
Simbolize o começo de um novo dia
Democracia. Partiremos como pede. Nos
Contribua. !!!

2- E eserei também Paz. Para isso
acaterei salários dignos para todos
nós.

Quero que vai saia o quanto
gosto de você, Sue Camila Amor a
hoje inda de seus Belém, Celina,
Vai não é Gandi, mas o um.
Grande Homem, no sentido inte
gro, humano. Volta que
são pau, mas vai seu
a essa seu, mas seu,
seu. Quem é inte entender.

Quando Bitinho, desculpe os
erros de português. Tenho apenas
o 1º grau e sou muito burro
já não tenho a idade. Mas
os erros são grandes.

Um fato abrai depois
que solidários, andam pelo mun
do é fora em busca do melhor.
abraio Iris e Sabrina.

No final de 1995, freqüentes confrontos entre torcidas levaram Betinho a organizar uma campanha contra a violência nos estádios de futebol, que contou com o apoio de Chico Buarque.



Michel Filho / AIB

O tema da violência continuou a mobilizar a população do Rio de Janeiro e, no dia 28 de novembro de 1995, cerca de 300 mil pessoas, vestidas de branco, atenderam ao chamado de

diversas entidades da sociedade civil, lideradas pelo Viva Rio, para uma caminhada pela paz na Avenida Rio Branco. O movimento ficou conhecido como *Reage Rio*.

REAGE RIO

1 Milhão Nas Ruas Pela Paz.

Dia 28 de novembro, às 17 horas, na Candelária, todo o Rio estará na maior caminhada já vista contra a violência.

Chame a sua turma e venha de branco. Não falte.



Pastor Caio
Fábio, Betinho e
Rubem César
Fernandes em
charge de Chico
Caruso
publicada em *O
Globo*, em 28/
11/1995, dia da
caminhada do
Reage Rio.



Betinho e
demais
organizadores
do movimento
Reage Rio,
caminham na
Avenida Rio
Branco dois dias
antes da
manifestação
pela paz.



Carlos Magno /AJB

Com artistas,
Rubem César
Fernandes e o
pastor Caio
Fábio, na
queima de fogos
ao final da
caminhada pela
paz, em
28/11/1995.



Cezar Loureiro/ Agência O Globo

Com Rubem
César
Fernandes, no
dia da
caminhada pela
paz.



Michel Filho / AIB

Em março de 1997, após a derrota da candidatura do Rio para ser sede das Olimpíadas de 2004, Betinho insistiu na manutenção das metas da Agenda Social, transformada em projeto apresentado à Unicef.



AGENDA
RIO
2004

ESPORTE E CIDADANIA JOGANDO NO MESMO TIME. FAPÉLAS URBANIZADAS, INTEGRADAS À CIDADE.

AO COMITÊ DIRETOR E AOS GRUPOS DE TRABALHO
DA AGENDA SOCIAL 2004

Acabou o sonho olímpico.
Continua a necessidade de realizar a Agenda Social.
Uma notícia: em poucos dias teremos a Secretaria Executiva da Agenda Social. O projeto já foi aprovado pela UNICEF e o contrato será assinado em duas semanas.
Uma pergunta: e se o Rio tivesse iniciado a Agenda Social há 7 anos? Não poderia ter sido selecionado?
A Agenda Social é necessidade anterior à candidatura para sediar os Jogos Olímpicos. É um desafio maior, mas que depende de nós mesmos.
Uma reflexão: O caminho percorrido nestes meses é maior do que parece. Já temos idéias-força e metas. Elas são consensuais. Há projetos factíveis. Já temos compromissos. Agora é provar que eles são para valer. Para os governos é um teste de credibilidade. Para a sociedade é um teste de cidadania.
Os Grupos de Trabalho vão continuar. Já sabem que as tarefas imediatas são: organizar melhor o trabalho, detalhar alguns projetos-chave, articular esforços e a parceria público-privado, firmar convênios e contratos, acompanhar ações e avaliar resultados.
Esta é a nossa Agenda de Trabalho.

O Rio de Janeiro tem um dizer/fazer: **EU QUERO, EU FAÇO, E EU ALCANÇO RESULTADOS.**

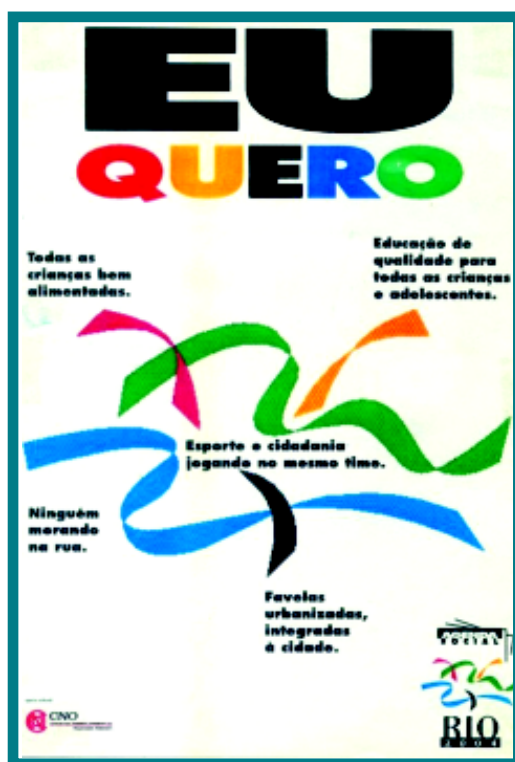
Herbert de Souza

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE PARA TODAS AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES. TODAS AS CRIANÇAS SEM ALIMENTAÇÃO. NINGUÉM MORANDO NA RUA.

Rua Visconde de Ouro Preto, nº 5 - 2ª andar - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - Brasil - CEP 22250-100
Tel.: (021) 553-0676 - Fax: (021) 553- - E-MAIL: eu2004@altema.com.br

EU QUERO

Cartazes
produzidos em
torno da
Agenda Social
Rio.



Campanha contra a fome



Aliedo

Campanha contra a fome

"A fome é exclusão. Da terra, da renda, do emprego, do salário, da educação, da economia, da vida e da cidadania. Quando uma pessoa chega a não ter o que comer, é porque tudo o mais já lhe foi negado."

Entre todas as campanhas em que Betinho se envolveu, a da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida foi aquela que alcançou maior repercussão nos meios de comunicação e a que maior participação obteve dos brasileiros. Um dos mais importantes movimentos sociais do país na década de 1990, a Ação da Cidadania foi lançada oficialmente em março de 1993, tendo por objetivo tratar a fome como problema emergencial e responsabilizar toda a sociedade pela sua solução. Betinho foi o principal nome da campanha e teve sua imagem profundamente vinculada a ela, a ponto de muitos brasileiros a identificarem como a "Campanha do Betinho".

Na verdade, a preocupação de Betinho com a fome vinha de longa data. Em meados da década de 1970, ainda no exílio, foi consultor da Food and Agriculture Organization (FAO), órgão da ONU. Em 1981, já no Brasil, voltou a trabalhar como consultor da FAO, acompanhando projetos agrários e sobre migrações na América Latina. Em setembro de 1983, representando o Ibase, participou, em Roma, da Segunda Consulta Internacional da Campanha Mundial contra a Fome/Ação pelo Desenvolvimento, promovida pela FAO. Em dezembro de 1986, foi um dos signatários da proposta de organização do Encontro Brasileiro pelo Direito à Alimentação, previsto para abril de 1988.

Anos mais tarde, de fato, a questão da fome iria ganhar espaço prioritário na agenda de Betinho. Depois de ter participado ativamente, em meados de 1992, da organização do Movimento pela Ética na Política (MEP) – agrupamento de entidades da sociedade civil cuja atuação foi decisiva na

mobilização popular que culminou com o *impeachment* do presidente Fernando Collor –, no início de 1993 Betinho envolveu-se no debate, então iniciado, sobre como manter a sociedade brasileira mobilizada em torno de causas éticas. Dessa discussão, que reuniu representantes de diversas instituições que integravam o MEP, surgiu a idéia de promover uma campanha para combater a fome e a miséria no país.

Nascia, assim, no dia 8 de março, a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, cuja principal motivação era a crença em que democracia e miséria eram incompatíveis. Na ocasião, foi divulgada a “Carta da Ação da Cidadania”, redigida por Betinho e outros ativistas. O texto era uma contundente chamada à consciência de todos: “Não se pode viver em paz em situação de guerra. Não se pode comer tranquilo em meio à fome generalizada. Não se pode ser feliz num país em que milhões se batem no desespero do desemprego, da falta de condições mais elementares de saúde, educação, habitação e saneamento. (...) A insanidade de um país que marginalizou a maioria deve terminar agora”.

Pouco tempo depois do surgimento da Ação da Cidadania, o presidente da República Itamar Franco propôs um plano de erradicação da fome, afirmando ser essa uma questão prioritária em seu governo. Como desdobramento dessa iniciativa, foi criado, em abril, o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (Consea). Reunindo governo e sociedade civil, o conselho era presidido por D. Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias (RJ), e integrado por oito ministros de Estado e 21 representantes da sociedade civil, 19 dos quais indicados pelo MEP, incluindo o próprio Betinho. De caráter consultivo, deveria propor soluções e pressionar agências governamentais e não governamentais com vistas ao combate à situação de subnutrição de parcela da sociedade.

Tanto a Ação da Cidadania quanto o Consea tinham como referência para suas ações o Mapa da Fome, documento elaborado por técnicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e divulgado em 18 de março de 1993, segundo o qual o Brasil possuía cerca de 32 milhões de miseráveis. Com base nesses dados, a Ação da Cidadania declarou 1993 o ano da solidariedade, sob o lema “dar comida a quem tem fome”. Membro do Consea e da Ação da Cidadania, Betinho reconhecia os pontos em comum entre as duas iniciativas, mas destacava as diferenças: “Os dois nascem do mesmo impulso ético e político, mas têm cursos diferentes. (...) O primeiro vai depender da capacidade do governo em transformar em prioridade absoluta o combate à miséria. (...) A segunda proposta (...) vai depender da ação da sociedade civil, [da] sua capacidade, iniciativa, [da] força de suas idéias, projetos e valores, [da] força de sua ética e de sua energia política”.¹

A Ação da Cidadania pautava-se por três princípios: parceria, iniciativa e descentralização. De forma simples, Betinho assim os caracterizava: “Parceria porque propõe juntar quem quer dar com quem precisa receber. Iniciativa porque não apresenta respostas, mas coloca questões e cobra soluções. Descentralização porque não estabelece um modelo hierárquico, mas sim estimula ações sem impor uma coordenação, (...) ações que respeitem diversidades locais”.² O compromisso com o princípio da descentralização fez Betinho recusar, desde o início, o título de coordenador oficial do movimento.

As propostas da Ação da Cidadania tornavam-se realidade por meio de comitês que reuniam pessoas por atividade profissional, local de trabalho, de moradia, ou pertencimento a escola, clube, igreja etc. Com o tempo, também foram sendo organizados comitês no exterior, por brasileiros residentes em países como Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Japão, Austrália, França, Chile e Suíça. A publicação *Cartilha para ajudar a formar comitês*, cujos primeiros 200 mil exemplares foram editados pela Confederação Nacional das Indústrias (CNI), foi muito útil para a disseminação de comitês. Além de sugerir o mapeamento prévio da situação de pobreza e miséria dos locais onde seriam instalados, a cartilha enfatizava que a fundação de um comitê não exigia autorização ou qualquer outro trâmite burocrático, dependendo, apenas, da iniciativa de um cidadão. Em pouco tempo, proliferaram pelas diversas regiões do país comitês onde eram reunidos alimentos não-perecíveis, distribuídos cestas básicas, “sopões” e medicamentos, e onde aconteciam cursos de alfabetização. No final de abril de 1993, os três primeiros comitês estaduais haviam sido inaugurados, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Pernambuco.

Desde o começo, Betinho foi advertido, sobretudo por antigos companheiros de militância política, sobre os riscos do assistencialismo. Mais de uma vez, ele rebateu essas críticas. Não tinha dúvidas de que a campanha da fome não resolveria os problemas estruturais da sociedade. De seu ponto de vista, era crucial articular as dimensões emergencial e estrutural, levando-se necessariamente em conta que “atuar no emergencial sem considerar o estrutural é contribuir para perpetuar a miséria. Propor o estrutural sem atuar no emergencial é praticar o cinismo de curto prazo em nome da filantropia de longo prazo”.³

Em maio de 1993, a Ação da Cidadania ganhou um reforço de peso. Representantes de diversas empresas estatais – entre as quais a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, a Petrobras e Furnas – juntamente com Betinho e o físico Luiz Pinguelli Rosa fundaram, no Rio, o Comitê das Entidades Públicas no Combate à Fome e pela Vida (Coep). Devido à capilaridade das entidades que o constituíam, o Comitê das Estatais, como

ficou mais conhecido, contribuiu decisivamente para que a Ação da Cidadania pudesse estar presente em praticamente todo o território brasileiro. As iniciativas do Coep articulavam a dimensão emergencial, voltada para a coleta e distribuição de alimentos, e a dimensão estrutural, utilizando a experiência técnica das empresas participantes e de seus empregados para estabelecer parcerias entre elas, os órgãos estaduais e municipais, e as organizações comunitárias e do setor privado. Centenas de comitês da Ação da Cidadania foram estruturados a partir da iniciativa de empresas públicas.

Em junho, uma campanha publicitária foi lançada em todas as redes de televisão do país, conclamando a população a aderir à luta contra a miséria e tendo como chamada o *slogan* “Fome, não dá para esquecer”. A iniciativa coube ao Comitê Idéias, criado por publicitários que, atendendo a um apelo de Betinho, passaram a dedicar parte de seu tempo à criação de *spots* para rádio, cartazes, vídeos. O logotipo da Ação da Cidadania – o prato vazio – em pouco tempo ficou bastante conhecido. Além disso, a Ação da Cidadania contava, desde abril, com o jornal *Primeira e Última* – editado desde setembro de 1992 pelo Ibase, Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), Instituto de Estudos da Religião (Iser) e Instituto de Ação Cultural (Idac) – que se tornou a publicação oficial do movimento e seu principal veículo de comunicação interna.

A Ação da Cidadania valeu-se ainda, desde o início, de uma maciça participação de artistas, envolvidos não apenas nas campanhas publicitárias, mas também em um grande número de manifestações e eventos de natureza cultural ou esportiva. Um exemplo interessante foi o “Fome de bola”, jogos de futebol disputados entre times de artistas e de ex-jogadores, nos quais o ingresso cobrado era um quilo de alimentos não-perecíveis.

A Semana da Arte Contra a Fome foi, sem dúvida, o ponto alto das manifestações que envolveram a “classe artística”. Realizada no Rio de Janeiro entre 7 e 14 de setembro de 1993, e idealizada por Betinho, a semana foi dedicada à arrecadação de alimentos e recursos para a campanha por meio da apresentação de esquetes, pequenas peças de balé, leituras de poesias e textos teatrais, apresentações musicais, exibições de vídeos e curtas-metragens. O evento foi aberto com o “Jejum pela vida”, realizado durante 12 horas por religiosos de diversas confissões, no Parque Lage, como forma de lembrar o flagelo de todos aqueles que passavam fome. O encerramento da semana ocorreu com o espetáculo “Cidadão!”, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Composto por diversas *performances*, o espetáculo reuniu cerca de 300 artistas e até o próprio Betinho, que cantou “Apesar de você”, de Chico Buarque. O ingresso era

a assinatura de um “contrato de cidadania”, mediante o qual as pessoas se comprometiam a contribuir por um ano com uma instituição beneficente.

A proximidade do final do ano levou Betinho a promover aquela que viria a se tornar marca registrada da Ação da Cidadania: a campanha do Natal sem Fome. Afirmando que a melhor ocasião para despertar o espírito da solidariedade era o Natal, Betinho conclamou as pessoas a participarem da organização de um Natal diferente, no qual ninguém passasse fome, e que garantisse a cada criança pelo menos um brinquedo, “pois criança tem fome de brinquedo”. A campanha, de âmbito nacional, contou com a participação dos comitês estaduais, encarregados de organizar a arrecadação de cestas básicas e, mais uma vez, com a adesão de artistas e cantores da MPB, em *shows* que se multiplicaram por diversas capitais do país. No Rio, o encerramento do Natal sem Fome teve lugar na Cinelândia, no centro da cidade, onde os comitês montaram uma grande mesa e distribuíram pão e vinho para cerca de mil pessoas.

O sucesso da Ação da Cidadania nos seus primeiros meses de existência era inegável. Sua grande repercussão foi amplamente confirmada por pesquisa do Ibope, realizada durante a segunda metade de dezembro de 1993, quando foram entrevistadas 2.000 pessoas maiores de 16 anos em várias cidades brasileiras. A pergunta-chave era muito objetiva: “O (a) Sr(a) conhece ou ouviu falar alguma coisa sobre a campanha nacional contra a fome e pela vida, coordenada pelo sociólogo Betinho?”. Os resultados, divulgados em meados de janeiro de 1994, impressionaram: 93% dos entrevistados consideraram a campanha necessária, 68% já tinham ouvido falar dela, 32% dela participaram ou para ela contribuíram de algum modo e 11% o fizeram enquanto membro de algum comitê. Em todo o Brasil, estimava-se existir, ao final de 1993, cerca de três mil comitês, distribuídos por 22 dos 27 estados da federação, concentrados nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco.

Embora Betinho já tivesse se referido ao combate ao desemprego anteriormente, em entrevistas e artigos, foi só a partir do início de 1994 que a associação entre fome e miséria, de um lado, e geração de emprego e renda, de outro, foi efetivamente desenhada. Com isso, a Ação da Cidadania, sem retirar de cena a bandeira desfraldada em 1993, procurava ir além, promovendo uma mobilização em prol do trabalho, a sua frente prioritária de luta para o ano de 1994. Em artigo publicado na edição da primeira quinzena de fevereiro do *Primeira e Última*, Betinho fazia uma nova chamada: “Há um ano, a sociedade disse basta de fome, de miséria. Hoje, (...) é a hora de dar um basta na indignidade de ver milhões de brasileiros sem trabalho, sem ocupação, sem renda que garanta o sustento de suas famílias. (...) Todos devem responder à questão de como garantir o

direito ao trabalho”.

Em março, com a divulgação do Mapa do Mercado de Trabalho no Brasil, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Ação da Cidadania passou a dispor de informações mais precisas sobre a situação do emprego no país. No total, eram cerca de 20 milhões de pessoas desempregadas, que trabalhavam sem receber ou que recebiam menos de um salário mínimo por mês. Para fazer frente a essa situação dramática, comitês se mobilizaram para montar padarias comunitárias, oficinas de costura e reciclagem de papel e criar cooperativas de serviços e outras alternativas capazes de gerar renda nas comunidades mais pobres. As empresas estatais, por sua vez, desenvolveram ações correlatas, tais como a cessão de sementes para plantio e de equipamentos agrícolas, a abertura de linhas de crédito, o estímulo à organização de pequenas e microempresas associativas e cooperativas, a qualificação de população carente e de mão-de-obra no campo, e o aproveitamento alimentar artesanal.

O tema do emprego trouxe para a Ação da Cidadania atores sociais até então ausentes da mobilização, como o Serviço de Apoio à Pequena e Média Empresa (Sebrae), prefeituras de cidades médias que implementaram ações concretas de geração de emprego, e sindicatos. Ao mesmo tempo, os comitês conquistaram um maior grau de organização, elemento importante para conceber e desenvolver projetos de geração de emprego. Em dezembro de 1994, foi criado o Fórum Nacional da Ação da Cidadania, com o objetivo de debater os rumos do movimento a cada dois meses, sem, no entanto, deixar de respeitar o caráter descentralizado da campanha.

A sucessão do presidente Itamar Franco dominou a cena política brasileira a partir de meados de 1994. Fortalecido pelo lançamento do bem-sucedido Plano Real, conjunto de medidas voltadas para o controle da inflação, o governo colocou em plano secundário o combate à fome, anunciado, inicialmente, como uma questão prioritária. De qualquer modo, todos os candidatos à presidência da República escolheram a geração de emprego como prioridade de governo, o que pode ser visto como um reconhecimento da importância do tema central da campanha da Ação da Cidadania para aquele ano.

Em setembro de 1994, a mídia foi chamada a colaborar no esforço de organização da segunda edição do Natal sem Fome. Nessa ocasião, o Comitê Idéias criou o primeiro filme publicitário protagonizado por Betinho. No artigo “Democracia na cesta de Natal”, ele manifestou sua vontade de “poder entregar (...) a cada um destes cidadãos [de quem] o *apartheid* social no Brasil tirou a chance da cidadania”, uma cesta básica

que contivesse, “ao invés do feijão, emprego; ao invés do arroz, saúde; ao invés de farinha, terra; ao invés de açúcar, justiça; ao invés de fubá, educação.”⁴

Neste ano, a mobilização nacional para arrecadação de alimentos foi sem dúvida maior do que em 1993. Mais de mil toneladas de alimentos foram reunidas nas sete capitais onde a campanha foi feita – Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Porto Alegre, Vitória, Belém e Brasília. Essa ação nacional de larga escala só foi possível devido ao grande envolvimento da mídia e à articulação entre diferentes parceiros: todas as campanhas estaduais do Natal sem Fome envolveram pelo menos um jornal de grande circulação, uma rede de supermercados e uma emissora de TV. No Rio, foi possível unir os três jornais de maior circulação – *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *O Dia* – todos os supermercados e praticamente todas as emissoras de TV.

Na posse de Fernando Henrique Cardoso na presidência da República, em 1º de janeiro de 1995, Betinho entregou-lhe a “Carta da Terra”, documento em que denunciava a concentração de terras no Brasil e procurava comprometer o novo governo com a solução do problema. Naquele ano, “Democracia na Terra” foi o lema da campanha da Ação da Cidadania, bandeira levantada por Betinho desde a organização da Campanha Nacional pela Reforma Agrária, na década anterior. “Democracia na terra é um novo tema, e, ao mesmo tempo, uma velha história, uma antiga questão, um grande impasse. (...) Terra no Brasil é muito mais morte que vida, mais privilégio que oportunidade, mais violência que paz”, dizia Betinho.⁵

O tema da democratização do acesso à terra, a exemplo do que já havia acontecido em 1994 com o tema da geração de emprego, não conseguiu exercer uma ação tão mobilizadora nos corações e mentes dos brasileiros quanto aquela desencadeada pelo tema do combate à fome. Os comitês sentiram dificuldade em desenvolver ações locais tendo o acesso à terra, questão de inegável relevância, como objetivo a ser alcançado.

O entendimento do limitado impacto na sociedade causado pela “Democracia na Terra” não pode deixar de lado, também, a nova realidade político-institucional do país. Ao assumir a presidência, Fernando Henrique Cardoso retomara, em novas bases, o processo de reorganização do Estado iniciado no governo Collor. Para o novo presidente, era imprescindível a realização de “reformas estruturais”, como o “enxugamento” da máquina pública, a quebra dos monopólios do petróleo e das telecomunicações e a volta à privatização das empresas estatais. Em fevereiro de 1995, Fernando Henrique extinguiu o Consea, substituindo-o pelo programa Comunidade

Solidária, que incorporou alguns nomes da equipe anterior em seu conselho, entre os quais o próprio Betinho. No entanto, se a relação entre a Ação da Cidadania e o Consea fora pautada pela parceria, com o Comunidade Solidária a situação mudou significativamente.

Betinho, mesmo participando do novo programa, fazia críticas constantes ao governo Fernando Henrique. Para ele, a política econômica então adotada havia afetado diretamente as iniciativas mais expressivas no combate à fome e à miséria. Nesse sentido, o programa Comunidade Solidária seria inócuo porque a política social não era prioridade para o governo: o Plano Real estabilizava a economia e a miséria também. Enquanto a Ação da Cidadania avançava nas demandas por mudanças na estrutura econômica como solução para a crise social brasileira, o governo conduzia uma política essencialmente direcionada à estabilização econômica. Por sua vez, a abertura ao capital estrangeiro e a quebra de monopólios enfraqueceram as empresas estatais, o que representou uma redução progressiva da participação do Coep no interior do movimento. Essa avaliação fez com que Betinho se afastasse do Comunidade Solidária em 1966.

No final de 1995, a Ação da Cidadania entrou em uma fase de refluxo, cuja manifestação mais evidente foi perda de visibilidade na mídia. Iniciativas importantes deixaram de receber cobertura adequada dos meios de comunicação. Em dezembro, por exemplo, a pesquisa “Ação da Cidadania – Mapeando a Solidariedade” fez um levantamento preliminar de quase cinco mil experiências concretas. Os dados foram divulgados em uma reunião pública, mas a repercussão ficou bem abaixo do esperado – e do desejado. Algumas campanhas bem sucedidas – como o Natal sem Fome – continuaram sendo realizadas em alguns estados, sobretudo no Rio de Janeiro, conquistando razoável espaço na imprensa local, mas sem conseguir maior projeção nacional.

Como resposta a esse refluxo, a Ação da Cidadania procurou mobilizar setores da sociedade que ainda não haviam sido incorporados em campanhas específicas, como a juventude e a terceira idade. Mesmo assim, paulatinamente, muitos comitês foram fechados e os fóruns nacionais deixaram de ser realizados por falta de verbas. Embora sem a visibilidade dos anos de 1993 e 1994, o movimento manteve algumas de suas atividades e, uma década depois do lançamento da campanha, cerca de dois mil comitês continuavam em funcionamento em todo o país.

A Ação da Cidadania pode ser considerada um marco na atuação das organizações não-governamentais no Brasil. Seu sucesso impulsionou a criação de inúmeras ONGs, que passaram cada vez mais a fazer parte

do cotidiano político e social do país. A idéia de cidadania como um processo, construído a partir da cooperação de cada um para a melhoria da sociedade se impôs sobre a noção formal de cidadania, restrita à relação entre o indivíduo e o Estado. A Ação da Cidadania contribuiu para o fortalecimento de uma sociedade civil que, ainda combatida, se estruturava depois de vinte anos de autoritarismo militar. Desenvolvendo parcerias entre Estado e sociedade, e apontando, por meio de práticas sociais criativas, caminhos para o combate à miséria e à fome, a “Campanha do Betinho” constituiu-se em exemplo histórico de conscientização e participação cidadãs.

Notas

¹ *O Estado de S. Paulo*, 23/04/1993.

² Souza, Herbert de. “Ação da cidadania, força da sociedade”. Texto digitado, 1995. (Arquivo Herbert de Souza).

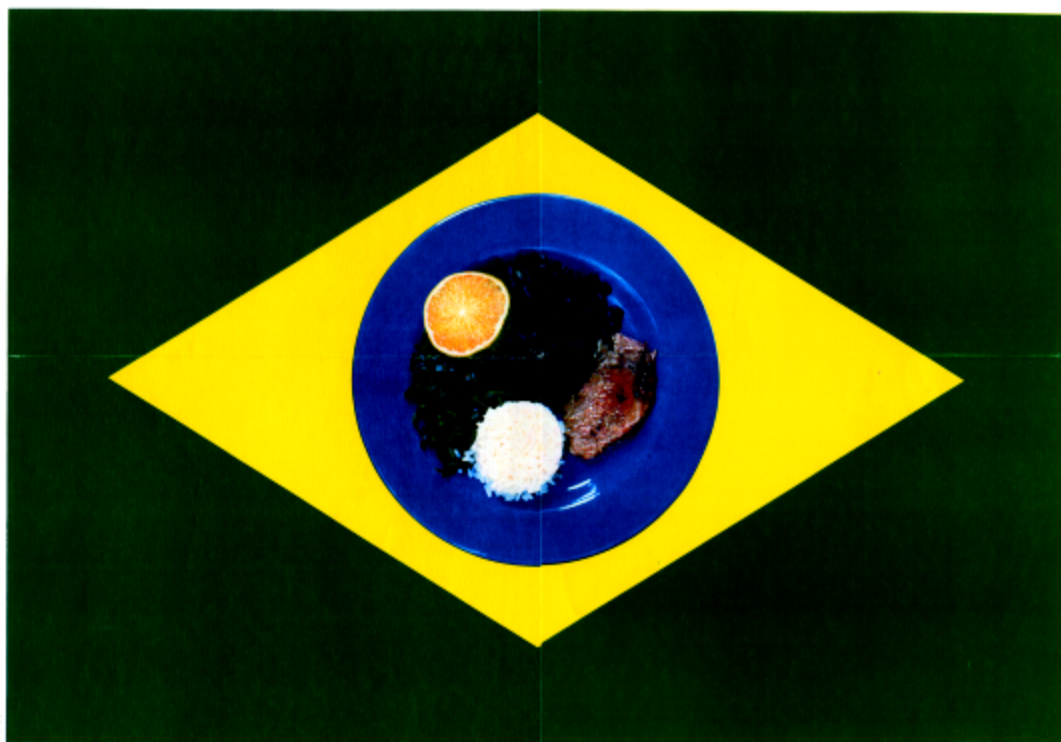
³ *Primeira e Última*, abril 1993.

⁴ *Jornal do Brasil*, 03/12/1994.

⁵ *Folha de S. Paulo*, 14/04/1995.

Material de propaganda produzido pela Ação da
Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.

UM ANO NOVO SEM FOME PARA O BRASIL.



GAIÃO



O presente que muitas pessoas gostariam de ganhar neste Natal é a sua ajuda.

Doações: 0800 211 211 (cada ligação R\$ 5,00), ou conta nº 000.537-x, Banco do Brasil, agência 1211-4.





Empresário: onde é que o s. r. está quando o país precisa?

Pode estar a lidar com o aumento da competitividade ou preocupado com seu processo sucessório. Quem sabe, apostando todos os fichas para desenvolver mais ainda sua empresa.

Empresário. Que não tenta

ler no de volta para criar programas de melhoria e competitividade. Gera qualidade total na sua empresa. Envia especialistas a explorar toda sua experiência para o seu país, fazendo dele seu próximo "case" de sucesso.

Ele precisa da sua ideia "inovadora" para reduzir o desperdício, do seu "know-how" para concluir o ciclo produtivo mínimo e com menos custos, de modo a tornar mais lucrativa. Precisa do seu "para comprar uma ideia nova e considerá-la ver-

daderamente man-

temente.

Se, enquanto, em um país há uma ideia nova. Na realidade é o seu maior patrimônio. Que tal dar um olhar?







Perguntar ou agir?

Artigo de
Betinho, escrito
em 2/06/1993

Como ajudar os 32 milhões de brasileiros que estão na indigência? O que fazer? Nos últimos meses, desde que a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida está nas ruas provocando a sociedade civil e organizada a se mobilizar contra a fome, os mais diversos interlocutores têm me feito a mesma pergunta. O que me questiono é se devo responder.

Afinal, o objetivo do movimento é provocar, questionar, mobilizar a sociedade. Mas não existem respostas prontas. Existe, sim, a necessidade de que cada cidadão busque fazer a sua parte. A capacidade do brasileiro em ser solidário é enorme. Tão grande quanto a sua dificuldade em entender que cidadania é participação, mobilização, iniciativa.

Cada um na sua rua, no seu bairro, na sua empresa, pode fazer alguma coisa. Não é preciso esperar uma ordem ou uma orientação. Não há regras, diretrizes, receitas prontas. O restaurante onde costumo almoçar distribui refeições à população de rua vizinha, uma senhora me procurou para doar 150 empadinhas por semana, um produtor de bananas quer fornecer quatro mil bananas por mês, uma empreiteira quer saber onde deposita dinheiro, funcionários de empresas públicas querem doar tíquetes-refeição.

Secretários, prefeitos, empresários, todos me perguntam o que fazer para ajudar. Mas quando uma cidade como Lavras se reúne num comitê, com cerca de 20 representantes da sociedade local, e descobre que o problema da miséria em Lavras pode ser resolvido com 700 empregos, esta cidade está encontrando seu próprio caminho. É descentralizado, é único, é democrático.

O desafio e o sucesso da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida é mobilizar a sociedade civil - organizada ou não - para atender, seja de forma emergencial, seja com medidas estruturais, as necessidades de 32 milhões de brasileiros que vivem hoje na indigência. Marginais de uma estrutura social repleta de esferas de representação - condomínios, associações, sindicatos - estes brasileiros não podem ser ouvidos, vistos, identificados. Por enquanto, somam apenas um frio e escandaloso número, uma estatística da qual cada um de nós deve ter vergonha.

O fim do *apartheid* social não é apenas dar comida a quem tem fome, mas é trazer de volta, resgatar estes 32 milhões de brasileiros excluídos de todos os seus direitos, excluídos do direito básico de comida, de emprego, da dignidade. E transformá-los novamente em cidadãos brasileiros.

É uma tarefa árdua, mas que depende de que, além de solidários, voluntários, doadores, os brasileiros se descubram cidadãos, conscientes de seu poder de ação e de iniciativa. Não basta depositar dinheiro numa conta bancária para uma doação e nunca fiscalizar como os recursos foram aplicados. Não basta entregar arroz ou feijão em alguma instituição assistencial. É preciso ser cidadão para fazer cidadãos estes 32 milhões de brasileiros que hoje vivem na indigência.

Uma das iniciativas da Caixa Econômica Federal (CEF), integrante do Comitê das Entidades Públicas no Combate à Fome e pela Vida (Coep), foi publicar uma cartilha para esclarecer sobre formas de participação na Ação da Cidadania.





Formação de Comitês

"É preciso organizar a sociedade em busca de soluções permanentes para o fim da miséria, da recessão, do desemprego"

Como começar?

Basta reunir duas ou mais pessoas e entidades, sem qualquer preconceito e distinção política, cultural, econômica, étnica e religiosa e COMEÇAR A SE ORGANIZAR.

Local para a reunião?

Pode ser em um salão paroquial, na sala de qualquer entidade, no bar da esquina, na casa de um amigo. O que é preciso é A VONTADE DE CADA UM.

E Agora?

Vamos começar pensando em coisas úteis e concretas que podem ser feitas a partir de nossa própria capacidade em função do número de pessoas que forem sendo agregadas.

Quem será responsável pela manutenção da organização do Comitê?

Quem divulgará o Comitê?

Quem ficará encarregado de levantamentos importantes?

Organização do Comitê

Duas ou três pessoas podem colaborar para organizar reuniões preparar os assuntos que serão debatidos

Divulgação do Comitê

As mesmas pessoas que colaboram na administração do Comitê poderão convocar as pessoas e entidades, fazer contato com a imprensa.

O contato com os meios de comunicação é prioritário. Desde o início da formação do Comitê é conveniente contatar o pessoal das rádios, dos jornais e das televisões. Certamente eles serão muito receptivos à idéia e poderão ajudar na divulgação das reuniões, dos eventos e principalmente, dos resultados das pesquisas que estarão sendo realizadas pelas comissões de trabalho. Esse apoio também será importante para a divulgação das informações que estarão chegando de outros Comitês.

Convide-os também a se engajarem no movimento - pois como cidadãos e responsáveis, devem não só divulgar mas participar ativamente.

A divulgação também é um forma de denúncia da realidade, um meio de sensibilizar o nosso próximo e pressionarmos as autoridades públicas.

Levantamentos importantes

Procure identificar: as áreas de pobreza e miséria da região, quantas pessoas estão nessa condição, qual o salário ou quanto ganha cada família, qual o número de desempregados, o que comem e o que falta de comida, qual a situação de escolaridade, de saneamento básico, água potável e saúde de cada área, os produtores da região, o que e quanto se produz de alimentos na região, os transportadores, armazenadores e comerciantes, como é distribuída a produção no comércio e na armazenagem, os problemas e as possibilidades para o aumento da produção, se existem formas para baratear esse trabalho, as iniciativas individuais e coletivas já existentes na região promovidas pelas pessoas, entidades da sociedade civil, igrejas, sindicatos, Prefeitura, Governos Estadual e Federal, mutirões, cooperativas de produção e consumo, distribuição de alimentos, programas de geração de emprego, movimentos de solidariedade e as possibilidades de somar a elas ou criar outras iniciativas, o que julgar importante e necessário.

Como agir?

Organizando distribuição de cestas de alimentos, hortas familiares, manutenção de creches, cursos de nutrição, *reforçando* ações já em curso incorporando grupos sociais que até então se mantiveram afastados, aumentando o número de pessoas e grupos engajados nesse tipo de ação. *Participando* de atos públicos de âmbito regional, estadual, nacional, *denunciando* a situação da fome em atos públicos, *realizando* conferências, reuniões para análise dos problemas, *contactando* médicos/hospitais para atendimento à população carente, *promovendo* palestras para orientar hábitos de higiene, *insistindo* na eliminação do desperdício, *estando atento* para evitar possível "utilização política" da atividade.

Em cada cidade

Em cada bairro

Em cada associação

Em cada localidade

Vamos formar comitês!

Participar da Ação da Cidadania significou, para muitos, dividir com Betinho as alegrias e as dificuldades vividas nas experiências da campanha contra a fome. Nas cartas de João Guilherme, Ivaneide e Arlete, diferentes aspectos do engajamento estão presentes.

Rocinha – Rio de Janeiro – 05.agosto.94

Amigo Betinho

Não sei se digo prazer em conhecer porque você já é conhecido de mim e de todos. Mas acho que é legal dizer que bom estar te escrevendo. Diria também simplesmente obrigado por tudo que já chegou aqui, ou muito mais pela idéia da Campanha que fez cada um de nós colaborar, sim porque foi fácil nós irmos a luta com todo mundo falando da Campanha contra a fome. Eu aqui na Rocinha sem fazer comitê, pois não tenho tempo disponível para isso. Foi possível, aliás está sendo possível ajudar algumas famílias aqui, basicamente umas 10 famílias. Como eu faço: tenho umas 20 pessoas que colaboram comigo, todo dia 10 do mês, a partir de agora com 1 real cada. Mas isso é o mínimo, pois as pessoas colaboram muito mais. Agora em agosto, faz um ano que essa idéia dá certo. Mas o que eu achei mais bacana de isso tudo, é que muitos que ajudamos dizem assim: João, não precisa ajudar a gente a partir desse mês não, pois meu marido já arrumou alguma coisa, dá a ajuda para outro. O bacana é que as pessoas querem fazer realmente algo, não querem ficar só na dependência de receber. Mas para arrumar trabalho, biscate semanal é possível, mas a mentalidade de trabalho tem que ser outra. Betinho, meu nome é João Guilherme (...). Sou amigo do José Martins, presidente da A.S.P.A. e do Pe. Thierry Linard do Ibrades e padre da Rocinha. O motivo de eu estar escrevendo é dizer muito obrigado e que Deus acompanhe nas tuas forças e fraquezas. Seja feliz na tua vida pessoal, trabalho e nas tuas idéias.

O amigo

João Guilherme

OBS: tenho tanta coisa para falar, da experiência de ajudar, das pessoas que colaboram, das pessoas que são ajudadas, de emprego etc.

Mas o papel é pouco e não caberia numa escrita.

J.G.

São Paulo 2.2.94

Oi!

Primeiro quero agradecer em nome de todo povo faminto e dizer que somente Deus poderá lhe retribuir tudo que tem feito para amenizar o sofrimento desse povo tão sofrido.

Estive na vigília contra fome no Sesc Interlagos em São Paulo, fiz um desabafo no papel, mas como não sei se o mesmo chegou as suas mãos, envio-lhe agora: sou uma pequena nordestina, e imigro em São Paulo.

Pequena Nordestina

Minha cidade não aparece no mapa
Minha cidade não tem nome
Meus olhos nunca viram TV
Meus olhos só viram a fome

Nunca ouvi o som das águas
Nem as canções de Caetano e Gil
Nunca li um jornal
Nem os Buarques do Brasil

Sou um miserável nordestino
Sem direito a educação
Sem direito de viver como menino
Sem o direito de ser um cidadão

O solo rachado pelo sol
O sol que arde em meu nariz
Que as rachaduras do solo
Possam devorar os Collor deste país

Quero o verde da Bandeira
Brotando em terras nordestinas
Quero ouvir os sons dos artistas
Soar em rodas de meninas

Que as bênçãos do CRIADOR
Fluam sobre o Brasil
Para que os próximos governantes
Sejam todos irmãos do HENFIL.

Ivaneide

BMansa, 10 de janeiro de 1994

Prezado Betinho

Estou engajada na Campanha contra a fome pela vida, desde que começou em nossa cidade.

Estamos fazendo o atendimento imediato que é a distribuição de mantimentos.

Mas, como sempre achei que isso não resolve o problema, comecei a fazer contatos para arrumar serviço para essas pessoas.

Consegui com uma empresa de transporte prestação de serviço; a pessoa trabalha e recebe por semana, na base do salário mínimo.

Mas infelizmente não estou vendo resultado, pois já enviei 28 pessoas e só ficaram 6, isto até dezembro. Essas 6 pessoas eram desempregadas que estavam desesperadas para arrumar um ganho que lhes permitisse ajudar no sustento da família. Desses 6, 2 foram contratados em janeiro, por merecimento.

Os outros 22, que são os mais carentes, aqueles que a Campanha está dando atendimento, não ficaram ou foram dispensados pelo não cumprimento das determinações da empresa. E eles voltam para pedir a cesta básica. Tenho muito mais coisas para lhe contar, mas só vou lhe contar mais uma: arrumei, através de um vizinho, emprego para uma pessoa que havia sido dispensada da empresa da qual lhe falei (dando-lhe mais uma oportunidade), para cuidar do quintal de uma pequena chácara que fica na cidade, por CR\$700,00 por dia, com café, almoço e lanche (em dezembro). Pois bem, essa pessoa não ficou porque queria ganhar CR\$1.000,00 por dia.

Estou desanimando, pois está cada vez mais difícil arrumarmos as cestas básicas e as pessoas que precisam não querem se ajudar.

Por isso estou lhe escrevendo, pois acho necessário uma campanha urgente para os 32 milhões que estão passando fome, para sacudir essas pessoas para que não fiquem só esperando ajuda, que aproveitem a oportunidade que estamos dando a elas. Não sei se exagerei falando nos 32 milhões, mas essa é a nossa realidade principalmente no setor que eu ajudo.

Está se tornando cansativo, e muitos estão deixando de ajudar.

Desculpe o meu desabafo, e aceite um forte abraço, que Deus lhe abençoe e lhe dê forças para continuar na luta.

Arlete

Inúmeras foram as formas de participar da campanha. José Carlos fez uma longa “cruzada ciclística” contra a fome. Apesar do sucesso da empreitada, acabou frustrado em seu maior desejo: conhecer Betinho pessoalmente.

Janaúba, 15 de junho de 1994

Ao
Betinho,

Eu sou José Carlos (...), aquele ciclista que fez a “cruzada ciclística contra a fome”, a qual eu fiquei muito feliz por ter sido um dedinho em vossa campanha. Eu não sei se irá ler esta, mas eu queria tanto que lesse, pois eu queria tanto ter te encontrado e ter te conhecido pessoalmente, pois o coroamento desta cruzada ciclística seria este. Voltei para minha cidade e fui obrigado a mentir que tinha lhe encontrado em São Paulo, pois só assim as pessoas acreditam em mim, pois eu pedalei 2 meses e 15 dias, fiz amizades, os comitês foram solidarizados, foi importante, mas o que eu mais queria eu não consegui: conhecê-lo e ser recebido no programa “Porta da Esperança” para homenageá-lo, e pedir um caminhão de feijão para distribuir para os que passam fome aqui em Janaúba.

Betinho, por que você esqueceu o Norte de Minas?

Por que não vem fazer uma visita em sua região?

Muita gente te admira por aqui e pede a Deus que prolongue os seus dias aqui na terra.

Betinho, gostaria de saber se posso ter o seu apoio em uma “cruzada ciclística contra a Aids” que penso em fazer.

Lhe desejo muita saúde e muita paz.

José Carlos

Betinho, gostaríamos de registrar um comitê contra a fome aqui em Janaúba, pedimos que nos mande os papéis.

Resposta de
Betinho a José
Carlos

Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1994

Prezado José Carlos,

Foi com enorme alegria que recebi sua carta sobre o término de sua "Cruzada ciclística contra a Fome". Saiba que acompanhei, através de suas cartas e da imprensa, o desenrolar do seu trabalho.

Infelizmente, não foi possível nos encontrarmos em São Paulo, já que minha agenda de viagens tem sido reduzida ao máximo a fim de poupar um pouco minha saúde. Mas isso, de maneira nenhuma, invalida sua Cruzada. Acredito que o contato feito com os comitês da Ação da Cidadania por onde você viajou já represente um saldo bastante positivo de todo o seu trabalho. Seria interessante você divulgar o que conheceu da Ação da Cidadania entre as pessoas da sua cidade.

Vale lembrar que a Ação da Cidadania é formada por uma legião de voluntários, pessoas que como você se sentem atingidas pelo problema da miséria. É um movimento descentralizado e não existe qualquer procedimento burocrático para a formação de um Comitê.

O Estado de Minas já conta com diversos comitês da Ação da Cidadania. Sugiro que você entre em contato com o Fórum Estadual da Ação da Cidadania, Rua Paraíba, 777, Funcionários, Belo Horizonte, CEP: 30290-140, telefone: (031) 261-2322. O objetivo é obter mais informações sobre o movimento aí no seu estado.

Para se falar sobre AIDS é necessário um conhecimento bastante amplo do problema. Este é um tema, até certo ponto, desconhecido e que merece ser muito bem pesquisado, antes de se iniciar qualquer tipo de trabalho. Talvez a ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS) possa lhe oferecer o apoio que você precisa. O endereço é R. Sete de Setembro, 48/12º andar, Centro, Rio de Janeiro, CEP: 20050-000, tel.: (021) 224-1654. Ou então, aí em Minas você pode procurar pela ABC/AIDS (Ass. Bras. de Combate à AIDS) na rua Raul Henriot, 11/202, São Lucas, Belo Horizonte - MG, CEP: 30240-430. O telefone é (031) 332-0375.

Felicidades e um grande abraço,

Herbert de Souza

Com Othon
Bastos, Grande
Otelo,
Domingos de
Oliveira e Maitê
Proença, no
espetáculo
"Cidadão!",
realizado no
Teatro
Municipal do Rio
de Janeiro, em
14/09/1993.

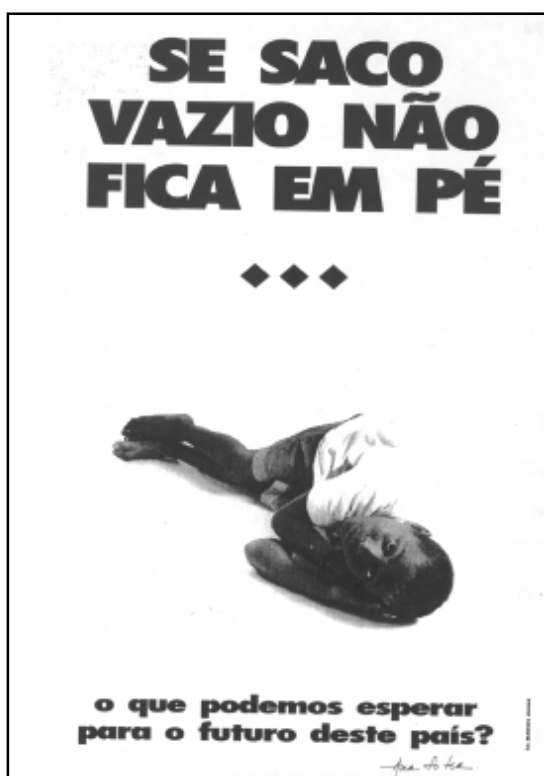


Foto Oscar Cabral

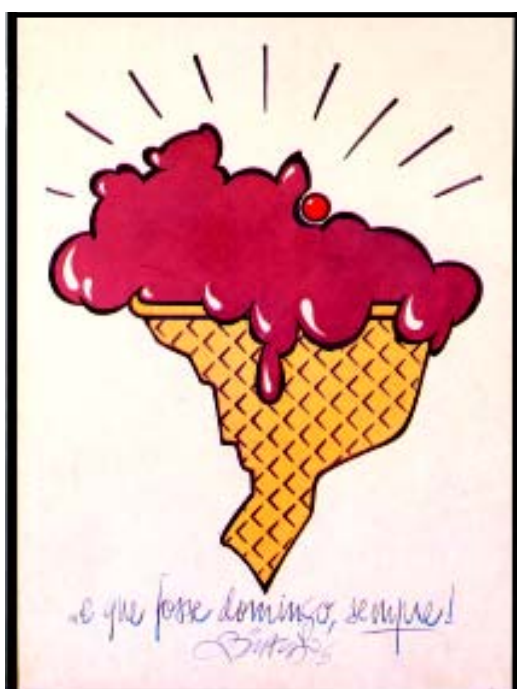
Postais produzidos pelo movimento "Artistas gráficos x Fome" e exibidos na exposição *Você tem fome de quê?*



Evelyn Grumach



Ana Soter



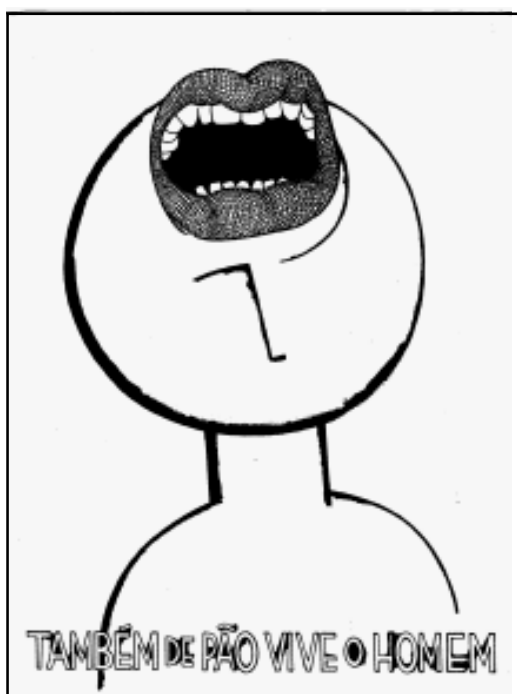
Walter



Zirado



Marco



Cassio Loredano



Lula

Mensagem de
Betinho aos
jogadores da
seleção
brasileira,
durante a Copa
do Mundo de
1994.



Rio de Janeiro, 20 de junho de 1994

Aos jogadores da seleção,

O Brasil inteiro torce pelo tetra. A Ação da Cidadania contra Miséria e pela Vida está torcendo por vocês. De fita verde amarrada no pulso.

Vamos ganhar os dois campeonatos, o do combate à fome e a Copa do Mundo. Vamos vestir a camisa do Brasil.

Um abraço,

Betinho
Betinho

Em 1995, muitos anos depois de ter cuidado de Betinho – que contraiu tuberculose na adolescência –, a enfermeira Maria Luíza lhe escreveu uma carta para relatar seu engajamento na campanha contra a fome.

Belo Horizonte, 20 de janeiro 1995

Prezado Betinho

Desejo muito que vocês estejam bem. Sei que vai te alegrar muito saber que embora eu tenha vivido em função do próximo, agora com sua campanha contra a fome, eu e minha filha Suzana ficamos “piores”. Betinho eu andei nas ruas do meu bairro, pedi e ganhei além do que esperava. Quando chegava a noite, dividia em partes iguais. Fizemos cestas enormes e entregamos em um bairro chamado Florença, aqui no município de Neves. Foi uma das mais belas coisas que já me aconteceu! A ida até esse lugar nos foi penosa. Nós não temos carro, mas como estava chovendo demais e a quantidade de alimento e roupas era grande, uma vizinha nos deixou no ponto de ônibus, no centro de BH, para pegarmos o ônibus Florença. Eu, Suzana, meu neto e minha netinha Nohana Luiza custamos retirar os sacos de alimento do carro para encostar na fila do ônibus. Por quarenta e cinco minutos esperamos em pé e na chuva, pedimos ajuda para entrar a cesta para dentro do ônibus, outros nos deixavam passar na frente. Depois de quinze minutos correndo, o ônibus quebrou. Retiramos tudo de lá para chuva, conseguimos ir encaixotados na próxima lotação. Motorista, trocador, passageiros punham os sacos pra fora. Foi gratificante! Alegria, sorriso, agradecimento, lágrimas. Sempre que voltamos lá eles falam: “Que maravilha dona, foi uma fartura sem fim, a gente não esperava tanto, foi uma Natal de benção”.

Betinho eu te quero muito bem, fico preocupada em ver como você anda, recebe todos, sua força de vontade é multiplicada. Você faz e procede como se nunca tivesse sofrido. Li a revista Veja, aquela que você está na capa arrodado de grão. Você artista, você jovem, você tudo! Dr. Expedito te examinando, a festa dos 80 anos de Dona Maria. Além de tudo aquele elogio que você faz a sua esposa é demais! Mas é merecido. Essa é a mulher que muitos homens queriam ter. Deus quer você aqui conosco combatendo a fome, multiplicando a vida humana. Sem comida não há vida.

Um abraço, saúde e paz
Feliz ano novo.

Maria Luiza de Deus

Vulgo Dinha

A imagem cativante de Betinho e a proposta de mobilização transmitida pela campanha contra a fome sensibilizavam as crianças que, orgulhosas, escreviam contando as iniciativas que estavam desenvolvendo em suas escolas.

Enviar cartilha

Atalissa, 14 de janeiro de 1990

BETINHO;

Nos chamamos LUCILA GARCIA SAEZ e MAITÊ ARAÚDA CARVALHO e temos 13 e 14 anos. Estudamos na 7ª série da escola EDEM em Botafogo. A escola participa da campanha natal sem fome e nós fomos as principais colaboradoras, arrecadando cerca de ~~60~~ 70 Kg de: arroz, feijão, macarrão e enlatados (salsicha e sardinha).

Gostaríamos que sua campanha entrasse em contato conosco para que possamos participar desta campanha tão bonita que você está fazendo.

Carinhosamente,
Lucila e Maitê

P.S. → Meu avô (Apolonia de Carvalho) manda lembranças.

Rio, 6/11/95

Para
João

Batista:

Lembramos do seu aniversário e queremos parabenizá-lo por essa data.

Daí somos a Escola da Penha e admiramos muito você porque, apesar de todos os seus problemas, você ainda luta pelo bem-estar geral.

Estamos sempre acompanhando suas idéias e seus projetos e há bem pouco tempo mandamos uma carta com uma pequena ajuda para a campanha AÇÃO da CIDADANIA pela VIDA contra a FOME e a MISERIA, que arrecadamos com a venda de Sinos de Cordel feitos por nós.

O mundo seria melhor, sem guerra, sem FOME, sem miséria e outros problemas mundiais. Sabemos que isso é uma figura muito distante da realidade.

Você é um exemplo, para as futuras gerações, de um verdadeiro cidadão: luta pelo que acredita, acredita que pode, ajuda as pessoas, acredita que todos podem viver igualmente e sabe que, se cada um fizer a sua parte, isso tudo que você pensa, poderá acontecer.

Nunca deixe de crer que o mundo pode ser melhor.

Continue sendo essa pessoa maravilhosa que você é e tenha um

UM FELIZ
ANIVERSÁRIO!

Escola Sa. Penha

Preocupado com o desemprego gerado pelo processo de privatização, Betinho escreveu ao presidente Itamar Franco para cobrar medidas que atenuassem o problema.

IBASE IBASE IBASE

Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1993.

Excelentíssimo Senhor
ITAMAR FRANCO
Digníssimo Presidente da
República Federativa do Brasil

Senhor Presidente:

Como é do seu conhecimento, a sociedade brasileira encontra-se mobilizada através da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida e, neste momento estamos preocupados não só com a luta contra a fome, mas também pela geração de empregos.

Assim, é com preocupação que tomei conhecimento de que a Companhia Siderúrgica Nacional (COSIPA), recentemente privatizada, pretende demitir de dois a quatro mil trabalhadores, contribuindo para agravar o já grave quadro social da região. Nos municípios que dependem de empresas privatizadas, as consequências de processos de reestruturação têm sido dramáticas em termos de destruturação social, com aumento da criminalidade e desperdício de mão-de-obra qualificada. Torna-se urgente a criação de medidas capazes de ampliar as defesas do trabalhador para além de instituições como o seguro desemprego.

Dirijo-me a Vossa Excelência certo de que sua intervenção poderá ser decisiva na negociação de uma solução mais justa.

Certo de poder contar com sua compreensão, despeço-me cordialmente.


Herbert de Souza

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS

Rua Vicente de Souza, 29 - Botafogo - CEP 22251-070 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil
☎ (21) 280-6161 - Telex: 210485 IBASE BR - Fax: (21) 280-0561 - Internet: ibase@ibase.br

Brasileiros residentes no exterior organizaram comitês da Ação da Cidadania em diversos países. O Comitê Paris produziu uma coleção de postais.

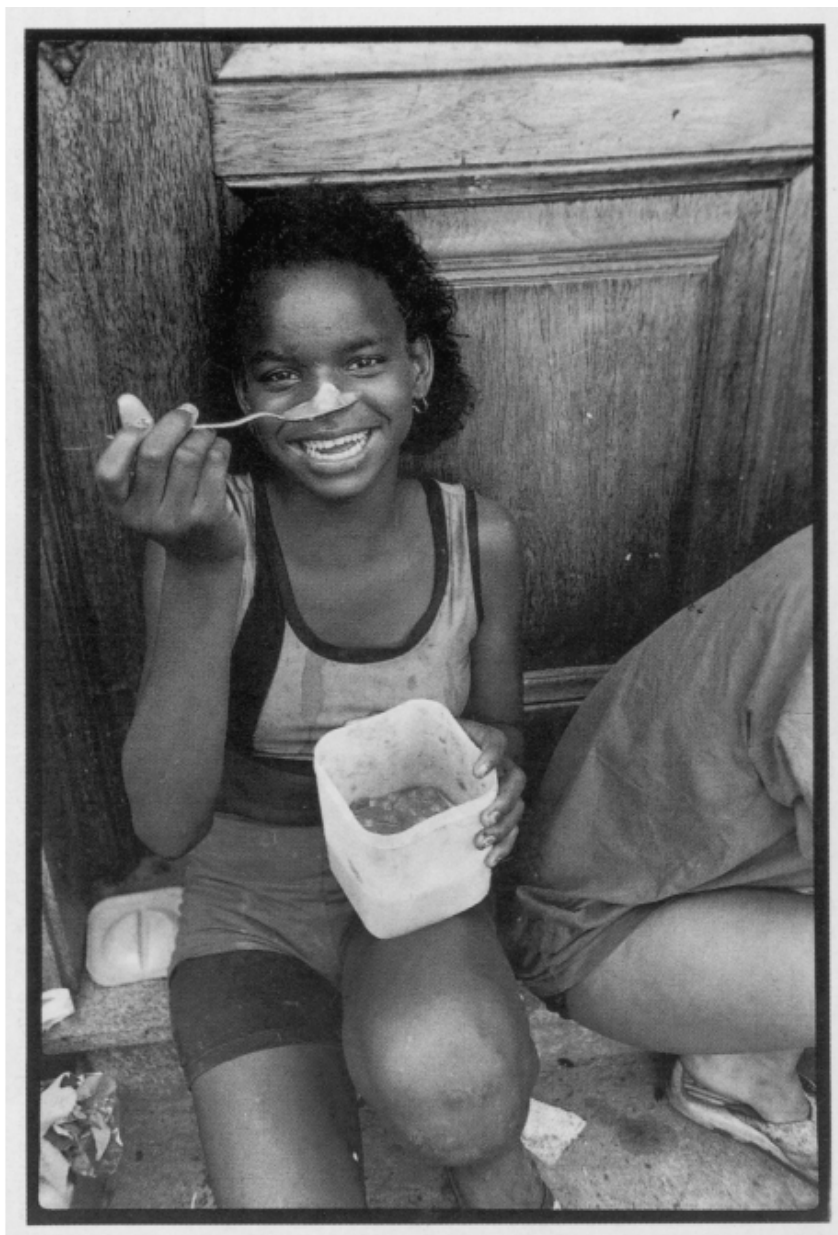


Foto Pauline Grosso

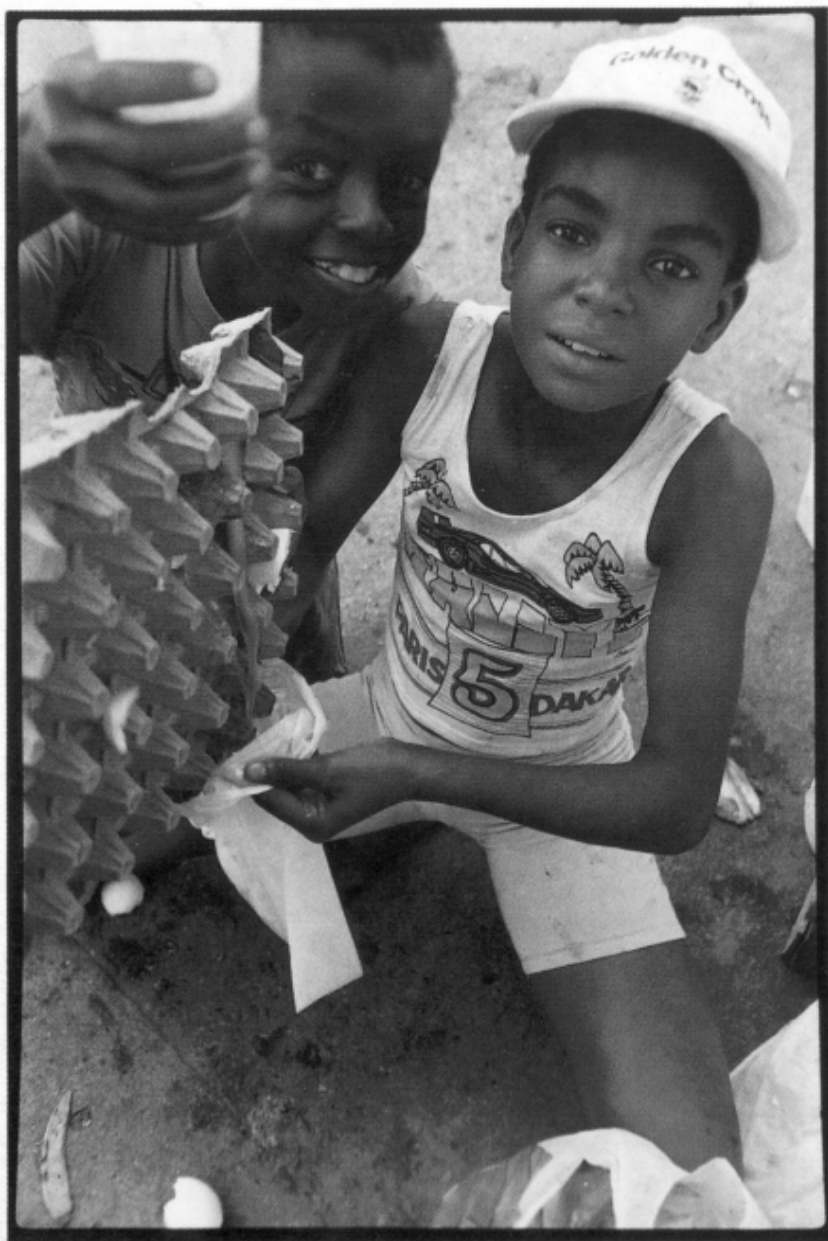
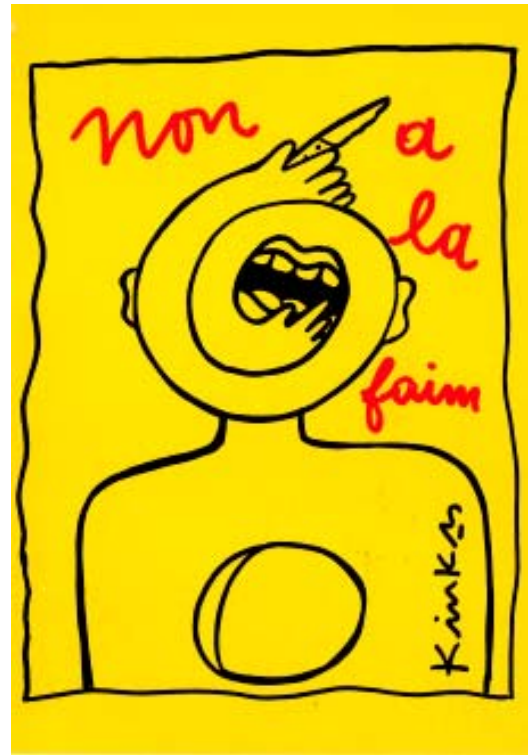


Foto Pauline Grosso



Kinkas



Jorgen Rasmussen

Na sucessão presidencial de 1994, Oded Grajew, empresário, primeiro coordenador-geral do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE) e presidente da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente, estava engajado na campanha de Lula, por acreditar que, caso eleito, empreenderia “ações efetivas contra a miséria”. Em uma carta datada de 15 de

agosto, cobrou de Betinho um posicionamento público a favor dessa candidatura. A resposta de Betinho é uma síntese de suas idéias sobre a relação entre Estado e sociedade, e de sua forma de fazer política. Na tréplica, Oded esclareceu seu posicionamento e encerrou a polêmica, expressando seu reconhecimento pelo trabalho de Betinho.

São Paulo, 15 de agosto de 1994

Caro Betinho,

Escrevo esta carta por não obter retorno aos meus últimos recados telefônicos.

Quero voltar ao assunto das eleições deste ano que foi objeto de nossas últimas conversas. Você sabe que de nada, ou quase nada, adiantará nosso trabalho se não tivermos um governo comprometido com as causas sociais. Por exemplo, o Fundo Social de Emergência criado por Fernando Henrique Cardoso retirou verbas da saúde e da educação. Resultado: aumento da mortalidade infantil, aumento da evasão escolar, aprofundamento da miséria. É como se você tentasse secar o piso da casa com telhado quebrado e chuva permanente.

Não bastasse isso, todas as forças conservadoras, fisiológicas e corruptas que privatizaram o Estado nos últimos tempos se uniram em torno da candidatura de Fernando Henrique Cardoso. Nem preciso te dizer o que significa o projeto de dolarização da economia (vide Argentina).

Existe uma expectativa em torno de você no Partido dos Trabalhadores. Mais ainda pelo fato da Campanha Contra a Fome e a Miséria ter nascido a partir do Plano de Segurança Alimentar do PT e seu nome ter sido indicado diretamente pelo LULA ao Itamar. Como amigo e companheiro tenho a esperança que você resolva de forma digna os dilemas: se posicionar e perder a quase unanimidade da opinião pública ou frustrar a expectativa de fiéis amigos e companheiros de lutas e esperanças comuns; ou ainda, ajudar a termos no Brasil um governo capaz de empreender ações efetivas contra a miséria ou se eximir de tomar partido e continuar uma campanha que apenas cria expectativas e tenta maquiagem uma perversa gestão pública.

Com sinceridade e com a convicção de alguém que te quer bem tomo a iniciativa de colocar com franqueza o que está na alma de muita gente com quem tenho conversado e que não se expressa por aguardar primeiro uma manifestação de tua parte ou talvez por medo de alguma decepção.

Um abraço

Oded Grajew

17.08.1994

Caro Oded:

Não respondi seus recados telefônicos por algum problema de comunicação entre nós. Mas recebi seu fax e respondo hoje mesmo. Aproveito para colocar em dia uma série de reflexões que sua carta me motiva:

1. Começo por dizer que minha crença em governo, qualquer governo, não é a mesma que você expressa. Não creio que o governo seja o fundamental em nenhuma sociedade e muito menos numa sociedade como a nossa. O poder do governo é sempre o poder dominante de uma sociedade. Se você não mudar a sociedade, não adianta mudar o governo. A mudança é aparente, é uma armadilha, é uma mentira. Vivi isso no Chile: 55% da população eram de direita, o governo era de esquerda eleito por 37% dos votos. Deu golpe, deu Pinochet, deu morte. Só agora o processo se retoma e com o filho de Frei na presidência. O pai havia aberto as portas para o golpe.

Por isso, meu olhar e minha atenção estão concentrados sobre a sociedade. Por isso, para mim mais importante que o Estado é a sociedade, mais importante que qualquer governo é a Ação da Cidadania. Esse hoje é o meu credo. Entre o presidente e o cidadão, fico com o cidadão.

É claro que o governo é importante, ninguém ignora seu poder para o bem ou para o mal. Mas o governo é um animal que deve ser controlado pela sociedade, que não pode andar solto, que não salva. Por isso não dou ao futuro de nosso país o mesmo peso que você dá a essas eleições. Lula na presidência pode fazer muita coisa, principalmente se ele não acreditar tanto no Estado e muito mais e definitivamente na própria sociedade.

Meu anti-estatismo não tem a mesma origem do pensamento neoliberal. Sou crítico do Estado porque quero democratizá-lo radicalmente, submetê-lo radicalmente ao controle da sociedade, da cidadania.

Não quero o Estado no planalto, mas na planície. Não quero o presidente, mas o cidadão, não quero o salvador, mas o funcionário público eleito para gerenciar o bem comum. Me assusta o estatismo da esquerda, a crença no poder dos que sonham com a mudança partir da mágica do poder. É pura ilusão.

Para mim, essas eleições não têm esse peso, nem esse caráter de definir o nosso futuro. Quem decide o nosso futuro somos nós a cada dia, hora, minuto, de uma ação

política contínua que não se esgota em outubro ou novembro.

2.Tenho e sempre fiz críticas ao Fernando Henrique como Ministro da Fazenda. É óbvio que lamento profundamente suas alianças com o que existe de passado, conservador e reacionário de nossa política. Mas tenho também críticas ao PT e ao próprio Lula. O PT no fundo ainda se crê um partido único, aquele que detém a verdade, o caminho e a luz, a coerência, a ética. Essa visão que tem de si mesmo me assusta. Essa visão é totalitária porque pretende impor a todos o que é apenas a verdade de uma parte. Por isso o PT não sabe se aliar, negociar, ceder, compor, somar. Só compõe com quem está de acordo do lado esquerdo de seu coração. Mas será o Brasil um país de esquerda?

E então faço críticas ao Fernando e silencio minhas críticas ao PT?

Você afirma que a campanha contra a fome nasceu a partir do Plano de Segurança Alimentar do PT e meu nome ter sido indicado por Lula ao Itamar. A verdade não é essa. O Movimento pela Ética na Política foi quem se reuniu e decidiu criar a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida em duas reuniões realizadas por entidades da sociedade civil em Brasília e no Rio. Foi o próprio D. Luciano Mendes, na reunião no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, no Rio, quem costurou este nome comprido.

O Lula propôs ao presidente Itamar Franco a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar, onde governo e sociedade trabalhariam juntos e indicou três nomes: Marcelo Lavenère (ex-presidente da OAB), D. Luciano e o meu. Itamar se fixou no meu nome e me convidou a dirigir o que seria uma espécie de Ministério da Fome. Recusei e indiquei em meu lugar D. Mauro Moreli, que hoje é o presidente do CONSEA. Essa é a história. Do CONSEA sou apenas conselheiro. Na Ação da Cidadania sou um animador, um articulador e um cidadão junto dos demais que formaram milhares de comitês por todo o país. Mas não sou governo, não represento governo, não falo em seu nome. Não posso dever pelo que não aceitei.

Sempre cobrei do PT uma participação ativa, total, forte, decisiva na formação dos comitês por todo o Brasil, na mobilização do movimento sindical urbano e rural, na mobilização de sua militância. Eu sei que a militância participa ativamente e isso ninguém pode negar. Mas sei também que muito mais poderia ser feito

e lamento que a prioridade absoluta na luta contra a miséria, pelo emprego não tenha sido assumida com a força e a energia que eu esperava. Sempre evitei ir a público para fazer essas críticas, mas é o que sinto e o que já manifestei inclusive para as lideranças sindicais ligadas ao PT.

Quando assumi o meu papel nessa luta não o fiz para ser unanimidade nacional. Portanto, não tenho esse problema. Por isso, não entendi sua questão quando diz: "tenho esperança que você resolva de forma digna os dilemas: se posicionar e perder a quase unanimidade da opinião pública ou frustrar a expectativa de fiéis amigos e companheiros de lutas e esperanças comuns; ou ainda ajudar a termos no Brasil um governo capaz de ações efetivas contra a miséria ou se eximir de tomar partido e continuar numa campanha que apenas cria expectativas e tenta maquiar uma perversa gestão pública."

Você sabe que não sou de nenhum partido e que não pretendo ingressar em nenhum partido. Considero isso um direito inalienável meu, de cidadão. Não me sinto obrigado a me definir por nenhum partido ou candidato. Isso é uma decisão minha e não existe amigo fiel ou infiel que tenha o direito de me cobrar definições desse tipo.

Creio estar vivendo de forma digna as minhas opções políticas. Elas são públicas e conhecidas. Não reconheço o dilema que você coloca. Não aspiro à unanimidade, ela é burra, e nem quero viver em função de expectativas de fiéis amigos e companheiros de lutas e esperanças comuns. Quero viver coerente com minhas idéias, com a Ação da Cidadania, com a expectativa que as pessoas têm de não contribuir para instrumentalizar uma mobilização que declarou desde o início que não seria partidária, por um candidato, por uma solução política determinada. A Ação da Cidadania é formada por milhares de comitês onde diferentes tendências estão presentes e se respeitam, gente de partido, sem partido, contra partido, eleitores de Fernando Henrique, de Lula, de Brizola e, até quem sabe, do próprio Enéas. Falo em nome deles todos, quero respeitar essa diversidade, essas diferenças. Sempre disse que não vou fazer campanha e não irei.

Apesar de não acreditar que eu vá viver muito, o fato é que atuo como se a vida não terminasse nessa eleição. Para mim, a eleição é importante, mas a História não estará sendo construída nem pelo Estado, nem pelo Fernando

Henrique, nem pelo Lula. Não creio mais em salvadores. Creio em cidadania e por isso minha noção de tempo é diferente.

Mas a parte mais grave de sua posição e que me surpreende vem no fim: "... e continuar numa campanha que apenas cria expectativas e tenta maquiar uma perversa gestão pública."

Então é essa sua avaliação da Ação da Cidadania? Uma campanha que apenas cria expectativas e tenta maquiar uma perversa gestão pública?

Primeiro, você confunde o CONSEA que o PT propôs ao presidente Itamar - e nomeou quadros seus - , com a Ação da Cidadania, que não depende de nenhum governo e que não tem nada a ver com uma perversa gestão pública. É fundamental esclarecer essa confusão e outras mais que agora começam a se manifestar.

Ação da Cidadania é um movimento da sociedade civil, não pertence a nenhum governo, nem a nenhum partido político, nem muito menos a mim. Isso ficou demonstrado na Conferência de Segurança Alimentar, quando a declaração final votada pelos delegados dos comitês da Ação da Cidadania fez uma crítica em relação à política econômica e ao próprio governo.

O CONSEA é uma ação de parceria entre governo e sociedade proposta por Lula a Itamar, aceita, implementada com todos os seus problemas e dirigida pelo D. Mauro.

A Ação da Cidadania é da sociedade, corre em trilho próprio, autônomo, independente, acima de partidos, igrejas e ideologias: quer acabar com a fome e a miséria, quer gerar empregos, mudar a face desse país, o rumo, o conteúdo e a natureza desse desenvolvimento que só interessa a muito poucos. Estou é nesse barco. Se Fernando Henrique for eleito me terá fazendo cobranças nas horas seguintes a sua posse. Se Lula for eleito, também vai me encontrar com a mesma atitude. Não serei governo de nenhum deles. Sei que eles são diferentes, mas essa é a minha opção.

Sua carta me deu oportunidade para esclarecer esses pontos. Obrigado e boa sorte em seu trabalho pela construção de um país mais justo, democrático e humano.

Um abraço,

Betinho

São Paulo, 22 de agosto de 1994.

Caro Betinho,

Agradeço você ter respondido ao meu fax. Quero esclarecer algumas coisas sobre seus comentários. Fui fundador e primeiro presidente da ABRINQ. Fui fundador e primeiro Coordenador Geral do PNBE. Fui fundador e ainda sou Presidente da Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança. Portanto sempre procurei valorizar a organização da sociedade civil e as ações de cidadania. Por isso, como cidadão, estou engajado na Campanha LULA porque acho muito importante a participação de todo cidadão nas campanhas políticas, na consolidação da democracia, na escolha correta dos seus representantes e na cobrança das promessas e dos programas. Entre o presidente e o cidadão, fico com o cidadão participante, corajoso e consciente, que possa também ajudar na escolha de um presidente com visão de estadista. Vejo cidadania como conceito amplo que não exclui a participação nas campanhas políticas em época de eleições.

Quanto à participação do LULA na escolha do seu nome para participar do Programa de Segurança Alimentar, não posso apagar os fatos da minha memória. Fui ocasionalmente testemunha ocular da insistência do Lula junto ao Itamar. Não posso e nem quero esquecer. Quanto ao Movimento pela Ética na Política, do qual participei desde o início, o PT foi desde o primeiro momento ativo participante, enquanto o PSDB e Fernando Henrique Cardoso estavam ainda negociando sua participação no governo Collor.

Não acho que você deva silenciar as críticas a quem quer que seja. Apenas não concordo em nivelar, em não diferenciar as propostas políticas do Lula e do FHC. Não posso esquecer de que lado estão os fiéis colaboradores do regime militar que massacraram cidadãos e atentaram contra a cidadania. Veja onde estão os sócios do governo Collor. Veja onde estão aqueles que disseram que caso o Lula seja eleito haverá golpe no Brasil. Não quero mais cortes nas verbas da saúde e da Educação. Não quero este Fundo Social de Emergência. Isso dá fome, isso dá mortalidade infantil!

Como cidadão resolvi participar da Campanha LULA. Quero ajudar a despertar a cidadania empresarial.

Não acho que você deva se posicionar por pressão de quem quer que seja. Respeito sua posição e acho que é importante a gente estar sempre em paz com a nossa consciência. Quero esclarecer que nunca achei que a Ação da Cidadania devia se posicionar. Quando me posicionei no passado, inclusive

no Movimento pela Ética na Política e pelo impeachment do Collor, era o Oded e não a ABRINQ, nem o PNBE.

Caro Betinho, não pretendo mais polemizar com você. Agradeço a sua franqueza e oportunidade de colocar com emoção e convicção reflexões do fundo do coração.

Com todo o respeito que tenho pelo seu trabalho.

Um abraço,

Oded Grajew

Mensagem de Natal:



CHICO CARUSO

Haja Saco!

Betinho com
alimentos doados
para o Natal sem
Fome.



Foto Maura de Sousa

A Campanha da
Fome teve
repercussão
internacional,
sendo noticiada
em jornais de
diversos países.

Charge de
Chico Caruso,
publicada em *O
Globo*, por
ocasião da
morte de
Betinho.



Último desafio





Último desafio

“Devo reconhecer que a Aids me mudou. É como se eu fosse um parafuso que a Aids tivesse apertado. Aperta o quê? Aperta a noção de tempo, aperta a noção de prioridade, acaba com o medo do outro. A certeza de que vou morrer faz com que eu fique uma pessoa corajosa.”

Hemofílico, desde muito cedo Betinho teve de se submeter a constantes transfusões de sangue. Em 1986, assim que soube de sua contaminação pelo vírus HIV, contraído em uma transfusão, declarou publicamente sua condição de portador. A partir daí, iria tornar-se o principal ativista da luta contra o preconceito que envolvia a doença. É bom lembrar que, no início da década de 1980, a Aids era apresentada pela mídia brasileira como “praga gay” ou “câncer gay”, sendo, por isso, cercada de todo tipo de discriminação.

No texto “Aids, a doença do medo”, escrito ainda em dezembro de 1985, Betinho foi além da dimensão estritamente médica da doença, colocando o foco no que denominou “o Aids [assim mesmo, no masculino] ideológico”. Em suas palavras, se “o vírus real atingiu a um número pequeno de pessoas, o Aids ideológico já atingiu todo o mundo”. Exercendo seu domínio de forma perversa, através do medo, o Aids ideológico ataca frontalmente “o mecanismo das relações inter-pessoais, isola a pessoa. Na sua versão mais aguda, estabelece o medo de qualquer relação”. Sua receita para se livrar do Aids ideológico era “desarticular o mecanismo do medo: da morte, do sexo, do contágio, da doença, da punição moral”.

Em 1985 e 1986, Betinho participou ativamente de uma série de reuniões realizadas no Ibase, cujo eixo de discussão era como mobilizar a sociedade brasileira para enfrentar a Aids. Esses encontros – envolvendo médicos, pesquisadores, representantes de movimentos sociais, autoridades civis e religiosas – culminaram na criação, em novembro de 1986, da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia), registrada em cartório no dia 10 de

abril de 1987. Betinho foi o seu primeiro presidente, e depois seu presidente de honra até morrer.

Preocupado, desde o início, em tornar a Abia capaz de responder, de forma multidisciplinar e multissetorial, à problemática da Aids, Betinho recorreu a profissionais de diferentes formações para integrar o conselho curador da entidade e para constituir o seu núcleo dirigente. Desde o início, a Abia não se limitou a tratar a doença dentro do campo estritamente médico ou a desenvolver projetos de educação e informação sobre prevenção e controle da epidemia. Empenhou-se também no acompanhamento das políticas relativas à Aids implementadas pelo poder público. Presença freqüente em seminários, eventos diversos e principalmente na mídia, Betinho cobrava a adoção de medidas mais inclusivas por parte dos responsáveis pelo Programa Nacional de Aids, no plano federal, e pelo programa de Aids do governo do Estado do Rio. O Brasil já era, então, o segundo país do mundo em número de casos absolutos da doença.

A primeira entrevista dada por Betinho a um jornal de grande circulação que teve a Aids como tema central foi publicada em setembro de 1987, no *Jornal do Brasil*. A matéria, assinada pelo jornalista Zuenir Ventura e intitulada “Uma lição de vida”, mostrava um Betinho com muita esperança em relação à possibilidade da cura da Aids ser descoberta. Esse otimismo seria reiterado em diversas oportunidades, quer em outras entrevistas, quer em artigos escritos por ele mesmo. Fazendo um paralelo com a descoberta, nos anos 1950, de um medicamento que representou a cura da tuberculose, doença que o acometera durante a adolescência, Betinho destacava como o investimento científico na Aids era importante para que “as pessoas, mesmo as que já acusaram a manifestação da Aids, se sintam autorizadas pela vida a ter esperança, porque os caminhos da descoberta são imprevisíveis”. Reconhecendo-se na condição de vítima por ter sido contaminado numa transfusão de sangue, proclamava, porém, que queria partir para o ataque: cobrar do governo brasileiro uma atitude responsável “perante os crimes que cometeu no passado em relação ao sangue”, exigindo que fosse dada assistência aos aidéticos, e que o governo cuidasse não só da saúde, mas também da miséria, da pobreza.

A situação da coleta de sangue no país foi o tema central da carta aberta dirigida por Betinho ao presidente José Sarney ainda em 1987, levada em mão pela cantora Rosemary, e que acabou ficando sem resposta. Denunciando a transformação do sangue em “matéria-prima de um tipo de comércio que está levando a morte a milhares de famílias”, ele acusava o governo federal de cumplicidade com a situação ou de impotência para exercer a vigilância sobre essa indústria. A falta de controle havia criado situações extremas, como a do Rio de Janeiro, onde 70% dos 164 bancos

de sangue não eram objeto de nenhum tipo de acompanhamento. Por conta disso, 70% dos hemofílicos do estado, “entre os quais me incluo e os meus dois irmãos [o cartunista Henfil e o músico Chico Mário] estão contaminados pelo vírus da Aids”. Para reverter essa situação, julgava fundamental e inadiável que fosse proibido o comércio de sangue em nível nacional, que governo e sociedade estabelecessem mecanismos concretos de vigilância sobre os bancos de sangue e os hospitais, que a população fosse informada da situação do sangue e orientada sobre como se proteger. Finalizando, afirmava enfaticamente: “Vencer a Aids ainda não está a nosso alcance, mas vencer a questão do sangue está”.¹

A preocupação de Betinho com o assunto ganhou foros mais amplos em 1988, quando o projeto da nova Constituição brasileira, após o fim do regime militar, atraía as atenções de muitos segmentos da sociedade. Usando sua situação pessoal de hemofílico como exemplo, ele promoveu, à frente da Abia, a campanha “Salve o sangue do povo brasileiro”, que denunciava o descaso que cercava a doação de sangue no país e exigia o controle governamental dos bancos de sangue (seus irmãos Henfil e Chico Mário haviam morrido, respectivamente, em janeiro e março daquele ano). O amplo alcance da campanha foi determinante para que a nova Carta constitucional, promulgada em outubro de 1988, vedasse expressamente o comércio de sangue e de seus derivados no Brasil.

Naquele final de década, Betinho e a Abia insistiam para que a Aids fosse encarada como um problema de toda a sociedade. Ao mesmo tempo, prosseguiram no combate à discriminação, que se dirigia sobretudo para os homossexuais e drogados. Mas, alertava ele, havia algo ainda mais grave: a autodiscriminação. A Aids transformava o doente em seu próprio algoz, a partir do momento em que ele internalizava a discriminação. O não enfrentamento da doença, o silêncio em torno dela, transformava o aidético num ser clandestino. A morte, dizia Betinho, “é certa. Seja por Aids ou pelo simples fato de estar vivo. (...) Portanto, vamos acabar com essa ilusão de que só a Aids mata”.²

A forma como o ministro da Saúde do governo Fernando Collor, Alcení Guerra, vinha tratando a doença provocou uma reação indignada de Betinho. No artigo “Confesso que estou vivo”, publicado no *Jornal do Brasil* em fevereiro de 1991, ele denunciava o tom mórbido e pessimista da campanha veiculada pelo ministério na televisão. Ao afirmar taxativamente que a Aids não tinha cura e ao associar a doença, por conta da proximidade do Carnaval, a uma máscara negra – “o negro da morte e do racismo” –, o Ministério da Saúde inculcava na população “uma espécie de terrorismo pedagógico com seqüestro da esperança”.

Segundo Betinho, a visão que predominava em 1981, quando o vírus foi detectado – de que a Aids era uma doença fatal, que condenava à morte em pouco tempo e em meio a muito sofrimento –, se havia modificado graças aos avanços da medicina. Betinho destacava o emprego do AZT e de outras drogas capazes de controlar o desenvolvimento da doença, a vacina que vinha sendo testada, bem como o alargamento dos prazos de manifestação da doença para 7, 10 ou 15 anos. Como sempre, apostando na vida, manifestava confiança na cura da Aids.

Cerca de um ano depois, em outro texto de grande repercussão – “O dia da cura”, publicado igualmente no *Jornal do Brasil* –, Betinho imaginava como seria o dia em que os jornais trariam estampada a manchete “Descoberta a cura da Aids!”. A cura modificaria radicalmente o comportamento das pessoas, que passariam a assumir publicamente sua condição de soropositivas, já que não se veriam mais como inexoravelmente condenadas. O artigo denunciava os limites impostos pela doença no cotidiano, os efeitos perversos da paralisia gerada pela perspectiva da morte iminente, e fazia uma celebração da vida.

Perplexo com o tratamento dispensado aos aidéticos pelo governo de Cuba, Betinho decidiu não participar do Vôo da Solidariedade, que saiu de São Paulo no dia 7 de fevereiro de 1992 com destino a Havana, levando cerca de 100 intelectuais brasileiros em apoio ao povo cubano. Em carta endereçada ao presidente Fidel Castro e publicada no *Jornal do Brasil*, na edição do dia 5 daquele mês, Betinho, depois de destacar a tradição humanista e revolucionária de Cuba e os avanços de sua medicina, demonstrava sua surpresa com a forma pela qual os soropositivos eram tratados, submetidos a um controle rígido por parte de agentes sanitários que os transformavam “em presos políticos da epidemia”. Declarou-se impedido, por motivos políticos e pessoais, de embarcar, e despediu-se de Fidel lembrando que “a Aids não é mortal, mortais somos todos nós. A Aids terá cura e o seu remédio hoje é a solidariedade”.

Ainda em fevereiro, Betinho se ofereceu para testar uma vacina contra a Aids, que estava sendo desenvolvida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), num momento em que as relações do governo brasileiro com a organização estavam bastante tensas. A OMS havia selecionado o Brasil para integrar um programa de capacitação técnica destinado a preparar a comunidade médica para executar os primeiros testes com uma vacina. Tratava-se de uma oportunidade de os países do Terceiro Mundo terem acesso às vacinas produzidas pelos países desenvolvidos, que habitualmente testavam antes os medicamentos em suas populações, como já acontecera com o AZT. O projeto acabou sendo interrompido porque o diretor da Divisão Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids, Eduardo Cortes,

declarou que o Brasil não seria cobaia e exigiu da OMS um protocolo de testes de vacinas. Betinho condenou a atitude de Cortes, por desperdiçar a oportunidade de o Brasil participar de um programa fundamental para o controle da Aids. “Quando for aberto o programa de testes de vacinas”, afirmou, “serei a primeira cobaia. Confio nos cientistas brasileiros envolvidos no programa da OMS. Faço um teste destes mais tranqüilo do que uma transfusão”.³

Em 1993, Betinho abriu uma nova frente de luta, ao chamar a atenção para a pauperização da epidemia e reivindicar que todos os doentes tivessem acesso aos medicamentos que combatiam a Aids. Retomando o tema, já tocado em outras ocasiões, no artigo “Aids e pobreza”, publicado em *O Estado de S. Paulo* em 5 de janeiro daquele ano, lembrava que “o tratamento da Aids em qualquer país (...) é caro. É caro tomar AZT, são caros os remédios para prevenir ou combater as infecções, é caro internar um doente com Aids. Enfim, a Aids é muito cara e não prevenir a doença é mais caro ainda”. Se, no começo dos anos 1980, a Aids “parecia ser uma doença de Primeiro Mundo e de gente rica [e] talvez graças a isso tenha despertado tanto investimento em pesquisa (apesar de insuficiente) e tanto interesse na mídia”, dez anos depois, no Brasil e no mundo, “a maioria das pessoas infectadas com o vírus, ou doentes, são pobres” e, por conta disso, não são tratadas adequadamente. “Diria mesmo que a maioria dos pobres com Aids morrem sem saber do que morrem.” O tão denunciado *apartheid* social brasileiro manifestava-se de forma particularmente cruel no caso da Aids. Este texto e outros foram reunidos no livro *A cura da Aids*, lançado em 1994.

Mas a publicação dessa obra certamente não foi o fato mais marcante na vida de Betinho em 1994. No início de abril daquele ano, *O Globo* noticiou que, no final de 1990, ele teria recebido, em nome da Abia, uma elevada quantia, doada por Teresinha Petrus, mulher do “banqueiro” do jogo do bicho Antonio Petrus, o Turcão. Betinho negou a acusação, mas logo em seguida convocou a imprensa e admitiu que tinha tomado aquela atitude. Na tentativa de resolver uma grave crise financeira da Abia, procurara o advogado Nilo Batista, também membro fundador da entidade, que lhe sugeriu pedir um auxílio a Teresinha Petrus, conhecida por suas obras sociais. O contato, feito por um amigo do próprio Nilo, resultou na doação de 40 mil dólares, entregues a Herbert Daniel, então diretor-executivo da Abia, e em seguida depositados numa conta em Nova Iorque. A instituição passou a fazer, então, retiradas periódicas dessa conta, para atender às suas despesas.

A questão veio à tona quando um ex-contador do bicheiro Castor de Andrade procurou a juíza Denise Frossard para revelar os locais onde poderia ser

encontrada a contabilidade do contraventor. As investigações acabaram conduzindo a uma lista da qual constavam os nomes de policiais que então faziam parte da cúpula da Polícia Civil do Rio, de políticos, e de Nilo Batista, vice-governador do estado que, dias antes, assumira o governo fluminense. Procurado pela imprensa para explicar o seu envolvimento na “lista do Castor”, Nilo informou ter intermediado, a pedido de Betinho, uma transação para salvar as finanças da Abia.

A repercussão da notícia parecia abalar a imagem de Betinho, que se havia tornado o símbolo da ética no país e cuja popularidade estava no auge devido ao êxito da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, campanha da qual era o articulador nacional. No dia 8 de abril, o *Jornal do Brasil* publicou editorial no qual afirmava que a cidadania estava de luto e que o maior símbolo da luta pela ética na política tinha “pés de barro”. Na opinião do jornal, o episódio retirava de Betinho qualquer autoridade moral para liderar uma campanha de mobilização nacional.

Betinho entrou de corpo e alma na polêmica que sua atitude suscitara, dando sucessivas declarações à imprensa e escrevendo, no calor da hora, diversos artigos. A propósito do editorial do *JB*, afirmou ter tido sua cidadania apreendida pela imprensa, que o julgara e condenara sem direito à contestação. Pouco tempo depois, denunciou a hipocrisia nacional diante da corrupção e reivindicou todo o dinheiro ilícito que circulava no país para com ele combater a Aids, a fome e a miséria. Em todos os seus artigos, Betinho afirmava, em linhas gerais, não ser herói nem santo, mas apenas um ser humano que havia cometido um erro, erro que não o tiraria da luta em defesa da ética e da cidadania.

Embora não tenha sido unânime, a reação da opinião pública foi extremamente simpática para com o comportamento de Betinho no episódio. Em pouco tempo, brasileiros conhecidos – como Barbosa Lima Sobrinho, presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), dom Hélder Câmara e um grande número de artistas e intelectuais – e brasileiros anônimos vieram expressar publicamente sua solidariedade. No dia 12 de abril, artistas e políticos organizaram um ato de apoio em frente à sede do Ibase, em Botafogo, no qual foi lido um manifesto de solidariedade assinado por diversas personalidades, entre as quais Chico Buarque e Aldir Blanc.

E o vendaval passou. Em abril de 1996, meses antes de a Abia comemorar seu décimo aniversário, Betinho concedeu uma entrevista ao boletim da entidade, no qual fez um balanço da Aids no país ao longo dos dez últimos anos. Em sua avaliação, o poder público tivera uma atuação lamentável no combate à doença. Os sucessivos governos federais, desde o de José Sarney até o de Fernando Henrique Cardoso, então em seu primeiro mandato,

revelaram-se incapazes de responder aos desafios colocados pela Aids, tanto em termos de prevenção quanto de tratamento. Tampouco conseguiram mobilizar a sociedade para estabelecer uma parceria de luta contra a doença. O tratamento burocrático dado pelo governo não atentava para o fato de que “os prazos (...) que servem para a construção de estradas não podem ser aplicados a uma epidemia, que exige a execução imediata de medidas. Dois ou três meses em termos de Aids é uma vida”. Indagado sobre a atuação da Abia no período, sublinhou que a entidade procurou se especializar “no monitoramento de políticas públicas e na elaboração de materiais educativos. E tudo sob o signo da prevenção”. Mas na base de tudo estava “a solidariedade, principal remédio contra a discriminação e a Aids”.

Preocupado com a gravidade da situação, Betinho não hesitou em escrever, no início de 1996, duas cartas ao presidente Fernando Henrique Cardoso, relatando a realidade cada vez mais difícil, sobretudo da população mais pobre, no enfrentamento da epidemia no país. Na primeira, datada de 30 de janeiro, ele alertava que, a despeito de números extra-oficiais referirem-se à existência de 450 mil/1 milhão de pessoas infectadas no Brasil, o que tornava o país um dos líderes em termos do número de casos de Aids, não se dispunha de um programa eficaz de enfrentamento da epidemia. Na segunda, de 16 de fevereiro, sugeria a criação urgente de uma comissão nacional multidisciplinar, constituída por representantes da sociedade civil, que fosse capaz de propor ações efetivas para o combate da doença. As duas cartas não tiveram nenhuma resposta concreta.

Foi também em 1996 que o Betinho começou a dar sinais evidentes de que a doença avançava. Seu ritmo de trabalho teve de ser reduzido. Submetido mensalmente a uma bateria de exames clínicos e obrigado a tomar um coquetel de remédios anti-Aids de 12 em 12 horas, ele afirmou ao semanário *Isto* é que não temia a morte: “Só tenho medo de sentir dor”. “A morte”, disse, “é extremamente educativa e não há como tirá-la de sua vida. Ela nos surpreende a toda hora.”

No início de julho de 1997, Betinho foi internado na Beneficência Portuguesa, muito debilitado e sem conseguir se alimentar, vítima de uma hepatite crônica diagnosticada em 1994. No final do mês, como o tratamento não surtira efeito, pediu para voltar para casa, onde foi montada uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). No dia 9 de agosto, o quadro se agravou muito, tendo os médicos constatado falência hepática. Pesando apenas 39 quilos, Betinho foi sedado e medicado com diuréticos. A aplicação do coquetel de medicamentos contra o vírus da Aids foi suspensa. Com complicações hepáticas, entrou, à noite, em coma induzido.

Betinho morreu às 21h10m, ao lado da mulher, Maria, dos filhos, Daniel e

Henrique, e de amigos. No dia 11, seu corpo foi cremado e, atendendo a um pedido seu, as cinzas foram espalhadas em seu sítio em Itatiaia.

Notas

¹ “Carta aberta ao Sr. Presidente da República, José Sarney”. (Arquivo Herbert de Souza).

² *Jornal de Opinião*. Belo Horizonte, 01/04/1989.

³ *Jornal do Brasil*, 9/02/1992.

Sobre a Aids

A polémica gerada pela doação, à Abia, de dinheiro oriundo do jogo do bicho também está presente no arquivo. Além de artigos e cartas de betimle, nos quais se posicionou sobre diversas dimensões do

A Aids – sigla em inglês de *Acquired Immunodeficiency Syndrome*, que significa Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Sida) – é uma doença infecciosa, causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), que ataca o sistema imunológico, destruindo as células responsáveis pela defesa do organismo. O HIV abre caminho para que algumas infecções, chamadas de oportunistas, se instalem mais facilmente. Como as defesas do organismo estão baixas, o tratamento dessas infecções torna-se mais difícil. A Aids é transmitida de diversas formas e ainda não tem cura. Como o vírus está presente no sangue, no esperma, na secreção vaginal e no leite materno, o contato com estas substâncias pode gerar contaminação. As principais formas de contaminação detectadas até hoje são: transfusão de sangue, relações sexuais sem preservativo e compartilhamento de seringas ou objetos cortantes que possuam resíduos de sangue. A Aids também pode ser transmitida de mãe para filho durante a gestação ou a amamentação.

A epidemia da Aids é um fenômeno mundial e atinge todas as classes sociais. Há que se ressaltar que a epidemia passa, desde meados da década de 1990, por um processo de interiorização, heterossexualização, feminização e pauperização.

Um ano depois de começar a usar AZT, no tratamento contra a Aids, Betinho escreveu uma mensagem aos amigos que colaboraram financeiramente para a compra do medicamento.

Boletim de Vida

Natal de 1990

Completo em janeiro de 1991 um ano de AZT. Tomo 5 comprimidos dessa droga todo dia e faço exames de sangue a cada 15 dias para verificar como as coisas estão indo... Esse AZT foi comprado graças a iniciativas de algumas amigas que reuniram outros amigos e amigas para ajudarem na compra desse remédio e de outros gastos médicos.

Aceitei essa espécie de ação entre amigos porque acredito na força terapêutica da solidariedade e porque temos razões de sobra para continuar lutando por causas que são maiores do que nossas doenças pessoais.

Ao longo desse ano de AZT, descobri por iniciativa da Maria, e meio por acaso, que AZT associado à vitamina E pode neutralizar os efeitos colaterais da droga. Com isso chego ao fim de um ano em paz, com meu sistema imunitário razoavelmente protegido e sem nenhuma manifestação da doença. É verdade que não sabemos até quando... mas isso ninguém sabe, mesmo para coisas mais elementares.

Assim é que posso apresentar um relatório anual positivo e me colocar diante dos desafios de 1991, e assim sucessivamente até que o tempo, que cada um de nós tem na vida, se esgote!

Não quero agradecer a ninguém pelo que estão fazendo, continuo convencido de que solidariedade a gente não agradece, a gente simplesmente se alegra com ela. E é isso que quero comunicar a todos vocês, nossa alegria e o nosso carinho por todos.

Abraços e beijos de Betinho e também de Maria e Henrique.

Beto

O fato de Betinho ter assumido publicamente sua condição de portador do vírus da Aids e de atuar na luta pelo combate à doença fez com que muitas pessoas lhe escrevessem contando seus dramas pessoais, pedindo ajuda, ou ainda oferecendo remédios e orações capazes de auxiliar no seu tratamento. Em muitos casos, cópias das respostas enviadas por Betinho encontram-se, também, no seu arquivo.

Belo Horizonte, 08 de fevereiro de 1993.

Betinho,

Preciso muito de sua ajuda.

Apesar de não nos conhecermos pessoalmente, tomo a liberdade de recorrer a você neste momento em que estou sofrendo muito. Consegui o seu endereço através do seu sobrinho, que é conhecido de uma amiga minha. O assunto desta carta é pessoal e estritamente confidencial.

Tenho o vírus da Aids há, no mínimo, 05 anos. Fiquei sabendo há 03 anos. Não tive e não tenho coragem de partilhar isso com nenhum amigo ou parente. Tenho 53 anos, sou desquitada, 03 filhos casados, 02 netos. Moro sozinha.

Não há necessidade de descrever-lhe todo o processo de sofrimento por que passei e continuo passando, porque você o conhece muito bem: pânico, desespero, pavor, revolta, sensação de estar perdida, sentimento de auto-rejeição, vergonha... Em seguida, esperança, vontade de enfrentar, de lutar, fé... Novamente: medo, pânico, ódio de mim e de Deus... Assim, eu tenho passado estes três últimos anos, com altos e baixos, que me elevam e me derrubam a cada momento. Porém, sei que quero continuar vivendo, mereço ser feliz e tenho esperanças. Decidi cuidar da minha saúde física, mental, espiritual e emocional, para estar inteira no momento em que a cura chegar. E nisso, você tem sido o meu referencial, o meu modelo.

Até agora, parecia que eu ia conseguir.

Entretanto, há uns 10 dias mais ou menos, fiz um exame de sangue, cujo resultado levou o meu médico a concluir que o vírus está se manifestando. (já estou tendo a 1ª doença oportunista: Cândida Albicans – na boca). O exame é:

Dosagem B2 Microglobulina.

Resultado: 4,8 mcgl. Não entendi. O médico pediu o exame para linfócitos T, mas esse ainda vai ser feito em 08 de março.

Estou apavorada, principalmente porque o médico me receitou AZT

(Retrovir). Ele acha que, se eu não iniciar esse tratamento com urgência, as outras doenças poderão ir aparecendo. Tudo o que já li e ouvi sobre AZT me leva a concluir que é uma “faca de dois gumes”; não cura, e ainda causa efeitos colaterais terríveis. Fico imaginando que o Cazuza, o Lauro Corona, aquele jogador de tênis americano (que morreu nestes dias) devem ter tomado AZT e de nada adiantou. Estou me sentindo num grande conflito. Sinto que cada cápsula que tomar é um veneno que vai me fazer mal e me matar. E se não tomar...!!!???

Por isso, Betinho, estou recorrendo a você. Tudo o que leio sobre você, e tudo o que ouço de você pela TV me leva a crer que você está enfrentando com muita garra, equilíbrio e consciência – sabedoria – a sua situação. Também sei que você está contaminado há mais tempo que eu, e está bem de saúde. Tenho pensado: “Será que ele está tomando AZT? O que ele pensa disso?”.

Betinho, por favor, me dê uma ajuda!

Gostaria de conversar com você pessoalmente, se possível. Moro em Belo Horizonte. Faça um contato comigo por carta ou telefone. (...).

Conto com você. Confio em você.

Aguardo, ansiosamente, um contato seu.

Desde já, Deus lhe pague.

Zenobia

9.2.94

Duque de Caxias, 7-2-94
Dr. Betinho

Tenho 10 anos de idade, eu tenho o bichinho da Aids. Dr. Betinho eu queria fazer um pedido para o senhor. Eu vejo na televisão o senhor dar comida para as crianças, e para os pobres, toda as pessoas fala que o senhor é um santo homem. Dr. Betinho eu queria que o senhor pedisse aos empresários e aos donos das televisões, que desse dinheiro para as pesquisas da Aids, pois na Amazônia tem muitas plantas e ervas, para fazer remédios, seria uma gloria para o nosso Brasil, descobrir a cura da Aids, e todas as crianças do mundo, seriam curadas. Não faz mal se eu não poder esperar o remédio, se já ter morrido, pois lá do céu eu ficarei muito contente e feliz de ver as crianças curadas. Deus abençoe o senhor, e muito obrigado, gosto muito de ver o senhor na televisão, eu tenho um retrato do senhor. Obrigado do seu amiguinho.

Rio, 4/12/95

Resp. e
encaminham
Pelo U. de
(252-3993)

Dr. Robert de Souza

Isto é a segunda vez que lhe escrevo, a primeira carta mandei
pelos endereços do jornal 'O Globo', como não obtive resposta po-
nho informar-me e chegar a esse endereço.

Estou atônita pelo fato de que uma pessoa muito que-
rida tenha se infectado com o vírus HIV, estou totalmente per-
dida e acho que o senhor é a pessoa certa para me dar
algumas informações, por isso que passo as perguntas.

Disculpe-me pelo abuso, sei que é muito ocupado, tem di-
versas obrigações a cumprir, não quero tomar seu tempo, mas
por favor, responda-me a estas perguntas:

- o que faz para ter tanta energia?
- qual o médico que o acompanha em seu tratamento?
- faz uso de alguma medicação?

Por favor, peço desculpas de sua ajuda.

Estou mandando um envelope separado para facilitar.

Atenciosamente

Resposta de
Betinho à carta
datada de
4/12/1995.

Rio, 31 de janeiro de 1996

Cara ,

agradeço o envio de sua carta.

É comum que você esteja assustada. Descobrir que uma pessoa querida é soropositiva é um susto para qualquer um. No entanto, você precisa ser forte, essa pessoa vai precisar muito de seus familiares e amigos. Amor e carinho são ingredientes importantes na vida de qualquer um. Na vida de uma pessoa portadora do vírus HIV eles são essenciais.

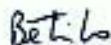
Não existe nada de especial em meu tratamento, os remédios que uso são os que existem no mercado. Infelizmente, por questões éticas não tenho permissão de divulgar o nome de meu médico. Sugiro que entre em contato com o grupo Pela Vida e/ou com o Banco de Horas, duas instituições que atendem gratuitamente e auxiliam os portadores. Os telefones são:

Banco de horas - (021) 511-0142

Pela Vida - (021) 252-3993

Peço sua compreensão.

Um grande abraço,



Betinho

Goiás, 16 de agosto de 1993

Prezado Sr. Herbert de Souza

Estando a par de sua enfermidade pela TV, tirei a liberdade de tentar um tratamento com 'você' com a ajuda de Deus eu faço questão de te curar.

Como eu aceitei com a cura da chaga e de várias outras doenças como: bronquite, asma, tuberculose, gripe, hepatite, doenças venéreas, posso também acabar com essa doença terrível.

Combato essas doenças através de remédios homeopáticos e também orações.

'Você' não precisará de mais do que um litro do meu remédio, para ficar curado.

Trabalho com esses remédios
há mais de trinta anos e
já fiz curas incríveis.

Se você interessar, faço
questão de sua presença
aqui em minha casa.
Tenho certeza que você
não se arrependerá.

Se você vier me
avisar antes pelo telefone
ou por carta.

Se eu não estiver por
favor deixar recado, des-
tando o dia certo da
sua chegada. Não es-
tarei nada para você.

Juntos vamos alcançar
essa vitória.

Um abraço carinhoso
que a presença de Deus
te guarde e ilumine.

Sua amiga
Lúcia.

problema, constam cartas de solidariedade recebidas por ele.

Carta ao ministro Jatene, em 1996, cobrando providências diante da crise financeira pela qual passava o Hospital do Hemofílico, no Rio de Janeiro.

Shulamith Yaari encaminhou cópia de carta enviada ao *Jornal do Brasil*, e manifestou “irrestrito apoio” a Betinho.

Rio, 09 de abril de 1994.

Viva Betinho,

É com indignação e imensa tristeza que vejo a reação da imprensa no Caso Betinho.

Nenhuma ética está acima de salvar a vida humana. Não houve erro no ato do Betinho.

O que existe, sim, é uma grande hipocrisia e o medo do “Partido do Betinho” (como o J.B. batizou os comitês da Campanha contra a fome e pela Cidadania).

Medo dessa gente que vai sabatinar os nossos políticos candidatos, o que não vai permitir que esta mais valia continue.

E sinto também que essa gente que agora ataca o Betinho é a gente que vive acomodada, fechando os olhos à miséria e à injustiça com a desculpa: “Não adianta, nada podemos fazer”.

Com o surgimento e êxito da Campanha ele se tornou objeto de admiração e... de inveja. (andam juntas). E agora, com esse escândalo, encontraram a sua vez.

Mas a Campanha pela vida e Cidadania continua, com Betinho, não um Santo, mas um homem que vive de uma bela maneira a sua humanidade.

Shulamith Yaari

Betinho,

Estou enviando a cópia desta carta que mandei para o JB, pois não sei se ela será publicada.

Quero me juntar a essas vozes que manifestam o irrestrito apoio a você. Pelo que você é e pelo que você faz.

Que Deus te abençoe.

Shulamith Yaari



Rio de Janeiro, 08 de abril de 1994

Ao jornalista Euzenir Ventura
cc: Seção de Cartas

Prezado Euzenir Ventura,

Li triste e decepcionado seus comentários hoje no Jornal do Brasil. O primeiro artigo importante sobre mim foi seu. E foi belo, chamava-se Lição de Vida. O centro era a luta contra a Aids, mas você resgatava toda uma história de militância, e não era, evidentemente, a vida de um santo, mas de uma pessoa com acertos e erros, e no campo político, mais erros que acertos.

Hoje, vejo dizer que a ética está orfã porque eu reconheci que cometi um erro político. Discordo. A ética não se encarna nas pessoas, mas vive nas práticas, nos valores, nos princípios e se realiza através de ações que praticamos no cotidiano.

A novidade da Ação da Cidadania não está em ter um santo que encarna toda a verdade e a dissemina para os simples mortais, papel que muita gente insiste em se atribuir, principalmente a imprensa. A campanha do Betinho. O santo Betinho. Sempre disse que essa campanha não tem dono, não tem direção central, e que se baseia na iniciativa de cada cidadão e de cada comitê, sem donos e salvadores.

Por facilidade ou por vício, a verdade é que a mídia sempre concentrou um dos maiores movimentos da história brasileira na minha pessoa, tal como foi nos anos 86 a 88 na questão da Aids. Esta claro que essa não é a melhor solução nem a mais correta. O ator principal dessa peça é a cidadania e eu um cidadão.

Quem sabe se esse episódio não sirva para acabar com essa mania que tem a mídia de encarnar todas as causas nos seus santos ou demônios e jogar sua energia na busca dos valores, dos princípios e dessa luta dura e contraditória por construir uma sociedade democrática com as pessoas concretas, com os seus pés de barro, mas gente.

A ética no Brasil não está orfã, ela está mais viva do que nunca em todas as pessoas, conflitos. Felizmente, a ética ela não precisa de mim. É muito bom que se perca a fé na minha infalibilidade. Já era tempo.

Betinho

Carta publicada
na seção "A
Opinião dos
Leitores", no
Jornal do Brasil,
em 9/04/1994.



Rio de Janeiro, 27 de abril de 1994.

Excelentíssimo Senhor
Rubens Ricupero
MD Ministro da Fazenda
Brasília, DF

Caro Ricupero:

Em dezembro de 1990, a ABIA chegava ao fim de um ano de dificuldades financeiras. A crise foi consequência da falta de apoio governamental e empresarial ao combate à AIDS a uma ONG pioneira numa luta que, até hoje, se ressentir destes apoios.

Foi nesta época que eu, como presidente da ABIA, procurei o advogado Nilo Batista para saber que tipo de ajuda ele, na qualidade de conselheiro da instituição, poderia dar. A única alternativa encontrada foi buscar estes recursos junto à Sra. Teresinha Petrus, das relações pessoais de um amigo do advogado.

Feito o contato, em janeiro de 1991 a Sra. Teresinha Petrus fez ao então diretor-executivo da ABIA, Herbert Daniel, a doação de US\$ 40 mil. Este dinheiro foi revertido para a conta da ABIA no Citybank e trazida de volta em cheques mensais e regulares. A ABIA é uma organização não-governamental com utilidade pública federal concedida pelo governo que agora se vê ameaçada de ter este registro cassado e o seu trabalho de combate à AIDS questionado publicamente.

Não nos furtamos a nenhuma investigação mas não queremos ficar à mercê da perseguição da Receita Federal a uma instituição que, até hoje, luta bravamente contra uma epidemia que hoje já atinge, no Brasil, 500 mil a 1 milhão de pessoas que vivem com HIV/AIDS.

1

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS

Rua Visconde de Albuquerque, 259 - 20131-000 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

☎ (21) 256-0101 - Telex: 210400 IBASE BR - Fax: (21) 256-0101 - e-mail: ibase@ibase.org.br

Certo da sua sensibilidade e compreensão tanto como ministro quanto como cidadão, me despeço, confiante. Quaisquer outras informações, estamos à sua disposição.

Um abraço,

Betha

Quero todo este dinheiro

Busco na minha memória. Onde foi que erreí? Busco no olhar dos amigos mais próximos, nos irmãos. Onde foi que erreí? Encontro solidariedade. Busco nos artigos dos jornais, no noticiário da TV. Encontro muitas contradições. Há quem me jogue na vala comum do crime e tente cassar minha cidadania. Há os que, mais sutis, apóiam a tese do crime cometido e dizem que a ética está órfã. Há os que me defendem com inteligência e coragem. Olho na cara dos amigos e dos populares que passam por mim pelas ruas e encontro sinais de apoio. Os braços levantados, o dedo levantado. Mas eu estava triste.

De tanto buscar fui ficando cansado, deprimido, abatido. Como se o mundo, de repente, tivesse terminado para mim. Como se a morte que um dia virá pelo HIV tivesse sido substituída pela morte moral. E me senti morrer antes do tempo. Betinho, que havia sido a esperança do Brasil ético, tinha se transformado no criminoso mais ético do Brasil, porque havia assassinado a própria ética.

E me vi diante de mim mesmo. Mais vivo e com novas idéias e novas energias. E, num ato ecumênico em Itatiaia, ao lado de irmãos de todas as lutas, veio a luz. Pedi a palavra e falei o que agora torno público.

Quero agora todo o dinheiro do jogo do bicho e do narcotráfico, assim como o processo penal para todos os que tenham praticado atos contra a lei para gerar esse dinheiro. Quero todo o dinheiro do contrabando, do roubo, do crime organizado e não organizado. Quero todo dinheiro do PC e do Collor, dos sete anões e de todos os gigantes da moralidade que vivem do

Artigo de
Bettino, de abril
de 1994.

dinheiro público. Quero o dinheiro ilícito do Orçamento, das empreiteiras. Quero o dinheiro de todas as comissões das grandes obras do tempo da ditadura e da democracia. Da ponte Rio-Niterói, passando por Carajás, Itaipu, Ferrovia do Aço e usinas nucleares.

Quero também o dinheiro da especulação de todos os tipos. Quero o dinheiro dos 100 milhões de terras ociosas que só dão lucros e dividendos para seus proprietários, enquanto milhões morrem do outro lado da cerca na fome e na miséria.

Quero também o dinheiro dos banqueiros, dos grandes conglomerados ganhos com margem de lucros que não correspondem às leis do mercado (se é que elas existem). Quero o dinheiro dos que especulam com alimentos estocados nos armazéns gerais desse país. Quero o dinheiro de todas as fortunas realizadas na indiferença e no egoísmo dos que só pensam em seus próprios interesses. Quero dez por cento de todos os carros de luxo importados. O dinheiro de todas as devoluções que nunca foram feitas, centavos ou não. Quero uma percentagem dos bilhões de dólares que dormem nas contas internacionais para assegurar os privilégios dos que ganham no Brasil sem compromisso com sua sociedade.

E se ninguém quiser assinar esses recibos, botar a mão nesse dinheiro e enfrentar a opinião pública, eu me apresento com toda alegria. De um lado o dinheiro. De outro, pediria ao procurador Aristides Junqueira que abrisse todos os processos. Com todo este dinheiro, abriríamos uma grande conta da dignidade nacional para lutar contra a Aids e gerar milhões de empregos, acabar com a fome e erradicar a miséria, as grandes indignidades, a grande imoralidade do Brasil.

Creio que hoje estou em condições de fazer essa proposta e solicitar a todos os que me

condenam que comecem eles mesmos a enviar as suas contribuições. A conta nacional da dignidade deveria estar sob a direção do Dr. Barbosa Lima Sobrinho e basta.

Mas vai ter uma diferença: não pedirei nenhuma mediação, nenhuma ajuda particular de nenhum amigo. É questão minha, feita em público e diante de toda a imprensa, incluindo os poucos que hoje me condenam com a fúria de quem quer lavar a alma nacional contra a corrupção com a qual tanto tempo conviveram. Vamos direto ao assunto. Vamos acabar com a hipocrisia nacional.

Betinho fez campanha para aumentar o número de filiados à Associação dos Hemofílicos do Estado do Rio de Janeiro (AHRJ).



Rio de Janeiro, 06 de agosto de 1996.

Ilm^o Sr.
Dr. Adib Domingos Jatene
Ministro da Saúde
Brasília - DF

Prezado Ministro Jatene,

a crise da assistência ao hemofílico no Rio continua e se agrava, agora com a iminência do fechamento do Hospital do Hemofílico por falta de recursos para continuar.

Este é o único hospital totalmente dedicado ao hemofílico existente no país, que atende também ao hemofílico doente de Aids (que são muitos).

A Associação dos Hemofílicos do Rio de Janeiro tem procurado uma solução para esse problema e não tem encontrado nem a autoridade que se responsabilize nem a solução.

Fechar esse hospital será um absurdo e colocará muitas vidas de crianças e adultos em risco.

Quero me somar as vozes da Associação dos Hemofílicos para que seja encontrada uma solução urgente e creio que esta poderá vir com sua pronta intervenção.

Atenciosamente,



Herbert de Souza



Rua Visconde de Ouro Preto, nº 5 - 7º andar - Botafogo - Cep. 22259-180 - Rio de Janeiro, RJ
Tel: (021) 553.0676 - Fax: (021) 553.8796 - E-mail: ibase@ibase.org

DEPOIMENTO

A Associação dos Hemofílicos do Estado do Rio de Janeiro foi criada, há quase 30 anos, no sentido de defender melhores condições de tratamento e oferecer assistência social aos hemofílicos.

Durante os anos, vários foram os obstáculos, principalmente se levarmos em conta que parte da sua atuação envolve a área de saúde do nosso país, onde, muitas vezes, o paciente em vez de ser tratado como fator principal, é usado como mero coadjuvante.

No entanto, a Associação está aí, mais viva do que nunca e que querendo crescer muito mais. Para isto, ela precisa da sua contribuição.

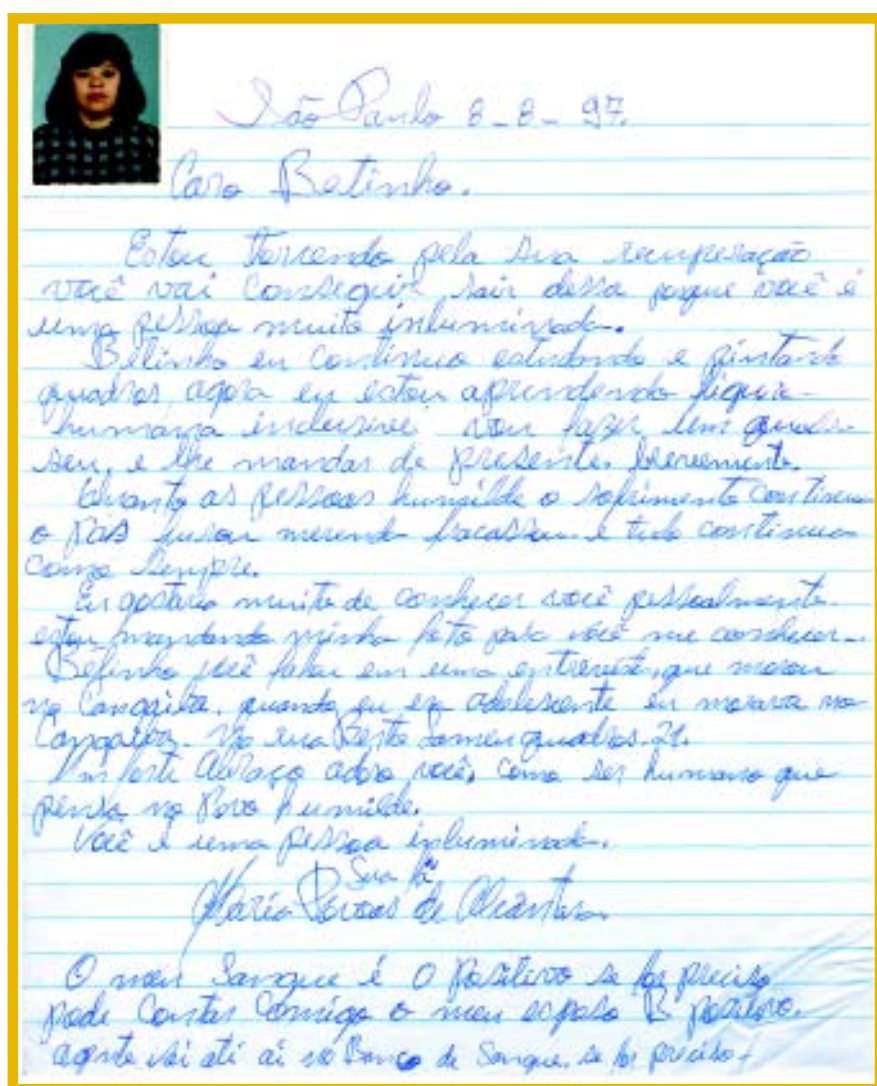
Neste sentido, como hemofílico, peço que colabore tomando-se SÓCIO DA AHRJ.

Assim, você está ajudando a Associação a Fazer com que centenas de hemofílicos tenham uma vida mais digna, respeitada e feliz.

Rio de Janeiro, 21 de março de 1997.

Betinho
Betinho
Sociólogo

Um dia antes de Betinho morrer, Maria Póvoas de Alcântara lhe escreveu uma carta, enviando votos por sua recuperação e oferecendo seu sangue, se necessário, para transfusão. Colou na carta uma foto, para que Betinho a conhecesse.



Em novembro de 1997, Maria escreveu mais uma vez, agradecendo a foto de Betinho que lhe foi enviada pela família e lamentando sua morte. Para ela, no entanto, de alguma maneira, Betinho continuava vivo, e é a ele que se dirige ao final de sua carta.

São Paulo 16. 11. 97.

Seu filho e filha estão excelentes para lhes agradecer pela foto que me foi enviada de Betinho a qual eu fiquei muito grato.

Eu não acredito, que o Betinho iria embar-
tão rápido mesmo sabendo que o seu estado de saúde
era grave eu achava que mais uma vez ele iria resistir
a malhada morte mas ela o levou de uma meio
deixando um vazio muito grande neste país.

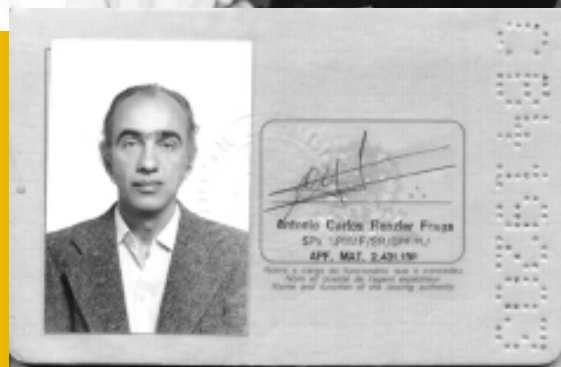
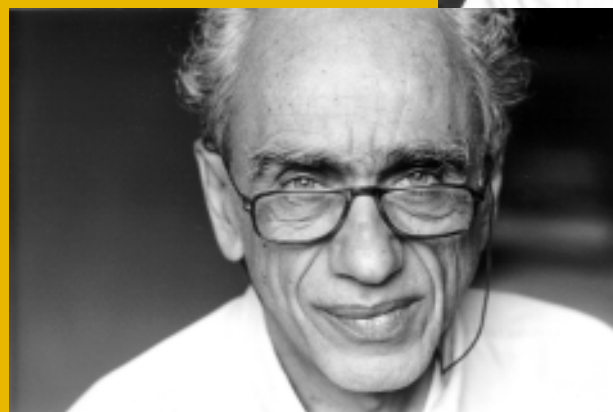
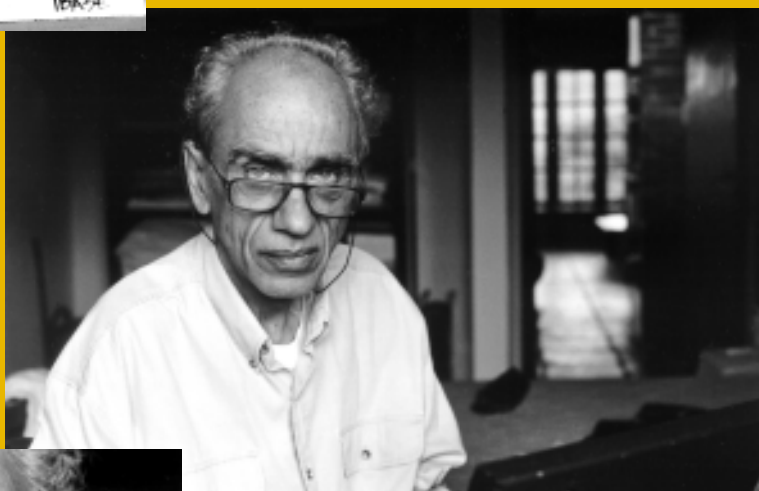
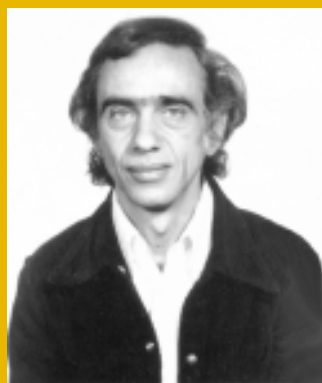
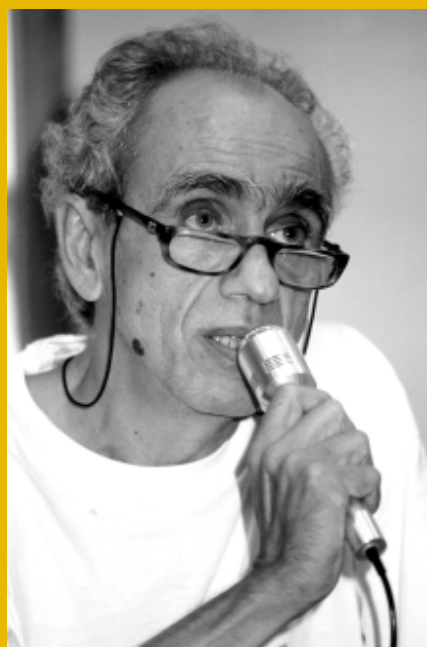
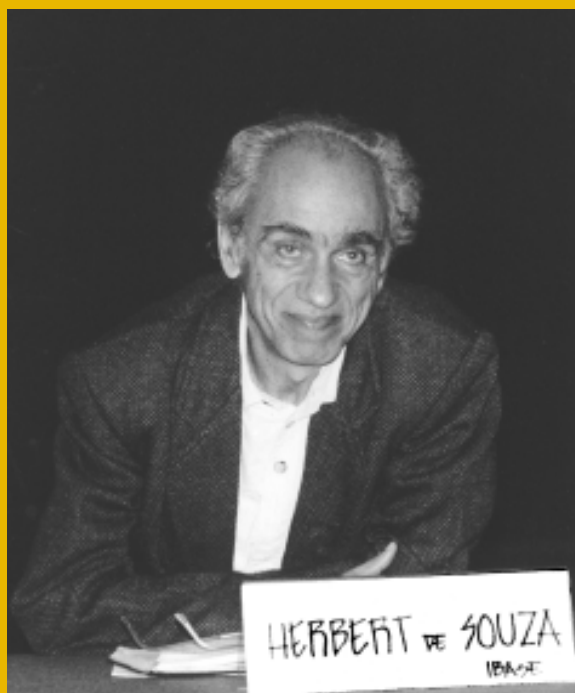
Não tenho mais para quem escrever os meus que-
chos os meus desejos.

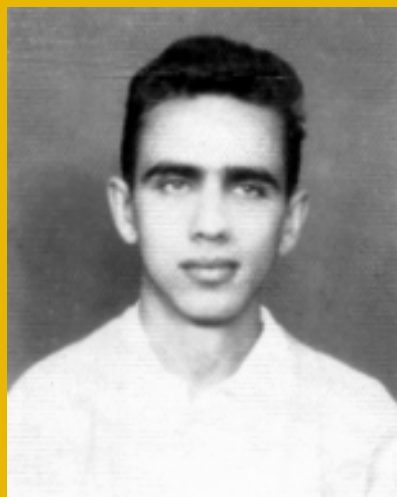
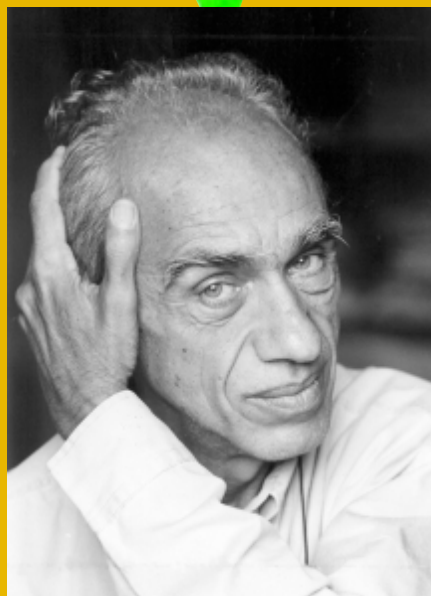
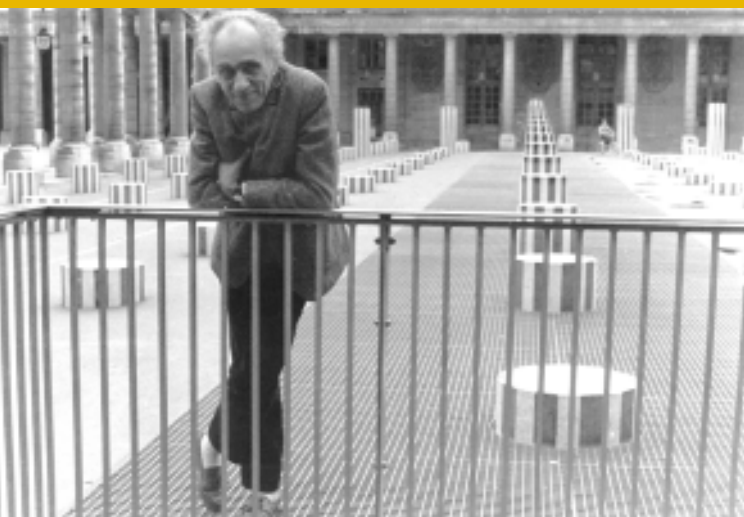
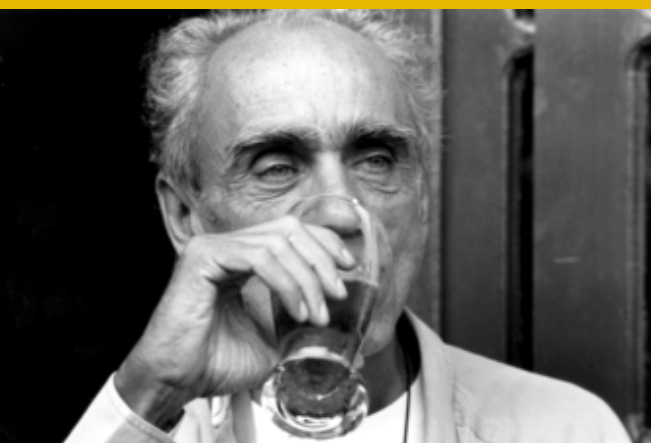
Dia de tristeza, dia de silêncio, dia de Angústia
dia em que me pergunto por que uma pessoa tão
boa, tão preocupada com o Social sofrer tanto e ter
tanto para oferecer?

Obrigado Betinho por ter lido a minhas cartinhas
mal escritas cheias de erros mas você entendeu que
uma pessoa que aprende aos 45 anos de idade foi
para mim uma grande descoberta, muito grande
você foi a pessoa em que eu descobri todas as injustiças
Social que há neste país.

Você é uma estrela que brilha no céu espalhando
todos os raios na terra sobre as pessoas humildes
que tanto te amam.

Um Natal sem você vai ser muito difícil.
glória Póvoas de Alentejo





Um abraço,
Betinho
Betinho

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Pedro Celso Uchoa; RAMOS, Jovelino (coords.). *De muitos caminhos*. Coleção "Memórias do exílio. Brasil 1964 – 19??". Lisboa: Arcádia, 1976.

FICO, Carlos. *Ibase: usina de idéias e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

GIUMBELLI, Emerson. *Faces e dimensões da Campanha contra a Fome*. Rio de Janeiro: ISER, 1994.

GONTIJO, Ricardo; SOUZA, Herbert de. *Sem vergonha da utopia: conversas com Betinho*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GRYNSZPAN, Mario. *Da barbárie à terra prometida: o campo e as lutas sociais na história da República*. IN: *A República no Brasil* / Ângela de Castro Gomes, Dulce Chaves Pandolfi, Verena Alberti, coordenação; [et al.]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002. p. 116-140.

IBASE. *Sementes de solidariedade. Betinho e o Ibase na Ação da Cidadania – 1993/97*. CD-Rom, 1998.

LANDIM, Leilah. *"Notas sobre a campanha do Betinho: Ação cidadã e diversidades brasileiras"*. IN: LANDIM, Leilah (org.). *Ações em sociedade: militância, caridade, assistência etc.* Rio de Janeiro: ISER/Nau Editora, 1998.

LINHARES, Maria Yedda; TEIXEIRA, Francisco Carlos. *Terra prometida. Uma história da questão agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. *Controle do HIV/Aids: a experiência brasileira, 1994-1998*.

MONTALVÃO, Sérgio; MONTALVÃO, Cláudia. *"Betinho"*. IN: Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930 / Coordenação: Alzira Alves de Abreu... [et al.]. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Volume 1, p. 650-653.

MORELLI, Mauro. *"Ação da cidadania contra a miséria e pela vida"*. *Tempo e Presença*, nº 268, março/abril, 1993.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *"Dilemas e desafios"*. IN: *Agenda Social Rio. História, ações e desafios*. Rio de Janeiro: Ibase, 2001.

PARKER, Richard; TERTO Jr., Veriano (orgs.). *Solidariedade: a ABIA na virada do milênio*. Rio de Janeiro: ABIA, 2001.

SOUZA, Herbert de. *Construir a Utopia - proposta de democracia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

_____. *A cura da AIDS*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1994.

_____. *Escritos indignados: democracia x neoliberalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo; Ibase, 1991.

_____. [Estudo sobre a clandestinidade]. 34p. 1972. Texto datilografado. (Arquivo Herbert de Souza).

_____. *Eu*. 26p. s/d. Texto digitado. (Arquivo Herbert de Souza).

_____. *A lista de Ailce*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. *No fio da navalha*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

_____. *Revoluções da minha geração: depoimento a François Bougon*. São Paulo: Moderna, 1996.

_____; RODRIGUES, Carla. *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994.

TIRIBA, Lea; VENEU, Fernanda. *Relato de experiências de comitês da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida*. Rio de Janeiro: Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul, 1995.

Este livro foi impresso em outubro de 2005 na cidade do Rio de Janeiro, nas oficinas da Editora e Gráfica Nova Brasileira, a partir de fotolitos gerados na AP Editora. Textos compostos em Courier, Frutiger Lt e Condensed. O papel escolhido para o miolo é o Reciclato 90g/m², da Indústria Suzano de papéis.